O UNIVERSO SEM OBSTRUÇÃO

STEWART EDWARD WHITE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O UNIVERSO SEM OBSTRUÇÃO

Stewart Edward White, 1940

". . . Apenas posso afirmar que encontro um relato honesto, de experiência em primeira mão e inquestionavelmente genuína, obtido por pessoas sinceras e inteligentes movidas não por excitação emocional, mas por um sóbrio interesse científico, consubstanciando um sistema de verdade espiritual tão sensato quanto sublime."

— John Haynes Holmes no *The Saturday Review of Literature*

"Nada de mais importante foi recebido através de mediunidade mental em muitos anos."

— *The Journal of The American Society for Psychical Research*

***ACROSS THE UNKNOWN* (com Harwood White)**

"Para quem procura a verdade com mente aberta, é um livro que convida à reflexão, pois a sinceridade e a veracidade dos autores estão acima de qualquer suspeita."

— *The Worcester Telegram*, Mass.

"*Across the Unknown* é uma das muitas tentativas recentes de explorar o reino espiritual. No geral, é a apresentação mais sensata e clara do assunto que chegou à atenção deste leitor. É especialmente digno de nota pela sua psicologia sólida e filosofia saudável."

— *The Daily Oklahoman*

Publicado por E. P. Dutton & Co., Inc.

PARTE I

CAPÍTULO I

As Duas Caixas Chinesas

Numa quinta-feira à noite, a Joan regressou de uma viagem à cidade muito irritada consigo própria. Eu estava a visitar o Darby e ela

durante um fim de semana prolongado, pelo que me encontrava presente para ouvir a sua lamentação.

— Odeio ser parva — era o essencial da queixa —, e odeio fazer coisas tolas; e gosto de planear as coisas e depois fazê-las; e sou uma compradora cuidadosa, e odeio comprar coisas que não quero...

— Conta-nos lá isso — instámos o Darby e eu.

— Escutem — disse ela. — Fui à cidade esta manhã com uma lista cuidadosa de recados para fazer. O primeiro era numa loja ali na Quinta Avenida; e para lá chegar apanha-se um autocarro da Avenida a partir do Metro do Hudson, perto da Estação Penn — direto à porta.

— E então? — dissemos nós.

— Dei por mim num autocarro transversal — lamentou-se a Joan, desgostosa. — Apanho sempre o autocarro da Avenida — nunca o transversal. No entanto, ali estava eu! E eles nem sequer partem do mesmo local da estação. E isso não é tudo!

— Continua — encorajámos nós.

— Fui até ao fim da linha transversal — pensei que mais valia — preparada para caminhar os cinco quarteirões até à minha loja. No fim da linha há uns grandes armazéns — quase nunca faço compras lá. Não ia lá há anos. Mas pensei em caminhar por dentro deles até à Avenida, em vez de dar a volta pela rua lateral. Mal tinha entrado, vislumbrei uma caixa vermelha a ser transportada num carrinho de plataforma juntamente com uma carga de outras coisas. Nenhuma razão para estar interessada em caixas vermelhas, mas tive simplesmente de correr atrás daquela. E que desilusão quando o carrinho se me escapou por um elevador abaixo! Até procurei um funcionário e disparei uma salva de perguntas contra ele. Disse-me que a caixa devia ser um dos baús chineses de que tinham estado a fazer uma venda especial; e encaminhou-me para os que sobravam. Eram baús de cânfora de bom tamanho, cobertos de pele de porco e pintados com vários desenhos e cores. Fui e comprei um — disse a Joan, amargurada.

— Não eram atraentes? — perguntei eu, intrigado pela amargura.

— Eram extremamente atraentes — admitiu ela. — Mas eu tenho baús de cânfora. E — a sua voz elevou-se em ênfase — em toda esta casa não há um lugar onde eu pudesse colocar outro baú de cânfora — ou qualquer outra peça de mobiliário, aliás — sem que toda a gente tropeçasse nele de cada vez que fosse daqui para ali. Tenho tanta utilidade para um baú de cânfora como o Tabs tem para duas caudas! — sendo o Tabs o gato da família.

O Darby e eu desatámos a rir à gargalhada.

— Isso não é o pior — disse a Joan.

Calámo-nos, na expectativa.

— Como vêem — disse a Joan, que começava agora a saborear a sua própria narrativa —, nenhum dos baús era vermelho. O que comprei era amarelo. E aquela cor vermelha — a cor do primeiro que vi, no carrinho —, de alguma forma não conseguia tirar aquele tom particular de vermelho da minha mente. Não, disse o vendedor, a mercadoria no carrinho eram tudo bens vendidos. Não, não havia mais vermelhos. Pensar-se-ia que isso me teria satisfeito, não era?

De modo nenhum. Insisti que deviam ter uma reserva; insisti em ver o gerente do departamento; e finalmente arranquei a informação de que havia uma reserva, mas que eu não a podia ver. Mesmo assim, continuei a fazer pressão e vi-a — devem ter pensado que eu era louca! E havia um vermelho. E comprei esse! Comprei dois dos malditos objetos! Agora digam-me! E amanhã estarão aqui em Orange Center a atravancar tudo! Bem, vão voltar logo na segunda-feira de manhã bem cedo, posso garantir-vos isso! Não consigo imaginar o que me deu!

Nem nós — não até à terceira noite.

Nem o leitor — não até ao terceiro capítulo.

CAPÍTULO II

Novamente Eu Dou Testemunho

Cerca de seis meses antes de a Joan comprar as suas duas caixas chinesas indesejadas em Nova Iorque — às oito horas, no dia cinco de abril de 1939, numa pequena cidade no sopé das montanhas da

Califórnia, a minha esposa Betty faleceu. E imediatamente saí de casa para enfrentar as montanhas sobranceiras e o meu próprio conflito emocional e intelectual.

Uns vinte anos de exploração com a Betty além das fronteiras conhecidas da presente consciência tinham-me libertado da maioria das ideias convencionais quanto à morte. Tinha passado a não ter o mais leve sentimento de que se tratasse de uma separação final e irrevogável. Não obstante, descobri a 5 de abril de 1939 que o número ainda maior de anos — trinta e cinco deles — passados na sua estreita companhia a explorar os cantos estranhos e selvagens desta nossa terra tinha aguçado, em vez de embotado, o meu sentido da separação imediata. Tínhamos sido mais estreitamente unidos do que a maioria. Durante esses anos de companheirismo, cheios até à borda de viagens e aventuras, desde a então desconhecida África Central até ao Alasca mais selvagem, estivemos separados apenas três vezes: duas quando estive em expedições africanas desaconselháveis para ela, e ao longo do meu serviço na Primeira Guerra Mundial.

Agora, na frase convencional, tinha-me tornado um homem que tinha "perdido a esposa". A perda era mais do que a do companheirismo pessoal, por mais próximo e caloroso que este tivesse sido sempre. Era também a perda daquela que há muito reconhecia como o membro mais importante da nossa equipa de trabalho. Quando deixei aquela pequena casa, na cidade no sopé das montanhas da Califórnia, para ficar sozinho ao luar, sob as estrelas, pareceu-me que a minha parte da nossa maior aventura — a no Desconhecido — tinha terminado calamitosamente. Pois acreditava honestamente ser impossível para mim levá-la por diante sozinho.

Como veem, além das nossas outras, e ricamente abundantes, atividades, a Betty e eu, desde 17 de março de 1919, vínhamos a explorar outro país, aquela terra invisível de mistério da qual, costumava dizer-se, "nenhum viajante regressa". Duvidávamos disso. A Betty tinha visitado essa terra, e regressado, muitas vezes. Eram os seus relatos destas, as suas explorações, que constituíam o corpo do trabalho que agora sentia ser tão impossível sem ela, e tão intempestivamente interrompido.

Tínhamos alcançado algo, pensávamos nós; e o que tínhamos feito já encontrara expressão impressa em quatro livros; mas parecera-nos a ambos que havia ainda uma forte pista em frente para algo culminante, algo que a Betty ainda não tinha atingido. Por isso ela lutou arduamente para ficar; e eu lutei arduamente para a manter. E tinha parecido uma luta ganha até ao mesmíssimo fim.

Os quatro livros eram estes:

Credo, um volume preliminar publicado em 1925, no qual, sem revelar a sua fonte real, apresentei os aspetos práticos da filosofia recebida psiquicamente através da Betty a partir do "outro lado";

Why Be a Mud Turtle?, 1928, no qual relatei novos ensinamentos da mesma filosofia que me pareciam tão aplicáveis à vida moderna que era na verdade injusto retê-los do nosso mundo cada vez mais complicado — mas novamente sem explicar a origem dos conceitos;

O Livro de Betty, 1937, no qual lancei o meu repto contra o moinho de vento materialista do público moderno e escrevi francamente sobre "as excursões de 'Betty', uma médium que me é intimamente conhecida e de absoluta integridade, ao mundo da 'outra consciência', e das comunicações por ela recebidas. . . em estado de transe ou de outra forma . . . de forças que me atrevi a chamar 'os invisíveis'.[1]" Mas mesmo assim, foi apenas o meu próprio repto que lancei. Abstive-me de afirmar por tantas palavras que "Betty" era na realidade Elizabeth Calvert Grant White, a minha própria esposa;[2]

Mesmo após o Natal de 1938, o quarto livro, *Across the Unknown*, foi terminado e o manuscrito enviado para o seu editor. Aqui não houve tentativa de ocultar a identidade da Betty. Na verdade, a vaga de cartas entusiastas e exigentes que aumentava em vez de diminuir mês após mês após a publicação de *O Livro de Betty* tinha-nos finalmente convencido da verdade daquilo que os Invisíveis nos tinham dito repetidamente, desde o primeiríssimo início:

"A mensagem é o que é importante . . . a mensagem e o facto de sermos capazes de a dar: não vós."

Foi assim que a comunicação com os Invisíveis, entidades terrenas desencarnadas, tinha sido de ocorrência diária na casa da

Betty e minha. Tinha anotado no meu próprio sistema de "esteno", e depois dactilografado para fins de registo, vários milhares de páginas em espaço simples de ensinamentos assim recebidos. A partir destas vários milhares de páginas, contendo bem mais de um milhão de palavras, tinha escrito os meus quatro livros a aclamar a razoabilidade intelectual da continuidade da vida — o avançar do Eu-Sou individual após a morte natural.

E depois, muito pouco tempo após as últimas provas terem recebido as correções do autor, a Betty faleceu. O que aconteceu na encosta da colina sob as árvores naquela noite de abril contei-o noutro local. Esse registo mantém-se. Enquanto *Através do Desconhecido* estava efetivamente no prelo, acrescentei um curto capítulo intitulado "Eu Dou Testemunho". Repito uma parte dele aqui porque não o consigo contar melhor:

"Conhecem o sentimento acolhedor e íntimo de companheirismo que se obtém por vezes quando se está na mesma sala; talvez cada um a ler um livro; sem falar; sem sequer olharem um para o outro. É ténue, uma coisa evanescente — uma que demasiadas vezes falhamos em saborear e apreciar. Por vezes, de facto, são precisas uma noite ou duas de solidão vazia para nos fazer compreender quão substancial e importante ele realmente é.

"Depois, por outro lado, sabem como nos aproximamos por meio de coisas que fazemos juntos. E ainda mais através da conversa e de tais intercâmbios mentais. E acima de tudo, talvez, nos vários relacionamentos físicos do amor e do casamento.

"Ora, quando paramos para pensar nisso, todos estes últimos contactos materiais, ao longo de toda a vida, visam na raiz e na essência realmente apenas uma coisa: aquele raro sentimento interior de companheirismo sugerido debilmente na ideia do sentar-ao-lume. É por isso que realmente tateamos em todas as relações humanas amigáveis e amorosas, prejudicados pelo facto de sermos pessoas diferentes mais ou menos abafadas umas das outras pelas barreiras do revestimento no corpo.

"Pois bem, no espaço de escassos minutos esse companheirismo inundou todo o meu ser a partir da Betty, mas numa intensidade e

pureza de que anteriormente não tinha qualquer conceção. Era a mesma coisa, mas cem, mil vezes mais forte. E compreendi que compensava de sobra o pequeno facto de ela ter passado para o outro lado, porque era a coisa pela qual todas as nossas atividades físicas juntas tinham lutado, mas — comparadas com esta — tinham ganho apenas de forma ténue e parcial. Porque não? Na verdade, estava a fazer perfeitamente o que todas estas outras coisas tinham apenas tateado. Portanto, que utilidade tinham as outras coisas? E por que haveria de sentir a sua falta?

"Sará que isto soa a fantástico? Talvez; mas é tão real e sólido como a cadeira em que estou sentado. Tanto assim que nunca na minha vida estive tão cheio de pura felicidade. Sem desespero; sem devastação; apenas uma felicidade mais profunda do que a que tinha experimentado com ela alguma vez antes, salvo nos breves momentos em que tudo harmonizava em pleno cumprimento.

"E, além disso, tem durado, e está comigo sempre."

Agora, mais de um ano mais tarde, posso em toda a honestidade repetir: "Tem durado, e está comigo sempre." A experiência daquela noite não estava carregada nem com a exultação da crença emocional nem com a quietude segura do conhecimento intelectual. Houve apenas uma rápida dissolução do meu conflito; pois a Betty não tinha partido — continuava comigo. Não me restou dúvida quanto à sua Presença comigo na encosta da colina.

Essa presença tem continuado, não todo o tempo, mas normalmente assim. Entro numa sala; ela pode ou não estar lá. Passeio pelo seu jardim; ela pode ou não caminhar comigo. Mas muitas vezes ao longo de cada dia de vinte e quatro horas ela está lá, a sua personalidade vívida a envolver-me, e não apenas a mim mas até a estranhos que visitam a casa.

Era a Betty quem, quando aqui estava, criava uma hospitalidade fácil e amigável no nosso lar — não eu. É ela quem ainda a cria; pois a Betty continua viva. Isto eu sei. Não como eu vivo, mas comigo no "único e exclusivo universo". Deu-me um milhar de provas disso. E através de outra médium — a Joan das caixas chinesas, sobre a qual falarei muito mais nas páginas seguintes — todo um novo conceito de

pensamento possivelmente científico incluindo uma terminologia única e, penso eu, iluminadora.

A Betty chama-lhe uma "divulgação". Os escassos físicos ou metafísicos a quem submeti várias partes estão todos de acordo, com as normais reservas profissionais, de que é "importante". Um, menos normalmente profissional do que os restantes, deixou-se levar.

— Não me importa como ou onde obteve isto — disse ele. — Isto é definitivamente um passo em frente — um sistema de pensamento antecipatório. No mínimo, dar-nos-á a nós, companheiros de laboratório, novas premissas a partir das quais trabalhar e novas hipóteses para as quais trabalhar.

Talvez. A Betty chamou-lhe apenas uma divulgação.

Divulgação de quê? Do Universo Sem Obstrução para onde a Betty foi depois de o seu corpo morrer e a respeito do qual, dos seus caminhos e meios, métodos, leis, hábitos, trabalhos, triunfos, fracassos — na verdade, do seu próprio lugar — ela, através da Joan, tem desde então voltado a reportar-me.

CAPÍTULO III

Apenas Uma Caixa Chinesa

Durante quase seis meses, então, após a sua morte, a Betty e eu continuámos a viver no "único e exclusivo Universo" com, contudo, uma barreira de comunicação verbal entre nós; ela no seu lado e eu no meu.

Espero ter deixado claro que ela tinha decididamente "voltado" na forma mais satisfatória possível, para mim pelo menos. Nem a minha experiência era única para mim próprio. De todo o país recebi cartas, muitas delas intrigadas, algumas delas inclusivamente de

pessoas que tinham conhecido a Betty apenas casualmente e há muitos anos, tentando falar-me sobre a sua sensação da presença dela com eles.

"Dei por mim feliz e a cintilar, sem razão nenhuma. Tive uma sensação alegre da Betty — vinda de um céu limpo — a propósito de nada. Sem dor no coração — apenas um toque alegre e atrevido." — "Não pensei que aguentasse. Mas toda a noite tive uma sensação da Betty, e um sentimento de paz que não tinha julgado possível." — "Quando penso na Betty não consigo de modo nenhum bombear qualquer sentimento de desolação. Ela simplesmente está lá" — isto com uma sensação de espanto. — "Foi uma experiência surpreendente de poder incrível . . . Limitei-me a chamar por ela e instantaneamente ela ali estava, e com uma voltagem que me varreu mesmo para fora de mim."

Esse género de coisas. E tanto disso, e de fontes tão dispersas, e de tanta gente que não tinha qualquer utilidade para, ou qualquer conhecimento de, "psiquismo". A explicação de casualidade e coincidência começava a parecer bastante absurda.

Mas a Betty parecia até ao momento nada ter a dizer, em palavras. Isto poderia parecer um tanto curioso a qualquer pessoa familiarizada com o tipo de trabalho que ela vinha a fazer há vinte anos. Esse trabalho tinha envolvido a sua penetração na consciência superior, o estado de ser no qual, presumivelmente, ela agora habitava; e o seu relatar-me as suas experiências e descobertas. Isso era "comunicação do outro lado". Também tínhamos passado lentamente a conhecer e a confiar num pequeno grupo de amigos que — incidentalmente à amizade — eram dotados, como a Betty era dotada, da sua sensibilidade ou talento peculiar. Se alguém conseguia "voltar", como se costuma dizer — e com isso geralmente querem dizer voltar em conversação —, esse alguém deveria ser certamente a Betty.

Além disso, uma boa quantidade de pessoas escreveu-me, ou perguntou-me, se tinha "ouvido falar da Betty", e ficavam incomodadas quando lhes dizia que não — não no sentido da sua indagação. Eu não estava incomodado. Pelo contrário, passei quase de

imediato a apreciar a sabedoria do rumo dela. Pois no mesmíssimo momento em que a "mensagem" vulgar e habitual fosse oferecida, nesse momento o brilho da sua presente demonstração deveria ser — mesmo que ligeiramente — obscurecido. Admita-se a minha convicção de que é efetivamente a Betty a falar; admita-se a minha aceitação de autenticidade no que respeita ao corpo da "mensagem" recebida, deve haver sempre na minha mente alguma ligeira questão quanto aos pormenores — quanto é a Betty; quanto é o subconsciente da médium?

Com certeza que isso pode ser, e é, triado com o tempo. Tínhamos descoberto que isso era verdade. Mas, a menos que ela tivesse algo de importante a dizer, como poderiam meras palavras faladas acrescentar àquilo que, aparentemente, ela tentava agora fazer com tanto sucesso?

Neste estado de espírito viajei de avião para o Leste, na parte inicial de setembro de 1939. Foi a minha primeira visita em muitos anos. Embora tivesse cruzado o continente quase uma centena de vezes, nunca tinha deixado de o considerar inordinadamente largo, e a jornada inordinadamente demorada. Bem, refleti enquanto o avião tocava a terra, finalmente fizemos algo quanto a isso! Em 1884 tinha-me demorado quase uma semana a chegar à Costa a partir de Chicago. Aqui estava eu em Chicago para o pequeno-almoço, e tinha deixado São Francisco após o jantar na noite anterior! O tempo e o espaço já não eram a barreira que tinham sido. Uma reflexão suficientemente gasta. Mas, sem o saber, estava a atingir a nota-chave da minha próxima grande aventura.

O meu propósito relacionava-se com um romance acabado de escrever e em processo de publicação, e com a renovação em pessoa de certas amizades que o referido espaço e tempo não tinham sido capazes de afetar. Estas eram muitas. Entre elas encontrava-se a de um homem e da sua esposa que, há vinte anos, tinham publicado um livro que teve um efeito profundo, na medida em que introduziu certos novos conceitos que se tornaram tão integrantes no nosso corpo de pensamento que são hoje usados como blocos de construção em muitas estruturas intelectuais por pessoas que nunca ouviram falar do livro ou dos seus autores. O título do livro é *O Nosso Convidado*

Invisível, e os conceitos de que falo surgirão naturalmente no decurso do que se segue.

Agora regressamos às caixas chinesas. Pois a Joan desse episódio bizarro era a Joan de *Our Unseen Guest (O Nosso Convidado Invisível)*. Os autores tinham elegido chamar-se Darby e Joan — e continuam a escolher ocultar-se assim. Há vinte anos eram, e continuam a ser, ambos profissionais liberais. Não podiam — ou pensavam que não podiam — arriscar a possibilidade de tal controvérsia como a que, quase invariavelmente, tem grassado em torno de médiuns de destaque. E a deles não era nenhuma pseudoanonimidade. Mesmo hoje existem, suponho, não duas dezenas de pessoas que tenham conhecimento de que a Joan possui o seu talento especial; e desse número nem metade tem qualquer experiência em primeira mão. Os poucos privilegiados compreendem que ela é uma das maiores médiuns, se não a maior, no mundo de hoje.

Tal afirmação requer um momento para explicar por que a faço.

Quanto ao método: a Joan trabalha de olhos vendados a partir de um estado de transe, no qual entra instantaneamente e por completo ao sinal do toque do Darby no seu pulso. Contudo, ela não está "inconsciente" no sentido de desamparo ou imobilidade; não está "adormecida". Por vezes move-se inclusivamente ou faz coisas aparentemente requeridas dela. Vi-a, para a demonstração de algum ponto focado, realizar uma dança intrincada, de forma exata e segura, por uma sala apinhada de mobiliário, embora estivesse como habitualmente pesadamente vendada. Entidades invisíveis falam através dela, e então a sua própria personalidade está por completo ausente; mas por ocasião disso ela também relata em seu próprio direito o que lhe é mostrado ou dito, caso em que, como é óbvio, aparentemente participa. Não obstante, ao regressar ao seu estado normal ela nunca tem a mais leve recordação de nada do que foi feito ou dito, e não tem qualquer noção da passagem do tempo. Isto último foi uma vez ilustrado de forma divertida para nós. Tinha estado "fora" por talvez cinco minutos quando se tornou necessário fazer certos arranjos antes de podermos efetivamente começar o trabalho em mãos, pelo que o Darby a trouxe de volta.

— Quanto tempo passou? — perguntou ela.

Alguém, por travessura, disse-lhe "cerca de três horas".

Ela aceitou isto de forma tão inquestionável que ficou muito preocupada porque, conforme supunha, ela e o Darby tinham perdido o seu último comboio para casa! Tivemos de lhe mostrar o relógio antes de ela ficar convencida de que tinham decorrido apenas cinco minutos.

Esta perfeição de suspensão, por assim dizer, é notável, mas não sem precedentes. Mas acrescentam-se-lhe certas qualidades que justificam a minha estimativa, tais como a honestidade de caráter; a ausência total de egotismo; um desejo ansioso de ajudar, de colaborar no jogo; uma mente e inteligência finas; e uma exigência de seleção social na vida comum que, foi-nos assegurado, é de enorme assistência aos Invisíveis em manterem o seu canal limpo e livre do que é alheio e que atravanca tanto deste tipo de esforço.

"O ponto é este", foi-nos dito, "a Joan é seletiva. É-o nos seus interesses sociais e intelectuais. Por isso há alguns indivíduos aqui a quem a Joan acolhe bem, e outros a quem não acolhe. A Joan aceitou o Stephen,[3] que veio ter com ela do nada, tal como o teria aceitado se o tivesse conhecido na terra."

A Betty e eu tínhamos conhecido o Darby e a Joan em casa de Margaret Cameron,[4] em 1922. Com eles, e com a Margaret, e com outra médium, a Sra. John Palmer Gavit,[5] conduzimos a notável série de experiências de demonstração e verificação do "segundo corpo" — corpo beta, chamávamos-lhe —, descrita num apêndice de *O Livro de Betty*. Nos dezassete anos seguintes tivemos com o Darby e a Joan escassos outros dois contactos: um quando a Betty foi ao Leste sem mim, e um quando eles nos visitaram em Burlingame por dois dias. Não obstante, apesar de tão poucos encontros, e apesar do facto de a Betty e a Joan estarem a fazer tipos de trabalho diametralmente opostos por métodos diferentes, as duas tinham sempre "sintonizado". E sentiam sempre que, de uma forma ou de outra, estavam destinadas a fazer mais bom trabalho juntas. Mas elas, não mais do que o Darby ou eu próprio, compreendiam quão perfeitamente vinham a ser formadas, cada uma à sua maneira, para

combinarem os seus métodos num esforço triunfante quando chegasse o momento.

[3] A personalidade que transmitiu a maior parte do material para *O Nosso Convidado Invisível*.

[4] Autora de *The Seven Purposes*.

[5] A "Sra. Gaines" de *O Livro da Betty*.

Estes dois contavam-se entre as amizades que eu tinha vindo ao Leste renovar. Não obstante, o meu interesse não residia na possibilidade de entrar em contacto verbal com a Betty. Devo repetir, eu não precisava de contacto verbal com la Betty. Não o procuraria, a menos que estivesse convencido de que ela tinha realmente algo a dizer além de saudações e conversa fiada; e a minha opinião então era a de que o seu trabalho sério se tinha arredondado, tinha alcançado a sua culminação. Assim o escrevi no capítulo "Eu Dou Testemunho", acrescentado a *Através do Desconhecido* após ela ter falecido. "Esta [a demonstração da sua presença], creio eu agora, é a 'grande flor' de que falavam os Invisíveis; o significado final para o qual todos os vinte anos de trabalho da Betty deveriam conduzir. Aqui está a sua prova concreta de uma recompensa que pode vir para aqueles que seguem as suas pisadas, a sua evidência final de que o seu instrumento de vinte anos de forja é suficientemente forte para aguentar o teste supremo." Inconscientemente, penso que tinha apenas um pouco de receio de enfraquecer a perfeição daquela demonstração da sua presença real e contínua: estava inclinado a deixar o que estava bem em paz.

A minha primeira noite com o Darby e a Joan varreu essa névoa particular da minha cabeça. A Betty tinha algo a dizer: e disse justamente o suficiente para nos provar que todo o seu trabalho anterior, e todo o trabalho anterior da Joan, e antes disso o trabalho da Margaret Cameron — que foi um dos primeiros americanos a causar uma agitação psíquica à escala nacional fora dos círculos de investigação profissional — eram realmente uma fundação preliminar necessária para aquilo que ela ia ser capaz de nos contar agora, a partir do seu presente ponto de vista.

Em todo este negócio de alegada comunicação através da fronteira, a questão da identificação foi sempre o foco tanto de investigação como de oposição. Quando um homem lhe telefona, dizendo ser o John Smith, e o assunto é importante, o leitor quer primeiro que tudo que ele lhe prove ser quem diz ser. A melhor maneira de ele o fazer é contar-lhe algo que apenas o leitor e ele sabem. Isso, transferido para a investigação psíquica, é o que se chama material evidente ou simplesmente "evidência".

Tão importante é isto, do ponto de vista da investigação, que a grande maioria da pesquisa psíquica tem sido direcionada para a obtenção e análise de evidências. A tarefa provou ser de uma dificuldade extraordinária; e, falando de um modo geral, o investigador fica deleitado se, a partir de uma enorme massa de material, conseguir joeirar um fragmento ocasional que, com uma interpretação razoável, possa ser considerado incontestável. Quando consegue um fragmento assim, publica-o num Jornal de forma bastante triunfante.

A Betty começou a falar comigo calmamente, com fluência, com um conhecimento seguro e íntimo da nossa experiência e vida comuns. Não houve "sondagens" nem hesitações. Essa parte chegou a ser quase ridícula, de tão fácil que foi para ela, quando com a "pesquisa psíquica" habitual tem sido tão difícil.

Aqui, nesta primeira noite, ela derramou literalmente uma sucessão destas autenticações. Mencionou não um, mas dezenas de pequenos eventos do nosso passado, de factos triviais na nossa experiência mútua ou no que nos rodeava, nenhum dos quais poderia de forma alguma ser do conhecimento da Joan. Muitos deles, na verdade, tinham desaparecido da minha própria memória, até que a Betty ma-los relembrou. E todos eles — exceto apenas um — eram nítidos, incontestáveis, sem necessidade de interpretação. Um investigador psíquico ferrenho teria enlouquecido de alegria com tal demonstração, que lhe teria fornecido material suficiente para durar pelos sete anos seguintes!

O Darby estava a tirar as notas. Ele não possui o meu sistema de "esteno" literal, e limitou-as na sua maioria ao que considerava

significativo no que a Betty dizia, razão pela qual o seu escrito perdeu a "evidência". Parecia-lhe sem importância. Eu próprio estava tão espantado — e excitado — que não me ocorreu escrever nada. Pelo que a maior parte se perdeu, no que diz respeito ao registo. Isso não importa. O propósito da Betty era meramente autenticar-se perante nós — e, incidentalmente, o seu comando sobre a Joan — a fim de solicitar a nossa atenção para o que se seguiria.

Isso para mim — e para o Darby, quando mais tarde lhe expliquei a propriedade do que lhe tinha soado a conversa fiada — foi feito de forma tão completa que, a partir daquela noite, não podíamos duvidar de que estávamos a ouvir a Betty; e que a Betty tinha algo a dizer. Não sem acusar o nosso próprio e simples senso comum.

Seria possível reunir alguns destes fragmentos dispersos, e o leitor tem certamente direito a algo mais do que a minha simples afirmação. Mas tal compilação seria fragmentária e, além disso, dependeria em grande parte da minha própria garantia do seu caráter factual. Portanto, não farei essa tentativa. Mas, felizmente, houve outros três incidentes de "evidência", igualmente brilhantes e detalhados, envolvendo terceiros fora do nosso pequeno grupo de três, que ficaram registados. Esses irei narrá-los — e isso traz-nos finalmente de volta à escandalosa compra por parte da Joan das duas caixas chinesas que ela não queria.

— Bem! — começou a Betty com uma risadinha.[6] — Passei de facto um mau bocado na cidade! Não, não um mau bocado — diverti-me imenso —, mas tive de trabalhar arduamente para fazer a Joan apanhar o autocarro errado, para que ela fosse àquela loja e visse o carrinho com o objeto em cima. Vi um no Bairro Chinês [7] uma vez, mas custava setenta e cinco dólares, e este era tão barato. Terás de me emprestar o dinheiro para ele, Stewt. Eu queria algo em que a Millicent [8] pensava há muito tempo; e queria-o pela cor e pelos pássaros; mas a Joan comprou o errado, pelo que tive de a fazer comprar outro. Diz à Mill que é pela cor e pelos pássaros. Quando éramos meninas, gostávamos de observar certos pássaros.

"As caixas estão na sala de jogos, desembaladas; e uma delas, a amarela, ninguém a quer. A Joan tinha decidido devolver ambas; e

estava tão espantada consigo própria; e não sabia o que estava a fazer; e geralmente, quando faz compras, sabe o que faz; e desde então tem andado a perguntar-se por que raio as comprou e o que ia fazer com elas.

"Diz à Mill que considerará a vermelha igualmente útil, para guardar as suas peles, como eu considerei a engenhosa caixinha de toucador em pele que ela me deu. Pergunta à Joan se te pode dar, por favor, quatro pequenos deslizadores para colocar no fundo. Ela tem-nos numa gaveta pequena. Penso que a Joan vai insistir em... Não, não vai [pagar por eles, talvez?]. A amarela é para devolver. A loja recebeu-os de um navio chinês no porto e comprou a carga inteira, e é por isso que eram baratos. Eu queria os pássaros para a Mill; havia outros com flores, mas eu queria os pássaros."

Ora aqui estava algo! Três coisas podíamos verificar de imediato, e verificámos. A afirmação quanto à razão de estas caixas estarem numa venda especial era verdadeira. Faziam parte de uma carga recusada pelo importador original e comprada por esta loja para usar como um chamariz especial: este facto, contudo, já era conhecido da Joan. A referência às peles poderia ter significado porquanto eu tinha recentemente dado à Millicent as peles da Betty: um facto que não era do conhecimento da Joan. A promessa dos deslizadores investigámo-la de imediato. Uma busca na gaveta das ferramentas, onde tais coisas seriam habitualmente guardadas, não revelou nenhuns; mas finalmente, "numa gaveta pequena" na cozinha, desencantámos seis deles. Dois eram grandes e quatro eram "pequenos". Mas, como é óbvio, o subconsciente da Joan poderia ter lembrança deles.

Tudo interessante, mas não conclusivo. Pelo que, à primeira oportunidade, fui ver a Millicent.

— Mill — disse eu —, qual é a tua cor favorita?

— Bem — riu-se ela —, sabes que sou parte espanhola, pelo que tenho de confessar que é o vermelho.

— Algum tom em particular?

Ela tinha uma caixinha de laca chinesa e citou essa. Até aqui, extremamente bom.

— Tens tido particularmente em mente o desejo de algo como um baú de cânfora chinês?

— Sim — respondeu a Millicent prontamente. — Quando estive na Costa contigo em 1936, a Betty e eu vimos um no Bairro Chinês. Fiquei louca por ele, mas era demasiado caro. Mas mais tarde pensei no assunto e escrevi-lhe a perguntar onde poderia conseguir um — devo ter-lhe escrito três ou quatro vezes, mas de alguma forma ela nunca respondeu à minha pergunta.

— Bem, ela conseguiu-o para ti agora — disse eu, e expliquei. — Mas há algo mais. Ela disse: "Diz à Mill que é pela cor e pelos pássaros", e enfatizou isso, e acrescentou algo sobre observar pássaros quando éreis meninas. Algo de especial nisso? Suponho que todas as crianças observam pássaros.

A Millicent olhou fixamente para mim, por um momento incapaz de falar.

— Todas as primaveras — contou-me ela solenemente por fim — , todas as primaveras a Betty e eu costumávamos subir às árvores na nossa propriedade e ficar sentadas muito quietas, horas e horas, a ver os pássaros fazer os seus ninhos! Ora, acho isso maravilhoso!

Eu concordei.

— Agora, há apenas um outro ponto — disse eu. — E quanto à caixinha de toucador em pele? Alguma vez lhe deste uma que pudesse ser descrita como "engenhosa"?

— Deves tê-la visto — foi a sua resposta. — Tinha uma espécie de tampa dupla, de modo que podias aceder ao espelho e aos artigos de toucador sem abrir a parte da mala de viagem.

— Claro que a vi — disse eu. — Mas não sabia que tinhas sido tu a dar-lha.

Regressei à cidade. Mal tinha entrado no meu quarto de hotel quando o telefone tocou. Era a Millicent, extremamente excitada.

— Reparaste em que tipo de pássaros são... pintados no baú? São andorinhas!

— E então? — quis eu saber.

— Mas... mas... — arquejou a Millicent —, eram andorinhas que costumávamos ver fazer os ninhos. É por isso que subíamos às árvores... para ficar ao nível dos beirais!

[6] Pode ser conveniente referir aqui que todos os discursos citados de qualquer Invisível são literais, salvo indicação em contrário. Possuo um sistema de estenografia adequado para esse propósito.

[7] Em São Francisco.

[8] A irmã da Betty, que vive num subúrbio de Nova Iorque.

CAPÍTULO IV

"Esta É A Vossa Herança"

Disse que, tendo em conta a demonstração de "presença-difusa" da Betty, como se lhe poderia chamar, eu não estava ansioso por comunicações dela através de um médium "a menos que ela tivesse algo a dizer". Queria dizer isso não apenas no que concernia a mensagens pessoais para mim, mas num sentido mais amplo e numa aplicação mais vasta. Pois o mundo está cheio de livros que comprovam a existência do não explicado, e eu já não estava interessado em generalidades.

Mas aquela primeira noite com o Darby e a Joan convenceu-me, como já foi dito, de que a Betty tinha efetivamente algo a dizer; algo inteiramente oposto a generalidades; algo não apenas para aqueles que, no choque da perda pessoal, lutaram com o cansaço do luto, mas também algo para aqueles que, no desânimo perplexo de um fracasso aparentemente injustificado, a partir do seu desespero fazem essa pergunta final, a mais desanimadora de todas: "De que vale?".

E assim, antes de registar novas provas da autenticação que a Betty faz de si própria, e da individualidade e continuidade desse eu, penso que deveria contar-vos por que razão a Betty tinha algo a dizer; por que — para a citar — "me é permitido trazer-vos esta divulgação", nesta altura particular. E também contar-vos algo do seu objetivo e necessidade presentes.

— Meu muito querido — começou a Betty uma noite, como se estivesse a ditar uma carta —, naturalmente o que tenho a dizer é direcionado primeiro a ti. Mas qualquer verdade que seja de conforto e certeza para um homem pode ser de conforto e certeza para outros homens. Sempre foi assim. Não que todos possam partilhar a tua presente experiência — este sentar aqui, nesta sala agradável, e escutar os meus pensamentos emoldurados nas minhas próprias palavras, embora transmitidos a ti pela voz de outra mulher. Essa experiência não é para todos, nem é por todos necessitada. O que o todos — todas as pessoas — precisa é de uma nova apresentação da verdade à luz dos seus próprios tempos e nos termos do seu próprio conhecimento; para que cada um possa procurar o conforto da verdade por si próprio e encontrá-lo — se quiser.

"O mundo chama-me — chama-nos aqui — mortos. Mas por vezes as pessoas, incapazes de suportar o pensamento de tal apagamento, falam de um ente querido como tendo 'avançado'. Essa ideia, o ato de avançar, é mais corretamente verdadeira. É verdade que estamos 'mudados'; mas também o homem na sua experiência terrena está mudado de uma criança recém-nascida para a idade adulta. E não apenas está mudado fisicamente, mas as suas perceções estão mudadas, o seu poder de assimilação, o seu controlo de si próprio e das coisas da terra ao seu redor.

"É assim que eu estou mudada — assim todos nós, 'mortos', estamos mudados; glorificados com a nossa própria imortalidade. Exatamente como tu, também, serás glorificado. Nós na verdade avançámos além da compreensão das vossas presentes perceções terrenas; mas também o homem está além da compreensão — até da perceção visual — daquela criança recém-nascida. Claro que demora apenas um pouco até que um bebé comece, como se costuma dizer, 'a fixar a atenção'.

O mesmo se passa convosco. Vós, o Mundo — uma criança tão pequena na duração do Universo no Tempo — apenas fixais a atenção em nós por enquanto. Mas, tal como o fixar de atenção de uma criança lhe traz um sentimento de conforto pessoal e estabilidade, assim a aceitação da Imortalidade por parte do mundo traria de volta a estabilidade e o conforto à humanidade. Individual e socialmente. Na

verdade, é apenas assim — apenas por um restabelecimento da antiga fé na continuidade, no valor, no propósito e na responsabilidade da vida — que as pessoas ou as nações podem recuperar a estabilidade.

"Estabilidade" — repetiu ela. — "Estabilidade é o que vós perdestes e estais agora a procurar recuperar. Não a segurança. A segurança é material. A estabilidade é espiritual. A estabilidade é a alma, o caráter dos povos. Havendo isso, o homem ou a nação faz a sua própria segurança. Mas a estabilidade — a estabilidade real de rocha de fundação, inabalável — nenhum homem a pode ter sem fé na imortalidade. Porquê? Oh, meu querido, meu querido! A vida terrena não faria sentido, seria pedir demasiado ao homem, sem a imortalidade!"

O que pretendia ela alcançar? Pelo que anseia ela? Por muito difíceis — ou não — que possam ser considerados os conceitos intelectuais conforme elaborados em páginas posteriores, quanto ao seu estímulo emocional e propósito ela não deixa a mais leve dúvida.

A antiga ordem das coisas colapsou, diz a Betty. Nalgumas partes do mundo, como na Europa, esse colapso foi tão completo que parece que tudo o que era antigo foi destruído ou perdido. Noutros locais, como no nosso próprio país, muito da firmeza da antiga ordem continua intacto; mas torna-se cada vez mais óbvio que, mesmo aqui, os ajustamentos são inevitáveis. Os mesmos elementos que provocaram a catástrofe no Velho Mundo estão a atuar no Novo, e avançarão para a mesma conclusão se continuarmos a viajar fatuamente pela mesma estrada.

O que provocou este colapso?

"A perda de fé no facto presente da imortalidade", afirma a Betty categoricamente.

Ela não se refere, explicou cuidadosamente, a uma atitude consciente de agnosticismo ou negação. Podemos ainda professar a crença num "céu" vago e remoto para onde eventualmente iremos. Mas a crença não é fé; e é apenas a fé — a fé no mesmo sentido em que aceitamos a inevitabilidade da própria morte — que pode transferir o campo do nosso esforço prático para fora do momento presente. Quando o momento presente — a extensão de tempo terrena

da vida — é tudo o que nos preocupa, então a ênfase de tudo o que pensamos e de tudo o que fazemos baseia-se imediatamente no materialismo. Sabemos que a civilização moderna tem estado a derivar para esse ponto de vista, quer sejamos suficientemente francos para o admitir, quer não. Cada vez mais temos tendido para desvalorizar tudo exceto o ganho do dia. Negamos a exigência do futuro; somos crescentemente indiferentes às gerações vindouras. Estamos a enfatizar os direitos em vez das obrigações; aquelas obrigações que uma verdadeira fé na imortalidade deve impor.

Quando a humanidade se afasta suficientemente do facto da imortalidade, disse a Betty de forma impressionante, tem de voltar atrás. Ou perecer. E a única maneira de poder voltar atrás é cessar de olhar para fora de si própria e procurar no seu interior.

— Além disso — disse-nos ela —, qualquer regresso significa sempre um novo padrão.

Contudo, se os homens redesenharem o padrão apenas em linhas materialistas, o mesmo resultado se seguirá. O valor do novo padrão deve depender da base do seu estabelecimento.

— Isso — diz a Betty — está dependente do livre-arbítrio dos homens. As vossas vontades são livres. Esta é a vossa herança e a vossa glória.

Ora, à América, insiste ela, está confiada a oportunidade de fixar um padrão novo e melhor. Por que nos está confiada essa missão? Por que temos nós essa tarefa?

Porque o padrão de governo da nossa nação foi originalmente traçado em estreita conformidade com uma realidade de consciência a que chamamos evolução. Essa é a estrutura do universo; vários graus de desenvolvimento, alto, baixo e intermédio. Cada um deve trabalhar livremente na sua própria capacidade para o desenvolvimento do todo. Retire-se a palavra “livremente” e teremos o totalitarismo. Introduza-se a palavra e teremos a democracia. Nos nossos inícios funcionámos bastante perto desse ideal. E ainda o fazemos; embora tenhamos fraquejado um pouco.

Mas a democracia não é uma forma de governo. É um padrão para o governo. É a união de todas as partes no bem comum de todos, com — para repetir — oportunidade completa para cada indivíduo fazer aquilo que pode fazer; mas apenas até à sua capacidade, embora até à sua total capacidade, e sem obrigação de fazer mais — ou menos!

— Nem o "mais" nem o "menos" — disse a Betty — podem ditar o ritmo para todos.

Neste sentido, a democracia da nossa República era, e é, o paralelo mais próximo, refletido no governo, da Realidade de Consciência. Pelo que se pretende significar o modo ou lei da operação da Consciência. E é por isso, diz a Betty, que a responsabilidade recaiu sobre nós, os Estados Unidos, para a definição do novo padrão.

Ora, exige ela, como o vamos fazer? Seguramente não na antiga base material que colapsou na Europa; não na base de cada dia por si e que se lixe o amanhã. Não teremos de escavar até à consciência dos homens e pôr a nu a única rocha suficientemente forte para suportar a superestrutura de muitos andares e variada que a ciência de hoje tornou nossa?

— Mas que rocha é essa? — perguntámos nós à Betty.

— O reconhecimento do criador como maior do que a coisa criada — respondeu ela prontamente. — A aceitação da Unicidade da Consciência como um todo. A compreensão de que os pensamentos e atividades do homem são uma parte real e vital do esquema das coisas, tendo o seu efeito no Todo, bem como em si próprio. Não apenas aqui e agora, no seu próprio pequeno segmento do universo, mas mais além numa continuidade eterna. A imortalidade! Não como alguma possibilidade vaga e distante! Mas vós — aqui — agora! Esta é a coisa que deveis recapturar como um princípio imediato e de trabalho se o novo padrão não for para desmoronar como desmoronou o antigo.

Tal, disse-nos a Betty, é o propósito da sua divulgação.

— Tenho de tornar razoável — disse ela — a presença aqui da imortalidade. Para ti, bem como para mim, e para mim, bem como para ti. O homem teve sempre alguma conceção da presença lá da imortalidade. E o pensamento era bom — fértil em aspiração e inspiração, grávido de conforto e contentamento. Mas o novo pensamento que gostaria de vos trazer é melhor. Pois a presença aqui da imortalidade, uma vez que a compreendais e a aceiteis, tornará o que vos tem parecido vago inteira e triunfantemente real.

Terei mais a dizer sobre isto quando o desenrolar da sua divulgação estiver terminado.

CAPÍTULO V

O Engenheiro Civil e os Chinelos Azuis

A irmã da Betty, a Millicent, tinha sempre aceitado o trabalho psíquico da Betty simplesmente porque acreditava na Betty. Mas a aceitação tinha sido mais um reconhecimento do que uma crença. O episódio do baú chinês tinha-a sobressaltado; mas lá no fundo da sua mente, suspeito eu, vagava o pensamento de que, se tudo isto fosse realmente assim, com toda a sua implicação, ela já teria antes disso, de alguma forma, através de alguém, recebido palavra do seu marido, que tinha morrido subitamente há vários anos. Devo confessar que eu próprio me perguntava um pouco por que razão a Betty nada dizia sobre a única coisa mais importante para a Millicent.

— Não estava preparada — disse a Betty uma semana ou duas mais tarde. — Queria fazer tudo de uma só vez.

Depois começou a “mostrar imagens à Joan”, como chamamos a esse processo. A Joan é levada a ver coisas, que descreve. Apenas mais tarde sabemos se significam alguma coisa ou não. Na altura geralmente soam-nos a um amálgama confuso, mas anoto tudo fielmente, pois nunca se sabe! A Betty “mostrou imagens” durante cerca de vinte minutos. Depois o Francis, o marido da Millicent, ditou-lhe uma curta carta. Isto demorou cerca de dois minutos. Era uma nota afetuosa, tal como qualquer marido poderia ter escrito a qualquer esposa amada. Sem a autenticação concentrada nos vinte minutos anteriores, poderia ter significado pouco ou nada.

A Betty estava razoavelmente satisfeita.

— Alguma parte é boa, e outra não é — disse ela. — Mas alguma é. Quando as imagens começam — sendo a Joan muito suscetível à visão pictórica —, é difícil segregar as suas próprias memórias das nossas interferências no seu subconsciente. É por isso que, ao obter isto, haverá alguma parte que poderás não compreender.

Em consequência desta observação cautelosa, quando levei as minhas notas à Millicent no dia seguinte, fiz a viagem sem grande expectativa de mais do que a proporção habitual de “acertos”; e esperava que uma quantidade suficiente lhe fosse reconhecível para lhe dar alguma medida de conforto e convicção. O resultado foi surpreendente. Eu teria ficado certamente inteiramente satisfeito com menos.

— Ora, a primeira coisa que a Joan disse — contei à Millicent, lendo das minhas notas —, foi esta: “Está um homem aqui. Ele tem uma corrente de relógio a atravessar a frente do colete e há uma espécie de penduricalho nela. O relógio também tiquetaqueia demasiado alto, e está pousado numa mesa ao lado da cama”. O que me dizes a isto? Claro que ele tinha uma corrente de relógio, e...

Mas a Millicent interrompeu-me abruptamente. Olhava fixamente para mim, arquejando um pouco.

— Oh, Stewart! Oh, Stewart! — foi tudo o que conseguiu dizer. Passado um momento recompôs-se e pôde explicar. Parece que o Francis era porventura o último homem que ela conhecia a apegar-se a um relógio antigo e grosso, tipo “cebola”, porque tinha pertencido ao

seu avô; que este tinha uma corrente tão invulgarmente longa que, após a sua morte, foi dividida em três para os três rapazes e deu para cada um deles uma corrente perfeitamente adequada; que um pesado sinete — um "penduricalho" — pendia dela. Além disso, o Francis tentava manter o relógio numa mesa ao lado da cama, mas abandonou o hábito porque o tiquetaque não o deixava dormir. Ele, de facto, "tiquetaqueava demasiado alto".

Aquela curta frase tinha-se provado certamente cheia de substância. Passámos em seguida para a seguinte.

— Esta é suficientemente boa, mas por si só não significa muito, penso eu — disse eu. — Rezava simplesmente assim: "Traz botas: com as calças metidas por dentro". Poderia ser uma espécie de identificação do Francis como engenheiro civil.

«Significa muito mais do que isso», assegurou-me Millicent.

Parece que, quando Francis estava a construir as docas em Bordéus, durante a última guerra, tinha comprado um par de meio-botas francesas que o tinham agradado tanto que ele costumava mesmo trazê-las para mostrar aos convidados ao jantar o que devia ser o calçado adequado de um engenheiro; e à menor desculpa calçava-as e metia as calças por dentro para apanhar folhas ou trabalhar de outro modo ao redor da propriedade. Essa parte concordámos ser bastante esplêndida; pois não era apenas correta, mas significava muito mais do que eu tinha adivinhado.

« 'Qualquer coisa sobre um tribunal de sucessões.' » Li a frase seguinte do meu registo. Essa foi no ponto; pois Francis tinha deixado uma herança complexa que só recentemente tinha sido resolvida até ao ponto de atenção do tribunal de sucessões. No entanto, passei à seguinte sem expectativas. « 'Papa de aveia,' disse Joan, 'qualquer coisa sobre comer papa de aveia.' Claro que há qualquer coisa sobre comer papa de aveia—em qualquer família com crianças», comentei, e estava prestes a prosseguir. Millicent desatou a rir.

«Oh, essa é boa!», exclamou ela. As crianças tomavam o pequeno-almoço sozinhas. Francis era um grande intransigente quanto à papa de aveia para as crianças—muitos pais o são. As crianças refilavam e reformatavam-se em relação à papa de aveia—muitas

crianças o fazem. Todas exceto o mais novo. A sua cara, e o seu prato, estavam sempre limpos. Mas—quando chegava a hora da limpeza da casa, atrás de cada quadro na parede descobriam-se grandes doses de papa de aveia!

Joan tinha a seguir descrito—e ilustrado—«alguém que punha os óculos de mola desta maneira». Antes de ler isto pedi a Millicent para pôr os seus óculos. Ela duplicou a atuação de Joan. Subsequentemente pedi a outros membros da família para me mostrarem «como a Millicent põe os óculos», e recebi a mesma demonstração.

« 'Não esquecer o ribeiro: não se pode esquecer esse!' » continuei. Confesso que isso me pareceu um falhanço redondo. Nenhuma das várias residências dos vários membros da família ficava a milhas de distância de qualquer coisa que pudesse ser descrita como um ribeiro.

«Como poderia eu alguma vez esquecer o ribeiro!», exclamou Millicent fervorosamente.

Francis, como foi mencionado, era um engenheiro civil, ocupado em construção pesada—como as docas em Bordéus e uma grande parte da zona ribeirinha de Nova Iorque. Os seus bens incluíam muita maquinaria pesada, dragas, bate-estacas, batelões e afins, o que tinha preocupado Millicent durante anos. Ela era incapaz de se livrar deles; pagava impostos e armazenagem por eles. E eles tinham sido mantidos todos estes anos numa reentrância dos pântanos de Flushing conhecida pelo nome de O Ribeiro.

Seguiram-se agora várias referências pequenas e menos impressionantes que seria tedioso analisar em detalhe. Por exemplo, «Um retrato. Há um retrato antigo.» Ora, todas as famílias têm retratos antigos. Mas Millicent disse-me que um retrato do avô de Francis se tinha de algum modo separado e ido para um ramo colateral da família, e que tinha sido apenas após uma longa pesquisa e muito trabalho que ele tinha conseguido comprá-lo de volta. Outra foi uma simples insistência no número sete. Parecia que Francis tinha morrido há precisamente sete anos; um facto não recordado na minha mente nem pela menção do número.

Houve, contudo, mais duas declarações que tocaram profundamente Millicent, levando-a tanto ao riso como às lágrimas.

« ‘Elétrico,’ » citei Joan, « ‘o episódio que ocorreu num elétrico. Penso,’ disse ela, ‘que as botas, e o relógio e o retrato, e o ribeiro e o que aconteceu no elétrico são importantes.’ »

Foi aqui que Millicent riu. Nos velhos tempos dos barcos de travessia, disse ela, Francis estava acostumado a ir para a cidade todos os dias com um vizinho, cujo feitio era por vezes algo picante. Um dia—no elétrico—este vizinho foi empurrado rudemente, e prontamente quebrou um saco de papel com maçãs sobre a cabeça do ofensor. Resultado: um quase motim, e um aviso familiar quando a ira ameaçava—«lembrem-se do elétrico!»

A outra declaração: «Este homem diz para dizer a Millicent, ‘a criança que nunca chegou a nascer está aqui comigo. Menina.’ »

Uma menina tinha nascido de facto, mas nunca respirou.

«Foi a única vez em toda a sua vida que vi o Francis chorar», disse Millicent.

Eu não sabia absolutamente nada deste facto até o ouvir nessa altura.

«A Betty está a rir e a acenar com a cabeça», tinha concluído Joan. Acho bem que sim. Joan não sabia nada da irmã de Betty: nem sequer sabia o último nome de Millicent.

Isto pareceu-nos um cem por cento bastante aproximado, quando nos juntámos para analisar o meu relatório de Millicent.

Betty tinha mostrado—«no ecrã»—e Joan tinha descrito vinte e três imagens distintas. Destas, onze eram brilhantemente impressionantes; seis eram exatas mas de menor importância; as outras seis não foram reconhecidas, mas poderiam ter sido adequadas; nenhuma pôde ser categoricamente negada como certamente falsa. Penso que qualquer pessoa familiarizada com os métodos e dificuldades da investigação psíquica teria perdoado o nosso entusiasmo por um certo recorde em termos de «evidencial». Deve refletir-se que nenhum destes assuntos estava na mente subconsciente

nem de Joan nem na minha. Ela estava totalmente não familiarizada, quer em pessoa quer por ouvi-dizer, com Millicent e a sua família: eu nunca tinha sabido nem ouvido falar de nenhuma destas coisas particulares.

Com esta autenticação para a convicção de Millicent, a carta de Francis foi então ditada. Começava com o tratamento «Senhora Antiga» (que Joan desnecessariamente nos assegurou ser um termo de afeto!), o qual, disse Millicent, era a sua forma comum de se referir a ela. E isso poderia ser considerado como o elemento evidencial número vinte e quatro.

De apenas um elemento Millicent professou ignorância completa e total. Esse foi a descrição de uma casa. Joan tinha-a dado em detalhe. «Uma casa grande», tinha dito ela, «construída quando eles tinham torres quadradas, e cheia de mobília grande e pesada.» Ela passou muito tempo nessa casa, mencionando a disposição das suas divisões, e os alpendres, e muita da mobília. Um cabide de chapéus em particular prendeu-a. «Há uma piada sobre ele», tinha dito ela. «Algumas crianças brincaram ao redor dele.» E um balde de carvão muito importante; e muito mais.

«Pode ser a casa de infância de Francis», disse Millicent, mas com dúvidas.

Deixámos ficar assim, mas meses mais tarde tive uma oportunidade de verificar com um dos familiares diretos de Francis. Essa casa foi um falhanço redondo. E—acreditem ou não—esse facto agradou-nos! Tinha parecido ser tudo bom. Betty tinha dito: «Algumas coisas são boas, mas outras não.» E precisávamos de um falhanço para verificar a observação de Betty.

2

E agora, antes de deixar este assunto particular, quero voltar a essa primeira noite de comunicação verbal de Betty comigo através de Joan. Recordar-se-á que disse que o elemento evidencial que ela acumulou especialmente para mim com tanta fluidez e facilidade era claro, indiscutível e sem necessidade de interpretação—exceto apenas um item, «os chinelos azuis». Isso não significava nada para mim.

Era um registo espantoso para uma conversa que durou quase três horas. Ao olhar para trás e recordar os pormenores dela, toda a atuação assume proporções cada vez maiores e mais significativas, pois não acredito que duas pessoas encarnadas pudessem sentar-se juntas e recordar o passado durante esse período de tempo sem que uma delas cometesse um deslize. E neste caso eu era apenas alguém que concordava. Betty liderava necessariamente a conversa, e em todos os casos era ela que dizia: «Lembram-se de . . .» e fornecia todos os detalhes.

O seu único falhanço, no que a mim pessoalmente diz respeito, foi quando anunciou: «Nunca te agradeci por me trazeres os meus chinelos azuis.»

«Que chinelos azuis? Para onde os trouxe?», perguntei. «Não me lembro.»

«Lembrar-te-ás!», respondeu ela com confiança.

Ainda assim, não me lembrei, e os chinelos incomodavam-me, porque me tinha lembrado de muitas coisas igualmente insignificantes. Apenas recentemente, na Califórnia, essa referência foi esclarecida.

Mais duas vezes, com intervalos, ela provocou-me sobre os chinelos azuis. Contudo, tudo o que me conseguia lembrar relativamente aos chinelos eram as suas próprias três referências a eles—cada uma suficientemente direta para me fazer perceber que neste caso a minha memória, ou a dela, tinha falhado. Pus a cabeça à roda a tentar lembrar-me, pois, com esta solitária exceção, o registo de Betty de comunicação pessoal evidencial comigo tinha sido perfeito. Eu não queria que a sua realização ficasse nem ligeiramente estragada! Mas não conseguia conjurar a mais ténue recordação. Os chinelos estavam fora de questão.

Na última semana de fevereiro de 1940, antes de começar o trabalho de compor este livro, resolvi vários assuntos encarregados a mim por Betty. Entre eles estava a dactilografia e entrega de várias cartas que ela tinha ditado, através de Joan, a vários amigos. Uma das cartas era para a sua enfermeira favorita que a tinha acompanhado a casa a partir de uma estadia no hospital em 1937 e ficado várias

semanas na casa. Betty tinha-lhe dado a alcunha de Johnnie e as duas mulheres tinham-se tornado muito boas amigas.

Deixei a carta de Johnnie para o fim. Betty tinha dito quando a ditou: «A Johnnie achava que eu era uma doida. Ao início achava que eu estava maluca. Eu soube disso o tempo todo. Disse para mim mesma, 'Bem, vou mostrar à Johnnie!' »

Não via Johnnie há muitos meses. Para além do comentário de Betty de que Johnnie a tinha achado «uma doida», não fazia ideia de qual poderia ser a atitude de Johnnie em relação a fenómenos psíquicos. Sabia que a sua formação e experiência lhe tinham, por necessidade, dado uma perspetiva pragmaticamente científica e provavelmente profundamente materialista. O trabalho dela é combater a doença e a morte. Ela faz isso magnificamente, sem nunca vacilar por um instante. Mas quando a morte chega, no que diz respeito à formação de Johnnie, o trabalho está feito.

Pelo contexto da carta, sabia que seria ou altamente evidencial ou—provavelmente—um fracasso completo. Estava cheia de detalhes pessoais específicos e íntimos. E não me tinha esquecido da descrição específica e detalhada da «casa com as torres quadradas» presumivelmente destinada a Millicent que se tinha revelado não ter significado. Esta casa e os chinelos azuis eram, antes de eu ir ver Johnnie, as duas marcas proeminentes contra a média incrivelmente alta de sucessos de Betty.

Como digo, não sabia a atitude de Johnnie em relação a fenómenos psíquicos. Nem sabia se—por muito aberta de mente que pudesse ser sobre o assunto—ela sabia alguma coisa das dificuldades técnicas da comunicação ou da técnica de rastreio de «evidencial». Em outras palavras, se houvesse imprecisões na carta, iria ela—como a minha experiência me ensinou que a maioria das pessoas da sua formação altamente especializada faz—descartar todo o incidente e no fundo da sua cabeça classificar Betty ainda mais definitivamente como «uma doida»? Enviei a mensagem pelo correio, contudo, mas antecipei uma visita iminente de Johnnie com bastante receio, devo admitir.

Uma das coisas que me perturbava era uma declaração enfática de Betty: «A criança vai ficar boa.» Que criança? Johnnie é uma enfermeira cirúrgica e especializa-se mais ou menos em doentes adultos; ou era esse o meu entendimento quando ela estava a cuidar da minha mulher.

Contudo, «a criança vai ficar boa» provou ser particularmente e peculiarmente evidencial. Na verdade, uma grande parte da carta era evidencial, como Johnnie, não importa qual fosse a sua atitude pessoal sobre fenómenos psíquicos, foi rápida a admitir honestamente. Algumas coisas ela não conseguiu reconhecer, mas a sua análise aguçada e implacável do detalhe da carta foi para mim muitíssimo satisfatória. Muito mais satisfatória do que qualquer aceitação cortês ou evasiva teria sido. Por isso contei-lhe algo das outras comunicações de Betty e finalmente dos chinelos azuis como a única coisa pessoal que eu não conseguia identificar.

«Eu consigo», disse Johnnie prontamente. «Quando a Sra. White estava no hospital em São Francisco pediu-lhe para lhe trazer um par de chinelos de Burlingame—de casa. E nunca me esquecerei de como ela se riu e riu sobre os que o senhor trouxe. O senhor escolheu os chinelos de salto alto mais vistosos que ela tinha, e o que ela queria eram chinelos de quarto, não estilo. Mas não me consigo lembrar da cor.»

Mais tarde, a falar com Reider, que faz tudo o que mais ninguém faz na minha casa, contei-lhe de ter visto Johnnie e do incidente dos chinelos como algo divertido, felizmente omitindo o aspeto da cor. Reider está ao meu serviço há mais de dez anos. Ele tem uma memória para detalhes que nunca falha.

«Ora, eu lembro-me disso!», exclamou Reider. «O senhor chegou a casa do hospital com uma lista de coisas que a Sra. White queria. O senhor juntou-as e eu fiz um pacote para si. Entre elas estavam os chinelos azuis dela.»

«Azuis? Tem a certeza?», quis eu gritar, mas contive-me.

«Com certeza que tenho a certeza», disse Reider. «Até fiquei a pensar na altura para que queria a Sra. White os chinelos azuis dela. É uma pena que o senhor não se consiga lembrar, meu senhor. Mas

várias vezes a Sra. White mandou pedir coisas a casa a partir do hospital e eu fiz embrulhos para o senhor lhe levar. Dificilmente esperaria que o senhor se lembrasse do que estava nos embrulhos, meu senhor.»

Dificilmente esperaria que eu me lembrasse. . . .

Parti para o meu escritório à pressa e vasculhei os registos para reler as três referências de Betty aos seus chinelos azuis. E descobri que ela não queria que eu me lembrasse! Que ela deliberadamente tinha escolhido algo que sabia—ou esperava—que eu não me lembrasse!

«Uma pena» que eu não me conseguisse lembrar? Era glorioso que não me tivesse lembrado—e continuasse sem me lembrar. Com Johnnie e Reider para se lembrarem, esses chinelos azuis são quase a melhor peça de «evidencial» que um homem já teve.

CAPÍTULO VI

Partimos

1

No que se segue, Joan será referida por vezes como «a estação recetora» ou, mais brevemente, «a estação». Para evitar possíveis equívocos por parte do leitor, bem como para dar uma compreensão mais plena deste termo, deve ser explicado.

Em 1916, quando Joan—acidentalmente, como Betty—descobriu que era psíquica, a transmissão do código Morse por sinais sem fios tinha-se afirmado, mas a rádio como a conhecemos hoje, e a sua terminologia agora familiar, estavam ainda a vários anos de distância. Para o público em geral, esta projeção a longa distância da voz humana sem fios através do mecanismo de «estações» de difusão e milhões de aparelhos «recetores» veio tudo depois de 1920.

Contudo, mesmo em 1916, Stephen chamava a Joan uma «estação recetora». Ocasionalmente, conta-me Darby, ele usava a palavra «psíquico», mas nunca a palavra mais popular «médium»—nem uma única vez em todas as centenas de páginas de notas que

compõem os registos de Stephen. Da parte publicada destes registos, Our Unseen Guest, citei:

«O processo de comunicação», diz Stephen, «é mais parecido com a transmissão de uma mensagem sem fios do que com qualquer outra coisa na vossa experiência. O nosso termo, estação recetora, é muito bom, não por ser metafórico, mas por ser o exato oposto de metafórico.»

Betty, nos últimos vinte anos da sua vida terrestre, tinha sido uma estação recetora—uma estação muito mais prolífica do que Joan. Pois, após o aperfeiçoamento da filosofia de Stephen, Joan tinha apenas com longos intervalos e por curtos períodos convidado a comunicação. Em toda a sua vida adulta ela foi uma mulher ocupada, com um trabalho pessoalmente satisfatório—e exigente—para fazer. Há dezassete anos[9] que não fazia qualquer trabalho psíquico realmente sustentado. Eu sabia disto. E após a morte de Betty, Darby tinha-me escrito que, embora tivesse esperado alcançar Betty através de Joan, tinha sido incapaz de o fazer.

«Temos tão raramente tentado a comunicação nos últimos anos», explicou ele. «Não que Stephen ou Anne falhem alguma vez em aparecer quando tentamos. Mas eles são velhos conhecidos. Não fomos capazes de contactar Betty. Joan diz que deve ser porque ela própria está enferrujada.»

Joan não estava enferrujada. Mas penso que a falha de Betty em falar através dela até eu ir para Leste seis meses mais tarde nos inclinou a concordar com a sugestão de Joan de que ela poderia estar enferrujada. Eu queria ver Darby e Joan em todo o caso, porque, como expliquei, somos amigos. Mas nessa primeira noite na casa deles eu realmente esperava que não tentássemos entrar em contacto com Betty. E se falhássemos! Darby, cuja experiência e antecedentes o treinaram no hábito de controlar situações difíceis, manteve a nossa conversa após o jantar a fluir agradavelmente sobre o romance que eu tinha vindo a Leste ver ser preparado para a imprensa. Mas ele não me enganou; e Joan, muito diferente de si mesma, estava abertamente nervosa. Quão profundamente desconfiada do seu talento, quão redondamente receosa ela estava da possível perturbação que o

fracasso poderia causar na minha aceitação da Presença sem voz mas continuada de Betty, eu não tive conceção durante uma semana ou mais. Parenteticamente, esse receio particular era infundado. Nada poderia perturbar essa Presença: é demasiado real e vívida.

Joan confessou as suas ansiedades dias mais tarde e apenas depois de Betty ter subitamente lançado uma perspetiva inteiramente nova sobre a importância da evidência.

Contuei quão rápida, inteligente e abundantemente Betty acumulou provas da sua identidade nessa primeira noite. Darby e eu certamente não precisávamos de mais «evidencial». No entanto, de tempos a tempos, nas nossas sessões subsequentes, ela introduzia subita e inesperadamente mais um pequeno detalhe. Dissemos-lhe, finalmente, para não se incomodar.

«Vocês não compreendem», explicou Betty. «Nós não o fazemos apenas por vocês, mas também para a proteção da estação. Para lhe assegurar, no seu subconsciente, e mais tarde quando vir o registo, a sua própria integridade como estação, e que ela está realmente a dar a mensagem certa. Acham que se Joan sentisse por um único instante que não era eu a falar, ela voltaria alguma vez a ficar 'fora' por mim?»

[9] Ver Apêndice de The Betty Book.

2

Lembrar-se-ão de eu ter dito que nessa noite inicial Betty me convenceu de duas coisas: da sua identidade, e de que tinha algo para contar. Os capítulos anteriores destinam-se a cobrir a primeira. Mas antes de passarmos à segunda quero dizer que sei bem que a mera evidência é de pouca utilidade exceto para aqueles a quem é diretamente dirigida. Curioso, mas verdadeiro!

Aceitamos, como parte do nosso equipamento mental, «factos» dos quais não sabemos absolutamente nada, meramente pelo testemunho de algum físico, ou astrónomo, ou médico, ou viajante, ou o que quer que seja, quanto ao que ele afirma ter visto. Não os vimos, mas acreditamos neles. Contudo nós—como raça—permanecemos impassíveis perante testemunhos igualmente específicos e apoiados,

quanto ao que afirmam ter visto, de homens como Sir William Crookes, Flammarion, Sir Oliver Lodge, Richet, até aos perplexos—mas teimosamente honestos—chefes de polícia tão frequentemente arrastados para a investigação de fenómenos psíquicos na ingénua suposição de que devem estar particularmente qualificados para detetar fraudes. Não vimos; logo, não acreditamos. O mesmo tipo de testemunho, pelo mesmo tipo de testemunhas. Se temos simplesmente de nos explicar a nós próprios, dizemos que eles ficaram um pouco loucos, e ficamos por aí!

Provavelmente é assim que deve ser. Este tipo de evidência pode ser destinado apenas à pessoa a quem é diretamente endereçado. Pode ser o trabalho de cada um procurar a sua própria experiência; ou fazer com que ela o procure quando estiver preparado para ela. O único «evidencial» real e satisfatório, a longo prazo, não é o testemunho de fenómenos, mas de ideias.

Darby resumiu isso bem no último parágrafo de Our Unseen Guest.

«Acreditamos», escreve ele, «que Stephen é real, não por causa dos testes, por mais convincentes que tenham sido; pois estes, é concebível, poderiam ser explicados de outra forma. Que os termos da sua filosofia nos tenham chegado como que vindos do ar, estando nós ignorantes do seu significado até Stephen os elaborar num sistema metafísico conectado e digno, parece um teste pouco provável—no que a nós diz respeito—de ser explicado de outra forma. Contudo, mesmo admitindo que fosse—ainda assim Joan e eu seríamos compelidos a aceitar a razoabilidade da mensagem de Stephen. E que a filosofia deva ser razoável e o fenómeno uma deceção é uma contradição que, para usar as palavras de Stephen, a mente de Joan e a minha não são ‘suficientemente ágeis’ para nutrir.»

Com isso concordo de todo o coração. A vossa própria persuasão deve aguardar a conclusão do que Betty tinha para dizer. O «evidencial» dos capítulos anteriores não foi narrado para vos convencer: meramente para vos mostrar a maneira pela qual nós pessoalmente fomos convencidos. Agora, a fim de mostrar como

Betty conseguiu persuadir-nos de que tinha de facto algo para dizer, seria conveniente registar os pontos altos das primeiras noites.

Após Joan ter entrado em transe nessa primeira noite, seguiu-se uma longa pausa. Depois um sussurro: «Sim, sim.» Subitamente a voz surgiu com clareza.

«Por onde deverei começar?», disse. «Estão a ver, Stewt,[10] a Joan está toda bloqueada com emoção, e eu não consigo. . . . Ela quer. Ela quer deixar-me ter a sua mente para usar para vocês. Penso que a melhor coisa é simplesmente começar o trabalho, e isso vai acalmá-la e dar-me uma oportunidade melhor.

«Estão a ver, a coisa que tenho de fazer agora é o que fiz antes, apenas a partir do outro lado. Tenho de voltar e contar-vos como volto. Esse é o meu trabalho: é isso que tenho de fazer.»

A facilidade falhou abruptamente. Em tais casos uma pergunta ajuda frequentemente. Uma «mensagem» anterior, que se pretendia ter vindo de Betty para uma amiga, e retransmitida para mim, era que ela estava «a trabalhar no assunto da dor, a sua natureza e a técnica de a manusear». Perguntei sobre isso, meramente para pôr as coisas a andar novamente. Funcionou.

«Isso é uma parte muito definida do que estou a fazer», retomou ela. «Estamos todos nós a trabalhar tão arduamente em pessoas que estão a passar para cá subitamente agora. [Isto refere-se aos combates na Polónia. S E W] O nosso amigo Doutor está a ajudar nisso. Ele e eu estamos a trabalhar juntos. Está tudo confuso aqui agora: tantos a vir subitamente, e não sabem o que lhes aconteceu. Estão a ver, para pessoas como vocês, e eu quando vos deixei, que conhecem os factos da muito estreita terra de ninguém entre o que chamam vida e o que eu agora chamo vida—bem, nós podemos auxiliar aqueles que saem para nos ajudar na passagem, e encontrá-los a todos limpos, gloriosos e seguros. Sempre aqueles que vão naturalmente são recebidos e é-lhes dito o que é a mudança, para que não haja desconcertação da sua parte. Mas aqueles como vocês e eu, nós podemos ajudar pela nossa própria volição e conhecimento. Não só nos é poupada a surpresa de nos encontrarmos subitamente noutra esfera, como nós próprios podemos apagar as tensões das nossas memórias.»

A sua referência a trabalhar com «tantas pessoas a vir subitamente agora . . . sem saberem o que lhes aconteceu», enquanto aqueles «que vão naturalmente são sempre recebidos e instruídos», é uma história antiga. A maioria dos livros sobre experiência psíquica, especialmente os publicados durante ou imediatamente após a Guerra Mundial de 1914-1918, continha esta mesma declaração, corroborando o apelo milenar da Litania: «da batalha . . . e da morte súbita, Livrai-nos, Bom Senhor.»

O pensamento novo e reconfortante de Betty era como nós—«pessoas como nós que conhecem os factos da muito estreita terra de ninguém»—podemos enfrentar a morte, súbita ou natural; como podemos reencontrar os nossos amigos no outro lado «todos limpos, gloriosos e seguros» e «apagar as tensões das nossas memórias».

Isto último pareceu-nos importante; e muito consolador. Impressionou Darby como sendo especialmente assim, e ele fez uma contribuição.

«Há muito tempo atrás», disse Darby, «pouco depois de um amigo médico meu ter morrido, eu estava a falar, através de Joan, com ele sobre a sua própria passagem. E entre outras coisas ele disse isto:

« ‘O nascimento é que é o mistério, não a morte. E alguma vez paraste para pensar que se uma criança prestes a nascer pudesse estar consciente e atenta, quão confusa ficaria, e quão receosa do estranho novo mundo que teria de enfrentar?’ Que dizes a isto, Betty?»

«O teu amigo tinha razão», respondeu ela. «Claro que a morte é muito mais simples do que o nascimento; é meramente uma continuação. A Terra é o lugar de nascimento para o propósito da individualização. Essa é uma das coisas sobre as quais vos falarei mais tarde.»

Nem a conseguimos persuadir nesta altura a explicar mais.

«Não», disse ela firmemente. «Não vos conseguiria fazer compreender ainda. O que me está a ser permitido contar-vos tem um padrão—um padrão bem pensado, passo a passo. Será mais fácil para todos nós, se não perturbarem o padrão.»

Fiz outra pergunta ao acaso, com o mesmo objetivo em vista: manter as coisas a andar.

«Tu vês e sentes as sensações físicas do meu mundo que eu vejo e sinto?», perguntei. «Se assim é, obtén-las através de mim? Ou por ti própria?»

«Tenho todos os sentidos que tu tens, só que mais», respondeu ela.

«Então», insisti, «podes realmente partilhar uma sensação física comigo, como cheirar uma flor, ou ver uma paisagem?»

«Com certeza. E já o fiz. Tudo o que tu tens eu pego, e quero-o. E posso induzir uma sensação em ti.

«Mas o nosso próximo trabalho juntos», continuou ela, «é filosofia, embora o meu estudo da dor seja importante. Estão a ver, o nosso último livro[11] conta como eu fui 'fora', como entrei em contacto enquanto ainda vivia do vosso lado, como qualquer pessoa pode ensinar-se a si própria a entrar em contacto, pelo menos até certo ponto, com este lado. Agora devo evoluir um método para contar como voltamos, como eu o faço, para que possam receber mais facilmente. Vocês aprenderam a projetar a vossa consciência no meu presente estado de existência e a extrair sustento dele; mas não sabem como permitir que nós, deste lado, nos projetemos de volta para vocês. Eu fiz uma coisa lá; agora devo fazer esta aqui.

«Se a Joan soubesse exatamente como me deixar vir, seria perfeito. Vamos tentar fazer progressos o mais rápido que pudermos. Quero que estejas comigo; quero—Oh, diabo!», interrompeu-se a si própria enquanto a estação se atrapalhava. «Se a Joan e eu pudermos apenas trabalhar juntas até eu conseguir apagar as rugas no cérebro dela—está tudo aqui para ser contado. Requer um estado de prontidão do lado espiritual; uma calma do lado físico. Têm de estar espiritualmente alertas, fisicamente passivos. Mas essa prontidão é peculiar. Se estiverem demasiado alertas espiritualmente ficam sob uma tensão tal que não são dominados. É sob alta tensão que as visões são vistas—Anjos de Mons, e por aí fora. Mas aquilo de que estou a falar é o meio do dia a dia de comunicação natural e normal comigo, e de mim convosco.»

Isso certamente soava bastante interessante, para além de todo o aspeto pessoal e evidencial, do qual extraio estes excertos. Na oportunidade seguinte voltei à sua declaração quanto aos seus sentidos.

«Disseste, ou impuseste, que recebias sensações do nosso mundo físico. Obtén-las realmente através dos contactos com ele do teu corpo atual—o que costumávamos chamar o corpo beta[12]—ou obténs a ideia de contacto primeiro? Estou a fazer-me claro?»

«Claro como a lama», riu-se Betty. «Mas vou contar-te como é, eu toco-te, e às vezes tu sentes-me, dependendo de o teu sentido estar sintonizado para isso. O meu toque em ti é para mim tão real como sempre. Nós somos reais. Somos entidades. Eu sou.»

«Na literatura psíquica», sugeriu Darby, «lemos sempre sobre a 'densidade' das condições da terra que é necessário para os desencarnados penetrarem para efeitos de comunicação, e ficamos de algum modo com a ideia de que vocês o fazem com dificuldade, algo como um homem debaixo de água. Isso não afeta os teus outros contactos com o nosso mundo—»

«A densidade não é para nós», interrompeu ela. «É a densidade para vocês. Nós conseguimos ver-vos. Há uma densidade da terra que é factual que vocês só conseguem penetrar sob certas circunstâncias—emoção, choque, transe, e assim por diante; e depois há uma densidade espiritual criada pelas mentes das pessoas.»

«Então as tuas próprias faculdades não ficam embotadas por ela?», insisti no ponto.

«Não. Pense num rádio: o locutor está em plena posse das suas faculdades, não está embotado ou indistinto. Mas pode haver estática a estragar a receção. As limitações das relações entre os dois mundos estão na sua maioria limitadas apenas no vosso mundo. O vosso mundo e o meu são o mesmo, só que vocês não estão conscientes do meu. Eu vejo ambos.»

[10] De certo modo, este foi o primeiro elemento «evidencial», embora não fosse particularmente importante. Apenas Betty me tinha

chamado assim; e—tanto quanto sabemos—Joan nunca o tinha ouvido.

[11] Across the Unknown.

[12] Ver The Betty Book.

CAPÍTULO VII

Apenas Um Universo

1

«Ouçam!», Betty fez uma pausa. Por um momento houve um silêncio absoluto na sala. Depois—«Ouçam», disse ela novamente. «Há apenas um universo.»

Os olhos de Darby, erguendo-se das notas que estava a tomar, encontraram os meus. Aqui estava, de facto, um conceito novo se Betty pretendia que a sua declaração a incluísse a si bem como a nós.

Admitindo um Além como um acompanhamento necessário da imortalidade, onde ficava o seu lugar? A maioria dos modernos, penso eu, desconsiderou a imagética pré-medieval de um Céu situado acima das nuvens com ruas de ouro e harpas de ouro nas mãos de anjos coroados de ouro. No entanto, as minhas próprias ideias sobre o assunto, descobri subitamente, eram bastante nebulosas. Betty existia. Não tinha a menor dúvida, emocional ou intelectual, quanto a isso. Ela tinha voltado para mim na encosta da colina nem trinta minutos depois de ter morrido, inundando-me com a sua presença e personalidade. Desde essa noite ela tinha feito a mesma coisa repetidamente; uma e outra e outra vez. Agora, falando através de uma estação recetora, tinha voltado para se identificar por meio de declarações específicas de factos verídicos.

Ela tinha voltado. Durante vinte anos os Invisíveis dela e os meus tinham estado a voltar; mas—voltar implica «de». De quê? De um modo ou estado de ser? Ou de algum lugar, algum sítio?

Darby deu voz à minha perplexidade confusa.

«Não apanho isso», disse ele secamente. «Qual é a implicação, apenas um universo? O nosso universo e o vosso são o mesmo? Dizes o que dizes literalmente?»

«Literalmente», respondeu ela. «Esta divulgação é um esforço para chegar à relação dos nossos dois mundos. O tema da imortalidade foi desenvolvido; vocês acreditam na imortalidade. Até que o trabalho laboratorial real esteja pronto, têm de continuar a lançar os alicerces. Por exemplo, têm de ter uma meta e uma premissa de onde partir. Se eu vos puder apenas contar como voltamos; traçar algum tipo de rumo a ser seguido mais tarde cientificamente. Quero transmitir-vos em termos de mecânica a possibilidade de os dois mundos serem o mesmo. Há apenas um universo.»

«Possivelmente dois pontos de vista dele?», sugeriu Darby.

«Muitos», admitiu ela. «Mas o único ponto de vista em que estamos interessados agora é o vosso e o nosso. Apenas um universo: dois pontos de vista é apenas a vossa perceção. Quero fazer-vos compreender, primeiro, a realidade da minha existência no universo do qual não estão totalmente conscientes. Quero que compreendam, segundo, a possibilidade de eu existir num universo do qual estão totalmente conscientes. E o terceiro trabalho é a realidade factual. Quero fazer-vos compreender que eu existo, e num único e exclusivo universo, no qual vocês também vivem, mas no meio dos obstáculos do mundo. O que estou realmente a tentar dizer é que vivo no universo que não vêm, e também naquele que vêm. Portanto, vivo no universo inteiro.»

«E como corolário, mostrar que uma grande quantidade de coisas que se supõe estarem perdidas pela separação não estão realmente perdidas?», sugeriu eu.

«As únicas coisas que estão perdidas são essas aperceções controladas pelos vossos sentidos—e não essas totalmente.

«Uma das coisas que faz parecer, na vossa existência, que o meu universo não é o vosso universo é a Frequência.[13]

Examinemos o assunto da frequência.

«Chamei a atenção de Joan para a frequência quando ela estava a consertar o ventilador elétrico. Ela podia ouvir o zumbido. Ela podia olhar através do ventilador e ver o aro da porta atrás dele. O ventilador estava a funcionar tão depressa que no que diz respeito à visão dela tinha perdido a sua solidez. A minha coexistência convosco é análoga. Se a frequência fosse diferente para o vosso foco humano, vocês poderiam ver-me. Como estão as coisas, olham através de mim. Eu não estou lá.

«Agora suponham que lançam a vossa mente de volta aos meus esforços, quando estava convosco, para projetar as minhas consciências além do meu universo de então. O que eu estava a fazer era projetar a minha consciência além das minhas limitações de então. As limitações da existência humana variam de acordo com o indivíduo. O modo de existência de certos indivíduos é mais para fora no todo. Admitam isso, e admitem imediatamente que têm uma linha móvel, um horizonte não fixo, mesmo no vosso próprio universo.»

Fiz uma pergunta qualquer, irrelevante, sem importância, não registada e esquecida.

«Novamente isso está além do ponto que estou a tentar fazer», disse Betty num tom de repreensão. «Insisto que fiquem por momentos no vosso próprio hábitat natural, e admitam, nele, um horizonte móvel. Ele já é maleável na vossa vida. Estou a falar da linha móvel do vosso universo existente para o indivíduo. Vocês vivem nesse universo. Trabalham nele. Quão diferente supõem que esse universo é para vocês do que é para uma criança? A aplicação é que não há divisão—nem para vocês nem para mim. Se conseguirem descobrir a frequência, podem revelar o meu universo. Isso não significaria que pudessem habitar o meu universo. Significaria apenas que saberiam que eu o estou a habitar.»

Algo como olhar para peixes num aquário, um de nós sugeriu meio humoristicamente; podemos vê-los, mas não podemos viver com eles. Betty estava inclinada a aceitar isto.

«Voltemos à criança», disse ela. «Sabem como uma criança desenvolve os seus cinco sentidos. O tato é o primeiro; a audição é o seguinte, e assim por diante. Agora aí está um universo móvel.»

«Disseste que a tua frequência é diferente da nossa», observei. «Tens de deixar a tua frequência natural para entrar em contacto com o nosso mundo físico?»

«Não temos de o fazer», foi a sua resposta inesperada; «nenhum esforço especial. A única mudança de frequência exigida de nós é a fim de apreender mais plenamente a nossa própria nova existência.»

[13] «Frequência» como Betty a usava tinha um significado técnico definido que aparecerá no devido tempo. A este respeito, contudo, o contexto torna-o suficientemente claro.

2

Tudo isto era, naturalmente, de um interesse extraordinário para nós, e abria muitos caminhos novos de pensamento.

Reconhecemos a importância dos conceitos vindos de Betty—Betty que se tinha autenticado para lá de qualquer dúvida. Betty tinha-nos levado até aí. Mas a nossa aceitação do universo dela e do nosso como um só era outra coisa completamente diferente. Com o corpo da opinião do mundo, como expressa na religião, literatura e arte—para não falar da ciência—contra nós neste assunto, era difícil para Darby ou para mim assimilar a ideia de Betty sobre o seu único e exclusivo universo.

Suámos sobre isso. Discutimo-lo entre nós e com Betty. Ficou acima das nossas cabeças durante várias noites. E depois finalmente percebemos. A própria Betty nos tinha dado a chave para a compreensão lógica, mas nós não a tínhamos reconhecido. Tínhamos falhado como «estações concetuais». E aqui, já agora, está um termo muito usado por todos os nossos Invisíveis.

Como Betty explicou, uma estação concetual tem duas funções.

«Eu sei o que quero transmitir», disse ela, «e expresso-o. Mas como posso saber o quanto transmiti, a menos que obtenha um reflexo de volta das vossas mentes? O que posso ler da vossa compreensão a partir do silêncio absoluto?»

A segunda função vai um pouco mais longe. A estação concetual deve não apenas compreender o que é dito, mas deve por sua própria

conta desenvolver implicações à medida que ocorrem ao seu hábito de mente, e relatá-las de volta e discuti-las. Muitas vezes estas contribuições são negadas ou drasticamente modificadas pelo comunicador; caso em que são valiosas para esclarecer equívocos. Mais frequentemente, através do reencaminhamento do conceito de Betty noutros termos, indicavam compreensão plena. Raras vezes—mas com frequência suficiente para gratificar—levámos realmente à conclusão premissas que ela tinha iniciado. Nessa altura Betty ficava jubilosa, como perante a vivacidade de uma criança precoce.

Portanto, uma estação concetual, ao contrário de uma estação recetora, deve conhecer o seu assunto, ou pelo menos deve ser capaz de o aprender. Antes de mais ou mais tarde, deve compreender o significado do material que passa. A menos que haja uma estação concetual alerta e adequada, o valor e a importância do que passa através da estação recetora é geralmente perdido.

«Fotografia», tinha dito Betty no meio de um dos nossos atolamentos, «vocês deviam compreender a unicidade do vosso universo e do meu através da fotografia. . .»

Joan gosta de ouvir os registos lidos após cada sessão. Como ela diz, é tudo o que ela retira das nossas reuniões! Numa dessas ocasiões nós os três estávamos a discutir o trabalho da noite. Tinha sido muito cheio de substância. Betty, não impaciente mas persistente, martelava ideias maiores e melhores sobre nós constantemente. E a nossa falha em compreender o seu único e exclusivo universo estava a atrasar tudo.

«Stewart», perguntou Joan subitamente, «o que foi que Betty disse na outra noite sobre fotografia? Poderia a analogia estar aí?»

Não sei se a grande iluminação rebentou sobre Darby ou sobre mim primeiro. Mas do nosso debate subsequente foi evoluído isto:

Peguem numa fotografia em preto e branco—ela regista uma realidade. Peguem numa fotografia a cores—e ela regista exatamente a mesma realidade, mas—uma realidade além daquela retratada pelo preto e branco.

A ilustração não prova nada, claro. No entanto ajudou-nos a compreender como poderia haver duas aparências diferentes de uma mesma e exata coisa. A imagem a cores é apenas uma extensão—um registo mais detalhado e preciso—da cena idêntica originalmente fotografada em preto e branco.

Assumindo que nós aqui vivemos normalmente no universo em preto e branco, é agora inteiramente possível (palavra e ênfase de Betty) para nós imaginar um universo «a cores» no qual ela possa viver. Portanto aí têm aparentemente dois universos; um em preto e branco, um a cores, mas contudo o mesmo.

«Por isso analisem-nos como quiserem», disse Betty, «eles são apenas duas aparências ou aspetos da mesma coisa. Há apenas um universo.»

3

Tornou-se logo evidente, contudo, que o objetivo dela, e o objetivo daqueles com quem ela estava a trabalhar, era ainda mais ambicioso.

«Agora, Stewt», disse Betty uma noite, «lembras-te de quando a minha consciência foi voluntariamente projetada neste universo desobstruído,[14] eu trouxe de volta para ti exemplos e imagética para explicar fases do viver. Foi-me dado aqui um padrão para o desenvolvimento da vida terrestre. Agora o meu trabalho é trazer de volta para ti—e quero dizer trazer—uma imagem da existência na qual tenho agora o meu ser.

«Todos os conceitos que me foram atribuídos para trazer até vocês», repetiu ela, «devem ser baseados no facto de que há apenas um Universo. O passo seguinte é o vosso reconhecimento da mudança, mesmo na vossa consciência, da linha divisória entre os universos obstruído e desobstruído. A seguir é a vossa perceção, daquilo que os vossos cientistas admitiram, de que existe—no único e exclusivo universo do qual fazem parte—muito que os vossos sentidos não conseguem detetar, mas que provaram existir por meio de instrumentos inventados pelo homem. Este meu universo desobstruído é parte do vosso universo, tal como o vosso universo obstruído é parte do meu.»

«Temos de», insistiu ela, numa sessão posterior, «dizer, uma e outra vez, que há apenas um Universo. Essa é a premissa fundamental. Nós estabelecemos a realidade da consciência, e a continuidade da divisão individual da consciência. Isso foi feito há muito tempo. Agora, e mais do que nunca, para um ponto de partida de laboratório, uma premissa, uma meta a ser provada, temos de racionalizar para uma mente razoável a segunda grande realidade, a do único e exclusivo Universo. A grande diferença entre vocês e mim está no nosso mecanismo de perceção; e mesmo esse mecanismo de perceção é fundamentalmente o mesmo: a diferença não é assim tão grande.»

«Mecanismo de perceção» é um termo muito usado pelos nossos Invisíveis quando Betty estava aqui, a trabalhar com eles. Mais tarde, através de Joan, Betty fez um glossário de termos que ela desejava para precisão completa nesta presente divulgação. «Mecanismo de perceção», definiu ela, «é esse equipamento de consciência cônscia de si mesma através do qual o indivíduo percebe o que lhe é objetivo.»

Em vista da sua declaração de que devia «trazer uma imagem» do seu estado de ser, fiquei um pouco curioso sobre a razão pela qual os seus Invisíveis em todos os seus vinte anos de trabalho enquanto ela esteve aqui tinham sempre recusado tão firmemente contar qualquer coisa sobre as condições de vida lá; e, além disso, nunca tinham permitido que Betty tentasse quaisquer descrições da sua exploração. Como é que isso acontece, perguntei-lhe eu agora.

«Duas razões», disse ela. «Primeira, vocês não estavam prontos para receber explicação. Segunda, nunca houve antes exatamente esta combinação. Quero dizer uma ligação como Joan e eu. Estão a ver, eu dediquei muitos anos a projetar a minha consciência terrestre no universo como um todo. A maior parte da minha compreensão que trouxe de volta foi na terminologia dos símbolos da terra. Eu não sabia então quão factual essa terminologia era; quão boa era tanto para um lado como para o outro.»

«Quero tornar isto o mais atrativo e simples possível», disse-nos ela numa outra ocasião. «O meu trabalho foi sempre uma explicação da realidade. É-o agora. Mas o propósito desta posterior exploração da realidade não é alargar a comunicação entre os universos obstruído e

desobstruído. Não é tornar a imagem da minha existência tão atraente a ponto de criar na consciência terrestre um anseio de vir para aqui.

Cada indivíduo é posto no mundo para fazer um trabalho; e ele vem para aqui melhor e mais feliz apenas quando ele está concluído; depois de ter reunido para si tão aproximadamente quanto possível o seu requisito de trabalho e experiência. O propósito da presente divulgação é restaurar na consciência terrestre a necessidade do esforço individual, e a garantia de que o esforço não será desperdiçado. A única garantia disto é um regresso à crença na imortalidade.

«Um segundo propósito é instilar na consciência terrestre a unicidade do todo. Isto alarga a vossa ética e restringe os vossos costumes. Ambos têm sido demasiado frouxos para a vivência confortável da humanidade. Incidentalmente, uma das causas para a instabilidade que notam nos povos, indivíduos, sociedade, pensamento, arte, é a facilidade ultra e súbita de comunicação no tempo e no espaço. O uso do rádio, do automóvel e do avião não está estabilizado. Eles foram demasiado rapidamente desenvolvidos e aperfeiçoados para a assimilação da sociedade em geral.

«Sabendo estas coisas ainda melhor do que vocês, não poderia, portanto, ser o nosso propósito fazer mais neste momento do que restabelecer com base no vosso conhecimento atual—e nas necessidades do vosso conhecimento atual—a fé na validade do ser que está a vacilar. Isto no que toca ao vosso leitor geral.

«Para o leitor especial, o vosso cientista no seu laboratório de investigação, esperamos de facto promulgar ideias sobre as quais ele possa construir no nosso sentido uma realidade de verdade. Isto não significa que o homem da rua, a tratar da sua vida, pudesse estar em constante comunicação connosco, quer a ver-nos quer a ouvir-nos. É a aceitação da realidade que procuramos no interesse do regresso do respeito próprio do indivíduo.

«É apenas através da aplicação da realidade da lei, da aceitação da responsabilidade pela qualidade mais elevada, do reconhecimento da necessidade das qualidades mais baixas de auxílio no seu cumprimento individual do seu trabalho e obrigações, que o mundo

pode assentar num verdadeiro processo evolutivo. É importante não só para vocês, mas para nós, que isto ocorra.»

Espero que o leitor concorde connosco que como prospeto para exploração tudo isto era suficientemente atraente: que Betty tinha, de facto, algo para dizer.

[14] Ela quer dizer o seu trabalho como explicado em The Betty Book e Across the Unknown.

CAPÍTULO VIII

TRABALHÁMOS HORAS EXTRAORDINÁRIAS

1

Com base em tudo isto, modifiquei os meus planos. Todos os fins de semana que não tinha anteriormente ocupados, passei-os com Darby e Joan. Ocasionalmente, conseguia pernoitar durante a própria semana. Por fim, prolonguei a minha estadia no Leste até ao limite máximo possível a fim de os visitar. Durante esses últimos dias trabalhámos todas as noites, e aos sábados e domingos conseguíamos gerir dois e por vezes três períodos. Desta maneira, ao todo, concluímos com exatamente quarenta sessões de trabalho.

Trabalhámos arduamente; sem qualquer dúvida quanto a isso. Betty tinha conceitos novos e grandes para transmitir: e tinha não só de os enunciar, mas de nos fazer compreendê-los. Para alcançar isto, ela encorajava a conversa, a discussão e a contribuição da parte de Darby e de mim—as «estações concetuais».

Darby fez muito mais do que eu seria capaz. Houve momentos em que o trabalho de registar *verbatim* uma conversa bastante rápida, e ao mesmo tempo tentar absorver significado suficiente para evoluir alguma ligeira inteligência contributiva da minha parte, me fazia sentir como se estivesse a tentar assimilar a totalidade de um circo de três pistas. Algumas das nossas ofertas provaram ser úteis: muitas das nossas deduções e teorias mais gloriosas, que nos pareciam perfeitamente corretas, Betty rejeitou-as categoricamente—e

continuou calmamente ao longo da linha na qual tinha começado. Lendo os registos mais tarde, como um todo, consigo ver quão ridículo foi. Ela dava-nos margem para saltitar por toda a paisagem intelectual, mas ela própria prosseguia reta e sem se desviar em direção ao seu objetivo. Ou, para mudar de figura de estilo, ela trabalhava-nos como um pescador trabalha uma truta: dava-nos bastante linha, mas recolhia-nos finalmente para onde nos queria. Um bom método. Limpava as nossas mentes do que não é assim!

Normalmente cada sessão durava de duas a duas horas e meia. Ao fecho de cada uma, Betty—oh, muito educadamente!—despedia Darby da sala. «Estão a ver», explicava ela pitorescamente. «Devo transformar-me de volta, para o Stewt, de uma professora primária numa rapariga.» Depois, durante dez minutos ou assim, ela falava comigo sobre coisas pessoais. Tão íntima de nós próprios, por vezes, era alguma dessa conversa que ao início não conseguia evitar totalmente uma ligeira inquietação.

«Sei que te parece estranho estar a falar desta maneira com esta mulher presente», disse Betty. «Mas ela não está presente. Ela está a mil milhas de distância! Ela vai tão de boa vontade e docemente», acrescentou Betty com apreço.

Estas pequenas conversas privadas—se eu tivesse parado para pensar nelas dessa forma—estavam repletas do mais brilhante «evidencial». Mas eu não desejava pensar nelas dessa forma. Eram apenas conversas com Betty, sobre os nossos próprios assuntos.

2

Tenho usado o termo «o que Betty tinha para dizer», meramente porque era ela quem realmente o dizia. Ela não pretendia—na verdade, ela negava especificamente—que isto fosse tudo esforço próprio. Ela estava sempre a referir-se a outros com ela, que estavam a dirigir e a aconselhar quanto ao rumo das discussões.

«Não sei; vou perguntar», dizia ela quando perguntávamos algo fora do seu próprio conhecimento. «Aqueles com quem estou a trabalhar sugerem—» prefazia ela algum conselho. E ocasionalmente, quando entrava em dificuldades, ou talvez por via de resumo, um ou

outro destes colaboradores—ou diretores—falava em nome próprio. Mas brevemente.

Havia «Anne», por exemplo. Anne é uma personalidade que, juntamente com Stephen, começou imediatamente a comunicar através de Joan assim que esta última tinha descoberto os seus poderes psíquicos. Era uma mulher escocesa de, provavelmente, cerca do século XVI. O seu dialeto amplo é arcaico, entremeado por vezes com gaélico puro, e, até que o ouvido de alguém se habitue a ele, longe de ser fácil de acompanhar ou compreender. Anne, ou «a Senhora Anne» como outros Invisíveis habitualmente se referem a ela, não apareceu em *Our Unseen Guest*, embora tenha tido muito a ver com a feitura desse livro. Mas porque é tão amada por Betty, e na verdade por todos nós que a conhecemos—deste lado bem como lá—Anne deve ser incluída nestas páginas.

«A Senhora Anne é uma personagem muito grande», assegurou-nos Betty. «Não suponho que vocês compreendam realmente—eu não compreendia—que honra é ter um indivíduo como Anne a dar-se a tanto trabalho. E ela é tão engraçada!»

O humor de Anne é brilhante; a sua tolerância e sabedoria profundas com a simplicidade de um pensamento amplo e não emocional. No entanto, não tentarei reproduzir aqui nem as suas respostas prontas nem o seu dialeto.

«Anne sabe muito mais do que eu», disse-nos Betty, «mas eu fui selecionada porque Joan e eu éramos quase da mesma frequência enquanto eu estava lá; porque eu vim para cá tão recentemente, e portanto estou em contacto mais próximo convosco e com as vossas formas de pensar; e, finalmente, porque trabalhei tão arduamente nisso enquanto estava lá, que desenvolvi certas qualificações.»

3

«A única diferença, realmente, entre os nossos mundos é uma diferença de frequência», continuou Betty.

A lacuna entre ambos nunca foi, até agora, mecanicamente colmatada. Quer isto dizer que a frequência mais elevada que

produzimos ou isolámos mecanicamente é mais baixa do que a frequência mais baixa do estado de ser de Betty.

«Estão a ver», disse Betty, «quando eu estava lá convosco, estava muito próxima em grau de Joan. Estou num patamar mais elevado agora do que ela.»

A fim de comunicar através de Joan, explicou Betty, ela deve antes de mais fechar esta discrepância; «elevar» a frequência de Joan até um ponto de encontro com a sua própria, por assim dizer. Era aproximadamente isto, mas a declaração não é exata. Nem foi tornada exata; mas um vislumbre foi proporcionado pela ilustração de tocar uma nota num piano e obter vibrações em todas as outras oitavas dessa mesma nota.

«A única razão», disse Betty, «pela qual não podem existir e operar no universo inteiro, como eu faço—pois eu opero no vosso universo bem como no meu—é porque não são capazes de elevar a vossa frequência. Essa é a base do talento de Joan; ela pode, na ocasião, elevar a sua frequência. Mas não é uma constante nela, razão pela qual ela não está a viver comigo aqui agora.

«E mais», ampliou Betty, «Joan pode também permitir que eu ajude a elevar a sua frequência.» Parecia haver uma técnica considerável nisso.

«A capacidade de uma estação para libertar o subconsciente e ser elevada em frequência é um talento», repetiu ela. «Faz parte da constituição dessa pessoa, como qualquer talento. Todos vocês o têm até certo grau, as simplicidades disso. Todo o mundo é mais ou menos 'psíquico'. Alguns sabem-no; outros não. Darby é uma boa estação concetual, Stewt é uma combinação. Joan é uma super estação recetora. Durante a comunicação uso o subconsciente libertado da estação, e o seu armazém para produzir a minha mensagem. É um talento do meu lado, também. De certo modo temos 'médiuns' aqui. Certos de nós conseguem comunicar com mais facilidade. Tenho de lutar contra a frequência do corpo físico de Joan, tal como ela faz para comunicar comigo. Isso é uma resistência. Em muitos casos o desvio é tão grande que não obtêm comunicação alguma.»

Tudo isto estava realmente à parte da linha da filosofia que Betty estava então a tentar colocar nas nossas cabeças. No entanto interessava-nos enormemente. Estávamos curiosos sobre o que fazia as rodas girar. Muitas vezes queríamos saber coisas que pouco tinham a ver com a apresentação do argumento, e geralmente éramos esmagados pela simples declaração: «Isso está à parte do ponto que estou a tentar fazer»—expressa com a finalidade do «Não nos divertimos» da Rainha Vitória. Mas esta questão da técnica de comunicação era uma exceção. Betty estava disposta a tocar nela, de tempos a tempos. Talvez estivesse a mimar as crianças. Talvez sentisse que a sua compreensão adicionaria à realidade da situação. Não sei.

«Disseste há pouco que 'usavas o subconsciente libertado da estação e o seu armazém,' » lembrei-lhe uma noite. «Claro que sabemos que vocês aí escolhem uma estação pelo seu vocabulário. Escolhem também uma estação pelo seu conteúdo de conhecimento de um assunto?»

«Antes pela sua potencialidade de conhecimento», emendou ela. «Joan não tem metafísica, mas foi possível para Stephen dar a sua filosofia através dela porque a potencialidade estava na mente dela. Por isso não penso que teremos muita dificuldade em transmitir a presente divulgação através dela. Claro que há aqui uma avidez profunda e de certo modo consagrada em receber. Cada vez que venho percebo o quanto ela quer abrir a sua mente para o uso que queremos fazer dela.»

«Agora quanto a esta afinação da tua frequência e da dela, uma para a outra. Tu afinas a dela para cima e a tua para baixo?», perguntei. «E quando nos encontras, como dizes que fazes, afinas a nossa para cima e a tua para baixo?»

«Eu não afino para baixo a minha frequência individual para vos encontrar», respondeu ela com dignidade. «Eu estimulo a vossa, e uso deliberadamente uma frequência complementar deste lado para a encontrar. Acontece que a minha frequência e a tua e a de Darby e a de Joan são muito próximas. Mas a frequência de Anne está muito além da minha. Estou a contar-vos como ela o faz.»

«O que é esta frequência complementar?», perguntei.

«É a frequência do meu lado que é exatamente igual à vossa do vosso lado. É mais baixa do que a minha. Mas há um grau aqui que é um complemento exato de Joan, mas é mais baixo do que eu sou agora. Tenho de ser capaz de manipular essa frequência a fim de a complementar.

«Suponham», disse Betty, rendendo-se finalmente à nossa persistência, «que primeiro abordamos o procedimento do vosso lado. Ora, aqui está Joan, com um talento para receber impressões fora dos impactos do mundo ordinário. Ela trata da sua vida o dia todo, tendo a sua quota de intuições, mas não mais do que a pessoa comum. Depois nós os quatro juntamo-nos.

«Ora, uma das razões pelas quais Joan é uma tão boa estação é porque ela pode ser ligada e desligada por outra pessoa. No caso dela, pelo toque de Darby no seu pulso.»

Algo do género parece ser o caso com médiuns profissionais—resumo aqui a declaração de Betty: eles têm os seus «sinais» para entrar no estado peculiar de comunicação. Alguns têm uma bola de cristal, ou folhas de chá, ou cartas de jogar, ou o cantar de hinos—há dezenas de dispositivos. Os antigos adivinhos usavam as entranhas de sacrifícios.

«No entanto»—retomo o relato *verbatim* do que Betty disse—«em nenhum dos casos deles há esse pequeno dispositivo peculiar, como ligar e desligar um rádio, que temos aqui. Quando Darby toca no pulso dela, isso é meramente um sinal—um impulso de comando dele para ela libertar o seu subconsciente—que eu compreendo em resposta.

«Agora suponham que descrevemos esse subconsciente como um campo magnético de um certo grau de atração. Se estivéssemos a lidar com física pura, reconheceriam imediatamente que um campo semelhante poderia enviar para ele ou receber dele qualquer impulso.

«Ora, a operação do campo do meu lado é tanto um dom quanto o é a abertura do campo do vosso lado. No entanto, mesmo falhando

essa operação, as impressões passam, mas nem claramente nem corretamente.»

«E isso pressupõe também a possibilidade de fugas através de outras fontes», sugeriu Darby.

«Sim. Temos aqui um campo magnético. E há outros campos magnéticos de aproximadamente a mesma afinação. É por isso que, no meio de uma mensagem perfeitamente evidencial e correta, obterão palavras que nós, ou a estação, não fomos capazes de editar. À medida que aprendemos a controlar melhor o campo, e à medida que a estação aprende a editar melhor, obtêm cada vez menos disso.

«Quando Joan está neste estado de comunicação—isto é, enquanto o seu campo magnético está aberto—qualquer coisa que digam regista-se, e porque ela o sabe na altura, é capaz de editar. No entanto a sua memória está bloqueada. Agora, quando eu entro no estado de comunicação, através dela—quando começo a trabalhar o meu campo complementar aqui—estou num estado semelhante. Isto é, não precisamente igual, mas comparável. E pusesse-me tão em sintonia com os sentidos dela que obtenho de volta uma reação extremamente prazenteira a eles. É por isso que gosto de vos ouvir dirigir-se a mim audivelmente, embora seja verdade que consigo captar a partir de todo o campo, no qual vocês dois [Darby e S E W] impactam.»

Isto é, ela conseguia «ler» os nossos pensamentos e perguntas mentais.

«Já que estamos no assunto», disse eu, «que tal este negócio de leitura de mentes? Suponhamos que estou a fazer um comentário mental para ti. Quão literalmente retiras isso da minha mente? Exatamente, ou apenas no essencial?»

«Obtenho mais do que o essencial do teu comentário. Obtenho as tuas palavras exatas quando há uma comunhão direta entre ti e mim. Quando há uma estação, eu não só teria de obter as tuas palavras eu mesma, mas na maioria dos casos teria de colocar o suficiente do sentido da tua pergunta na mente da estação para ser capaz de lhe responder através dela.»

«Tem sido afirmado, bastante frequentemente, que no vosso mundo vocês comunicam uns com os outros mentalmente, o que poderiam chamar telepaticamente», continuei. «Isso é verdade? Não soa muito sociável.»

«Temos vozes. Podemos comunicar uns com os outros mentalmente, mas usamos palavras aqui simplesmente porque é mais fácil. Há um pouco mais de técnica para retirar isso da mente. Tal como há para retirar da tua mente, para manter uma conversa mental contigo. E claro que o meu mecanismo de perceção tem de ser mais agudo a captar o que pensas do que quando converso com outro indivíduo no meu estado.»

Há, explicou ela, uma «banda de comunicação» de frequência, comum a todos.

«Não é importante», disse eu, «mas há uma ideia corrente em círculos ocultistas de que cada vez que pensamos em vocês, vocês estão conscientes disso e têm de responder—»

«Eu diria que não!», o desdém de Betty foi enorme. «Se pensassem que tinham realmente algo para dizer, claro que viríamos», abrandou ela.

«Agora», concluiu ela esse aspeto do assunto, «quero chamar a vossa atenção para um facto. Neste tipo de comunicação que estamos a usar agora, nunca tiveram de lutar com um grau mais baixo.»[15]

«Devo entender que o controlo desta estação por um grau mais baixo do que a estação é praticamente impossível?», queria eu esclarecer isto.

«Sim, é. Vamos aprofundar mais isto. Qual o efeito real na vossa mentalidade, no vosso reservatório de pensamento, não nas vossas emoções, que as divagações de uma criança teriam para influenciar o julgamento? Pouco ou nenhum. É exatamente assim.»

É verdade que toda esta série de dissertações provou estar astundantemente livre do que chamamos «coloração»—a interposição do próprio subconsciente da estação; e do que chamamos «interferência»—presumivelmente de entidades externas. Comentámos isso um dia.

«Oh, eu consigo lidar com esta mulher», disse Betty, quase com presunção.

Penso que ela devia antes ter esperado que tudo isto tranquilizasse as nossas mentes para que pudéssemos prosseguir com o trabalho principal. E, afinal de contas, as nossas mentes tinham de estar tranquilas. É parte de como trabalhámos, e essa é uma razão pela qual o incluo neste capítulo. Outra razão é que o acho interessante.

«Ora olha aqui», desafiei eu, «deixaste-me assustado. Se vocês conseguem entrar nas nossas mentes à vontade, muito em breve vou ter medo de pensar. E dizes que podes ir a qualquer lugar no nosso mundo 'porque para ti não é uma obstrução.' Onde fica a nossa privacidade comum e ordinária? O peixe vermelho no aquário de Irvin Cobb não nos ganha em nada.»

«Certas coisas que chamam traços de caráter e convenção têm um significado diferente aqui do que aí. Estão enormemente intensificados. Coisas como a honra, a honestidade, o respeito próprio e afins», disse Betty.

«Essa intensificação impõe-te uma incapacidade real de intrusão, como uma porta trancada connosco?», queria eu saber. «Ou é meramente voluntária?»

«Há certas coisas que não serias capaz de fazer—que não precisas de nenhuma inibição consciente para te impedir de fazer. Nunca pensarias nelas. Homicídio, por exemplo. Depois há, em adição, convenções em que talvez tenhas de pensar conscientemente. Poderias quebrar uma convenção, e depois ficarias arrependido. Tais coisas vão mais longe no nosso plano. São todas elas protetoras.»

«E quanto aos graus mais baixos sem o sentido pleno de honra, privacidade e assim por diante, dos graus mais elevados? Dou o exemplo de não ler o diário de um homem. Verdadeiro para nós; mas talvez não para a típica senhora da limpeza de ficção.»

«Uma das dificuldades na terra é que vocês idealizaram a verdade para fora da vossa estrutura social. No entanto têm as vossas prisões. A razão pela qual têm tantas é porque permitiram que os graus mais baixos ficassem fora de controlo», respondeu ela.

«Como os impedem de ficar fora de controlo aí?», perguntou Darby.

«Em primeiro lugar», disse Betty, «as leis são obedecidas aqui. O reconhecimento da lei é imperativo. A lei é uma coisa aqui. Opera. E aqui todos compreendemos que se chocarmos contra uma lei, batemos. A quebra de uma lei aqui tem uma reação diferente na consciência individual do que tem aí. E não é feita.»

«Eles, os graus mais baixos, são então incapazes, pela sua natureza, de invadir a privacidade?», foi a minha pergunta.

«É a própria natureza das coisas que os torna incapazes.»

[15] De interferência externa.

CAPÍTULO IX

FAZEMOS O GLOSSÁRIO

Betty começou cedo a ter problemas com a terminologia. As ideias que queria transmitir eram exatas; e o nosso hábito é usar palavras de forma inexata. As suas ideias eram novas; e mereciam novos termos. Contudo, ao início ela usou aqueles com os quais estávamos familiarizados, e só nos retirou deles quando por meio deles tinha penetrado a nossa densidade.

Como exemplo, durante algum tempo ela distinguiu o seu universo e o nosso como ilimitado e limitado. «É tudo um único universo», insistia ela, «mas o vosso é limitado.»

Isso serviu bem para a primeira exposição genérica. «Mas nós não estamos sem limitações», refletiu ela mais tarde. «Não são limitações do vosso tipo de matéria, mas . . .»

Depois por um tempo mudou para «restrito» e «não restrito»; mas isto não servia: ela admitiu que tinha as restrições do seu estado de ser. Finalmente fixou-se em «obstruído» e «desobstruído»; e ficou satisfeita. Anne também.

«E», assinalou esta última, «lembrar-vos-eis de que logo no início Betty disse que há o universo obstruído e desobstruído.» Isto era verdade—como frase—mas tínhamos esquecido.

Tivemos a mesma dificuldade com a palavra «constante». Levámos algum tempo a aprender, pelo contexto do registo, que Betty a usava no sentido de «que acompanha constantemente», como uma necessidade integral do ser. Mas a sua conotação mais estrita é matemática. Significaria «fixo» para a maioria das pessoas, e isso não era de todo o que Betty queria. «Substancial»—o que está por baixo—tinha demasiadas conotações; «Coeficiente»—analisado até aos seus derivados—era suficientemente bom; mas nenhum leitor pararia para analisar. Tomaria simplesmente o seu significado matemático e ficaria por aí. Por isso tivemos de procurar ainda mais longe.

E noutra conotação Betty usou «constante» por um tempo em frases como «tempo constante», «espaço constante». Por sugestão de Darby substituímos por «absoluto». Isso era um encaixe suficientemente confortável para as ideias fundamentais. Mas mais tarde não as conseguia conter. Betty ficou cada vez mais insatisfeita, tal como Darby.

«Temos de descartar a palavra ‘absoluto’», disse ela finalmente. «‘Absoluto’ conota estático; e o nosso mundo não é um mundo estático; está em evolução. Tivemos de usar termos ao início que eram absolutamente envelhecidos. É por isso que tivemos de obter a palavra ‘orthos’.»

Essa era uma palavra novinha em folha que Betty tinha conseguido cunhar alguns dias antes, e tinha definido para nós, de certa forma, mas cujo uso real pretendido Darby tinha «concebido» apenas agora. Tínhamos estado a tatear, com muito avanço e recuo de discussão para a sua conceção de «tempo constante», ou «tempo absoluto», e finalmente em desespero caímos no «terceiro tempo»—sendo os outros dois o tempo sideral ou de relógio comum, baseado em movimentos astronómicos, e o tempo psicológico.[16]

« ‘Os gregos têm uma palavra para isso!’ », citou Betty.

No momento pensámos que era uma frivolidade, nem mudámos de opinião quando, mais tarde, ela repetiu.

«Lembram-se de na semana passada ter-vos dito ‘Os gregos têm uma palavra para isso’», insistiu ela. «Despam—como despiram a vossa palavra ‘essência’—esse, ser. Os gregos tinham uma palavra para isso.»

Ela tentou contar a Joan, e fazer com que Joan no-lo repetisse—um método por vezes eficaz quando há dificuldade verbal. Joan produziu *eros*, e na sua capacidade de estação recetora manteve-se fiel a isso perante apupos derisórios de ambas as estações concetuais. Isto, protestámos nós, não era uma história de amor; nem um desses cultos de amor, luz e doçura! Ou seria? Não, não era.

De momento Betty desistiu e continuou a usar «constante» e «absoluto», mas sempre com insatisfação. Finalmente transmitiu-o, através de Joan, em escrita automática; um método que Joan muito raramente emprega, e no qual não é particularmente boa. Era *orthos*;[17] uma palavra que, audivelmente, soa suficientemente parecida com *eros* para alguém que, como Joan, não sabe grego.

Como todas as palavras novas, tinha de ter não só significado, mas conotação vertida para ela antes de se poder tornar meio de troca. Isso veio mais tarde para nós, e para o leitor virá mais tarde neste livro. Mas cedo se tornou suficientemente óbvio, à medida que a nossa terminologia especial se acumulava, que teríamos de nos dedicar a definições.[18]

E isso, para Darby e para mim—as estações concetuais—revelou-se um trabalho autêntico. Betty parecia pensar, e provavelmente com razão, que seria bom para a nossa compreensão se nos deixasse fazer as definições. Ela reservava o direito de veto—e exercia-o. E deixava-nos tentar e tentar novamente, com uma amável pista ou sugestão ocasional—raramente mais do que isso—até termos elaborado algo satisfatório. Era realmente engraçado. Tínhamos tantas ideias brilhantes, e ficávamos tão enormemente satisfeitos connosco próprios, e éramos tão categoricamente travados! Definições de meia dúzia de termos deixavam-nos, a nós e à noite, exaustos.

«Agora formulem e definam orthos», desafiou-nos Betty.

Antes de começarmos, suplico ao leitor que não tente entender isto totalmente agora. Será discutido—e espero que clarificado—na

Parte II. Cito aqui, apenas como divertido, um exemplo do que enfrentávamos ao fazer estas definições.

«Bem», tateou Darby, «disseste que orthos é ‘a realidade elemental’; ‘não é sinónimo de consciência’; ‘não inclui o aspeto do universo obstruído’. ‘Orthos é a realidade elemental do universo desobstruído’—mas realmente a consciência é o elemental. Pela sua derivação, ‘orthos’ é ‘o verdadeiro’. Se o espaço e o tempo e o movimento são, como impuseste, aparências criadas no universo obstruído, então orthos é aquilo de que eles são a aparência.»

«Orthos—do grego para verdadeiro—é o derradeiro de onde emanam todas as aparências do universo», contribuiu Betty.

«É justo dizer que orthos é o universo desobstruído, a estrutura, o conceito do universo desobstruído?», perguntou Darby.

«Seria bastante justo», concedeu Betty. «Orthos é o aspeto desobstruído de todo o universo.»

«Então», disse Darby, «eu diria que orthos é o campo de operação da consciência e das suas essências coexistentes no absoluto.»

«Mas», objetou Betty, «porque cunhámos a palavra ‘orthos’? Não foi para nos livrarmos da palavra ‘absoluto’?»

«Orthos é o campo de operação da consciência e das suas essências coexistentes nos seus aspetos desobstruídos», foi a minha tentativa.

Betty ignorou esta última.

«Um dos assuntos sobre os quais queremos falar é a quarta dimensão—a possibilidade dela, não a sua realidade; vocês não conseguem obter a realidade», disse ela.

«Mas», objetou Darby, «tu disseste que orthos é em trilogia.[19] Adicionar uma quarta? A menos que seja a própria consciência.» Darby estava duvidoso. Eu também.

«Bem, se adicionarem qualquer quarta dimensão esta noite, eu perco a consciência», observei.

Esta piada não foi apreciada. Voltámos ao trabalho. Após muita angústia evoluímos isto:

«Orthos: a operação da consciência através de essências coexistentes no seu aspeto desobstruído.»

Betty aprovou isto. «O seguinte é ‘órtico’,» disse ela.

« ‘Adjetivo: pertencente a orthos,’ » ofereci eu prontamente.

«Parabéns! Uma definição perfeita, e certa logo à primeira tentativa», disse Betty ironicamente.

Desta maneira foi o nosso glossário compilado.

[16] O argumento será desenvolvido no seu lugar devido mais tarde.

[17] Grego—reto, verdadeiro. Como ortodoxo, ortocromático, ortopédico, etc.

[18] Ver Glossário no fim do livro.

[19] Uma trilogia de Tempo, Espaço e Movimento. Ver discussão na Parte II.

PARTE II

CAPÍTULO X

A CONSCIÊNCIA, A ÚNICA REALIDADE

1

Quase há um quarto de século, Stephen, através da mesma estação que Betty está agora a usar, desenvolveu uma filosofia original que muitas pessoas, entre as quais eu, sentiram ter tornado racional—ou pelo menos mais racional—a continuação do indivíduo após a morte.

Cedo na divulgação de Betty percebi, tal como Darby, que o seu próprio trabalho dos últimos vinte anos, como registado em *The Betty Book* e *Across the Unknown,* e o de Margaret Cameron como detalhado em *The Seven Purposes*,[20] bem como a filosofia de Stephen em *Our Unseen Guest*, eram do mesmo tecido que o seu esforço presente—talvez uma base e preparação para o seu esforço presente.

Na verdade, foi a própria Betty quem mais tarde sugeriu que a sua tese atual, embora inclusiva dos ensinamentos pragmáticos e éticos de *The Seven Purposes*, era tão definitivamente uma extensão metafísica da filosofia de Stephen que tornava um resumo do pensamento anterior dele imperativo para a melhor compreensão do leitor atual.

«Sente-se aqui», disse ela, «por inteligências que, quando operavam no universo obstruído, tiveram muito a ver com a estimulação do pensamento público, que este livro particular em que estamos a trabalhar deveria abarcar em grande parte todo o ensinamento. Devemos obter de Darby e Joan permissão para reexpor a substância da sua publicação, e construir esta apresentação numa combinação do que Joan recebeu e do que eu recebi, como uma fundação para o que Joan e eu estamos agora a fazer juntas.»

Portanto, a pedido de Betty, sintetizo brevemente o conceito de Stephen, que assentava no seguinte:

Há apenas uma realidade. Ela é tudo-inclusiva, mas em graus. A sua expressão mais elevada na terra é a consciência, o Eu-Sou do homem cônscio de si mesmo. A consciência, em graus, é a única e exclusiva realidade.

Isto não é uma declaração de idealismo subjetivo. Está tão longe disso quanto do materialismo. Pois como Stephen o formulou:

«Os vossos homens de livros e laboratórios . . . todos procuram encontrar um fundamental no seu atributo favorito da realidade. O idealista fez da mente suprema . . . o materialista fez da matéria suprema. A verdade é que tanto a mente como a matéria são . . . atributos de um que é maior do que qualquer uma delas.»

A esse «maior do que qualquer uma delas» ele deu o nome da sua expressão mais elevada—Consciência.

Betty desenvolveu este pensamento para um visitante sem formação em metafísica.

«Qual é a sua realidade?», perguntou ela. «O que conhece, sem dúvida? Tome esta sala. Tem a certeza de que estas paredes são verdes? Talvez os seus olhos o enganem. Talvez estas paredes sejam cinzentas—tal como um dos seus amigos sempre insistiu! Tome o sal na sopa da noite passada. Talvez não estivesse salgada demais—mais ninguém achou isso—talvez o seu paladar o tenha enganado! Tome todas as suas perceções sensoriais—qualquer uma delas o pode enganar! Então o que é que sabe? Apenas uma coisa. Sabe que é. Essa é a sua realidade—— a consciência. A consciência é a única e exclusiva realidade.»

«Conhece as pessoas que ama», objetou o visitante com dúvidas.

«Como as conhece? O que sabe do Eu-Sou delas? Claro que sabe que elas são entidades no seu universo obstruído. Mas a única coisa de que tem absoluta certeza, o que sabe em qualquer ponto específico de tempo e espaço, é Eu-Sou. Tudo o resto que conhece é em relação ao seu Eu-Sou.

«A consciência», disse Betty, cimentando o conceito básico de Stephen, «é a única realidade.»

[20] Ver Apêndice II—The Seven Purposes.

2

A seguir, a filosofia de Stephen empreendeu uma análise qualitativa e quantitativa da consciência—exatamente como um químico poderia empreender uma análise qualitativa e quantitativa de elementos e compostos—mostrando que aqui na terra a evolução avança apenas a partir de um aspeto quantitativo. Em outras palavras, no que a evolução terrestre pode ser notada e medida pela ciência, um padrão fixo é seguido; obtemos desenvolvimentos cada vez mais elevados das espécies terrestres, mas em qualquer intervalo observável de séculos não ocorrem novas espécies, não ocorrem novos géneros. Pode-se criar melhores cães, cães maiores ou menores, cães com pelo

mais encaracolado ou mais liso; mas são sempre cães. Contudo a ciência também sabe que nas várias eras da história da terra surgiram novos géneros. O homem, por exemplo, o género *homo*.

De onde? Macacos? Ou um ancestral comum do homem e dos macacos? Essa é uma teoria da evolução. Mas mesmo para o Modernista mais convicto—o crente na evolução em oposição ao grupo em rápido decréscimo de Fundamentalistas que contestam a evolução—a sugestão de uma ascendência simiesca simplesmente não bate certo. Em algum ponto ao longo da linha há um facto em falta, bem como um «elo perdido»! Contudo, em 1916, Stephen tinha dito:

«A vossa ciência conhece apenas metade da evolução.»

Admitindo a verdade do desenvolvimento quantitativo da evolução aqui na terra, que dizer do desenvolvimento qualitativo da evolução—essas aparições periódicas neste mundo de novos géneros e novas espécies, ou mesmo de novas variedades nessas espécies tão radicalmente diferentes a ponto de fazerem a ciência, incapaz de explicar a sua origem, chamar-lhes «mutações»?

Postulando a vida terrestre como evolução quantitativa, Stephen proclamou que a outra «metade da evolução» era qualitativa. Assim estabeleceu para a Consciência—a única e exclusiva realidade—dois planos ou, talvez melhor, dois modos: a evolução quantitativa, ou a vida aqui como a conhecemos, e a evolução qualitativa, ou a vida lá como ele a conhece após o que chamamos morte. O seu plano, ou modo, de consciência, disse ele, é qualitativamente livre; tal como o nosso plano, ou modo, de consciência terrestre é quantitativamente livre ou, no máximo, sujeito apenas a tais limitações que resultam da qualidade fixa de indivíduos e espécies.

Com base na evolução, então, e na própria necessidade da evolução de explicar as suas mutações, a filosofia de Stephen afirma um plano ou modo de existência qualitativo como uma necessidade inevitável para o desenvolvimento destas mutações.

Novamente:

1. A evolução foi aceite por Stephen como um facto ou lei;

2. A totalidade da consciência, a realidade fundamental, está em evolução;

3. As manifestações terrestres da consciência estão em evolução apenas quantitativamente;

4. Segue-se que o aspeto qualitativo da consciência pode estar em evolução apenas no seu próprio plano—um algum lugar além da vida terrestre.

E neste «algum lugar», disse Stephen, existe toda a consciência não observável em qualquer período dado na terra, uma vez que nenhuma partícula de consciência se pode perder.

Ele afirmou ainda que o facto de a consciência qualitativa estar limitada na sua evolução ao seu próprio plano explica a qualidade fixa das espécies terrestres—o homem como homem, a árvore como árvore, o ouro como ouro, a eletricidade como eletricidade.

Mas não nos devemos esquecer de que a Consciência é o fundamental—a única realidade comum, apesar de todas as manifestações e atributos.

«A consciência da erva daninha não é diferente em género daquela que se manifesta como uma corrente elétrica, e a consciência manifestada pela corrente elétrica não é diferente em género daquela que se manifesta como o que chamam matéria inanimada, inorgânica. A consciência é. É a única e exclusiva realidade, sempre igual em género, embora os seus graus sejam muitos», declarou Stephen.

Na verdade, há graus dentro de graus. Para ilustrar:

O homem nasce neste mundo quantitativo a partir do grau humano de qualidade, não do grau-árvore, nem do grau-cão, nem do grau-energia-elétrica, nem de qualquer outro dos múltiplos graus, mas a partir do seu próprio grau humano. No entanto, embora o homem individual nasça homem, a sua capacidade como indivíduo varia grandemente da dos seus semelhantes. No próprio grau humano de qualidade há uma sucessão do que poderíamos chamar subgraus, explicando as diferenças individuais.

Assim o homem, como qualquer pedaço individualizado de consciência, vem para este mundo quantitativo com um grau fixo de qualidade. Ele nasce homem, e não pode mudar isso; mas ele também nasce com um grau de qualidade individual para si próprio. Isto, também, ele nunca pode mudar—a sua capacidade para fazer, para compreender, para se tornar. Mas ele pode preencher essa capacidade; ele pode ganhar para a sua consciência individual um grau de desenvolvimento quantitativo proporcional à sua qualidade.

Não há nada de complicado sobre este pensamento. Já o sabemos. Ninguém defenderia por um momento que o Tony na vala e Einstein no laboratório são do mesmo grau de qualidade. Por isso quando um homem nasce, é um homem porque nasceu da qualidade humana da consciência; mas nasce o seu tipo de homem porque vem do seu subgrau particular dentro dessa qualidade, trazendo consigo não só uma humanidade inalterável mas uma capacidade individual fixa. Então o que pode ele fazer? Obviamente, pode desenvolver-se quantitativamente. Pode preencher a sua capacidade,—ou chegar tão perto de a preencher, ou tão longe de a preencher—quanto o seu livre-arbítrio escolher. Em todo o caso, ele faz isso fazendo o seu trabalho, passando por experiências e assimilando essa experiência. Em outras palavras, vivendo a vida terrestre. A maneira como a vive determina quão alto uma marca na sua capacidade ele faz. E, incidentalmente, em qualquer ser humano há mais capacidade do que os seus melhores esforços são suscetíveis de preencher. Não transbordará!

3

A isto, em distinção da qualidade da consciência, Stephen chamou «acumulação de quantidade de consciência». Isso, claro, é terminologia; e, como toda a terminologia, deve ser amaciada antes de se tornar um encaixe fácil para a mente.

Stephen amaciou-a através do uso de ilustrações simples:

«Tome uma margarida comum do campo», disse ele. «Ela, no seu caráter terrestre, será sempre uma margarida, embora pelo cultivo possa ser tornada uma coisa de muitas pétalas, de vida intrincada. Assim é com o indivíduo.»

O Tony na vala pode ir para a escola noturna, e sustentar os seus pais incapacitados, e chegar a ser bastante homem; ou pode ficar na vala e chegar à velhice bastante o mesmo Tony. Não totalmente. Não há ninguém que não acumule alguma quantidade. Tanto um Tony como um Einstein, cada um de acordo com a sua qualidade, podem, e crescem, aqui na terra intelectual, moral e socialmente. Cada um constrói o que chamamos caráter. E sabemos que a extensão dessa construção depende da iniciativa pessoal de cada um, do seu livre-arbítrio individual.

Pois este pensamento de qualidade-quantidade relativamente ao homem é tão antigo quanto as eras. Lembram-se da «Parábola dos Talentos»? Como a um homem tinham sido dados cinco, e a outro dois, e a um terceiro um? E como o homem dos cinco talentos acumulou outros cinco, e o homem dos dois talentos outros dois, enquanto o homem de um talento—enterrando o seu no chão—nem sequer tentou? E o Senhor elogiou os primeiros dois «servos» nas mesmas palavras, igualmente, embora o homem dos cinco talentos tivesse regressado com dez talentos e o homem dos dois talentos com apenas quatro. Apenas ao homem de um talento o Senhor repreendeu, porque nem sequer tinha tentado. Cada um dos primeiros dois tinha aproveitado ao máximo a sua capacidade individual; cada um deles tinha preenchido o seu próprio grau de qualidade quantitativamente.

4

E agora a este esboço simples do ensinamento de Stephen devem ser adicionadas mais duas ideias principais, ambas declaradas por ele mas deixadas, aparentemente, para desenvolvimento por Betty estes muitos anos mais tarde. A primeira:

«A forma é um atributo da consciência . . . todas as manifestações da consciência têm forma . . . na evolução qualitativa bem como na evolução quantitativa»—no universo desobstruído bem como no obstruído.

Isto é um pensamento reconfortante porque aqui no plano quantitativo estamos tão habituados à forma. Tudo o que vemos ou percebemos tem forma; tudo o que não conseguimos ver, mas não obstante aprendemos a medir ou usar, tem forma. Nós próprios temos

forma; um impulso elétrico tem forma. Não conseguimos ver a forma qualitativa (universo desobstruído)—mas também não conseguimos ver todas as formas quantitativas (terra, universo obstruído)—o ar, por exemplo. Contudo, Betty dir-nos-á mais sobre isso.

A segunda proposição a ser notada agora é o que Stephen chamou Lei Paralela.

«Há dois grandes vislumbres», disse Stephen. «A evolução é um destes. Com esta verdade o vosso mundo já está familiarizado. . . . Na matéria inorgânica, a evolução encontra uma expressão; no processo reprodutivo da vida, outra; nas fases intelectuais e morais do empenho humano, ainda outra. . . . Mas é sempre a mesma lei, as suas manifestações variáveis são paralelas entre si. Agora aqui onde estou há leis, tão naturais como as vossas . . . que são paralelas às leis, evolução incluída, do plano terrestre.»

«Queres dizer», perguntou Darby (em 1916), «que a lei espiritual é simplesmente uma expressão mais complexa da lei material, e que a lei do teu plano é apenas um paralelo da lei natural ou do plano terrestre?»

«O paralelismo, assim definido», respondeu Stephen, «é o segundo dos dois grandes vislumbres, o maior realmente de todos os vislumbres. Se os cientistas da terra . . . interpretarem as leis psicológicas com base nas chamadas leis materiais, eles elevarão a garantia da existência do meu plano para fora do campo da crença mística para o do facto razoável.»

E aí, por momentos, Stephen deixou o Paralelismo, apesar de lhe ter chamado «o maior realmente de todos os vislumbres». Talvez tenha sido deixado para o desenvolvimento mais preciso de Betty.

Mais um dos termos de Stephen parece pertinente—monismo pluralista. É uma pega útil para pensar, embora seja apenas outra forma de dizer «muitos num só» ou, quanto a isso, «*e pluribus unum*». Os Estados Unidos, por exemplo, são uma nação, manifestada, contudo, em quarenta e oito estados. A unicidade da consciência é um fundamental da filosofia de Stephen, mas tão fundamental é a sua insistência em que a consciência, estando em evolução, se manifesta em graus e em individualizações dentro desses graus. Assim é na

terra, e assim é, disse Stephen, em toda a consciência, qualitativa bem como quantitativa. Daí o monismo pluralista.

«Um suporte razoável, à luz do vosso próprio conhecimento», disse ele, «no qual pendurar a vossa fé»[21]—fé na imortalidade.

Mas entre a imortalidade do seu plano qualitativo numa qualquer vida futura e a mortalidade do nosso plano quantitativo nesta vida, Stephen deixou uma parede; uma parede entre dois planos—um aqui, o outro lá.

Agora, vinte e quatro anos mais tarde, Betty, tendo morrido, «volta» através da mesma estação para proclamar que «há apenas um universo». O seu trabalho, foi-nos dado a entender nessa primeira noite em que ela falou comigo através de Joan, era tentar abrir um buraco na parede de Stephen.

[21] Todas as citações de Stephen são de Our Unseen Guest, publicado por Harper & Brothers, fevereiro de 1920.

CAPÍTULO XI

PEDRAS DE ROCHA

1

«A consciência», disse Betty, «é o ponto de partida para tudo.» Uma declaração familiar para nós; contudo de tal importância que ela achou que valia a pena voltar a ela com tanta frequência que começámos a fazer piadas sobre o assunto.

«A consciência—» começou ela uma noite.

«—é a única e exclusiva realidade», Darby e eu fornecemos em coro.

«—como vos disse uma e outra—» continuou ela imperturbável.

«—e outra, e outra, e outra, e outra vez», terminámos nós por ela.

Não obstante, ela não foi dissuadida de o dizer novamente.

Isso é verdade no aspeto cosmológico; em outras palavras, a consciência é o tudo. Além da consciência não há nada. De volta à consciência toda a manifestação pode ser rastreada. Da aceitação deste

conceito dependerá o desenvolvimento posterior do argumento de Betty.

É também verdade quanto a nós individualmente. Não precisamos de muita reflexão para ver que assim é. Betty tornou isso claro na sua pequena homilia ao nosso visitante não versado em indagação filosófica. Connosco ela estabeleceu-o como conceito básico Número Um.

A consciência é a única e exclusiva realidade.

2

Depois ela percorreu novamente o terreno que tinha coberto ao apresentar-nos o seu próprio primeiro novo conceito: o de que há apenas um universo.

«Todos os novos conceitos que me foram atribuídos para trazer até vocês», insistiu ela, «devem ser baseados no facto de que há apenas um universo.»

Como premissa de onde partir, tivemos de aceitar mais ou menos sem críticas as suas afirmações iniciais relativas aos aspetos obstruído e desobstruído deste universo. Ela disse que nós vivíamos no aspeto obstruído, ela no desobstruído. Ela assinalou que nós somos obstruídos pela matéria—«vocês chocam», como ela definiu, contra uma parede de pedra; ela obstrui-vos e têm de trepar por cima dela ou contorná-la. Vocês chocam contra o espaço—a distância linear obstrui-vos e têm de empregar algum meio para ir de lugar para lugar.

Vocês chocam contra o tempo; dizem: «Não tenho tempo para fazer» isto ou aquilo, e querem dizer que a duração fixa de uma hora ou de um dia ou de um ano vos está a obstruir. Vocês chocam contra o movimento; alguma taxa de velocidade, lenta ou rápida, está continuamente a obstruir-vos. Vocês chocam contra o pensamento, as ideias das pessoas; todos os dias elas vos estão a estorvar, a limitar, a obstruir. Poderíamos citar exemplos indefinidamente. Não há dúvida de que vivemos e operamos num universo obstruído.

«Mesmo assim», disse Betty, «vocês têm uma perceção atual e presente do meu universo desobstruído. Ficarão maravilhados ao

descobrir quanto do meu universo está no vosso conhecimento presente.»

Isto, claro, era realmente a sua tese básica: a de que há um universo desobstruído, e que ele se entrecruza com o nosso; de que, além disso, mesmo o nosso aspeto obstruído é obstruído apenas para nós, e não para ela. Por isso na verdade os seus argumentos principais de prova pertencem a discussões alargadas como as que encontraremos nas suas análises detalhadas do tempo, espaço, movimento, matéria, e assim por diante. Mas desde o início ela despendeu tempo a assinalar-nos que logo no meio das nossas obstruções óbvias há muitas coisas que conhecemos, ou aceitamos pela palavra da ciência especializada, que para nós como seres humanos não são obstruções.

«Sabe», disse ela, «que tudo ao seu redor, todo o tempo, são cores, sons, energias—até partículas flutuantes infinitesimais de matéria orgânica bem como inorgânica que nunca percebe; das quais passa o seu dia totalmente inconsciente. Quando pára para pensar, reconhece o facto de uma onda de rádio—e poderia ter caminhado através de uma. Mas ela não o obstruiu. Por isso para si simplesmente não estava lá. Se apenas pensar, descobrirá que já sabe bastante sobre um universo desobstruído. Pelo menos sabe que há todo um mundo físico, ou campo, de realidade mensurável e utilizável que não lhe causa nenhum inconveniente e do qual não está normalmente consciente. Mesmo consigo agora há um universo desobstruído além do seu universo obstruído ordinário, e com ele lida a cada minuto dos seus dias.»

E assim colocamos no lugar a sua segunda pedra de rocha.

Há apenas um universo. Um universo, do qual há uma fase desobstruída bem como uma obstruída. E como corolário: sem o saber, nós já, até certo ponto, habitamos o aspeto desobstruído.

3

O conceito básico seguinte é o que, por conveniência ao início, Betty chamou lei paralela.

Lembrar-se-ão de que na revisão anterior de *Our Unseen Guest* Stephen foi citado como tendo dito que a Evolução e a Lei Paralela eram os «dois grandes vislumbres», e que a lei paralela, ou paralelismo, era «realmente o maior de todos os vislumbres». No entanto, Stephen não foi além de afirmar que todas as leis conhecidas da terra são paraleladas no plano invisível. Betty abordou o seu próprio desenvolvimento desta ideia com cautela.

«As minhas palavras são pesadas: tenho de as pesar», disse ela. Depois, após uma pausa, aparentemente para consideração, começou:

«A lei dos paralelos, que Stephen promulgou, é mais concreta do que nessa altura era possível quer para a estação recetora quer para a estação concetual abarcar mentalmente. Não têm nenhum atributo familiar no universo obstruído que não seja paralelado com um atributo e lei coincidentes, operantes, no universo desobstruído. Isso é importante. Agora vamos mastigar isto.»

Mastigámos isto, com algum proveito evidentemente, pois alguns dias mais tarde ela voltou ao assunto—com um peso muito diminuído!

«Quanto mais fundo entramos na coisa», disse ela, «mais simples se torna, porque, como vos disse, há apenas uma lei. Tudo o que precisam de fazer é pegar na vossa lei limitada e projetá-la numa operação ilimitada. A compreensão da lei limitada que trouxe comigo tornou possível ajustar-me rapidamente e projetar-me na compreensão de, e cooperação com, o aspeto ilimitado da mesma lei. Devem enfatizar o paralelismo. Estendam a mão ao longo das leis limitadas que melhor compreendem, para me encontrar.

«O que chamam lei natural é apenas um reflexo, por assim dizer, da lei órtica que rege o meu universo desobstruído. Há apenas um universo, uma realidade. O universo-único-e-exclusivo é pluralista, como a consciência, a realidade fundamental, é pluralista. O meu aspeto do universo é desobstruído. O vosso aspeto do universo é obstruído. Mas não há condição ou facto que tenhamos aqui que não esteja pelo menos prefigurado no vosso mundo.

«Agora os vossos laboratórios estão constantemente a descobrir novas manifestações, novas leis. Cada uma dessas leis tem um paralelo aqui, e cada uma é útil para vocês e para nós. Todas as leis e

manifestações descobertas do vosso lado estão a operar do nosso lado. E do nosso lado há muitas leis e manifestações que vocês não descobriram e não percecionam. Anos mais tarde tudo isto será contado novamente na terminologia das nossas leis ainda por descobrir por vocês.

«Mas»—e aqui estava o ponto importante—«não se trata de modo algum de um caso de paralelismo real. É na verdade uma extensão em operação da mesma lei, isso é tudo. Se vamos usar a palavra 'paralelo', temos de tornar claro que não se trata de um caso de duas leis diferentes. Claro que há leis a operar aqui que vocês não descobriram. Quando forem todas descobertas, será de facto um único universo. Não vos posso falar sobre elas, pois não há palavras ainda. A razão pela qual Stephen usou a palavra 'paralelo' foi porque todo o universo está, no que vos diz respeito, dividido no obstruído, ou o vosso mundo, e—pelo menos nas vossas esperanças—o desobstruído, ou o meu mundo. Ter ele dito que há apenas uma lei que se estende por todo o universo teria sido incompreensível. A coisa que quero tornar perfeitamente clara para vocês é que cada lei no universo, que compreendem ou que não compreendem, quer opere dentro quer fora da vossa apreensão, estende-se por todo o universo. Não há lei aqui que não seja potencialmente descoberta no vosso mundo, embora claro que haja muitas ainda não descobertas.»

A mesma lei funciona em ambos os aspetos do universo.

4

A coisa que ela queria transmitir-nos a seguir era que a consciência, individualizando-se, dividindo-se nas incontáveis manifestações de entidades que compõem todo o universo, opera em trilogia—em três. Nisso não se pretendia nenhum significado oculto de numerologia. Era meramente outra forma de dizer que o universo é tridimensional; embora ordinariamente o termo signifique para nós apenas comprimento, largura e espessura. Betty precisava de alargar o campo coberto por esse termo.

Como acontecia frequentemente, ela lançou a ideia subitamente sobre nós, e depois, pouco a pouco, aqui e ali, no decorrer de muitas sessões, deu-lhe contorno.

«Primeiro, quero estabelecer a palavra ‘constante’ como definindo um aspeto sempre presente e inclusivo», começou ela.

Nós objetámos imediatamente. «Constante», lembrámos-lhe, recebeu um significado matemático inflexível pelos físicos.

«Significa fixo, inalterável, invariável no cálculo integral e afins», explicou Darby.

«Não estou familiarizada com o cálculo integral», respondeu Betty de forma algo desdenhosa. «Nem Joan. Mas há quem aqui me diga que têm razão. Com o que estou familiarizada é com o uso quotidiano da palavra—o uso vernacular. Quando eu dizia a alguém, ‘Choveu constantemente durante dois dias,’ queria dizer que choveu sem interrupção durante dois dias; e fui assim entendida. Tenho de usar palavras—as palavras de Joan. O substantivo ‘constante’ significa para ela o que o adjetivo significa na sua linguagem quotidiana—sempre presente sem ser fixo. Podia chuviscar ou chover a cântaros durante dois dias, e contudo chover constantemente. Sempre presente, mas não fixo. Em sentido nenhum fixo.»

Ela foi enfática quanto ao significado não ser fixo. Por isso, após muita discussão, adicionámos «coexistente» à nossa crescente terminologia. Foi uma palavra, descobrimos nós, que a própria Betty tinha usado na nossa quarta sessão. E o registo diz: «Notem a nova terminologia que estou a usar.» Esta frase foi lançada num longo parágrafo de ditado como uma frase parentética. Nós não a tínhamos notado; uma falha que nos tinha causado infinitas voltas mentais. Mas tínhamos apanhado a tempo. O universo «tridimensional» de Betty está longe de ser fixo. Está muito enfaticamente em evolução. Mas é coexistente com a Consciência.

«Agora, se têm esse significado em mente», continuou ela, «discutirei convosco as trilogias coexistentes do vosso universo obstruído. Têm, por exemplo, sólidos, líquidos, gases: terra, ar, água.» Ela debitou pelo menos mais uma dúzia, meramente para ilustrar, como uma espécie de incentivo, mas demasiado rápido para a minha «taquigrafia». «Na trilogia do espaço reduziram-no às preposições—de, em, para. O tempo é ontem, hoje, amanhã. Por todo o vosso universo tridimensional corre a trilogia, cientifica, material,

psicologicamente, até misticamente. Há as três Graças, as três Parcas. Foi preciso o grande psíquico, Cristo, para propor o pensamento: 'Pai, Filho e Espírito Santo; estes três são um.' Em todo o caso, as trilogias de comprimento, largura e espessura e de ontem, hoje e amanhã são coexistentes sempre presentes do vosso universo obstruído.»

O universo obstruído—o nosso universo físico—opera em trilogias.

5

A aplicação imediata que ela desejava fazer deste conceito era:

O universo obstruído—o nosso universo físico—opera em trilogias. Mas—o mesmo faz o universo desobstruído. O mesmo faz a própria consciência.

E para esta operação básica ou acompanhamento da consciência no seu universo desobstruído, Betty, do nada, cunhou o termo *trilogia*, para diferenciar das trilogias da nossa experiência terrestre tridimensional.

«Vocês têm as vossas trilogias na vossa vida quotidiana. Mais vale chamar às verdades eternas da consciência '*trilogia*' em vez de 'trilogia',» determinou ela.

Cedo ela estava a colocar novo conteúdo mesmo na nossa palavra quotidiana «trilogia»; enquanto o seu próprio novo termo «*trilogia*» se tornou carregado de um significado muito especial. Para ilustrar:

A consciência como a conhecemos no universo obstruído opera através dessa trilogia que aceitamos como Tempo, Espaço e Movimento.

A consciência como Betty a conhece no universo desobstruído opera através da *trilogia* que consiste nas essências do Tempo, Espaço e Movimento; estas essências são Recetividade, Condutividade e Frequência, respetivamente.

Da natureza destas essências, e da interação das mesmas, vem tudo o que conhecemos—e não conhecemos—do universo. Para compreender esse processo, contudo, temos de obter uma noção do que elas são em *orthos*, e não do que são conforme nós próprios as

experienciamos. Lembrem-se de que *orthos* é «a operação da consciência nos seus aspetos desobstruídos». Em outras palavras, devemos tentar compreender o tempo, espaço e movimento de Betty; e construir a partir daí.

CAPÍTULO XII

ORTHOS e as ESSÊNCIAS

Para aproximar a compreensão do tempo, espaço e movimento de Betty—ou do nosso próprio, quanto a isso, se a sua divulgação for verdadeira—devemos adquirir alguma imagem mental ou aceitação de *orthos*.

Isto não é fácil. Foi particularmente difícil para Darby e para mim, porque ambos estávamos ainda bastante atolados na física newtoniana. Além disso, apesar das repetidas afirmações de Betty, bem como de Stephen, relativas à evolução como um facto em vez de uma teoria, permanecia no nosso fundo mental algo estabelecido que era absoluto e portanto inalterável e imutável.

Mas à medida que Betty nos levava cada vez mais longe em direção ao seu universo desobstruído, percebemos que as suas declarações—das quais não a conseguíamos mover por toda uma bateria de argumentos—implicavam o oposto do que os intelectuais do nosso mundo têm vindo a aceitar como o raciocínio mais lógico, desde os dias pré-cristãos de Platão até ao materialismo da mecânica exata do nosso próprio século XX. Tínhamos sido ensinados a pensar em termos de absolutos, reais; e aqui estava Betty a derrubar das nossas mãos a vara de medir favorita da filosofia. A consciência, a realidade de todo o universo, está em evolução; o que está em evolução não pode ser um «absoluto». E isso, manteve firmemente Betty, era tudo. Dogmática, inabalável, categórica!

Não que ela rejeitasse um Grau Supremo de Consciência. Ela meramente o empurrou para trás, para fora do finito, para o infinito. O infinito nós não compreendemos, não podemos compreender, pois o grau supremo está além da nossa compreensão.

Ao tentar uma discussão sobre isto, enquanto Betty ainda estava aqui, os Invisíveis tinham-nos dito que devíamos manter firmemente

em mente a perceção de que o grau supremo está além da compreensão terrestre na realidade, e que, enquanto nós aqui temos o privilégio de examinar toda a consciência pela simples razão de que nós próprios somos pedaços individuais de consciência, e portanto dentro de nós está a capacidade potencial de compreensão, devemos fazê-lo a partir do aspeto finito.

Neste conceito assenta o pensamento que reconcilia completamente a atitude de Betty, como esboçada acima, com a sua fé religiosa naturalmente profunda.

Dentro desta estrutura do finito, então, ela tinha estabelecido o tempo, o espaço e o movimento como a grande trilogia terrestre. Que nós operamos nesta trilogia é autoevidente, uma vez que esse facto seja chamado à atenção. Não há mais nada em que nós da terra possamos operar.

A seguir ela procedeu à projeção destes três conhecidos do nosso universo no seu universo, «despindo», como ela chamou, as nossas características aceites de cada um e chegando assim às suas propriedades essenciais. É com estas essências, disse-nos ela, que o seu universo desobstruído lida. E é aqui que o seu termo «essência» entrou; «despido» até ao significado da sua raiz latina *esse*—ser.

Estas essências, a grande *trilogia* do seu universo desobstruído, correspondem à trilogia coexistente (tempo, espaço e movimento) do nosso universo obstruído. Cada uma destas essências será explicada separadamente num capítulo próprio. Não obstante, e embora tenham sido definidas no capítulo anterior, devem ser reexpostas aqui como a conceção básica de *orthos*—reexpostas tal como Betty as reexpôs «uma e outra e outra vez» para a árdua compreensão de Darby e de mim.

1. A essência do Tempo é a Recetividade.
2. A essência do Espaço é a Condutividade.
3. A essência do Movimento é a Frequência.
4. A trilogia coexistente do universo obstruído (Terra) é Tempo, Espaço e Movimento.

5. A *trilogia* coexistente do universo desobstruído (o de Betty) é Recetividade, Condutividade e Frequência.

Essas cinco declarações são da maior importância—e para serem lembradas.

Por um longo tempo—pareceu longo na nossa luta para abarcar as suas ideias, embora, como disse, na realidade ela tenha transmitido todo o seu conceito em apenas quarenta sessões—Betty permitiu que a nossa discussão a três sobre recetividade, condutividade e frequência avançasse não só na suposição de serem as essências do tempo, espaço e movimento; fomos também autorizados a considerá-las os «absolutos» do tempo, espaço e movimento. Como ela disse mais tarde, era a única maneira de conseguir meter a sua cunha nos nossos cérebros! Algo como a teoria de dar corda suficiente a alguém. . . !

De qualquer modo, uma noite no meio de uma discussão rápida e sucinta, Darby subitamente deu uma volta de 180 graus.

«Não gosto da palavra ‘absoluto’,» anunciou ele. «É demasiado estática.»

Veio então uma dessas pausas abruptas e cheias de significado—parecendo a estação ser mantida numa espécie de animação suspensa—que passámos a reconhecer como anunciando algo de significado especial. Esperámos. A estação permaneceu imóvel. A esta afirmação de Darby, Betty aparentemente não tinha resposta. Certamente o seu silêncio nada fez para o ajudar. Por isso esperámos mais um pouco.

«Ouve», ejetou ele finalmente. «Porque não podemos usar a palavra ‘órtico’ em vez de ‘absoluto’?»

Ao que Betty desatou numa série de risadinhas triunfantes. Era o riso satisfeito—e satisfatório—da própria Betty, não o de Joan.

«Muito bem! Muito bem!», exclamou ela. «Já o apanharam vocês mesmos agora! É por isso que tivemos de fabricar a palavra ‘*orthos*’. Tivemos de descartar a palavra ‘absoluto’. Absoluto conota estático, e o meu não é um mundo estático. Está em evolução.»

Claro que nos tinha sido dito isso «uma e outra e outra vez». No entanto. . .

«Suponho», disse Darby para mim, «que devíamos tentar conceber o universo desobstruído de Betty, não em termos do nosso tempo, espaço e movimento, mas em termos de recetividade, condutividade e frequência. Essa é a abordagem dela ao tempo, espaço e movimento.»

«Abordagem ao nada!», Betty retorquiu-lhe antes que eu pudesse responder no meio do meu louco sobressalto de «taquigrafia» para registar tudo. «O tempo, o espaço e o movimento são o resultado; são aparências, se quiserem, no vosso universo obstruído da recetividade, condutividade e frequência conforme elas verdadeiramente operam em *orthos*. Lembrem-se de como vos demos a palavra '*orthos*' porque no grego original significa verdadeiro. É apenas uma palavra, claro. Mas significa—realmente—a condição ou estado da consciência qualitativa no meu universo desobstruído, tal como sideral significa a condição ou estado da consciência quantitativa no vosso universo obstruído. Não se esqueçam: *orthos* significa verdadeiro. Todo este tempo tivemos de argumentar a partir das vossas perceções de tempo, espaço e movimento em direção ao verdadeiro. Isso está certo. Mas para o tornar claro, para que compreendam totalmente, também devia ser argumentado a partir do verdadeiro—*orthos*—em direção às vossas perceções do verdadeiro.»

Deixámos isto entranhar-se por um momento ou dois em silêncio. Depois—

«Talvez devêssemos tentar obter uma espécie de imagem mental de *orthos*», aventurei eu.

«Talvez devessem», assentiu Betty secamente.

E assim começámos tudo de novo; mas desta vez de cima para baixo a partir dela, em vez de baixo para cima a partir de nós. Não posso ser mais claro do que repetir o dar-e-receber das nossas perguntas.

DARBY: O que é exatamente significado pela tua palavra grega, *orthos*? Exprimes com ela o complexo da chamada *trilogia*, cobrindo todos os seus coexistentes de todos os aspetos?

BETTY: Sim. *Orthos* é o verdadeiro, o correto e o inclusivo.

DARBY: Parece-me que temos de a usar com um conteúdo. *Orthos* cobre o complexo da essência do espaço, da essência do tempo, da essência do movimento?

BETTY: Sim.

DARBY: Cobre também o nosso aspeto de universo obstruído dos três?

BETTY: Não.

DARBY: Não é sinónimo de consciência?

BETTY: Não.

DARBY: É então uma palavra cunhada para cobrir a realidade, como vista do universo desobstruído, do tempo, espaço e movimento?

BETTY: Cobre os constituintes da consciência.

DARBY: Por ela queremos dizer o complexo de todos os três constituintes—a *trilogia*—do universo desobstruído?

BETTY: Ela existe no universo desobstruído, não no universo obstruído. *Orthos* é a condição verdadeira e correta do meu universo desobstruído: a única coisa padrão, a norma, da qual tudo o resto é apenas um reflexo. Isto não significa que *orthos* esteja fora da evolução. Está em evolução. Aquilo que é verdadeiro e correto como uma norma pode crescer. Mas só pode crescer corretamente, sem se desviar, fiel a si mesmo. Também *orthos* é uma realidade fundamental, enquanto a matéria e a força e todas as coisas com que brincam no vosso mundo químico e físico são os resultados apenas de várias juxtaposições dos coexistentes.

A última frase de Betty parecia trazer *orthos* diretamente para o nosso universo obstruído. Mas ela não permitia isto. Nem devíamos pensar em *orthos* como «céu», embora a velha ideia de preenchimento e intocabilidade como uma condição do céu, assegurou-nos ela, seja

um «grande vislumbre». Vislumbre era uma palavra favorita de Stephen e ele usava-a no nosso significado quotidiano de ver ou compreender uma porção ou parte de uma coisa ou de um facto sem abarcar a sua verdade completa ou o todo. Por isso penso que poderíamos ir até aqui—as condições de *orthos* e do «céu» são as mesmas: intocável, sem desvios quanto à observância da lei, correto e verdadeiro.

Betty estava satisfeita por termos a ideia finalmente. Parecia bastante simples nessa altura, e estávamos inclinados a pedir desculpa por termos sido tão lentos. Mas isto, também, ela não permitia.

«Toda a gente tem de percorrer uma e outra vez um caminho para fazer um trilho batido», assegurou-nos ela. «O que procuramos é o trilho batido, o rasto visível que nem a chuva nem o vento nem o crescimento da natureza consigam apagar. Os únicos trilhos batidos atuais no universo obstruído são ideias concetuais. Estamo-los agora a criar. Boa noite.»

Concetuais? Existia tal palavra? Não existia. Mas ao procurar o substantivo do qual devia derivar encontrei outros adjetivos invulgares, tais como concepcional, cunhado por contribuintes do pensamento não menos grandes do que o nosso William James e George Frederick Stout de Inglaterra. Eles, também, evidentemente sentiram a necessidade de novas palavras para expressar novas ideias.

CAPÍTULO XIII

O TEMPO

1

«Agora penso que devíamos começar a clarificar o assunto do Tempo», começou Betty. «Há três tipos de tempo: o tempo sideral ou de relógio; o tempo psicológico; e depois um terceiro ou tempo órtico, que vamos discutir. O tempo sideral é uma fixação do vosso universo; depende dos movimentos dos planetas, e é medido por calendários e relógios. O tempo psicológico é mais flexível. É o vosso sentido interno do tempo. Vocês, por vocês próprios, podem mais ou menos controlar o vosso sentido do tempo sideral através do vosso tempo psicológico. Se estão felizes, e ocupados, uma hora é curta: se estão com frio e desconfortáveis, uma hora é longa.»

Mas, se quisermos, continuou ela a assinalar, podemos frequentemente pegar numa determinada hora e torná-la longa ou curta. Podemos enchê-la com distração, interesse ou divertimento; ou podemos simplesmente ficar sentados e estar aborrecidos. Dessa forma controlamos de facto o tempo sideral por meio do tempo psicológico. Mas o controlo, temos de admitir, é fragmentário e parcial.

«No nosso universo podemos—em parte—controlar o tempo psicológico», reconheceu Darby, «mas isso não muda realmente o tempo sideral.»

«Não», concordou Betty. «O que eu disse foi que no universo obstruído o indivíduo, por meio do seu tempo psicológico, pode controlar o seu sentido de períodos limitados de tempo sideral.»

«Está certo», Darby prosseguiu o seu ponto, «mas ele não controla os movimentos siderais, ou o relógio. Ele meramente dá conteúdo ao tempo.»

«Ele está a controlar o tipo de tempo no qual existe», disse Betty. «O vosso tempo psicológico é realmente o tempo em que vivem.»

Isto, em reflexão, tivemos de conceder que é profundamente verdadeiro. As nossas vidas não são, em retrospetiva, medidas por anos, mas pelo conteúdo desses anos.

Nós, no nosso universo obstruído, temos tempo sideral e tempo psicológico. O tempo sideral é a nossa vara de medir ou constante—

constante matemática, entenda-se; e, no que nos diz respeito, pode dizer-se que o controlamos—parcialmente—pelo tempo psicológico.

«Agora», disse Betty, «eu tenho no meu universo desobstruído o tempo órtico e o tempo psicológico. E eu controlo o tempo órtico de uma maneira semelhante, por meio do tempo psicológico. Só que há esta diferença: O vosso domínio do tempo psicológico é apenas parcial, como admitirão; o meu é mais próximo do completo. Em outras palavras, estou liberta do tempo sideral; e não sou dominada pelo tempo psicológico, antes o emprego no controlo do tempo do meu próprio estado de ser.

«No vosso uso e no meu uso do tempo psicológico há um paralelo. É isso que quero dizer quando digo que o nosso tempo psicológico levamo-lo connosco, e usamo-lo para controlar o nosso tempo órtico.

«O tempo órtico é a realidade. O tempo sideral, que é uma realidade para vocês, é apenas um atributo da matéria: é uma obstrução.

«Mais uma coisa—o tempo psicológico, pelo qual os outros dois são modificados, é a única variável para mim tal como é para vocês. Tanto o tempo sideral como o tempo órtico são ‘constantes’, na medida em que servem como uma base de comparação bem como de cálculo matemático. Ambos estão em evolução; mas o seu processo evolutivo não perturba mais o vosso—ou o meu—uso deles como uma norma do que o movimento da Terra sobre o seu eixo ao redor do Sol perturba o vosso equilíbrio físico. Em outras palavras, o tempo sideral é suficientemente ‘constante’ para servir o vosso presente mecanismo de perceção individual e o presente estado evolutivo do universo obstruído—uma norma suficientemente ‘fixa’ pelos movimentos ordenados dos corpos celestes para servir os vossos propósitos matemáticos.

Da mesma forma, o tempo órtico é um coexistente fundamental do meu estado de Ser. Estes factos—e especialmente a natureza do tempo órtico—explicam certas discrepâncias e desvios que os vossos trabalhadores de laboratório encontram na sua investigação científica e que, até agora, não foram capazes de explicar.»

Seguiu-se uma rápida troca de palavras entre Betty e Darby.

«Por favor nota que estou a usar a palavra ‘constante’ no sentido matemático», disse ele. «Nesse sentido o tempo sideral pode dizer-se que é uma constante. É o tempo órtico, plenamente abarcado, também uma constante?»

BETTY: Isso é verdade para o Supremo, no infinito. E o tempo sideral para vocês é uma constante infinita—um conceito—mas é só isso. Funciona tão longe no vosso tempo quanto vocês consigam ir, mas—

DARBY: Sim, mas o nosso tempo sideral é também um estabilizador para o nosso tempo psicológico. O que eu quero saber é se tu—não o Supremo, mas tu—tens um estabilizador semelhante.

BETTY: O tempo órtico é um estabilizador para nós, claro. Mas o vosso tempo sideral é apenas uma constante no sentido universal. Matematicamente, vocês podem calculá-lo dessa maneira; mas ordinariamente não o fazem.

DARBY: Então o vosso tempo órtico é uma constante matemática num sentido universal correspondente, isto é, impessoal? Sem essa constante, a experiência subjetiva do vosso lado seria um manicómio.

BETTY: Certamente! Não haveria denominador comum.

A importância desta troca parecia residir nisto: que, tal como o tempo sideral é uma constante universal à nossa escolha, e não por nosso hábito, assim o tempo órtico é uma constante matemática para Betty à escolha dela, e não necessariamente por seu hábito. Em outras palavras, ao afirmar o caráter constante do tempo órtico devemos também perceber quão efémera no nosso próprio modo de pensamento é a constante do tempo sideral. Também de importância é a declaração de Betty de que podemos aplicar a constante do tempo sideral apenas tão «longe quanto consigamos ir». Além do nosso alcance torna-se apenas um conceito matemático, não verificável por casos.

3

Ora a coisa que nos permite manipular o nosso tempo psicológico, insistiu Betty, é o facto de termos realmente uma perceção interna do tempo órtico, fundamental, no nosso estado de ser no universo obstruído, embora não o reconheçamos como tal.

«Na verdade», afirmou ela, «ao contrário da vossa conceção aceite, o tempo órtico é melhor compreendido por vocês no vosso universo obstruído do que qualquer outra das leis universais que controlam todo o universo. O que quero dizer é que este tempo em que existo não é apenas partilhado por vocês, mas pode ser concebido por vocês a partir da vossa própria experiência—ia dizer franjas de experiência. Disse-vos que o vosso tempo psicológico é realmente o tempo em que vivem. O tempo que está mais enraizado, contudo, é o tempo órtico. Esse é o tempo que temos aqui.»

Essa era uma declaração bastante audaz. Protestámos que não compreendíamos absolutamente nada sobre o tempo órtico, exceto o seu nome, que até agora não tinha significado para nós. Betty respondeu que não esperava que o compreendêssemos; mas que queria realmente que reconhecêssemos a sensação dele—do tempo, apenas tempo, divorciado dos aspetos siderais.

«Uma criança não sabe nada de relógios. No entanto tem um sentido de tempo. Vocês estão treinados para o tempo sideral», disse ela. «Quando uma criança nasce no mundo, traz consigo a aceitação do tempo—apenas tempo. Certamente não tem conceção de um período mais longo ou mais curto de tempo sideral, enquanto o tempo psicológico é ainda apenas uma das suas potencialidades como entidade humana. Este conhecimento inicial—instinto, se quiserem—é do meu tempo. Tempo órtico. Mesmo um idiota, privado de atividade mental controlada, tem uma perceção do tempo órtico. Ele sabe que existe—no tempo. É puramente instintivo, porque é um coexistente do Ser. É o Ser; um tempo sempre presente; sem princípio e sem fim. Claro que é um conceito difícil para o vosso pensamento moderno porque a realidade foi perdida através da vossa experiência pessoal; tal como, antes de vocês, tinha sido perdida através da experiência da raça que é a vossa herança terrestre.

«Esse é o preço da civilização. O homem educou-se para fora da sabedoria inerente—'comeu da árvore do conhecimento'—e agora pelo suor do seu rosto intelectual deve procurar a verdade por si próprio novamente. E sendo, lembram-se, 'apenas um pouco inferior aos anjos', o homem encontrará a verdade, uma vez que a verdade está aqui para ser encontrada no meu universo desobstruído; em *orthos*.

«Mas», voltou ela à sua linha de argumento, «vocês têm outro auxílio na vossa compreensão do tempo órtico, e esse é o sono. As coisas acontecem no sono sem relação de tempo.»

«Não tenho dificuldade com o tempo sem acontecimentos», disse Darby. «Tenho a sensação disso, mas . . . o tempo que sugeres», continuou ele, «teria de ser sentido no cerne interno de alguém como um tempo que é distinto ou elevado acima da sensação de duração! O tipo que reconhece o Ser como uma constante, não uma variável.»

«Sim», assentiu Betty, «não tem divisão, nem por horas nem por memória de acontecimentos. O gato, o cão, a criança recém-nascida vivem nesse tempo. Este tempo—enquanto estamos conscientes dele, e vocês pelo menos o reconhecem—é ainda para vocês um X. Uma criança está perfeitamente consciente dele, e tem de se desenvolver antes de sair de viver nesse tempo. No entanto vocês têm sempre projetado a vossa individualidade para o meu tempo. Estão sempre a fazê-lo; todo o mundo faz. Reconhecendo, para usar os vossos termos, a constância do Ser. Esse é o tempo que o vosso cientista vos diria que não tem passado, presente, nem futuro. É um coexistente. Sempre que tocam nisso, está lá.»

«Obter uma noção da qualidade colapsável do tempo através da transmissão instantânea do rádio pode ser um vislumbre de como estas pessoas agem neste terceiro tipo de tempo», sugeriu Darby.

«Vamos unir-nos», pediu Betty, «porque este assunto do tempo é o fator comum entre nós. É o único lugar onde nos podemos encontrar com compreensão. Vocês podem estar conscientes do meu tempo muito melhor do que podem ter uma perceção do meu tipo de espaço desobstruído. O espaço, como o conhecem, é uma série de obstruções.»

Tudo o que ela esperava de nós, nesta fase do seu argumento, era que tivéssemos a sensação disso. Mais tarde, prometeu-nos ela, saberíamos do que tudo isto se trata.

CAPÍTULO XIV

O ESPAÇO

1

O trabalho seguinte revelou-se uma grande tarefa. Tínhamos de ganhar uma sensação de espaço similar àquela que tínhamos chegado, pelo menos parcialmente, a sentir como uma sensação de tempo. E depois disso, de movimento. Do seu caráter, isto é, no nosso universo obstruído e no universo desobstruído de Betty—sideral e órticamente, em suma. Estre três, a grande *trilogia*, disse Betty, eram os conceitos básicos da sua nova divulgação. Uma vez que os possuíssemos—e isso significa possuíssemos—ela prometeu-nos navegação fácil e acostagens fascinantes de nova aventura nesta sua terra estranha. Mas tínhamos, tínhamos simplesmente, de fazer o trabalho árduo de construir estes três conceitos na nossa estrutura mental. Por isso demos um suspiro e abordámos o espaço.

Isto foi, como Betty tinha previsto, um assunto muito mais difícil do que o anterior.

«Vocês podem estar conscientes do meu tempo muito melhor do que podem ter uma perceção do meu tipo de espaço desobstruído. Já concedi que o espaço, como o conhecem, é uma série de obstruções», disse ela no início.

«Está certo», concordou Darby, «sem obstruções, não há espaço. A ciência mede de um limite—uma obstrução—a outro.»

«O espaço sideral está dividido e obstruído tal como o tempo sideral. Eles são parecidos. E quanto ao vosso espaço psicológico? Têm de o ter, bem como ao tempo psicológico», comentou Betty.

«Suponho», refletiu Darby, «que a dificuldade em obter a sensação de espaço puro reside no facto de não termos instinto para ele como temos para o tempo. Podemos facilmente sentir um tempo sem acontecimentos. Não sentimos tão facilmente, se é que sentimos de todo, um espaço sem lugar. Poderias dar-me a mesma sensação de espaço sem lugar que tenho de tempo sem acontecimentos?»

«Bem», tentou Betty, «toda a dificuldade é que duas coisas aconteceram. Primeira: muito antes de vocês nascerem tinha sido descoberto que a vossa terra material, em vez de se estender plana até ao infinito, era redonda e voltava sobre si mesma. Por isso têm o conhecimento, no que diz respeito ao espaço sideral, de que se forem suficientemente longe na superfície da terra, voltarão ao lugar de onde partiram. Por outro lado, nunca podem voltar a nenhum dos vossos pontos de partida no tempo sideral.

«A outra dificuldade é que o vosso espaço sideral é não só medido de forma obstruída, mas é medido muscularmente. Vocês não podem ficar sentados inativos, e sem movimento de qualquer tipo—quer pelos vossos pés, quer pelos pés de um cavalo, quer por um automóvel ou um navio—ter um ponto definido no espaço a vir até vocês. No vosso universo, para esse ponto no espaço e vocês entrarem em contacto, têm de ter um movimento. Por outro lado, com o tempo sideral não precisam de fazer absolutamente nada sobre o assunto. As dez horas chegarão para vocês, quer levantem um dedo quer não. O vosso escritório não chegará para vocês, a menos que o vosso corpo, em algum tipo de movimento, cubra as milhas.

«Ora essas são as duas desvantagens que têm de superar na compreensão do espaço órtico. Por isso parece-me que a melhor maneira de tentarem obtê-lo na vossa mente é olhar para fora e para cima para o universo onde têm, no que diz respeito à vossa experiência pessoal, nenhuma obstrução muscular e nenhuma limitação. O problema é que foram educados para fora do vosso

sentido de espaço órtico, e ainda não alcançaram o vosso sentido de tempo órtico.»

«Na terra redonda lidam com duas dimensões apenas», objetou Darby, irrelevantemente, pensei eu. «Não vejo como a geometria plana, ou mesmo a sólida, vá ajudar.»

«Oh, usei a imagem do globo apenas como uma ilustração de uma dificuldade», devolveu Betty com um toque de impaciência. «Mas lembrem-se disto—vocês tinham a sensação de espaço órtico originalmente; apenas foram educados para fora dela—ainda mais do que no caso do tempo órtico. Ainda assim, reconheço o vosso problema, por isso vamos tentar tempo-espaço, e ver se isso ajuda. Essa é uma das novas ferramentas com que brincam os vossos matemáticos, não é? É um recurso provisório, mas pelo menos expressa a insatisfação deles com a sua hipótese de trabalho atual e uma procura tateante por uma nova.»

2

Agora senti que estávamos a chegar a algum lado. Engatar tempo e espaço juntos fez um novo trampolim. Todos os três—tempo, espaço e movimento—estão engatados juntos, lembrou-nos Betty em algum lado; eles são os coexistentes *trilógicos* da consciência. Na nossa experiência eles estão mais ou menos separados uns dos outros, e para análise e compreensão devem ser completamente separados. Mas agora ela recordou-nos o que tinha dito algumas noites antes sobre a maleabilidade do tempo e do espaço, mesmo connosco. E do que Stephen nos disse. Ele tinha aparecido por um momento quando Betty estava a hesitar um pouco.

«O que a Sra. White quer que compreendam», tinha ele dito, «é que descobertas recentes tornaram possível para vocês ter uma melhor compreensão da nossa razão de tempo do que de qualquer outra das nossas características partilhadas», e retirou-se prontamente.

«A que descobertas se referia Stephen?», perguntei a Betty.

«Ele queria dizer o rádio e os vários novos feixes de luz que afetam a razão do tempo e do vosso espaço geográfico», respondeu

ela. «Vocês têm, por causa deles, uma nova razão entre o vosso tempo e o vosso espaço.»

«Em outras palavras», contribui eu, «a mesma quantidade de tempo não mede a mesma quantidade de espaço.»

«É isso mesmo!», exclamou ela entusiasticamente. «Tantas horas entre Nova Iorque e São Francisco em vez de tantas milhas! Vocês ouvem um jogo de basebol pelo rádio. É um facto que ouvem o estalo do taco na bola antes das pessoas na bancada ouvirem; vocês estão a 3000 milhas de distância, e as pessoas estão à vista disso. Tal como sempre foram capazes de ver a baforada de fumo antes de ouvirem o tiro do canhão. Isto sugere que a vossa razão preconcebida de tempo e espaço, mesmo no vosso próprio campo, é variável, maleável, e está no processo de restabelecimento.

«Sabem que nós aqui, para usar a vossa terminologia, viajamos longe—chamem-lhe espacialmente; no entanto vocês chamam-me, e eu posso vir imediatamente. A onda—condutividade—que é usada por vocês agora para transmitir vibrações que resultam em som no recetor de um rádio, é parte do nosso habitat natural. Com o vosso rádio estão a isolar, para um uso único, um meio no qual nós habitamos. Este é o vosso 'vislumbre' seguinte da relatividade do tempo e do espaço, algo que vocês próprios estão a usar. Agora, uma vez que o homem desenvolveu uma coisa mecânica através da qual, rodando um par de botões, pode tornar uma nova razão real, não devia ser demasiado difícil conceber uma razão diferente de tempo e espaço para nós.»

«Vocês devem ser capazes de abrandar e de expandir ou de outro modo controlar essa razão a fim de a tornar utilizável», sugeri eu.

«Nós podemos controlar o tempo e o espaço relativamente às nossas necessidades individuais, precisamente como vocês fazem», concordou Betty com isto. «O homem desenvolveu ele próprio um controlo. Vocês podem acelerar ou abrandar, não no mesmo grau que nós, mas muito mais do que eram capazes de fazer mesmo há duas décadas. Estão a começar a controlar a razão de tempo e espaço—tempo sideral e espaço geográfico. A vossa conceção espacial de ontem não é a vossa conceção espacial de agora. Por isso veem que, mesmo convosco, há uma variabilidade e maleabilidade do espaço. No

entanto a realidade factual geográfica é a mesma. Ela é variável e maleável apenas por causa da vossa nova razão de tempo-espaço.

«Agora nós temos aqui um paralelo. Estes paralelos são tão importantes. O nosso tempo órtico e o nosso espaço órtico estão em relação um com o outro, tal como estão o vosso tempo sideral e o vosso espaço geográfico. Vocês são capazes de controlar até um ponto cada vez mais elevado o tempo consumido para cobrir o vosso espaço. Nós controlamos o nosso tempo psicológico mais plenamente do que vocês. Pelo uso do nosso tempo psicológico nós controlamos o nosso espaço órtico. É simples aqui; mas dizem-me que é importante para os cientistas, pois mudará toda a ideia no vosso plano.»

«Uma das primeiras coisas que nos disseste», disse Darby, «foi que a nossa melhor abordagem a uma compreensão do tempo órtico era o nosso sentido de tempo psicológico, o que provou ser verdade. Sinto que para nós obtermos a sensação de espaço órtico teremos de explorar o espaço psicológico tal como fizemos com o tempo psicológico. Por isso porque não alargar a nossa conceção de espaço psicológico?»

«Bem», assentiu Betty, «vamos pegar no troço de estrada desde o pé dessa colina até à estação de correios. Agora tentem desassociar qualquer ideia de tempo disto. Pegamos no teu carro. Subimos. Estamos lá, e claro que cobriste o terreno para lá chegar. Mas qual é a tua recordação disso? Pode ser um branco completo.

«Mas espera até que neve, e tu escorregues, e deslizes para trás na colina, e comeces de novo. Agora qual será a tua recordação da mesma distância sideral—deixando de fora o tempo?»

«Ou», sugeri eu por via de complemento, «suponham-se num pensamento profundo durante a viagem. Subitamente descobrem que estão lá. Não têm sentido nem de espaço nem de tempo em chegar lá.»

«Sim», aceitou Betty isto.

3

Concordámos que tínhamos pelo menos um vislumbre de trabalho do espaço psicológico.

«Tenho um trabalho tão grande. Tenho de vos fazer compreender esta tarde», Betty soou um pouco indefesa, «a realidade factual do espaço, mais a sua indivisibilidade, no que respeita ao obstruído e ao desobstruído. Em outras palavras, o vosso espaço e o meu espaço são o mesmo. O seu ponto de indivisibilidade está em *orthos,* do qual vocês estão de certo modo conscientes. No universo obstruído a linha de demarcação varia para trás e para a frente.»

Ela procurou por alguns momentos um ponto de partida.

«Quando olham para as estrelas sabem que elas existem; e elas estão tão longe que há espaço factual que não podem possivelmente percorrer, que apenas a luz pode percorrer.»

«Isso não é espaço órtico—espaço desobstruído», objetou um de nós.

O pensamento tentado parecia ser que não podíamos chegar a tal espaço para o manusear mecanicamente, como manuseamos o espaço ao nosso alcance.

«Claro que é obstruído, de certo modo», admitiu ela. «Mas para a vossa compreensão parece apenas para fora.»

Darby teve uma ideia.

«Será que o tempo órtico desmistifica o espaço completamente? É possível que o espaço seja um fenómeno apenas do tempo sideral: e até certo ponto, claro, do tempo psicológico? Nas regiões mais elevadas de nós próprios encontramos um sentido de tempo órtico; mas não encontramos um sentido correspondente de espaço órtico. Isso sugere que não há espaço órtico.»

Era uma grande ideia, e se pudesse ter sido adotada na nossa filosofia teria certamente simplificado o universo. No momento tanto Darby como eu tomámo-la como adotada, pois Betty meramente observou: «Disse-vos que o espaço é uma série de obstruções. Ora o nosso espaço é o vosso espaço. Vocês têm manifestações que são obstruções para vocês. Essas mesmas obstruções, para vocês, não são obstruções para nós. Há apenas um universo.» Esta foi uma daquelas declarações délficas que podem ser tomadas de qualquer das formas, e fechou essa sessão.

«Peço-vos que usem as vossas próprias mentes para me ajudar a clarificar», começou Betty, na sessão seguinte. «Quero que ambos tentem conceber um limite para o espaço. Ou poderiam conceber o tempo e o espaço como sendo a mesma coisa?»

«Bastante difícil. A taxa de movimento é uma coisa, e isso equivale ao tempo: a direção do movimento é outra coisa, e isso equivale ao espaço.» Tanto Darby como eu pensávamos até agora que ela estava a falar do nosso espaço. Na nossa conceção, nesse momento, esse era todo o espaço que havia! Darby tinha desmistificado o espaço órtico. No entanto devia haver um paralelo.

«Concordamos que as obstruções fazem o nosso espaço no nosso universo obstruído. O que de análogo às obstruções faz o vosso espaço no vosso universo desobstruído?», dei voz a isto.

«Não quero perturbar o vosso sentido da realidade do meu universo desobstruído», Betty estava hesitante. «Bem, vamos reduzir o problema às paredes desta sala. Suponham que dentro desta sala estava todo o espaço no universo, e estamos todos aqui. Todo este espaço é criado para vocês por obstruções—isto é, as cadeiras, a secretária, o sofá e assim por diante fazem todos pontos de distância de tantos pés de intervalo.

«Agora o contorno—a limitação—a fronteira—deste espaço arbitrariamente restrito é tão real para mim como para vocês. Estou a ser e a pensar nele. No entanto dentro deste espaço estas coisas não são para mim nenhuma obstrução.

«Suponham que pegavam na infinidade do universo. O universo como tal contém todas as estrelas, nebulosas e assim por diante. Vocês chamam a isso o universo. A vossa conceção e perceção limitadas dele é toda feita de obstruções. Mas há o espaço órtico, tal como há o tempo órtico, e estamos todos a Ser nele.»

«Espera aí!», exclamei eu. «Pensava que o Darby tinha abolido o espaço órtico!»

«A vossa dificuldade é esta: apesar do facto de terem divisões de tempo sideral, essas divisões não são coisas materiais. Por isso mantiveram uma conceção qualitativa do tempo órtico. Ora a vossa

experiência terrestre com o espaço é materialmente obstruída. A vossa própria habitação física, o vosso corpo, é ele próprio uma obstrução; e essa obstrução é por sua vez dificultada e obstruída por esses atributos de forma de consciência mais baixa que fazem a vossa matéria material. Porque chocam contra isso, não conseguem conceber o meu espaço tão facilmente quanto concebem o meu tempo. Não podem ter nem tempo nem espaço nem movimento sozinhos no vosso universo obstruído. Mas pela mesma razão não podem intercambiar um pelo outro. Cada um ergue-se sobre os seus próprios pés convosco, e o mesmo fazem comigo.»

Darby ergueu ambas as mãos; mais uma ideia brilhante que deu errado!

«Muito bem, vamos restaurar o espaço órtico», concedeu ele resignadamente. «Nós vivemos num universo espacial baseado na obstrução; ela num universo desobstruído onde o espaço não é relativo!»

«Darby», consolou-o ela, «a coisa por que estavas a tatear e expressaste mal era que tu sabes que a matéria é o atributo de forma da consciência e como tal é uma obstrução convosco. Nós definimos o vosso espaço como uma série de obstruções. Mas estas são apenas atributos de forma. Não são obstruções para mim. O espaço existe para mim em essência.»

«E não há linhas de fronteira?», perguntou Darby.

«Pontos apenas.»

«Eles servem o mesmo propósito espacial que as nossas obstruções servem—como marcadores?»

«Claro que sim. Mas disse-vos que no meu universo não temos obstrução. Temos espaço. O espaço connosco não é mais estático do que convosco. Ele expande-se e contrai-se, de acordo com a sua razão com o tempo. Vamos discutir.»

Darby estava na dúvida.

«Engatar o espaço com a obstrução de tal forma a contrastá-lo com o vosso espaço sem obstrução não é exato, porque vocês têm de ter a coisa que nos faz pensar que temos obstrução», objetou ele.

«Correto», aprovou Betty. «O grau da vossa perceção do meu tempo órtico é a medida da vossa perceção individual do universo desobstruído, ou da indivisibilidade factual do universo como um todo. O espaço, como o concebem, é a antítese do espaço como uma realidade factual. O meu espaço é a realidade factual; o vosso espaço é apenas uma conceção. Vivendo não só no universo desobstruído, mas também no universo obstruído, uma vez que são um e o mesmo de um todo, eu manipulo o que chamam espaço—e eu chamo condutividade—por meio do que chamam tempo—e eu chamo recetividade. No entanto, o nosso espaço é um existente do Ser. Não é menos um facto do que o vosso espaço.»

4

Concordámos que a nossa galante tentativa filosófica de abolir o espaço, *per se*, no universo desobstruído tinha falhado. Betty tinha espaço; e como ela habitava no universo desobstruído—em *orthos*—devia ser espaço órtico. Mas o que era? Nós não tínhamos a sensação dele. Isso, disse Betty, era exatamente o que devíamos tentar alcançar, em vez de uma compreensão completa—a sensação dele. Como com o tempo órtico. Ela voltou atrás a uma discussão anterior, quando tinha assinalado que nós tínhamos «contraído o espaço» entre Nova Iorque e São Francisco de quase um ano de carro de bois para menos de um dia de vinte e quatro horas por avião.

E eu tinha contribuído:

«Continua esta contração até uma conclusão lógica. Ela foi provocada pela remoção de obstruções. Contrai-o, pelo mesmo processo, além de toda a obstrução, e terás o teu espaço sem lugar.»

«Tenta isto», sugeriu ela. «Faz uma chamada telefónica para São Francisco. Ouve a voz. Onde está o espaço entre Nova Iorque e Pittsburgh, e Cleveland, e Chicago, e Denver? Não está lá.»

«Então quanto mais próximo da completa instantaneidade do tempo se chega, como com o rádio, mais próximo se chega da instantaneidade do espaço?», perguntei.

«Em outras palavras», Darby apanhou o pensamento, «se postulares dois lugares separados num qualquer campo determinado, como o aparelho de difusão e recetivo da transmissão de rádio, então nesse campo particular—transmissão de rádio—os dois lugares tornam-se instantaneamente um só lugar.»

«Ou em qualquer outro campo, com um grau de frequência suficientemente elevado. É a extensão desse campo em frequência que vai estabelecer a existência do universo como um só», exclamou Betty, jubilosa.

Como estação concetual Darby estava a ir muito bem, como o seu contributo seguinte provou.

«Tome a condição psíquica», sugeriu ele. «Observe a Joan—a sensação de espaço obstruído parece perdida com ela. Que tal isso, Stewart? Parecia Betty experienciar isso quando estava a trabalhar aqui?»

«Nenhum sentido de espaço. 'Estou simplesmente lá', ela dizia isso frequentemente», respondi eu.

«No vosso subconsciente não há perceção do espaço sideral», Betty ajudou agora mais. «Tome mesmo os seus próprios pensamentos. Pode imagem na mente de qualquer lugar familiar, ou mesmo um lugar imaginário, sem nenhuma relação de todo com o espaço sideral.»

«Alguma sensação diferente de espaço em voo? De deixar o espaço sideral?», perguntou Darby.

«Definitivamente», concordou Betty. «Você deixa a obstrução da terra. Claro que há obstruções atmosféricas, das quais na terra não sabiam nada. Mas admitindo isso, e assumindo um voo suave e fácil, você tem um sentido definitivo de ter eliminado o espaço obstruído. Tem um sentido de ser você próprio uma parte do espaço. Se voar suficientemente alto, e não olhar para baixo, e não observar as obstruções—que são divisões do seu espaço habitual—obtém o

sentido da identidade de si próprio com o espaço, tal como admitiu um sentido da sua identidade com o tempo.»

«Acredito que posso levar essa ilustração um pouco mais longe», interpus eu. «Como disseste, o nosso espaço é feito por obstruções. Quanto mais obstruções conseguirmos remover, mais perto chegamos de um sentido de espaço órtico, uma vez que, por definição, *orthos* é uma condição de nenhuma obstrução. Agora vamos fazer do teu voo um voo noturno entre Salt Lake City e São Francisco. Estamos fechados numa cabine escura. O único espaço sobre o qual sabemos alguma coisa é o pequeno espaço nessa cabine. Nós e esse espaço somos suficientemente parecidos para o argumento. Não há praticamente nenhumas obstruções, no que podemos percecionar. Assumimos um voo suave. Na verdade, a única obstrução de que os nossos sentidos podem estar conscientes é o ligeiro som da hélice contra o ar. Por isso—no que nos diz respeito—somos todo o espaço que há. No entanto começamos em Salt Lake City, e encontramo-nos em São Francisco. Passámos por um monte de espaço sideral. Mas sem o sentir. O único espaço que sentimos foi o espaço na pequena cabine, mas esse é praticamente idêntico a nós próprios. Que tal isso para uma sensação de algo como o espaço órtico?»

Por uma vez eu tinha-me saído bem. Betty aclamou isto entusiasticamente.

«Pedi-vos para usarem as vossas mentes», exclamou ela. «Agora aqui está mais uma ilustração de despir o espaço. Tome a última mensagem de Eduardo VIII, quando abdicou. Essa voz foi ouvida mais amplamente do que qualquer outra em toda a história. Enquanto ele falava em Londres, pessoas em cada porção do vosso mundo ouviram a sua voz, simultaneamente. Não havia espaço sideral.»

Nós não tínhamos de o compreender plenamente, ainda: isso seria tentado em discussão posterior. É suficiente por agora se obtivermos a sensação dele, lembrou ela.

CAPÍTULO XV

O MOVIMENTO

1

«Um dos grandes vislumbres dos cientistas loucos», disse Betty, «é o movimento perpétuo. Essa é uma das verdades que o homem vislumbrou e tentou realizar, mas falhou; o sonho dos inventores loucos—o movimento perpétuo!

«Pois o movimento é um coexistente do Ser. Há movimento em tudo o que existe. O tempo e o espaço são coexistentes da realidade do Ser. Eu sou: O Tempo é: O Espaço é. Se há Ser, há Tempo e Espaço. E se têm a combinação Tempo-Espaço, estão a caminho de ter Movimento.»

Aqui estávamos nós novamente, de volta ao «novo brinquedo dos vossos matemáticos»—Tempo-Espaço.

«Muito bem», disse Darby. «Aceitamos tempo-espaço, hifenizado pelo bem do argumento. Suponhamos um objeto em movimento entre dois pontos. Em certo sentido, isso é apenas outra forma de dizer tempo-espaço. Agora aceleramos o movimento. Exatamente em proporção com a aceleração, encurtamos o tempo e contraímos o espaço. Assim telescopamos o tempo-espaço.»

«Exatamente», disse Betty. «Mas o que significa isso exatamente? Aprendemos que tanto o tempo como o espaço são maleáveis. Já o vosso universo obstruído mede comummente a distância entre dois pontos (espaço) por tantas horas (tempo). O que torna essa medição possível?»

«O movimento», concordámos nós.

«Mas não o que chamam a taxa de movimento», avisou Betty. «Isso é outra coisa novamente. Essa é a medida específica, o que

podem contar. Mas é apenas o movimento que torna a contagem possível—movimento; o último, e o primeiro dos três inseparáveis.»

2

Agora temos aqui também uma trilogia de aspeto. Temos o movimento-em-relação, com o qual estamos mais familiarizados; temos o movimento psicológico, um facto que não apreendemos até quase ao fim da divulgação, e o movimento-em-si-mesmo, isto é, o movimento órtico.

Quando finalmente me sentei para estudar o registo como um todo—depois de os resultados estarem todos reunidos, por assim dizer—percebi que na discussão do movimento Betty tinha deliberadamente invertido o seu método de procedimento. Ao lidar com o tempo e o espaço ela tinha usado a mesma sequência, começando com a nossa experiência sideral quotidiana e depois levando-nos através da nossa sensação e compreensão psicológica, até ao seu aspeto de universo desobstruído ou *orthos*.

Mas com o movimento ela mergulhou-nos diretamente do movimento sideral em *orthos*, adiando a discussão do movimento psicológico até perto do fim. Nós não tínhamos notado muito isto, e quando notámos pensámos que era um descuido, embora por essa altura sentíssemos que tínhamos chegado a uma conceção bastante clara do movimento órtico. Por isso, embora não sentindo nenhuma grande necessidade de uma discussão do movimento psicológico, ainda assim pedimo-la apenas para manter o registo intato. E Betty estava mais do que pronta para nós.

Naturalmente estávamos preparados para uma discussão do movimento psicológico na analogia do tempo psicológico e do espaço psicológico. Mas Betty tinha o seu próprio ponto de vista, parecendo a dificuldade ser que qualquer exposição nessas linhas seria apenas uma repetição do tempo psicológico e do espaço psicológico como ela já os tinha explicado. Foi, portanto, um choque quando ela tirou de nós a ideia de que o próprio pensamento poderia ser movimento psicológico.

Duvido que pudéssemos ter aceite isso como o passo seguinte além do movimento mensurável, em-relação-a, que é uma parte tão

principal do nosso viver hora a hora. Penso que ela, e aqueles que trabalhavam com ela, sabiam disto; razão pela qual Betty abordou o assunto do movimento de outra forma.

O movimento-em-relação podemos descartar em poucas palavras. É o movimento ordinário que conhecemos; e, como o Sr. Einstein enfatizou, existe em qualquer objeto apenas como relacionado com algum outro objeto.

«Há movimento atómico», Betty abriu o assunto do movimento órtico. «Vocês não o vêm, mas sabem dele. Isso não é movimento órtico. E movimento celestial. Tampouco esse é movimento órtico, pois é relativo—mensurável; vocês relacionam-no sempre com outra coisa. Mas é na conceção de movimento celestial como uma característica inelutável, sempre em funcionamento, dos corpos celestes que podemos encontrar uma escada de mão para a compreensão do movimento órtico.»

«Muito bem», disse Darby, «estamos bastante familiarizados com o nosso movimento mensurável. Por isso traz a tua escada de mão. Vamos ver se ela alcança até *orthos*!»

«Bem», continuou Betty, «podem imaginar qualquer coisa que não esteja em movimento no sentido universal? A terra gira, a relva cresce, a luz viaja, a madeira decompõe-se voltando ao pó, a água evapora-se em vapor e o vapor condensa-se em orvalho. Algo acontece ao carbono e podem obter carvão que pode ser transformado em calor e gases, ou podem obter um diamante duro o suficiente para cortar vidro—brilhante o suficiente para ser engastado na coroa de um rei! Vocês no vosso universo obstruído estão conscientes de algo que impele, energiza—até sustenta. Uma espécie de cerne com propósito comum a tudo o que conhecem.

«Estão a ver», queixou-se ela, «cada palavra que uso na vossa língua está tão cercada por significados que lhe anexaram, que é quase impossível para mim explicar. Agora não tomem isto de forma demasiado literal», pediu ela, «mas por trás do movimento que conhecem—mensurável—tem de estar o impulso, esse aspeto da consciência que é movimento; um movimento por trás do movimento que se manifesta. Ora a expressão mais elevada de movimento órtico

no vosso universo obstruído é a vida. No entanto, se não houvesse tempo nem espaço, a vida não poderia ter forma.[22] Talvez se eu dissesse que o movimento órtico é o impulso evolutivo, isso sugerisse algo para vocês.»

«Falando de tempo e espaço», Darby tomou um novo rumo, «assuma um automóvel a correr a cem milhas por hora. Acelere-o para duzentas, e depois quatrocentas, e assim por diante. O seu movimento é medido contra o tempo e o espaço. Agora acelere-o até ao infinito e ele não tem nada com que estar em relação: chega perto do movimento 'absoluto'. Seria isso movimento órtico?»

«É possível», complementou Betty, «mesmo no vosso universo, acelerar coisas como um filme cinematográfico ou uma roda tão alto que não os consigam ver. Eles foram além do vosso sentido de visão. É possível acelerar um arame a vibrar tão rápido que o seu som vai além do vosso sentido de audição. Como distinto das manipulações obstruídas, o movimento órtico é o facto do movimento como o conhecem nos graus mais baixos. Uma razão pela qual o conceito é difícil é porque o movimento *per se* é algo que vocês próprios podem criar, operar e controlar—e desse modo torná-lo relativo. É uma obstrução, como o espaço era uma obstrução muscular. Mas vocês usam-no. É demasiado familiar para vocês.»

«É ainda pior do que isso», queixou-se Darby. «Nós temos de analisar o espaço de forma bastante consciente para ver a sua relatividade. Mas o movimento é o auge da relatividade nas nossas mentes. É imediatamente relativo; não temos de o analisar. Na verdade, conhecemo-lo apenas como relatividade. E não penso que meramente adicionar velocidade responda à pergunta.»

«Mas conceba-se a si próprio», instou Betty.

«A mim próprio», Darby refletiu lentamente em voz alta, «distinto dos meus membros. É esse o meu eu em movimento? Não tenho a sensação disso.»

«Tem a sensação de ser estático?», contrapôs Betty.

«No meu eu interno, sim.»

«E quanto às suas relações; para com a sua mente, para com a totalidade da consciência, da qual é parte?»

«Bem—» Darby abanou a cabeça.

«Tome isso com base no conhecimento de um físico. O que cria qualquer movimento? Porque há movimento?»

«É um postulado da ciência física que tudo se move em linha reta até ser desviado ou parado.» Darby obedeceu. «Depois simplesmente reage e obtém-se uma resolução de forças, uma mudança de direção mas nenhuma perda factual de movimento.»

«Que tal isto?», propus eu. «Toma isto a partir do outro extremidade. O movimento é o Ser. E é o movimento órtico que inicia todo o movimento do universo obstruído.»

«A aquecer», encorajou Betty.

«Poderíamos dizer, então, que o que chamamos movimento ordinariamente é afinal apenas um segmento, uma pequena fatia, de um movimento órtico universal», contribuiu Darby.

Agora era a minha vez.

«Há um tempo atrás», disse eu, «concebemos um filme cinematográfico a correr à taxa normal; e gradualmente acelerámo-lo. Depois notámos que alterámos completamente a razão entre o tempo e o espaço como retratados nesse ecrã. Levou menos tempo ao ator para atravessar o cenário do palco, e portanto tornou-se não tão longe através dele—o espaço era menor. E vice-versa. Lembra-te?

«Agora acelera-o até que ele se esvanecesa completamente em nada. O que temos nós? Nenhum filme: apenas movimento. Aparentemente não há espaço nem tempo nele de todo. Aí, por via de ilustração, está um vislumbre de movimento, movimento órtico.

«Agora começa a partir daí e começa a abrandá-lo novamente. O que estamos a realizar? Estamos a trazer de volta o espaço e o tempo para o ecrã. Em outras palavras, estamos a trazer o movimento para a relação com o tempo e o espaço. E por causa desse facto ele diferencia-se de movimento puro em movimento limitado. E entrou no universo obstruído.»

«Eu sabia que íamos conseguir transmiti-lo!», exclamou Betty em grande júbilo.

Foi, como disse, muito mais tarde que, relendo os registos, descobrimos que não tinha havido uma discussão concisa do movimento psicológico. Por isso, lembrando a lei dos paralelos de Betty, Darby perguntou:

«Tivemos o tempo psicológico e o espaço psicológico. Segue-se logicamente que devia haver movimento psicológico. Há? Conta-nos algo sobre ele.»

«Sim», disse Betty, «há. A expressão mais elevada dele no universo obstruído é a vossa perceção do ser. Vocês sabem, por exemplo, que existiam ontem; existem hoje; e esperam existir amanhã. A continuidade do Eu-Sou.»

«Isso é para ser distinguido do tempo?»

«Possivelmente eu devia ter dito, 'do ser do Eu-Sou.' Estão a ver, o Eu-Sou é feito de frequência, que é a essência do movimento.»

Um ponto, de facto, em direção ao qual a ciência tem chegado ao reduzir todo o material com que trabalha a protões, eletrões, neutrões—todas taxas de movimento.

«O que disseste», comentou Darby, «é que o movimento psicológico é essa taxa de movimento que cada um reconhece como a sua própria vibração; reconhecendo também que por trás disso está a taxa órtica de movimento que cada um sabe que é o Eu-Sou.»

«Tome a atividade subconsciente do seu próprio corpo», sugeriu Betty; «isso é movimento. O seu sentido disso poderia ser tão psicológico quanto o seu sentido psicológico do tempo. Vamos começar aí.

«O movimento psicológico é de completa importância porque o caminho individual de volta para *orthos* é através da sua própria frequência. O seu reconhecimento do movimento psicológico, portanto, é de maior importância do que o seu reconhecimento do espaço psicológico e do tempo psicológico. É através desse

reconhecimento que ele toca o Todo e se torna uma parte do Todo no seu próprio sentido dele.»

«A velha frase de James[23] 'fluxo de consciência' significaria alguma coisa aqui?», indagou Darby. Betty assentiu. «Na realidade nós reconhecemos que somos distintos desse fluxo», continuou ele.

«Você reconhece-se a si próprio como uma estação individual nesse fluxo», emendou Betty.

«Reconheço-me a mim próprio como distinto do fluxo», insistiu Darby. «Estou perto do órtico nessa distinção.»

«À medida que considera a importância psicológica do que chama o fluxo de consciência, a sua própria perceção não só se tornará mais aguda e individualizada, mas tornarse-á também mais conscientemente uma parte do Todo, ou do universo, ou de *orthos*. Porque, está a ver, é aquilo que permanece fixo. A única mudança que lhe acontece é a sua relação com o espaço e com o tempo. A sua própria taxa de movimento, vibração, é sua.»

«Na frase, 'o meu pensamento'—» começou Darby, e parou abruptamente. «Ora», exclamou ele em iluminação súbita, «o próprio pensamento é movimento psicológico!»

«Isso foi muito vivo da sua parte», aplaudiu Betty. «Essa declaração simples servirá para o nosso propósito agora, embora devesse ser muito elaborada—a declaração de que o pensamento é movimento psicológico.»

[22] Mais plenamente explicado mais tarde. Mas, brevemente, se não houvesse espaço para uma coisa ocupar, e nenhum tempo para lhe dar duração, ela não poderia existir como uma entidade.

[23] William James, psicólogo e filósofo americano, 1842-1910.

CAPÍTULO XVI

A FREQUÊNCIA

Abordámos o tempo primeiro, depois o espaço, depois o movimento, não como indicativo de importância relativa, mas apenas por conveniência lógica. Contudo, ao lidar com as suas essências será

melhor, penso eu, inverter a nossa ordem de procedimento. Esta foi, de certo modo, a própria ideia de Betty para um ponto de partida. Logo no nosso primeiro encontro ela lançou a palavra frequência, toda sozinha, sem relação com mais nada; mas a sua ênfase fez dela um parágrafo.

«Frequência—frequência!», disse ela, e ficou por aí.

«Frequência de quê?», perguntei quando, dias mais tarde, ela repetiu.

«Da consciência, a única e exclusiva realidade. É o que controla. A consciência está em evolução. Portanto está em vários graus. Cada grau tem a sua frequência. Essa frequência é uma—bem, terei de lhe chamar uma espécie de energia magnética. É uma emanação vibratória da força vital; a coisa que é; a taxa individual.»

«Aparentemente», observou Darby depois de termos discutido este assunto um grande número de vezes, mas livremente, «vamos usar muito a palavra frequência. Gostaria de saber exatamente o que é a frequência.»

«A frequência», disse Betty, «é a essência—»

«Não digas 'do movimento,' » interrompeu Darby. «Já nos disseste isso. E de qualquer modo, tal definição é meramente reexpor o movimento nos termos de uma das suas características ou propriedades.»

«A frequência é a característica ou propriedade essencial do movimento», insistiu Betty. «Não estou a falar sobre taxa de movimento, que é a propriedade ou característica do movimento mais familiar para vocês no universo obstruído. Do que estou a falar é dessa essência da *trilogia* órtica que resulta em movimento.

«A vossa frequência individual e o vosso grau de consciência estão relacionados», continuou ela. «Há, por exemplo, um grau na evolução da consciência a que chamaremos condição-de-árvore; e ao manifestar-se torna-se uma árvore. Ora para isso há uma frequência correspondente. E vocês têm uma faísca elétrica, e isso é um grau de consciência, e para ela têm uma frequência correspondente. Há uma diferença factual na vibração. O movimento é. A frequência é uma

essência da consciência, uma realidade factual. O que vocês chamam movimento é realmente apenas um aspeto da frequência.»

Ela recusou considerar a vibração como um sinónimo.

«Tome a coisa mais simples a que podemos chamar uma frequência. Tome um diapasão. As suas hastes movem-se no espaço a uma taxa temporal.» Darby estava a tatear.

«Isso é movimento, como conhece o movimento», disse Betty.

«O movimento é simplesmente o movimento do diapasão», continuou Darby. «A frequência é o número de vezes que a haste se move em relação ao tempo sideral. Ela faz uma frequência no ar; um tom alto é rápido, um tom baixo é lento. Ou tome o pêndulo de um relógio. Ele está em movimento. Ora, a essência do movimento é a frequência. O pêndulo oscila para trás e para a frente tantas vezes numa determinada quantidade de tempo. A onda de rádio não é diferente. Qualquer objeto, movendo-se para trás e para a frente no espaço a uma certa taxa de tempo, equivale a frequência. Agora, a partir dessa definição como podemos construir a conceção maior de frequência?»

«Lembram-se», prestou-se Betty, «de eu ter dito que a velha e escarnecida ideia de movimento perpétuo era um dos grandes vislumbres. Todo o universo está em movimento perpétuo. Todas as manifestações são os resultados de vários graus de frequência. Para usar os vossos próprios termos, a rapidez da frequência molecular é uma coisa; a rapidez da frequência da luz é outra; a rapidez dessa frequência que se manifesta como vida, como a conhecem, é outra. O meu corpo que tenho aqui está muito próximo de frequência pura. Tem frequência, é verdade; mas está em *orthos*.»

«A divisão em tempo, espaço, movimento, depreendo eu, é apenas para a nossa compreensão. Na realidade são apenas aspetos, não há divisão nítida entre eles?», supôs Darby.

«Não no órtico», concordou Betty.

«O tempo e o espaço», assinalou Darby, «mais ou menos erguem-se sobre as suas próprias pernas: podemos concebê-los separadamente. Mas quando se chega ao movimento e à frequência, eles não se

erguem por si mesmos. Tem de se ter tempo e espaço ou não se pode ter movimento.»

«Oh, sim, pode-se!», afirmou Betty. «Porque você é frequência. Volte à matéria como um ponto de tensão. Conceba que o ponto de tensão da matéria é uma frequência detida. A matéria pode ser desmantelada em chama, ou fumo, ou gás—todas frequências. Aí tem o conceito material de frequência num universo pluralista.

«Mas dê o passo do que chama matéria para o que chama vida. Aí tem a sua essência, o eu, a frequência do Eu-Sou. Vê que o movimento perpétuo é um facto no sentido de frequência perpétua.»

«Queres tu dizer que uma frequência pode existir sem espacial ou temporal—» Darby estava incrédulo.

"Sim", interrompeu ela com firmeza, "se a consciência é a única e exclusiva realidade. Tem aspetos. Tem essências nesses aspetos, manifestadas no universo obstruído como movimento, espaço, tempo. As tuas trilogias são inseparáveis na atualidade. Já te disse isso."

"Frequência significa para mim movimento no tempo", insistiu Darby.

"Frequência significa para ti uma taxa de vibração, uma colocação de partículas ou coisas ou do teu corpo em justaposição. Mas o que és tu mesmo?", sondou Betty.

"Eu mesmo? A totalidade da minha tomada de consciência do mundo exterior e interior", respondeu Darby.

"Isso é bom. Definiste a tua tomada de consciência através de um mundo exterior e de um mundo interior. Mas o que é a tua tomada de consciência?"

"Acho que vou redefinir o *eu* como o meu sentimento íntimo de ser, distinto de qualquer sentimento de tomada de consciência", corrigiu Darby.

"Isso é muito melhor. Este sentimento de ser é conhecedor de uma limitação física. Sabes que o Ser está alojado num corpo. Aprendeste isso; em algum momento entre o nascimento e a primeira infância. Agora, a este *eu* que pode tomar conhecimento de um mundo

interior e de um mundo exterior poderíamos definir como Ser. Esse Ser existe porque uma certa frequência foi detida, e nessa detenção cria uma pessoa humana com a essência do *eu* que é o Ser. É nessa frequência que reside a tua 'vivacidade' de consciência em relação a todas as coisas."

Deixámos a questão assim por esse momento, mas não considerámos o conceito arrumado, pois Darby voltou a ele na sessão seguinte.

"A frequência foi definida como a essência do movimento", começou ele. "Parte da nossa dificuldade pode ser o facto de termos aceite isso, mas não o termos relacionado com a consciência. Aquilo de que estamos a falar é da frequência da consciência, não do movimento. A frequência é a unidade da consciência em movimento."

"A consciência está em movimento", concordou Betty.

"E, do ponto de vista da frequência, o movimento é o fenómeno", sugeriu Darby.

Nisto, Betty ergueu as mãos e Anne fez uma tentativa.

"Toma uma semente na terra", sugeriu Anne. "Ora, essa semente rompe a sua casca e surge um rebento. Mas, para que isso aconteça à semente, ela tem de ter a potencialidade de erva, ou de uma flor, ou de uma árvore, ou de uma erva daninha. Ora, essa potencialidade é a sua frequência."

"Isso significa que a frequência e a qualidade estão, pelo menos, intimamente relacionadas", disse Darby.

"O que é essa coisa em qualquer semente que rompe a casca?" Anne não se deixava desviar da sua linha de interrogação. "Sabes que há ali uma agitação. Que palavra usarias para descrever essa coisa-em-si?"

Ela referia-se à "ding-an-sich" de Kant, sobre a qual Darby e Stephen tinham travado muitas batalhas reais.

"A minha resposta seria movimento", insistiu Darby com teimosia.

“Mas”, disse Anne, “o movimento não começa senão depois de outra coisa ter ocorrido. Algo tem de impelir o movimento. A frequência é mais do que uma característica do movimento. O movimento resulta da frequência.”

“A Betty disse-nos isso”, disse Darby.

“Disse”, concordou Anne, secamente.

“O que estás a postular é que aquilo a que chamas frequência é uma coisa não física além do movimento — ou, certamente, além do movimento como o conhecemos”, argumentou ele. “E não podes usar um termo físico como frequência para descrever uma coisa não física.”

“E se fizesses o que te dizem”, respondeu Anne com azedume, com o seu dialeto mais acentuado do que nunca devido à sua ponta de impaciência, “e desnudasses a palavra — inteiramente, como a Betty te pediu —, não acharias o termo frequência inteiramente físico.”

Depois abrandou e fez o trabalho por nós.

“A palavra frequência”, disse ela, “sugere-te movimento acima de qualquer outro significado devido ao seu uso moderno na física e especialmente em relação à eletricidade. Ora, qualquer termo usado para descrever a essência do movimento deve sugerir ação. Mas tem de fazer mais do que isso. Se fizeres uma análise da palavra frequência e a vestires com todas as suas várias conotações, encontrarás — o que o uso moderno descartou — dois velhos significados da palavra que a fazem ajustar-se perfeitamente à necessidade atual. O adjetivo ‘frequente’ ainda os conserva, embora o substantivo ‘frequência’ os tenha perdido. Estes dois significados são ‘habitual’ e ‘persistente’. O movimento habitual e persistente dá-te conteúdo suficiente da frequência como uma essência ou a trilogia órtica.”

“Ora essa!”, disse Darby.

Mas antes que ele ou eu pudéssemos iniciar a discussão sobre o quanto esta ideia de ação habitual e persistente clarificava a nossa compreensão do movimento órtico, Betty estava de volta.

"Ímpeto", atirou-nos ela de súbito. "Lembras-te, Stewt, de como eu estava sempre a trazer de volta — a usar — a palavra 'ímpeto'?[24] Bem, eu reconhecia o que ela significava na altura, mas não te conseguia explicar totalmente — não sem todo este novo conceito entrelaçado do *orthos* e das suas essências. E não conseguia obter isso até vir realmente para aqui! Outra forma de o dizer seria que a frequência é o ímpeto habitual e persistente do movimento órtico."

Foi a minha vez de exclamar: "Ora essa!"

"A frequência é o movimento eterno que nunca para, e do qual tu fazes parte", continuou Betty rapidamente. "É o teu pedaço de qualidade: é o teu Eu-Sou. Tu és essa frequência de consciência que é um homem; o oxigénio é essa frequência de consciência que é oxigénio; uma árvore é essa frequência de consciência que é uma árvore.

"É difícil para ti porque tu és a frequência; porque a coisa que és é uma detenção de movimento. A tua duração de movimento, a tua frequência, faz de ti o que és, tal como outra detenção de frequência faz a árvore. A frequência é a potencialidade do individualismo imortal. Tudo está em movimento. É por isso que a consciência e o universo estão em evolução."

[24] Quando, como estação recetora aqui, estava a obter o material para *The Betty Book* e *Across the Unknown*. Veja-se ambos para o seu uso original do termo.

CAPÍTULO XVII

CONDUTIVIDADE

1

Betty fez a sua abordagem à discussão da condutividade como a essência do espaço através do éter do espaço de Sir Oliver Lodge. Até

há pouco tempo, como o leitor sabe, esse conceito tem sido considerado suficiente e satisfatório para cobrir a transmissão das vibrações mais subtis — tais como a luz — através das profundezas do espaço onde os nossos meios bem conhecidos e ordinários, como a atmosfera, faltam. Uma teoria ondulatória ou de vibração exigia algum meio de transmissão. O éter foi inventado pela síntese de todas as propriedades da matéria necessárias para tal transmissão, e pela rejeição de todas as outras propriedades de todo. Como síntese, claro, é uma assunção altamente teórica, que forçou a aceitação porque parecia ser a única coisa que podia cobrir o caso.

O éter do espaço é, penso eu, ainda aceitável para uma grande proporção dos físicos da atualidade. Em todo o caso, não sofreu qualquer rejeição de cem por cento por parte dos ortodoxos. Mas é seriamente questionado; especialmente pelos matemáticos. Os iconoclastas não têm ainda um substituto satisfatório; mas estabeleceram o seu caso o suficiente para causar inquietação; o suficiente para criar a impressão de que pode haver um alçapão em algum lado nesta questão do éter.

A primeira intimação de que os nossos amigos Invisíveis poderiam partilhar desta última visão deu-se meramente na formulação de uma declaração sobre um assunto bastante diferente. Isto foi há muito tempo, no decurso de uma das nossas primeiras discussões sobre o tempo.

"O tempo no vosso universo está em relação com a vossa consciência individual", estava Betty a dizer. Seguiu-se um considerável diálogo de parte a parte em que Betty tentou meter-nos na cabeça o manuseamento do tempo psicológico; e falava das descobertas científicas que deveriam ajudar-nos a compreender.

"Está um cavalheiro aqui de pé", disse ela finalmente. "Acha que pode ajudar."

O "cavalheiro" prontificou-se de imediato.

"Os vossos cientistas aceitaram uma hipótese chamada éter como uma atualidade", disse ele, e prosseguiu com uma declaração ilustrativa relevante para o assunto em questão. Mas o que impressionou particularmente tanto a mim como a Darby foi a cautela

da frase de abertura: “Os vossos cientistas aceitaram—” Porquê a ressalva? Caímos na discussão do cisma científico delineado no início deste capítulo.

2

“Acho”, começou Betty, “que o próximo assunto para discussão é a condutividade. Estavam a falar da postulação chamada éter, e da sua atual rejeição por uma certa escola de cientistas.

“A ideia do éter, segundo entendo, é que em coisas como a luz e o rádio se estabelece uma série de vibrações que viajam, e produzem outra série de vibrações nas quais um recetor está sintonizado.

“A dificuldade com a postulação do éter é que ele é concebido como um material, do ponto de vista do universo obstruído.”

Os cientistas tinham de ter, explicou ela, algum veículo de transmissão: por isso começaram com o material que conheciam e, a partir dele, desnudaram todas as qualidades de que não precisavam para o fim ou que eram realmente antagónicas ao fim. Tais como o atrito e o peso, por exemplo. Mas continuaram, como disse Betty, a mantê-lo material; embora tenham refinado esse material o mais finamente que puderam.

“Não veem”, apontou Betty, “que ao descartarem assim propriedades do universo obstruído estão na realidade a dotá-lo com as características do meu estado de ser no universo não obstruído? Estão a fazê-lo tão não obstruído quanto podem!

“É um grande relance; mas, sendo dotado de propriedades não obstrutivas pela ciência, pertence por isso mesmo ao universo não obstruído. Consequentemente, não pode ser material no sentido em que o vosso universo obstruído o concebe. Temos de encontrar um novo nome, porque se lhe chamarmos ‘éter’, caímos na velha terminologia cheia de mofo.

“Este algo que tudo perpassa é um coexistente da consciência.”

Ora aí, pensámos nós entusiasticamente, estava em si mesmo um grande relance! E tão simples! Mas precisávamos das implicações.

3

"É perfeitamente possível que uma vibração com origem em São Francisco seja registada em Nova Iorque, e que passe por esta sala sem que deem por isso", continuou Betty, após uma pausa. "Consequentemente, podem ver que a frequência dessa vibração é mais elevada do que o vosso mecanismo de tomada de consciência pode registar. Ora, eu emprego frequências que são ainda mais elevadas. Vocês ainda não trouxeram para o uso geral um registo vibratório, do ponto de vista mecânico, que possa captar a minha frequência.

Mas é razoável que, se há frequências registáveis além do vosso mecanismo de tomada de consciência — que a engenhosidade do homem mecanizou —, haja também frequências além da sua mecanização atual. É perfeitamente verdade que até agora foi ele que criou — por meio do isolamento e da utilização — as frequências além do mecanismo humano de tomada de consciência que ele capta mecanicamente. Mas também é verdade que, se um condutor não estivesse lá para transportar essas frequências, ele não as poderia captar."

"É, então, em grande grau, através do universo não obstruído que elas são transmitidas?", supus eu.

"Exatamente", disse Betty.

"A diferença entre a onda de rádio que empregam e a frequência que empregamos em paralelo a ela é que a nossa vai em linha reta: não há obstrução concebível para ela. Se atirassem uma bola e não houvesse obstrução por nada — gravidade, ar, resistência, nada —, ela iria em linha reta. Mas a frequência da bola atirada em movimento não é suficientemente elevada para escapar a essas obstruções. Por isso cai ao chão. O rádio, infinitamente mais elevado em frequência do que a bola, ainda não é suficientemente elevado para escapar à obstrução: por conseguinte, é curvo. E os vossos mecanismos atuais podem registá-lo.

“O meio que postulo para a condutividade é inteiramente não obstruído, e deve portanto ser distinguido da velha teoria do éter, que ainda traz atrás de si uma conceção materialista.”

Darby resumiu o problema científico.

“O cientista”, disse ele, “habituado apenas ao conceito de condutores materiais, mas forçado a postular um condutor além do material conhecido, foi obrigado a dotar o seu éter com propriedades além do seu conhecimento físico, mas ainda em conformidade com a sua conceção materialista de condutividade. Mais tarde, certos cientistas experimentaram a derivação gravitacional com a luz, mas não encontraram nenhuma. Portanto, desacreditam o éter e dizem que a própria onda é tudo o que há.”

“O movimento é um coexistente do Ser”, interpolou Betty. “Essa coexistência é um facto. Mas lembrem-se sempre de que estão condicionados por um universo obstruído.”

“O deslocamento das ondas na água é para cima e para baixo, não para a frente. Farão estas vibrações mais elevadas, as ondas de rádio — de que estamos a falar —, deslocar este vosso novo éter através do qual passam?”, prosseguiu Darby.

“Não, elas passam através dele.”

“Mas a água é deslocada para cima e para baixo”, objetou Darby.

Isso, disse Betty, é porque a água como meio é uma obstrução. A onda é obstruída porque a sua frequência é baixa.

“Toma a vibração do som”, disse ela. “Podes medir numa máquina[25] o movimento para cima e para baixo do ar. Mas, lá está, o ar é uma obstrução. A frequência do teu corpo é tão baixa que embates contra uma árvore; mas a frequência do rádio é suficientemente elevada para passar através da árvore. Quanto mais elevada for a frequência, menor é a obstrução.”

“E quanto mais elevada a frequência, menor a perturbação do meio?”, deu seguimento Darby ao pensamento. “Este vosso ‘novo éter’: o que é isso no vosso universo não obstruído, qual é o paralelo

para o propósito do velho éter? Que função serve esse novo éter no vosso universo não obstruído?"

Por enquanto, Betty aceitou sem objeção esta sugestão, e esta terminologia, de um "novo éter" para substituir o velho. Até o usou ela mesma. Mas, assim que possível, descartou-o. Era para ela uma hipótese provisória, por assim dizer, para evitar confundir-nos.

"É", respondeu ela à pergunta de Darby, "o meio para a condução da frequência. A ideia do éter foi um grande relance. Mas, tal como os vossos físicos pensaram que ele deveria ter obstrução e descobriram que não tinha, assim agora descobrem esse facto a apontar para uma condutividade não obstruída. Esse meio existe. Ao mesmo tempo, no vosso universo — que ele perpassa, tal como ao meu —, há obstrução nas frequências de graus mais baixos. Vocês mesmos podem obter vibrações tão elevadas — já as criaram tão elevadas — que não podem ser registadas nem obstruídas. Quando conseguem fazer um registo delas, elas são obstruídas.

"Nós temos comunicação uns com os outros aqui. Temos um paralelo do som. Vocês não nos podem ouvir, e a razão é porque a nossa frequência sonora está acima da vossa obstrução e, portanto, do vosso registo.

"Nós destruímos o velho éter — que insisto ter sido um grande relance. Estamos agora a postular algo que perpassa todo o universo. É o condutor universal. É por meio dessa condutividade que obtêm a luz."

"—e tudo o que está acima das frequências que podem ser conduzidas pela matéria?", complementei eu.

"Sim. Um passo mais além: até agora o universo obstruído não foi capaz de registar frequências suficientemente elevadas para seguirem em linha reta, isto é, frequências não obstruídas. Irão consegui-lo. Toda a tendência é nesse sentido. Todas as frequências mais baixas são curvas, mas coisas como os raios X, o rádio e assim por diante são muito menos variáveis do que, digamos, o som registado da voz."

[25] Ela refere-se à projeção do raio catódico numa tela do som como uma linha de luz.

4

"Bem, toma o som", disse Darby. "Há algo que é conduzido meramente através da atmosfera. Num vácuo, o som de um despertador simplesmente não existe."

"Não para ti: mas está lá. O teu registo do som é feito através dos teus sentidos corporais. Eu poderia ouvir o teu despertador no vácuo", afirmou Betty.

"Espera lá", objetou Darby. "O som é uma vibração transportada por meio de ondas através do meio do ar. Parece-me que nenhum éter é necessário; o ar é suficiente."

"Apenas as baixas vibrações são registadas na atmosfera", fez Betty uma distinção. "As ondas de rádio passam através do corpo, mas o corpo não as regista. A atmosfera tem uma qualidade de obstrução. É do universo obstruído. Acima dela não podes respirar, não existes. O som existe, se o pudesses registar."

A vossa própria ciência, protestou ela, postula que a vibração, *per se*, continua indefinidamente — ou infinitamente. O som é vibração. Em que meio continua ele quando atinge os limites da atmosfera? Num diferente?

"Concebes que no limite da atmosfera as vibrações mudem de transporte?", perguntou ela pitorescamente. "Ou não começaram elas no mesmo veículo que as há de transportar mais para fora?

"A atmosfera, ou qualquer outro meio físico, não é o condutor primário de uma frequência. Se assim fosse, como poderia, por exemplo, a luz das estrelas, que sabem que emana de muito além da vossa atmosfera, ser conduzida? É uma obstrução que traz essa frequência para a possibilidade de registo do universo obstruído. Sem o que chamaram o novo éter, não há condução; sem o material, a obstrução, não há registo pelo vosso universo.

"Portanto, embora a atmosfera vos conduza as frequências que podem captar, e embora a atmosfera seja um meio necessário para o

vosso registo atual dessas frequências, o som no vácuo é criado. Deixas de ouvir um diapasão antes de ele parar de vibrar."

"Estás a dizer que, embora a transmissão pareça residir na atmosfera, ela é mesmo ali conduzida pelo novo éter, e que o fenómeno no meio mais denso é um fenómeno coincidente?", quis Darby certificar-se.

"O som que estás a fazer nesta sala é conduzido sobre a atmosfera tal como um telefone conduz sobre uma coisa material. Mas se não fosse pelo 'novo éter' que tudo perpassa, os vários tipos de coisas materiais como a atmosfera não poderiam registar como registam. A atmosfera é necessária porque ainda estás no universo obstruído. Mas tens no teu universo também o 'novo éter', tal como tens em ti mesmo o corpo beta. O 'novo éter' é o que faz da atmosfera um condutor."

5

As nossas mentes não estavam ainda totalmente prontas para abandonar a ideia de algum meio material. Betty queria estender a sua hipótese provisória do "novo éter" um passo mais à frente.

"É", disse ela, "um absoluto que tudo perpassa. Mas esse", acrescentou ela em relação a esta última palavra, "é o vosso vocabulário, e assim é a palavra 'éter'. Contudo, quero meter-vos na cabeça o facto de que este vosso 'novo éter' é um coexistente da própria consciência. Um constituinte", acrescentou ela, "da trilogia órtica. É através dele que as nossas leis paralelas operam em ambos os universos, obstruído e não obstruído."

Um ou dois dias mais tarde, Darby expressou-se como estando de certo modo inquieto com toda esta questão do 'éter'; e eu concordei que também não estava satisfeito. Esta confissão foi recebida por Betty com um grito de alegria, como diante de um sintoma de convalescença mental.

Logo no dia seguinte foi dada a Joan a ideia da 'essência'; e o éter desapareceu de vez. Não precisamos dele, nem de qualquer outro meio de condução, pela simples razão de que a essência do espaço é a condutividade. Onde quer que haja espaço, aí tem de haver

condutividade; é uma parte inerente da Consciência, a realidade que tudo inclui.

6

Respirámos fundo quando obtivemos isto. Mas ficámos um pouco intrigados por não ter sido dito antes. A simples declaração teria evitado muita névoa mental da nossa parte, e não poucas das nossas incompreensões temporárias — com as quais, diga-se de passagem, evitei sobrecarregar esta narrativa. Por exemplo, a certa altura — em vez da trilogia básica de recetividade (tempo), condutividade (espaço) e frequência (movimento) —, tínhamos uma de tempo-espaço, 'éter' e movimento.

"Este novo material revisa de forma bastante séria o material até agora recebido." Darby estava talvez um pouco crítico. "Como é que isso acontece?"

No momento ele estava a falar com Stephen que, recorde-se, vinha ocasionalmente para dar uma ajuda.

"Foi necessário construir o conceito", explicou este último. "Se voltarem atrás nos registos, verão que isso foi feito passo a passo, fundado no vosso conhecimento aceite. Por exemplo, ao início foi necessário permitir-vos explorar o conceito de tempo-espaço de modo a que pudessem abranger de todo o nosso pensamento. No entanto, admitirão que isso não vos foi inteiramente satisfatório. No que dizia respeito ao éter, isso foi uma confusão entre o comunicador e a estação recetora. O comunicador sabia perfeitamente que a condutividade é a essência do espaço órtico, mas para fazer passar o pensamento através da estação teve de aceitar a velha terminologia da física na mente que estava a usar. Devem admitir que fomos capazes de corrigir a declaração errónea rapidamente, e através da própria estação recetora. Não a deixem, na sua mente consciente, ficar angustiada com o erro compreensível e rapidamente retificado. Além disso, não foi totalmente uma questão de erro."

7

“Dizes-nos que a essência do espaço é a condutividade. Vejamos como isso funciona. A condutividade implica algo conduzido. O que é conduzido?” Darby abriu uma nova fase do assunto.

“Vários graus de frequência”, respondeu Betty.

“Têm de”, postulou ela, “conceber a condutividade como variável. Suponhamos que tomamos um tubo com dez polegadas de diâmetro e dez pés de comprimento. Isso daria um fluxo de condutividade bastante grande. Agora junta ao tubo de dez polegadas outro, também com dez pés de comprimento, mas com apenas oito polegadas de diâmetro. Continua a fazer isso, reduzindo o diâmetro duas polegadas de cada vez, até chegarmos finalmente a uma abertura infinitesimal, talvez um espaço molecular. Mas ainda tem condutividade.

“É óbvio que, além do volume de qualquer secção dada de dez pés do tubo, tem de haver uma capacidade intensiva, um grau de capacidade. Isto é, pode ter uma intensidade lenta ou rápida, ou uma condição que é ou elevada ou rebaixada em nitidez e eficiência; pois é perfeitamente possível que através do volume menor de uma dada secção possa haver um fluxo mais potente do que através do volume maior de outra, de acordo com o grau de frequência que é conduzido. Por exemplo, no vosso mundo físico o fluxo de água através de um condutor, ou tubo, de dez polegadas não teria um resultado tão potente como um fluxo de eletricidade através de um condutor, ou cabo, de duas polegadas. Portanto podem ver que a condutividade, como tal, *per se*, é variável. A condutividade em si ocorre em graus. Não devem esquecer o conceito básico. Toda a consciência está em evolução, logo em graus. Assim, portanto, têm de estar todas as suas partes componentes — todas as suas essências.

“Estou à procura de uma analogia simples. Suponhamos que tomamos uma estrada, uma estrada qualquer. No vosso mundo ela é um condutor. É um espaço, e corre sempre entre pontos. Tem localização. A estrada é uma direção. Constitui um caminho batido nas vossas operações. Sobre esta estrada as pessoas caminham, andam a cavalo ou de bicicleta, em camiões de movimento lento, em automóveis de movimento rápido. Além disso, esta estrada dá

frequentemente direção a um número variado de manifestações de movimento, cada uma por si uma entidade, cada uma produzindo um resultado, e cada resultado diferente.

"A estrada, mesmo quando não há movimento visível nela e ela está em branco na paisagem, é ainda em e por si mesma uma estrada. Possui a potencialidade de permitir que as coisas passem sobre ela.

"O propósito da estrada é para a viagem fácil e para a concentração do movimento. Em vez de irem pelos lados, as pessoas vão pela estrada. Ora, esta estrada tem mais do que uma faixa de trânsito; e como tem fios de telefone e condutas de água, tem vários tipos de trânsito. Uma das características da estrada é que o trânsito vai em ambos os sentidos. Esta é também uma característica essencial da essência do espaço; vai-se para trás e vai-se para a frente. Aqui novamente, na vossa própria vida, têm uma manifestação da maleabilidade e variabilidade da condutividade. É verdade que não é a estrada em si que se move para trás e para a frente, mas é sua característica que qualquer coisa que entre em justaposição com ela se possa mover para trás ou para a frente — ou ficar parada. A potencialidade fundamental da estrada é a condutividade. Se nada se mover nela, o potencial não é usado. Mas está lá.

"A condutividade é a essência do Espaço."

Onde quer que haja Espaço, aí, pela natureza da sua essência, há Condutividade.

CAPÍTULO XVIII

RECEPTIVIDADE

A simples declaração — de que a essência do tempo é a recetividade — pouco ou nada nos transmitiu. A explicação do mero significado era muito mais simples do que a das outras essências. As extensões em implicação eram tremendas. A dizer a verdade, não as seguimos longe. Isso pode ser para o futuro. Betty tinha uma tirada de que usava quando mostrávamos sinais de nos sairmos do trilho.

"A cada dia basta a sua sabedoria", parafraseava ela.

A primeira pista foi dada por Joan, falando em nome próprio. Betty estava a "mostrar-lhe" coisas, e ela estava a relatar de volta. Fazia-o conscienciosamente, mas aparentemente sem muita compreensão.

"O movimento", contou-nos ela sobre os resultados do que lhe era mostrado, "tem de ter espaço para andar em redor. É possível para o movimento e o espaço terem justaposição, mas, se não for registado no tempo, o resultado não é uma atualidade. Não apanho isso. — Se não for registado no tempo, não chega a nascer. Tudo tem de nascer, toda a consciência, para obter desenvolvimento quantitativo. Não faz diferença se é uma faísca elétrica, ou um bebé, ou uma árvore, ou um rato — tudo tem de nascer."

O mundo material, tanto a Betty como o Stephen concordaram, provavelmente dar-nos-ia a melhor pista.

"O exemplo mais fácil é a matéria", observou este último. "Reduzamos a matéria, *per se*, a, digamos, ouro. Para vós, o ouro é um atributo de forma daquele grau de consciência que representa o dourado. É, para as vossas perceções sensoriais, visual. É também tátil. Podem senti-lo. Podem medir o peso e a espessura de um pedaço dele. Podem derretê-lo e transformá-lo em artigos para vosso uso. Em outras palavras, no vosso plano, ele é quantitativamente maleável e sujeito à vossa vontade. Mas a qualidade do dourado está sempre lá.

"Ora, faça-se o que se fizer com o ouro — quer façam dele uma moeda ou uma peça de joalharia —, ele permanece objetivo para vós. O vosso mecanismo de tomada de consciência tem conhecimento dele. Ele é recebido no tempo, porque é no tempo que ele, e a sua relação convosco, ocorre. A vossa tomada de consciência dele do início ao fim é uma coisa de duração, exatamente como seria o vosso uso de uma corrente elétrica ou de uma onda de rádio. Como tal, é observado, operado e estabelecido na vossa consciência individual."

"Têm na física", a Betty tomou a palavra para a exposição, "uma lei conhecida como a indestrutibilidade da matéria. Isto abrange a energia. Quanto à indestrutibilidade da matéria e da energia, têm a lei bastante bem compreendida. Podem reduzir a vossa matéria a vários compostos; ou desnudá-la até aos seus elementos; ou podem juntar

dois produtos químicos e dissolvê-los em gás. Mas o vosso cientista aprendeu que nada se perde em relação ao elemento com que trabalha.

"Todas estas coisas, toda a matéria, todos os acontecimentos, todo o pensamento, todas as ideias são recebidos no tempo. É por causa da recetividade do tempo que têm a lei da indestrutibilidade."

"A matéria que vêm é um bom símbolo." Ela começou a adotar a abordagem do Stephen vários dias mais tarde, mas mudou silenciosamente para uma sua própria, que nos levou diretamente a um ponto de vista mais amplo. "O homem é a forma mais elevada de consciência manifestada no vosso universo", começou ela de novo. "Ele tem o impulso criativo, tal como a consciência tem o impulso de fazer nascer coisas para o propósito da evolução.

Ele faz coisas — quer seja um pensamento, quer uma catedral, quer um método, tal como a forma de usar uma onda de rádio — e coloca-as no tempo. Elas são recebidas no tempo. Elas ficam no universo obstruído, e outras entidades de consciência usam-nas e tiram proveito. Depois o homem vem para aqui. Todo o aspeto dessas coisas muda quando ele está aqui. Elas já não são obstruções para ele, embora ele tenha criado essa obstrução. A consciência, *per se*, em si mesma, a totalidade da consciência, pela sua justaposição, faz o mesmo tipo de criação. Vou deixar isso agora para vós pensarem."

"O tempo está, connosco", continuou ela mais tarde, "assim como a consciência está; o espaço está; o movimento está. A trilogia está sempre presente connosco — aquilo em que operamos. Mas é no tempo que todas as coisas tridimensionais do universo obstruído são mantidas e se tornam realidades. É no tempo, também, que elas existem, e não no espaço e no movimento. Elas têm essas essências, mas existem realmente no tempo."

"O tempo" — era a Anne a tentar a sua sorte — "poderia ser chamado passivo. O movimento e o espaço são mais ativos. O tempo não cria. O movimento-frequência e o espaço-condutividade — o equilíbrio do movimento e do espaço — são os dois criativos da trilogia. No entanto, eles não poderiam focar-se se não fosse pela atualidade e pela receção do tempo."

Estávamos a ficar com uma ideia bastante boa do que se pretendia dizer. No entanto, a Betty voltou à sua lei da indestrutibilidade.

"Têm um ditado que diz que 'os pensamentos são coisas'. São-no, desta forma: são recebidos no tempo, e por isso são indestrutíveis. Vocês estão a ter uma dose má disso no mundo neste preciso momento — pensamento retardador — e ele é bastante indestrutível, e têm de o superar. Se alguma vez pensam um pensamento ou dizem uma palavra, fica no tempo, e não podem tirá-lo de lá. Essa lei da indestrutibilidade da matéria vai até ao fim.

"Vocês não deram muita importância à minha declaração de que a lei da indestrutibilidade é possível por causa da essência do tempo, que é a recetividade", queixou-se ela, "mas os vossos físicos vão dar!"

"Com certeza, tudo bem", concordou o Darby. "Concedendo que as coisas são recebidas no tempo, parece-me que as coisas também são recebidas no espaço. O mundo físico é 'recebido' no espaço; ele existe — para nós, pelo menos — no espaço. Diz-nos o que é que não é recebido no espaço. Quanto reservamos da recetividade para o tempo?"

"Suponho que uma resposta seria que a frequência psicológica não é recebida no espaço. O teu pensamento não é recebido no espaço, mas está no tempo. Já vos dissemos uma e outra vez que os pensamentos são coisas—"

"—e outra, e outra, e outra, e outra vez", demos-lhe o nosso coro habitual.

"—e outra vez." A Betty não se perturbou. "Há influências psicológicas recebidas no tempo e não no espaço. Ideias. Teorias. Como disse, estão a ter uma boa dose disso neste momento. Tomemos a história. Os factos e condições resultantes de 'guerras e rumores de guerras' — qualquer acontecimento — permanecem no tempo, embora os atos como incidentes tenham desaparecido do espaço. O que é o vosso presente?

Uma condição criada pelos acontecimentos — e sendo o pensamento uma coisa, ele também é um acontecimento — recebida

no tempo no passado. E no topo deste passado vocês, no vosso presente, estão a condicionar o futuro. Tudo o que pensam e fazem é recebido e permanece no tempo, embora os vossos corpos físicos e atos desapareçam do espaço. Investigação, invenção, catástrofes materiais, como terramotos incontroláveis pelo vosso livre-arbítrio, ou a beneficência de uma estação que produz grandes colheitas — tudo é recebido no espaço como incidentes que passam. É no tempo que permanecem — para condicionar e influenciar o vosso presente e o presente de todas as gerações vindouras.

"A recetividade é a essência do Tempo."

CAPÍTULO XIX

ANNE RESUME

Tínhamos agora, aparentemente, cercado os conceitos básicos da Betty. E isto deu a ela, à Anne, e aos outros que trabalhavam com elas em segundo plano, uma enorme satisfação. Na verdade, organizaram uma espécie de jubilação e disseram-nos que devíamos "guardar a festa do Catorze de Outubro como o nascimento convosco da realidade da imortalidade."

"Vou falar-vos um bocadinho", disse a Anne.

"Em primeiro lugar, a consciência é a única e exclusiva realidade em ambos os universos. No meu universo e no vosso há consciência possuída de mecanismo de tomada de consciência. Convosco são entidades, com atributos de forma. Comigo são entidades, com atributos de forma. Vocês vivem no vosso mundo, trabalham com o vosso mundo, concebem o vosso mundo. Eu vivo no *orthos*, tenho a ver com o *orthos*, concebo o *orthos*. *Orthos* é apenas uma palavra: mundo é apenas uma palavra. Há apenas um universo.

"Têm no vosso mundo o que chamam tempo sideral, espaço sideral, movimento sideral. Estes constituem a trilogia coexistente do vosso mundo. Tudo o que têm tem a ver com eles. Operam com eles. Cada um tem a sua própria essência — movimento, frequência; espaço, condutividade; tempo, recetividade. Estão em graus e são, portanto, manifestados de várias formas. Mas estão no vosso mundo.

“Além disso, estão no vosso mundo como obstruções. O mundo é um estado obstruído. É isso que faz dele o mundo.

“No *orthos* temos movimento órtico, espaço órtico, tempo órtico. Operamos neles. A consciência opera neles, no nosso estado, precisamente como a consciência opera no vosso estado. A única diferença é que vocês operam em manifestações de grau que constituem obstruções, e nós em manifestações de grau que superam as vossas obstruções. O vosso mundo é o nosso mundo. As vossas leis são as nossas leis. A única diferença é que o nosso desenvolvimento individual, da nossa consciência como um todo, é órtico.

“Por outras palavras, vocês existem num mundo e nós existimos no *orthos*. Vocês têm as mesmas manifestações de grau, à sua maneira, no vosso mundo. O mecanismo de tomada de consciência do inseto está para o vosso mecanismo de tomada de consciência como o vosso está para o meu.

“Não tentem tornar as conceções difíceis. São muito simples. São apenas extensões das vossas próprias aceitações.

“Ora, vocês bem sabem que há à vossa volta coisas das quais não têm perceção sensorial; na verdade, das quais não têm qualquer tomada de consciência. De muitas delas terão, com o tempo, tomada de consciência; ou aqueles que vierem depois de vós. Pois, tal como vocês estão a tentar alcançar o mecanismo de tomada de consciência que está além das vossas perceções sensoriais — através da invenção e da investigação —, também nós estamos a estender o braço para baixo com invenção e investigação.

“Postulem o *orthos* meramente como uma conveniência de terminologia. O movimento órtico, o espaço órtico, o tempo órtico são todos conteúdos de cada consciência individual, tal como o são da totalidade da Consciência. Se examinarem o vosso próprio pedaço de consciência individual, acharão isto verdadeiro. É assim, através da grande trilogia, que reúnem para o Eu real tudo o que absorvem.

“A diferença vital entre o mundo em que existem e o *orthos* em que eu existo é a vossa conceção de matéria. Isto é verdade porque a matéria é sempre uma obstrução para vós, embora os graus também se

obtenham neste caso. Algumas não são uma obstrução tão grande como outras: há sólidos, líquidos, gases."

A Anne terminou abruptamente. Não prosseguiu, como se poderia ter esperado, para discutir aquilo a que tinha chamado a nossa "diferença vital" — a matéria.

"Bem", disse eu finalmente à Betty, "tens os teus três conceitos centrais. O que vais fazer com eles?"

"É o encontro dos três que cria o objetivo no vosso universo", disse a Betty. "Acho que devíamos descobrir como é que isso acontece."

PARTE III

CAPÍTULO XX

MATÉRIA — DETENÇÃO

1

Temos, então, a Consciência, e nela três aspetos básicos — Recetividade, ou Tempo; Condutividade, ou Espaço; e Frequência, ou Movimento. Estes são os coexistentes do Ser.

"Eles", disse a Betty, "são as atualidades com que vivemos, com que trabalhamos; tal como vocês. São tão necessários às nossas operações como às vossas. Não podem fazer nada sem tempo, espaço e movimento; nem nós. A consciência controla a vossa trilogia fundamental — tempo, espaço e movimento — tal como a consciência controla as essências da nossa trilogia — recetividade, condutividade e frequência. Nós aqui, porque somos entidades do Eu-Sou de livre-arbítrio da consciência, controlamos — não, sejamos mais rigorosamente corretos e digamos manipulamos — a nossa trilogia. Vocês aí também manipulam a vossa trilogia, mas não tanto — não na mesma medida — como nós. No entanto, os três grandes coexistentes da consciência estão constante, duradoura e ininterruptamente comigo precisamente como estão, e como sabem que estão, convosco.

"Os três", disse a Betty, "são coexistentes por direito próprio. E a trilogia órtica deles é um coexistente da consciência. O termo 'coexistente', recordar-se-á, foi definido como um aspeto totalmente duradouro e inclusivo.

"A consciência", resumiu ela, "é a única e exclusiva realidade. A grande trilogia é o tempo, o espaço e o movimento órticos. Esta trilogia é o coexistente — ou constitui os três coexistentes — da consciência. Todos são observáveis e operam no universo obstruído, e todos os três são coexistentes do vosso universo obstruído. Todas as coisas, ocorrências, seres e acontecimentos familiares do vosso universo obstruído estão sujeitos ao grande coexistente da trilogia da consciência: tempo, espaço, movimento. Isso é tudo o que há. Agora discutam-no."

"Quero evitar o perigo de expor estes três coexistentes como entidades reais", disse o Darby. "E também de os expor como meros atributos, no uso que até agora se fez dessa palavra. Ajuda-me a libertá-los destas conceções considerar o comprimento, a largura e a espessura — apenas em analogia. Por eles não quero dizer nada separado do objeto em observação. Portanto, não quero dizer nenhuma entidade, *per se*. Nem uma mera propriedade — atributo nesse sentido — do objeto.

Quero dizer apenas uma conceção mental que tenho do aspeto das coisas. Não podemos conceber o comprimento, etc., como que abstraídos do objeto? Assim também com a consciência; num aspeto, concebemo-la como espacial; e ainda noutro aspeto como recetiva e noutro como móvel. Os coexistentes compreendem um aspeto das coisas, e não uma entidade."

"Volta à minha definição de um coexistente", aconselhou a Betty, com enorme ironia. "Não disse eu aspeto? 'Coexistente, um aspeto totalmente duradouro e inclusivo'", citou-se a si mesma.

"Comandante!" O Darby ficou tanto espantado como desconcertado. "Disseste mesmo aspeto, não disseste!"

"Os três são coexistentes da consciência, mas apenas coexistentes", continuou a Betty. "Estão a ver, a consciência é a realidade. Está convosco: está comigo: está. É o poder, o ímpeto, a

coisa que é, o Ser. Os coexistentes da consciência são aquilo em que a consciência opera. A consciência está em movimento; todo o tempo. Eles — a trilogia — não são atributos; mas várias justaposições deles fazem vários tipos de atributos. Agora, à luz desta conversa, poderiam definir matéria para mim?"

Tentámos várias definições de matéria, mas nenhuma delas se provou estar "à luz desta conversa".

"Levando em conta o que os vossos físicos descobriram e estão a postular", disse a Betty, "não seria a matéria definida como um comprimento, largura e espessura trilógicos do movimento órtico?"

Concordámos que poderia; mas acrescentámos que era melhor ela explicar o que isso significava.

"Mas como é que o físico define a matéria? Como cargas de força em movimento. Agora leiam a minha definição de matéria. O físico ainda não compreende, totalmente, a atualidade da sua chamada força em movimento. É o movimento órtico. A matéria é o atributo de forma, no universo obstruído, do movimento órtico."

Bem, de qualquer forma, concordámos, o tempo, o espaço e o movimento estão sempre connosco, e temos de ter os três; e a matéria é de algum modo um atributo do movimento órtico. E o movimento órtico é realmente frequência. Portanto, a matéria é realmente um produto da frequência. Tudo bem; os nossos próprios físicos dizem-nos isso.

2

Mas antes de prosseguirmos para a exposição da Betty sobre a Matéria, há três termos que pertencem devidamente a esta parte da sua "divulgação" aos quais se deve chamar a atenção do leitor e que devem ser definidos por uma questão de clareza.[26]

Eles são:

Detenção: Uma incidência de frequência, condutividade e recetividade que resulta na individualização no universo obstruído.

Justaposição: A maneira como a frequência colide de forma variável com a condutividade e a recetividade para resultar numa detenção que produz manifestação.

Inserção: Assim como a justaposição é a maneira da detenção, assim a inserção é o estatuto de relação que se obtém enquanto essa detenção se mantém.

"Gostaria", disse a Betty, "que pudessem discutir isto com algum dos jovens brilhantes em qualquer um dos laboratórios de investigação elétrica. Significaria algo para ele quando eu dissesse que os feixes de rádio, as ondas, a eletricidade, a luz, tudo aquilo que estão a começar a manusear, são manifestações de grau de apenas uma realidade; e que a manifestação mais elevada dessa realidade, da qual têm efetiva tomada de consciência, é a consciência.

"Quanto à matéria no universo não obstruído, é uma questão de frequência. A matéria — e por matéria no vosso mundo quero dizer obstruções — no universo obstruído é também uma questão de frequência. Tudo isto é muito difícil até para mim compreender. Indivíduos aqui, que no universo obstruído fizeram um estudo especial da física, dizem-me que a vossa matéria, tal como a nossa matéria, é uma questão de frequência."

Tudo bem, concordámos com isso.

"A matéria, e a força e todas as coisas que manuseiam no vosso mundo químico e físico são o resultado da justaposição no *orthos* dos três coexistentes", afirmou a Betty. "A matéria, o atributo de forma da consciência, é uma frequência do movimento órtico; conduzida no espaço órtico; e recebida no tempo órtico. Para a perceção terrestre, o registo resulta como consequência da obstrução."

"Encontra sempre expressão num destes coexistentes?", perguntámos.

"Em todos eles", corrigiu a Betty. "Eles entrelaçam-se. Entre as essências da trilogia há sempre uma proporção de interdependência. Fixem este facto da interdependência nas vossas mentes. Quando tomam o vosso universo obstruído e o desnudam até ao científico, no que diz respeito às vossas trilogias materiais, e metafisicamente, no

que diz respeito às vossas trilogias psicológicas, acharão que tudo é baseado na grande trilogia coexistente — tempo órtico, espaço órtico, movimento órtico.

"Ora, a trilogia é a mesma connosco como convosco. É movimento, espaço e tempo. Connosco existe no *orthos* como frequência, condutividade e recetividade, e não constitui uma obstrução. Convosco existe como uma obstrução. É esta obstrução que vocês veem, que usam. Vocês mesmos são obstruções.

"Agora parece-me que seria uma boa coisa se tomássemos algumas dessas inserções no *orthos* e as analisássemos. Suponhamos que tomamos a eletricidade, ou a água, ou o gás, ou qualquer coisa."

"Ainda não vejo muito bem onde queres chegar", disse eu, "mas tomemos algo simples — como a água."

"Tudo bem", concordou ela. "A água é uma das vossas trilogias. É uma trilogia de sólido, fluido, gás. Ora, há um aspeto comum, ou uma terminologia comum, que temos de aceitar em relação às três essências dos três coexistentes em qualquer discussão sobre a matéria; e isso é a frequência. E ela é variável. Num laboratório químico, se combinarem mais de um ácido com menos de outro ácido, obtêm uma coisa. Mas se usarem menos do primeiro e mais do segundo, obtêm outra coisa. A manifestação que resulta em água — H2O é o vosso símbolo — opera da mesma forma.

"Levará muito tempo até que a ciência tenha ido suficientemente longe na medição da frequência do movimento e da condutividade do espaço para ser capaz de segregar a essência de cada um até ao ponto em que possam dizer quanto de frequência e quanto de condutividade resulta num caso em água, noutro em terra e noutro em ar. Mas veem que são manifestações de grau da mesma coisa, apenas com frequências diferentes."

O Darby apanhou aqui um possível ponto de confusão.

"Mencionas, ou pelo menos implicas, uma frequência não apenas do movimento, mas do espaço", disse ele. "Disseste antes que a frequência é a essência do movimento. Estava eu errado ao pensar que a frequência era propriedade exclusiva do movimento?"

“A frequência é a essência do movimento”, respondeu a Betty, “a condutividade do espaço; a receptividade do tempo. Mas a matéria, como a conhecem — em qualquer forma —, é uma manifestação de grau, no tempo, de algum equilíbrio entre a frequência e a condutividade. Não está mais dividida do que está a consciência.”

“Vamos deixar isto bem claro”, disse eu. “Dirias que para o funcionamento destas essências elas têm de estar entrelaçadas proporcionalmente?”

“A trilogia órtica no universo obstruído tem de inter-operar nas suas essências.”

“E”, continuei eu a minha suposição, “a natureza do funcionamento depende da proporção de cada uma que é usada na inter-operação?”

“Sim. Se a frequência entra em justaposição com a condutividade num ponto, obténs uma coisa; se noutro ponto, obténs outra coisa.”

“Aqui está uma frequência que é elétrica, um volt”, contribuiu o Darby. “Se colide com um fio de cobre, um bom condutor, obténs uma certa amperagem de corrente. Se com madeira seca, um mau condutor, obténs apreciavelmente nada.”

“Ilustrando a última declaração da Betty”, disse eu, “se enviares a tua eletricidade através de um fio de cobre, fazes funcionar um motor. Se enviares identicamente a mesma corrente através de um fio de ferro, obténs calor radiante.”

“Muito bem!”, exclamou ela. “A coisa que temos estado a tentar dizer é que a trilogia órtica é tudo o que têm para operar; é tudo o que há. Certas justaposições destas essências produzem diferentes tipos de energia, força, matéria e assim por diante. É dessa forma que as essências funcionam.”

[26] Veja-se o Glossário.

3

Tínhamos o assunto bastante claro, no que diz respeito ao nosso próprio universo obstruído. E quanto ao estado de ser dela? Obtinham-se lá os mesmos princípios?

“Neste nosso universo”, formulou o Darby esta pergunta, “nunca temos frequência de movimento exceto no tempo e no espaço. Ora, no teu universo é de outra forma? Há frequência de movimento órtico sem estar no tempo órtico ou no espaço órtico?”

“Não. Estão a ver, há apenas uma lei”, respondeu a Betty. “É o encontro destes três no vosso universo que cria o objetivo. O universo obstruído serve o propósito do nascimento, da individualização da consciência. Toda a matéria nasce no vosso universo. Nada se perde. A individualidade não se perde; embora nas suas formas mais baixas a matéria possa ser queimada, transformada em gás, ou o que quiserem. No entanto, é tudo mantido. É a forma mais elevada, a alma, que prossegue indivisa. Mas nós temos o mesmo universo.

“Levem de volta para o *orthos* os conceitos das suas inserções no vosso mundo. Têm de ver que nalgum lugar entre essa inserção e o *orthos* há um ponto no qual o vosso mecanismo de tomada de consciência para de os registar. Esse ponto é variável com diferentes pessoas, e é controlado para a consciência humana pelos sentidos. Sabem como os sentidos variam nos indivíduos — os artistas a verem a cor e a forma, os músicos a ouvirem o som. Isso pode ser demonstrado mecanicamente, mas não temos nenhum laboratório físico, por isso tudo o que podemos fazer é enunciar-vos a lei. Mas depois de o termos feito, ela pode ser colocada no conhecimento dos homens por meio de um laboratório físico e químico; e depois a ciência pode estender a lei, segui-la até ao fim.”

“Então vocês têm ‘matéria’ — ou pelo menos o que corresponde à matéria?”, perguntei eu.

Decididamente, assegurou-nos a Betty; mas acrescentou que estava, na presente discussão, a restringir mais ou menos o termo à matéria física.

“A nossa matéria é a essência da forma, que é um atributo acompanhante da consciência individualizada. Tal como eu sou agora a essência da minha individualidade anterior. *Esse* — ser — essência. A nossa matéria não é uma obstrução para nós.

“Vocês aceitaram o corpo beta.[27] Eu tinha-o quando era visível para vós. Depois, quando o Eu-mesmo deixou o meu corpo físico, ou

alfa, foi o atributo de forma da minha consciência — o meu beta — que seguiu comigo. Esse atributo de forma existe no universo não obstruído.

"Os vossos cientistas aceitaram a lei da indestrutibilidade da matéria; mas eu digo-vos que esta lei é apenas um corolário da indestrutibilidade da consciência. Há muito que sabem que toda a consciência tem forma. É um facto. Ora, a matéria no universo não obstruído é a essência de um atributo de forma. Não é fracionada, como do vosso lado. As entidades primárias são indivisíveis. A matéria, como a conhecem, não é uma entidade primária: é feita de entidades primárias. O meu corpo físico era feito de um monte de pequenas células. O meu corpo beta é único, atómico.[28] Toda a matéria é atómica aqui, e claro que tem forma."

"Essa matéria fornece pontos no espaço, tal como a nossa?", perguntou o Darby.

"Pontos no espaço; mas não pontos de tensão, não detenções.

"O meu mecanismo de tomada de consciência regista e verifica um conceito ilimitado, que é a minha matéria. O vosso mecanismo de tomada de consciência regista e verifica um conceito limitado, que é a vossa matéria. A vossa matéria, portanto, sendo limitada, é uma obstrução. A minha, sendo ilimitada, não é uma obstrução."

É apenas, disse ela, uma diferença nas taxas de frequência. Temos essa relatividade no nosso próprio universo, mesmo antes de escaparmos para a não obstrução.

"Por exemplo, sabem perfeitamente que há vibrações tão rápidas que nenhum dos vossos sentidos as consegue segregar, e no entanto permanecem obstruções. Um exemplo: poderiam fazer um volante de inércia girar tão rápido que não o conseguiriam ver, mas se pusessem a mão contra ele, a mão seria cortada.

Por outras palavras, a obstrução ainda está lá. Isto também é verdade na vossa simples compreensão de uma corrente elétrica. Podem encontrar muitos mais exemplos da relatividade da frequência. Além disso, aqui temos matéria que, por causa da nossa proporção de tempo e espaço em relação à frequência, não é para nós uma

obstrução; tal como, de um ponto de vista sólido, o gás — que vocês utilizam — não é uma obstrução para vós. No entanto, vocês usam gás. Ora, com isto não quero dizer que a nossa matéria não tem forma. Toda a consciência possui o atributo da forma, independentemente de qual seja a sua frequência em proporção com o universo obstruído ou não obstruído."

Ela entrou nesse aspeto mais detalhadamente mais tarde.

[27] Veja-se o Glossário.

[28] O uso da palavra pela Betty não é científico, mas segue Webster — "não cortado, indivisível".

4

"Portanto", disse a Betty, "ao coexistente da consciência a que vocês chamam movimento, eu chamo frequência. O individualismo, no mundo material, é provocado por uma detenção da frequência. Assim, toda a manifestação que é o homem tem uma frequência comum. Vocês não elevam nem rebaixam a vossa própria frequência. A manifestação que é uma árvore é a detenção em algum outro ponto ao longo da linha da frequência. A detenção é o que faz a individualidade."

"Não gosto da palavra 'detenção'", interpus eu, "e não acredito que queiras dizer detenção. Isso significa 'parar de golpe'. Se uma frequência tem de permanecer uma frequência, tem de se agitar um pouco."

"Por detenção não quero dizer paragem", disse ela. "A potencialidade da evolução continua na frequência detida. É mantida em suspensão."

"Funciona, mas funciona em proporção, ou à taxa da sua suspensão", sugeriu o Darby.

Mas ela apegou-se à palavra, possivelmente por não conseguir encontrar outra; com a ressalva, contudo, de se ter isso em mente. "Chama à detenção uma suspensão da potencialidade, se isso te agrada melhor",[29] concedeu ela.

Mais tarde, porém, deu-nos a ideia de "detenção" como "uma interrupção súbita no progresso", que é a definição do verbo "suster", indicando ao mesmo tempo que é no sentido deste sinónimo do verbo "deter" que ela usava o substantivo "detenção".

"À parte a frequência", retomou ela o seu argumento, "tomemos a suposição de que a matéria é uma taxa de vibração. Como há apenas uma realidade, e dado que a matéria é uma coisa e vocês outra, vocês e a matéria têm de ter taxas de vibração diferentes. A essência de ambas, da matéria e de vocês, é a consciência. A diferenciação entre vocês e a matéria é a taxa de vibração, ou frequência.

"O meu corpo beta é da minha frequência. O meu processo de elevação, no que me diz respeito de momento, é a libertação do meu beta da frequência mais baixa do meu corpo humano. A única razão pela qual vocês não podem existir e operar em todo o universo, como eu faço — pois eu opero no nosso universo bem como no meu —, é porque não são capazes de elevar a vossa frequência."

"A matéria, dizes-nos tu, é uma detenção da frequência", interpôs o Darby, "isto é, uma incidência de movimento, espaço e tempo. Assim é a consciência do homem. Tem de haver alguma diferença entre estas duas detenções."

"Com certeza. Há uma diferença de proporção. É uma progressão matemática. Ambas são manifestações da consciência. Não quero usar a frase 'rapidez de vibração'; isso dá uma imagem falsa. Mas o homem é uma frequência mais elevada do que a matéria que observa. Ele está mais próximo do órtico do que a matéria que observa. Nesta faixa de frequência, que é conduzida através do espaço e registada no tempo, há inúmeras frequências muito elevadas que o homem está a tentar observar. Não tão elevadas como a sua própria frequência, mas muito próximas da sua."

[29] Veja-se o Glossário.

5

"A Betty encorajou dois pontos de vista", observou o Darby reflexivamente. "O primeiro é que a diferença entre o tempo, o espaço e o movimento dela e os nossos é uma diferença de conceito, uma

diferença de aspeto; e o segundo é que ela vive, mais ou menos, num espaço, tempo e movimento reais."

"Ambos são verdadeiros", assegurou-lhe a Betty. Ela fez uma pausa. "Agora quero fazer isto com cuidado. Tomaremos primeiro a diferença entre o meu tempo, espaço e movimento e os vossos, quanto aos nossos conceitos individuais deles. É difícil porque vocês lidam com o resultado material da recetividade, da condutividade e da frequência, e eu lido com a atualidade, a essência, a real recetividade, condutividade e frequência. Ora, não há menos recetividade, condutividade e frequência no vosso tempo, espaço e movimento do que no meu. Mas vocês lidam com uma detenção disso, que é a obstrução que faz o vosso universo obstruído, e eu lido com a atualidade."

"Ou seja, com a atualidade não detida?", perguntou o Darby.

"Sim."

"O facto de eu ser uma... detida—" começou o Darby.

A Betty deu uma gargalhada com esta formulação.

"Bem, eu não apanhei nenhuma multa!", riu ela.

"O facto de eu ser uma frequência detida—" repetiu o Darby, determinado a não se deixar desconcertar.

"Desde que não sejas detido frequentemente", espicaçou a Betty.

"A sentença do juiz", o Darby cedeu à brincadeira, "é um certo conceito quanto ao tempo, espaço e movimento. Ora tu, por enquanto, és uma frequência não detida."

"Disse-te que não tinha apanhado nenhuma multa — por enquanto." A Betty continuava indomável.

"Portanto, na realidade, tu deambulas pelo mundo bastante livre das minhas conceções erróneas." O Darby não se deixava desviar. "Ocorre-me que o tempo, o espaço e o movimento são todos conceitos de relação. Ora, se o nosso universo não fosse um monismo pluralista,[30] não haveria necessidade de tempo, espaço e movimento. Se houvesse apenas consciência, e se fosse apenas

monista, e não em evolução, então não haveria tempo, espaço e movimento. O ponto que estou a tentar defender é que o tempo, o espaço e o movimento são conceitos de relação entre as partes individuais do todo."

"E algo mais. Preenche o resto", instou a Betty.

"Não consigo. Depósito de ideias vazio", confessou o Darby.

"Eles são na realidade as relações entre os aspetos órtico e obstruído da consciência."

"Repete lá isso; não apanhei!", exclamámos nós.

"Como posso fazer-vos compreender? No universo obstruído, todas as partículas individualistas da consciência que se manifestam chegam com uma qualidade definida. Esta qualidade, como sabem, é de potencialidade variável em relação a cada uma. Também sabem — agora — que cada unidade desta potencialidade variável é em si mesma, num sentido genérico, uma frequência detida. No mundo material, esta frequência detida, que se manifesta quer como matéria orgânica quer inorgânica, tem a potencialidade de acumular o que chamamos quantidade.

"Em termos da ciência, quantidade significa crescimento físico ou material. No sentido espiritual é um crescimento de caráter, digamos. A coisa a ter em mente é que cada uma destas individualidades ou entidades de que têm conhecimento é uma frequência detida, a essência do movimento.

"Ora, eu disse-vos que vocês, os observadores, têm conhecimento destas diferenças detidas como entidades. Como é que isso acontece? Apenas porque vocês — sendo vocês mesmos uma frequência detida — estabeleceram, pela vossa própria consciência, a vara de medir da grande trilogia na terra. Foram vocês que fizeram uma milha, criaram um relógio, observaram as posições variáveis das estrelas.

"É o vosso conhecimento e uso do tempo, espaço e movimento que liga os dois universos num só!"

[30] Veja-se o Glossário.

6

"Sobre isto de deter frequências: o que é que faz a detenção?", perguntei eu.

"A justaposição de diferentes graus de frequência no espaço e no tempo", respondeu a Betty. "Poderiam talvez ilustrá-lo por álgebra. Z mais Y mais Z é igual a uma pedra. X mais 2Y mais Z é igual a uma erva daninha. 2X mais Y mais Z é igual a uma flor. E assim por diante. X é uma frequência; Y é condutividade; Z é recetividade."

"Isso descreve um processo, mas não diz o que faz a detenção", objetei eu.

Isso foi bastante estúpido da minha parte, vejo-o agora. Ela tinha acabado de dizer que a justaposição tinha a ver com isso. Mas a pergunta deu-lhe pelo menos material para desenvolver mais o assunto.

"Aqui está uma linha a descer numa inclinação para este lado: chamem-lhe receptividade", disse ela. "Aqui está uma linha a descer numa inclinação para este lado: chamem a isso condutividade. E aqui está uma linha a inclinar-se ainda de outra forma: chamaremos a isso frequência. Ora, as três estão em evolução. São da consciência, e a consciência está em evolução. Se as linhas da frequência e da condutividade atingirem a recetividade juntas num só lugar, ocorre uma manifestação. Se moverem o ângulo que elas fazem de modo a que atinja mesmo no mais ligeiro desvio em relação ao primeiro ângulo, então obtêm outra manifestação. Mas as três têm de se juntar sempre num único ponto. São variáveis, maleáveis e estão em evolução."

"Então dirias que as frequências que entram no tempo e no espaço são detidas pela própria natureza dessa situação?", perguntei eu.

"Não. Ocorre porque há um ponto de tensão criado pela justaposição das três. Ângulos de incidência variáveis; pontos de tensão vários."

"Então poderias dizer que, quando as três se juntam, é da sua natureza criar um ponto de tensão?", levei a minha sugestão um passo mais além.

"Toma um estalactite de gelo." Este foi o Darby. "Não deixa de ser água com todas as suas potencialidades. No entanto, está detida. O que causou isso?"

"Estar detida significa que uma forma definida, concreta, mensurável está a ser dada. No universo obstruído. Esse é o lugar de nascimento. Está apenas detida por um certo período. Se o calor chegar ao teu estalactite de gelo, ele voltará a ser água, e depois vapor."

"O que acontece à recetividade quando se forma um estalactite de gelo?", perguntou o Darby. "Eu diria que é consideravelmente desacelerada."

"Tal como a condutividade e a frequência", acrescentou a Betty. "É por isso que tens o teu estalactite de gelo. A vossa trilogia órtica entra em justaposição detida. Que é o que eu estava a dizer."

"Bem", disse o Darby, "devo dizer que a tua declaração sobre a condução do som foi excelente![31] Quero salientar que é imensamente ajudada pelo conceito de detenção."

"Ora, há outro pensamento que me ocorre. O que é conduzido: frequência. O que é recebido: frequência. Quando a frequência é conduzida e recebida, observamos movimento. Certamente que isso constitui um campo unificado. Um campo unificado é o que Einstein e todos esses homens procuram."

[31] "A atmosfera, ou qualquer outro meio físico, não é o condutor primário da frequência. É uma obstrução que traz a frequência para a possibilidade de registo do universo limitado."

CAPÍTULO XXI

PARALELISMO DA LEI

Portanto, estão a ver — era o pensamento da Betty —, os processos, as leis e os métodos da criação funcionam da mesma forma tanto para o universo obstruído como para o não obstruído. Isto, claro, é apenas de esperar; e é realmente daquilo de que estávamos a falar quando discutíamos as leis paralelas e afins.

Ela levou-nos um passo mais além. Ela — e aqueles que estavam com ela no seu estado de ser — vivem, não apenas num aspeto do universo, mas no universo inteiro. Tem de se seguir logicamente, então, que ela tem de estar no nosso universo obstruído bem como no seu próprio aspeto não obstruído. Esse, assegurou-nos ela, era o caso.

"Naturalmente!", disse a Betty. "Uma vez que aceitem a ação ilimitada da trilogia coexistente, derrubam completamente qualquer parede real entre um universo obstruído e um universo não obstruído. Fundando as suas investigações nesta fórmula, o cientista pode avançar para provar, não apenas que as supostas leis limitadas são na realidade ilimitadas, mas para descobrir muitas leis novas e projetar a sua operação e beneficência no vosso campo limitado.

"Uma das coisas mais importantes, como vos disse, é o paralelismo das nossas leis. Há apenas um conjunto de leis; mas elas estão condicionadas de duas maneiras. Agora, só para ver como estão a apanhar isto bem, vou fazer perguntas. As leis estão condicionadas de duas maneiras. Como? Para quê?"

"Quanto ao material sobre que trabalham, e quanto à intenção", sugeri eu.

"É isso. O material é o aspeto obstruído; a intenção é o aspeto não obstruído."

O Stephen, numa das suas raras visitas, fez uma síntese que conduziu a este mesmo tema. Ele cobriu muito do terreno anterior, mas incluo tudo aqui como um refrescar do assunto.

"A consciência é a realidade", começou ele. "Está em graus. Perpassa todo o universo. Porque perpassa todo o universo, tem tanto desenvolvimento quantitativo como qualitativo. A evolução é um facto. A consciência está em evolução. A expressão mais elevada da consciência metafisicamente é o homem.

“Ora, as manifestações da consciência no universo estão em graus porque a totalidade da consciência está em evolução. Os graus são os avanços evolutivos da consciência. Estando a consciência em evolução e, consequentemente, em graus, é individualista. A manifestação individual, não importa qual o grau, é uma expressão evolutiva da consciência. Todo o universo está em graus de consciência expressa. O que é uma obstrução para um grau de consciência pode não ser uma obstrução para outro grau. Esta lei prossegue além do meu conhecimento atual.

“O que chamam terra, matéria material, o universo obstruído, existe para a individualização de vários graus de consciência. Numa palavra: nascimento.

“Ora, demos-vos um novo termo — *orthos*, que é a palavra grega para verdadeiro. O termo *orthos* significa simplesmente as características verdadeiras, coexistentes da realidade, a consciência. Dissemos-vos que há uma trilogia órtica; por outras palavras, três características da consciência que obtêm sempre. Estas três são o tempo órtico, o espaço órtico e o movimento órtico. Elas são — quer percebam quer não — os três maiores familiares do vosso universo obstruído; e também de todo o universo.

“Escolhemos a palavra ‘essência’ como um termo nesta nova exposição, para ser usada no seu significado básico. A essência do tempo órtico é a recetividade; a essência do tempo sideral é a recetividade. A essência do espaço órtico é a condutividade; a essência do espaço sideral é a condutividade. A essência do movimento órtico é a frequência; a essência do movimento sideral é a frequência.

“O novo pensamento que tem estado a crescer nas vossas mentes é o facto de que as três essências da trilogia órtica — recetividade, condutividade e frequência — foram manifestadas no universo obstruído como tempo, espaço e movimento, precisamente como a própria consciência se manifestou no universo obstruído como homem, energia ou força, e matéria orgânica e inorgânica. Ou, na realidade, vida e matéria.

“Cada manifestação da consciência opera nas essências da trilogia. As vossas leis, que antes eram chamadas paralelas, são na realidade uma extensão ao universo obstruído, a partir do universo não obstruído, da mesma lei. No entanto, há muitas leis a operar em todo o universo ainda não descobertas pela consciência individualista no universo obstruído. Há todo um campo ainda por desenvolver.”

A conclusão desconcertante que tirámos destas e de discussões semelhantes foi que não há tal coisa como um universo obstruído — exceto para nós! E quando a Betty diz que vive no nosso universo bem como no dela, está apenas a ser cortês. Ela “vive em todo o universo”; disse-nos isso vezes suficientes. Nós também vivemos nele, à nossa maneira, tal como um homem cego e surdo poderia viver no nosso mundo. Estamos obstruídos porque nós mesmos somos obstruções, como se poderia dizer, enquanto estivermos aqui na terra.

“Mas”, insistiu a Betty, “este universo não obstruído é parte de ambos. A diferença entre a vossa existência e a minha existência é que o que é uma obstrução para vocês não é uma obstrução para mim; e que vocês não poderiam, no vosso estado atual, eliminar a obstrução.”

Tudo bem: concordámos que admitiríamos tudo isso. No entanto, aqui estávamos nós, consideravelmente obstruídos; e afinal de contas éramos nós que ela estava a tentar fazer compreender; e é uma condição, não uma teoria, que nos confronta. Algum tempo antes, lembrámos-lhe, ela tinha expressado o propósito, entre outros, de nos transmitir a efetiva inter-fusão do seu estado de ser e do nosso. Talvez pudéssemos chegar melhor a isso sabendo mais sobre o seu estado de ser atual.

CAPÍTULO XXII

INTENÇÃO, EVENTO E A MULHER DOS OVOS

1

Desfrutámos de bastante diálogo de mera curiosidade de tempos a tempos.

“Vocês jogam jogos aí?”, perguntei eu, meio a brincar. “Ou o vosso trabalho é tão parecido com brincar que não precisam de jogos?”

“Claro que jogamos jogos! Somos humanos!”, disse a Betty.

“Que tipo de jogos?” Eu estava cético. “A tentar ver quem consegue arremessar a melhor frequência?”

A Betty recusou-se a brincar. Ela considerou.

“Bem, não muito diferentes dos vossos jogos — em princípio. Afrontamos algo um pouco grande demais para nós.”

Esse tipo de coisa era tanto interessante como divertido para nós. Não queríamos pressionar detalhes, mas havia certas coisas que tinham a ver com fundamentos do estado de ser atual da Betty que desejávamos enormemente explorar mais. Como lida ela com o seu tempo e espaço, por exemplo? Já tínhamos percebido que, para ela, ambos eram altamente maleáveis: e tínhamos recebido certas analogias, como foi exposto na Parte II. Até que ponto podia ela escapar completamente dessa trilogia de tempo, espaço e movimento pela qual estamos constrangidos?

Ela não podia escapar completamente de todo, disse ela.

“Nem o movimento nem o espaço poderiam incidir no vosso mecanismo de tomada de consciência exceto em proporção ao tempo. A mesma coisa é verdade para mim. A potencialidade de todos estes três está na consciência. Tudo o que vos posso dizer é que operam nos dois mundos”, respondeu ela. “Têm de manter claramente em mente a diferença: que o universo obstruído tem uma frequência limitada, e que o universo não obstruído tem uma frequência ilimitada. Mas é a mesma frequência. Opera da mesma forma. Vocês têm uma frequência que permite aos vossos sentidos ter tomada de consciência de todo o universo, até um certo ponto. Esse ponto varia com o indivíduo. A nossa frequência no universo não obstruído é a frequência além do ponto mais elevado atingido por essa variação.

“Tomemos o tempo no vosso próprio universo. Examinem as várias conceções de tempo mantidas por indivíduos no vosso próprio universo. O que é o tempo para um cão, para uma criança, para vocês? É diferente para cada um. O tempo, no vosso universo obstruído, ocorre em graus. O mais próximo que podem agora conceber do nosso tempo, espaço e movimento órticos é o vosso tempo, espaço e

movimento psicológicos. Eles são obstruídos apenas pelo vosso grau de conceção."

O "grau de conceção" dela, implicava ela, é mais elevado do que o nosso; logo, o seu domínio psicológico é maior. Este pensamento foi ao início um pouco obscuro, embora tenha proporcionado um relance.

"Vocês manipulam o tempo, o espaço e o movimento — à sua maneira — no vosso universo obstruído", apontou ela. "Então por que não haveriam a condutividade, a recetividade e a frequência de estar sujeitas a manipulação?

"O nosso método de contrair[32] o tempo é a nossa atitude individual em relação a ele. O que pode ser um longo tempo para outro no meu grau, pode ser um curto tempo para mim, e vice-versa. Nós, porque queremos que um dado período seja longo ou curto, fazemo-lo assim. Várias pessoas no vosso grau de consciência aproximam-se deste poder."

Isto deu-nos outra ideia, ou melhor, outro relance, mas o assunto continuava sem estar de todo claro.

"O problema é que vocês estão a medir o tempo", disse a Betty. "Levantam-se de manhã. Têm um dia sideral diante de vós. Por alguma razão desejam que fosse o fim do dia. Não querem suportar as horas. Para as passar rapidamente, colocam nelas conteúdo de interesse. Têm de cobrir a medição sideral do dia. Doze horas têm de ser preenchidas — uma duração. O nosso tempo não está dividido dessa forma. Mas podemos estendê-lo dessa forma! Eu posso viver aqui, hora a hora, convosco. Ou se eu quiser deixar-vos e ir para casa e voltar ao tempo sideral em que saí, posso fazer isso. Vocês não podem. Vocês têm apenas o controlo psicológico do tempo, isso é tudo.

"Desenvolveram no vosso mundo um controlo maior do espaço, mecanicamente, do que têm do tempo. Nós temos aqui um controlo do tempo comparável a esse controlo que vocês estão a desenvolver do espaço. Percebo que o vosso controlo do espaço é apenas uma medida de tempo, mas não é do tempo que obtêm o domínio mecânico final; é do espaço. A nossa mecânica é a vossa — frequência.

“A melhor coisa que posso fazer para vos fazer compreender a nossa apreensão do tempo é compará-la a um mapa. Está lá. Nós abrangemo-lo. O tempo, cuja essência é a recetividade, é experiência. É todo o conhecimento empírico disposto para nós usarmos. Isso não significa que seja estático. O futuro também está lá, e se tivermos o impulso de colher dele alguma potencialidade particular, podemos fazê-lo. O futuro é para nós muito como o passado é para vocês. Podem ir atrás na história ou na emoção ou na investigação ou na memória, e colher qualquer pedaço de conhecimento empírico que achem que vos servirá.

“Ora, além deste aspeto do tempo como uma medida, vocês usam o tempo como uma duração. Nós também. Mas porque temos o controlo psicológico do mapa — podemos ver por todo ele —, podemos colher o que queremos, tal como vocês podem voltar atrás sobre ele e colher o que querem. Podemos controlar a duração dele. Sem o saberem, vocês fazem o mesmo, até certo ponto. Fazem-no psicologicamente. Uma das razões pelas quais é possível para mim estar a dizer-vos estas coisas hoje é porque nas últimas duas décadas os vossos graus-homem de consciência avançaram tanto no controlo da relação entre o tempo e o espaço.

“Podemos ir para trás ou para a frente no tempo no universo não obstruído. O tempo é. É provavelmente daí que os escritores do Antigo Testamento tiraram a sua ideia de um Deus nos céus, e o último é o primeiro, e a desenrolar-se como um pergaminho, e tudo o resto.”

Isto também dava, pelo menos, que pensar; e levantou uma série de perguntas. Concordámos com a Betty que provavelmente compreenderíamos melhor se entrássemos nisso em ligação com o tipo de espaço dela, mas algumas dessas perguntas clamavam nas nossas mentes por discussão imediata.

Havia a declaração da Betty, atirada de passagem, por assim dizer: “Se eu quiser deixar-vos e ir para casa e voltar ao tempo sideral em que saí, posso fazer isso. Vocês não podem.”

E as suas observações quanto ao seu domínio do conhecimento do futuro pareciam carregar implicações de predestinação, de

fatalismo. E onde entrava o poder de profecia nisso? Eu tinha tido algumas experiências estranhas com profecia recentemente.

[32] E expandir?

2

A questão daquilo a que se poderia chamar a agilidade da Betty não se provou tão difícil como tínhamos temido. A Betty deixou a sua resolução para nós; e nós conseguimos desenvencilhar-nos. Ela aprovou a minha declaração final como sendo pelo menos suficiente.

"Entre as frases desta própria conversa", propus eu, "há alguns segundos de tempo sideral, um período muito breve, no entanto tempo. Contudo, isto é tempo sideral; e é breve apenas pela medida sideral. No tempo órtico, porém, é suficiente para quaisquer propósitos que desejes realizar. Por meio do teu controlo do tempo psicológico, e da tua capacidade de o preencher com conteúdo, és capaz nele de dar a ti mesma 'espaço de manobra', por assim dizer."

Isso servia por agora, disse ela. Mais tarde o Stephen acrescentou algo.

"As essências — recetividade, condutividade, frequência — são a realidade", disse ele. "O tempo sideral, o espaço sideral, o movimento sideral são as manifestações no universo obstruído. É isso que explica a maleabilidade do tempo, do espaço e do movimento. É isso que a Sra. White estava a tentar dizer-vos. No entanto, ela não sabia como podia esticar ou contrair o tempo, o espaço e o movimento. Não pode. Mas estica e contrai a recetividade, a condutividade, a frequência. Ela sabe como fazer isso. Disse-vos que usava o seu tempo psicologicamente. Um pouco infeliz; no entanto é uma chave para a compreensão."

3

A questão da predestinação, do livre-arbítrio e da profecia provou ser ainda mais interessante. Veio muito para o primeiro plano das nossas mentes através de uma experiência que a Betty me instou a ter. Apanhando algum tempo livre, tinha estado a visitar amigos em Long Island que tinham convidado para uma noite um físico e a sua mulher

que, tal como eles, partilhavam o meu interesse por assuntos psíquicos, pelo menos academicamente.

A razão especial para o convite era para que me falassem, em primeira mão, de uma psíquica local que o físico tinha visitado várias vezes de um ponto de vista de investigação, e sobre quem ele e a sua mulher tinham falado aos meus amigos. O nome dele para esta psíquica era "a Mulher dos Ovos", e embora os seus relatos das suas experiências e achados com ela fossem invulgarmente interessantes, eram no essencial uma velha história para mim.

Há muito que eu era membro de um grupo de investigação psíquica na Califórnia e, como tal, tinha "investigado" médiuns por toda a Costa Oeste.[33] Assim, sob estas circunstâncias, e como não me era particularmente conveniente visitar a Mulher dos Ovos, guardei a noite na minha memória como uma agradável experiência social e supus a questão assim encerrada.

Contudo, quando falei da vez seguinte com a Betty, ela insistiu em que eu fizesse os preparativos necessários para entrevistar esta psíquica. Portanto, numa visita subsequente à Ilha, os meus amigos, nada relutantes, levaram-me de carro a alguma distância pelo campo para visitar a Mulher dos Ovos. Esposa de um agricultor, ela provou ser o que normalmente se chama uma "vidente". Os meus amigos fizeram uma verdadeira festa da viagem — "vamos ler a sorte!"

Encontrámos nela uma mulher de Gales de boa presença, muito dona de si, calma e sincera no trato, com extraordinários olhos escuros. Ela precisava do domínio de si, pensei eu, pois a casa estava cheia do barulho de crianças e de dois rádios a tocar ao mesmo tempo. Ler a sorte era uma atividade secundária para ela. Não tinha presunções nem adereços. Recebeu-nos a cada um individualmente, por turnos, na sua sala de jantar.

Ali apresentou-me um copo meio cheio de água, um ovo cru e uma colher. Sob instruções, quebrei a clara do ovo para a água e mexi com a colher. Ela olhou para o copo e "leu" o padrão feito pela clara do ovo. Essa era a sua forma de folhas de chá, bola de cristal, cartas de jogar. Era o seu "sinal".

Ela encorajava a tomada de notas; e era notável, pois claro que nunca tinha visto nenhum de nós antes, e não tinha a menor ideia da nossa identidade. As suas declarações eram muito categóricas: não exigiam interpretações. Mas a fase mais interessante, como se veio a provar, foi a precisão das suas previsões. Ela fez um certo número delas, categoricamente; e como a maioria estava projetada para ocorrer num futuro bastante imediato, podiam ser facilmente verificadas. Todas as desse tipo se provaram corretas. Algumas estão ainda no futuro — supostamente. Embora não tenha dado nem aos meus amigos nem a mim nada de importância que abalasse o mundo, certamente impressionou-nos como possuidora de um dom definido, do seu género.

Mas eu continuava a perguntar-me por que razão tinha tido de ver a Mulher dos Ovos. A razão em breve se revelou.

"Acho", começou a Betty, na primeira noite em que estive de volta com o Darby e a Joan, "que foi sugerido que falássemos sobre o fado, e a conversa ao jantar" — eu tinha estado a relatar a minha experiência com a Mulher dos Ovos — "pôs na mente do Stewt o relance que se encontra na velha doutrina da predestinação. Suponhamos que começam por fazer perguntas."

"Bem", acedeu o Darby, "o Stephen diz que o vosso maior conhecimento de causa e efeito vos permite fazer melhores previsões do que nós."

"Disse-vos que olhávamos para todo o tempo como para um mapa. Os contornos do mapa, nós vemo-los. Por exemplo, um dos contornos do futuro é a evolução, um crescimento em direção à perfeição. Sabemos, por exemplo, que no futuro imediato no universo obstruído continuará a haver desvios aparentes de crescimento e um retardamento aparente da perfeição.

"O teu arbítrio é livre, e podes escolher de acordo com a tua qualidade. O meu arbítrio é livre, e posso escolher de acordo com a minha qualidade. Não sei se lhe chamaria precisamente colher o futuro. É talvez que me disponho a assimilar um aspeto do futuro do qual tenho tomada de consciência de que preciso.

“A verdade no relance da predestinação é o facto de que a qualidade individual de alguém nascido na terra é fixa; e que tem de retornar à sua própria qualidade quando vem para aqui. Isso mesmo é lei, e se quiserem chamar a isso predestinação, podem fazê-lo.”

“Poderias”, o Darby expressou o pensamento que nos estava a perturbar a ambos, “expandir o conceito do futuro tendo em conta as nossas novas ideias quanto ao tempo? Percebemos que o tempo órtico é bastante colapsável; que poderias passar para o futuro mais ou menos à vontade. É acessível por alguma lei órtica que tu podes operar e nós não. Eu sinto no meu sentimento do tempo, como tal, que ele é mais ou menos sem futuro e sem passado. Se incluíres isso, dá-te de certo modo uma visão para dentro do futuro. Se podes ver que uma coisa vai acontecer, o que podes fazer quanto a isso? Isso é predestinação.”

“Causa e efeito”, disse a Betty, “é uma das leis do tempo, tal como é uma das leis do movimento. Há quem esteja aqui agora que vos poderia dizer coisas que vão acontecer. Já o provaram. É feito na essência do tempo, a recetividade.

“Toma a tua própria experiência. Levantas-te de manhã. A tua intenção é ir para o escritório. Prevês a tua chegada ao escritório. É perfeitamente verdade que há coisas que poderiam desviar essa intenção. E é verdade que tens de operar certas coisas no teu presente para fazer esse evento futuro tornar-se presente. No entanto, tu prevês o evento. Esse é um exemplo muito simples. Podes querer que não surta efeito. Pode haver desvios estranhos que podem parar o efeito. Essa é uma condição do universo obstruído. A predestinação é, convosco, apenas um relance. É muito mais do que um relance connosco, embora não seja uma realidade completa. Façam outra pergunta: ela perdeu o fio à meada.”

“Podes ver esta sala como ela é. Podes vê-la como ela será daqui a duas semanas?”, propôs o Darby.

“Sim, condicionada por certos arbítrios.”

“De quem são esses arbítrios?”

“Teus, primeiro, porque esta sala pertence-te a ti.”

“A uma hora imprevisível, algo vai mudar esta sala. Tens a capacidade de ver essa mudança?”, perguntou o Darby.

“Sim”, afirmou ela.

“Essa tua capacidade extra tem a ver com uma propriedade do tempo da qual tu tens tomada de consciência e eu não?”

“Sim”, assegurou-lhe a Betty.

“Podes ir mais longe nisso? Ou só podes dizer que é a tua apreciação de mais causas do que aquelas que eu aprecio? Ou é da natureza do teu sentido do tempo, e não de causa e efeito?”

“É da natureza do meu sentido do tempo. Mas tenho de insistir em que compreendam também a avaliação dos pequenos eventos e a maleabilidade deles, em contradistinção com os grandes propósitos.”

“Com isso queres dizer que os pequenos eventos são mais facilmente perturbados por pequenas causas trazidas pelo livre-arbítrio do que os eventos maiores? Estes últimos são grandes demais para serem afetados ordinariamente por divergências pequenas do livre-arbítrio? Portanto, os profetas poderiam ter mais sorte com estes últimos”, sugiri eu. Eu estava apenas parcialmente certo; mas a minha pergunta conduziu diretamente ao âmago da matéria.

“A intenção no tempo é uma coisa. O evento no tempo é outra”, afirmou a Betty; e fez uma pausa para deixar isso entranhar-se. “Vocês prevêm o vosso futuro, na maior parte, pelo evento”, continuou ela. “Vocês condicionam o vosso futuro no evento presente. Nós olhamos para a frente no tempo de ambas as maneiras. Temos tomada de consciência do evento, mas relacionamo-lo imediatamente com a intenção. Alguns de vós também fazem isso — um pouco”, concedeu ela. “Algumas pessoas têm esse sentido mais amplo do significado dos eventos, por assim dizer, a avaliação mais ampla do evento.

“A evolução do tempo, nós vemo-la. A isso chamam a intenção. É-nos perfeitamente claro. Vemos também o evento como ele é condicionado pelos arbítrios dos homens. Mas nós, conhecendo a intenção do tempo, que é o futuro, podemos seguir esse evento

condicionado além do vosso presente, e ver como ele se relaciona, individualmente, com a intenção."

"Acho que precisamos de algumas ilustrações", disse o Darby. "Que tal isto? Aqui está um rio. Essa é a intenção do tempo. Aqui está um tronco a flutuar no rio, um evento. Sabes que há um encravamento de troncos mais abaixo no rio. A intenção do rio permanecerá. Sabes que este tronco, tanto por si como por estar implicado com os outros troncos do encravamento, não vai alterar a intenção do rio; e que ultimamente o encravamento cederá, e o tronco-evento será absorvido na intenção do rio. De modo que, se fôssemos perguntar à Betty quando é que o encravamento vai ceder, ela poderia fazer uma previsão imprecisa. Mas se lhe perguntarmos se vai ceder, ela profetizará verdadeiramente, pois conhece a intenção."

"Muito bem", aprovou a Betty.

"Ou tomemos outro exemplo", disse eu. "Antes de começarem os trabalhos na Ponte Golden Gate podias prever com precisão que ia haver um pilar de betão na margem de Marin. Isso estava na intenção da ponte; e sabias que uma ponte estava tencionada. E essa intenção não seria afetada pelas pequenas divergências e exercícios do livre-arbítrio, como numa greve, ou no ser preguiçoso, ou na sabotagem, ou o que se quiser. Mas essas coisas afetariam seriamente as tuas previsões quanto ao evento de quando a ponte estaria terminada."

"Todo o ponto está em diferenciar entre o evento e a intenção. E em considerar a justaposição dos dois", concordou a Betty.

"A previsão da intenção depende do sentido do tempo; a do evento, de causa e efeito. É essa a diferença?", perguntei eu.

"Acho que a intenção está no tempo, e os eventos são as estações de passagem ao longo do curso", respondeu a Betty. "A intenção controla o evento até um certo ponto, mas o evento é mais controlado no universo obstruído pelo livre-arbítrio do homem. Mas não se pode controlar a intenção pelo arbítrio."

"Então", disse o Darby, "não se podia confiar implicitamente na intenção por causa das intenções conflituantes de diferentes intrusos."

“Queres dizer as intenções de vários graus de consciência”, particularizou a Betty. “A única intenção que realmente governa é a evolução. É a característica primária da recetividade, do tempo. É verdade que há várias intenções, incluindo intenções individuais, mas a intenção da qualidade da consciência está mais numa linha reta do que a intenção da quantidade da consciência. Mesmo no vosso universo obstruído têm intenções do tempo, bem como eventos.

“As intenções podem conflituar umas com as outras, dizes tu. O que queres dizer é isto: um grau elevado de qualidade de consciência pode pôr em movimento uma intenção. Uma qualidade mais baixa pode também pôr em movimento uma intenção. Isto é assim porque ambos são livres-arbítrios. Mas a diferença aqui é que a intenção da consciência é uma coisa; e a intenção de um indivíduo — qualquer tipo de indivíduo — é apenas um evento.

“Quando se obtém a consciência dividida em indivíduos, a intenção do indivíduo pode correr ao arrepio da intenção evolutiva. A diferença entre nós e vocês é que connosco os eventos são mais intimamente idênticos à intenção.

“Podemos ver para dentro do futuro no que diz respeito à intenção. Podemos ver o evento na base da causa e efeito com uma visão mais ampla do que vocês. Podemos ver o evento na intenção; isto é, poderíamos. Mas para quê? Uma folha cai de uma árvore, mas que tem isso? É sem importância, porque não interfere de todo com a intenção da árvore.

“Ora, a Mulher dos Ovos” — estávamos de volta à Mulher dos Ovos finalmente — “é o que poderiam chamar uma profetisa de vista curta. Isto é, embora veja, em parte, a intenção de curto alcance, é sobretudo causa e efeito que ela vê. Não prevê ao longe com precisão. Mas o seu material de curto alcance é tão bom porque ali as causas e efeitos estão bastante bem dispostos, com apenas uma pequena oportunidade de um evento externo modificador ou interferente acontecer num tempo tão curto. Além disso, causa e efeito ganham mais solidez, imunidade, contra a interferência externa à medida que se aproximam da culminação. Muito como um curso de água ganha

aceleração e força à medida que se aproxima da borda da queda de água."

Mais tarde o Darby teve uma ideia a título de ilustração.

"Aqui está um pensamento sobre esse material do futuro", disse ele. "Olho para um espelho na sala ao lado e vejo nele um quadro na parede que não vejo efetivamente. E não o verei efetivamente até me levantar e ir para essa sala e olhar; e toda essa ação não é agora, mas no futuro. O tempo, o espelho, mostra-me de facto a intenção do quadro, mas não o evento — até que ele entra no presente pela minha caminhada para a outra sala."

[33] Veja-se The Mystery of the Buried Crosses de Hamlin Garland.

CAPÍTULO XXIII

O MUNDO DA BETTY: A SUA FLUIDEZ

1

Quando a Betty e a Joan trabalhavam juntas como estações, lá atrás em 1922,[34] cada uma usava o seu próprio método. A Betty ia explorar, em pessoa; a Joan afastava-se de si mesma para permitir que os Invisíveis dissessem o que tinham a dizer. A Betty muitas vezes — quando ambas estavam em transe — tentava induzir a Joan a juntar-se-lhe, mas a Joan tinha recusado sempre. As suas poucas excursões tentativas não lhe agradaram: e o intercâmbio de persuasão e objeção era por vezes muito divertido.

Em linhas gerais, a Joan mantinha-se no seu velho método agora. Mas com, aparentemente, uma diferença. Até aqui tinha sido meramente "levada para longe". Agora era "levada para longe", como de costume; mas estava também ela mesma sob instrução.

"A Joan", confidenciou-nos a Betty, "tem estado nas últimas três semanas a ir para a mesma escola para onde eu tenho ido."

"Estive aqui muitas vezes, mas é só desde que a Betty veio para ficar que tenho sido capaz de fazer parte do padrão", foi o primeiro comentário da Joan. "Tenho de aprender a fazer o que a Betty fez. Se eu o conseguir fazer, com ela a explicar, posso dizer-vos como se faz.

"Isto de vaguear por aqui com a Betty é tão confuso", queixou-se ela, "porque não é nada diferente. Ora, se fosse apenas uma espécie de lugar lá debaixo da água! Mas não é nada diferente."

"Bem, quem é que disse que era?", retorquiu a Betty.

"Sabes, eu já estive aqui antes!", repetiu a Joan. "É tão familiar. Não sabia qual era a diferença. Estou a descobrir. — A única diferença é o grau de frequência. Eu apenas tenho mais poder aqui do que tenho de volta convosco.

"Há uma série de coisas engraçadas. — Estou a observar as pessoas. Ainda não sou como elas porque tenho de voltar. Só posso ficar nas linhas laterais a observar."

A Betty demonstrou um orgulho quase desmedido sobre este primeiro sucesso da Joan. A experiência não foi repetida muitas vezes, ou pelo menos não nos foi relatada muitas vezes; e destinava-se normalmente mais a clarificar a nossa compreensão do que a transmitir algo registável.

"A Joan está aqui connosco", a Anne interrompeu subitamente o discurso da Betty certo dia. "Gostariam que ela vos dissesse o que vê?"

"Muitíssimo!", respondemos de todo o coração.

"Sempre quis viajar; e agora posso viajar", começou a Joan. "Posso ir a qualquer lugar a que queira ir. Não há obstruções.

"É difícil fazer-vos compreender a diferença. A única diferença que posso ver é liberdade, libertação e realidade nas coisas pelas quais lutamos na terra.

"Uma das coisas que mais me interessa são os corpos belos que as pessoas aqui habitam. O meu corpo está atado: tenho de voltar, não posso ficar. Mas se alguém gosta de luz e cor — os corpos destas pessoas brilham com luz e cor. Eu reconheço-as pela sua luz e cor, porque a intensidade da sua cor e da sua luz mostra a sua frequência. Quase se podem dizer os seus graus dessa forma. Certamente se sente a radiância da sua individualidade. São muito belas.

"Gostava de vos dizer como vejo a Betty; como ela está comigo aqui. Parece exatamente como parecia no seu jardim, exceto que brilha, e há um suave brilho rosado a vir dela, e é quente e doce, e muito, muito reconfortante de sentir. É amigável e bondoso, e há uma grande força nisso. A sua cor é uma cor bela e nova que nunca vi em lado nenhum. Não a posso descrever, pois está além das frequências de cor para as quais temos palavras. Mas é feita de ouro, e de um rosa rico e profundo, e de uma espécie de azul celestial, e pulsa em redor dela.

"Aquele velho ditado, 'a música das esferas', também é verdade; e são as vozes das pessoas em redor de mim; e a voz da Betty é uma voz querida, a cantar, a rir. Todos aqui que a conhecem a adoram; e ela está a acumular para si uma grande quantidade de poder e graciosidade e força por causa do trabalho que está a fazer.

"Ora!", exclamou a Joan, "parece que nós, vocês, todos nós que temos laços estreitos aqui, podemos fazer muito para as ajudar, tal como elas nos ajudam a nós! A Betty diz que eu a ajudo, e vocês ajudam-na, oh, tanto! Ela diz que vocês estão a fazer a metade terrestre do trabalho dela.

"Este lugar onde estou não parece nada diferente. É apenas aqui. A única diferença é que nada obstrui. Parece haver uma fluidez no esforço, no espaço, no tempo, em tudo. Flui, de alguma forma. A única diferença é que é não obstruído.

"Mas", acrescentou ela, "dá-me a impressão de ser um lugar onde não têm nenhuns sólidos!"

[34] Veja-se o Apêndice de The Betty Book.

2

"Querem saber como opero na minha consciência, que está apenas além da vossa", a Betty retomou a história. "Nós postulámos que há apenas um universo. Para propósitos de evolução este universo foi dividido em aspetos quantitativos e qualitativos.[35]

"Primeiro deixem-me meter-vos firmemente nas mentes a ideia de que o vosso mundo é o meu mundo, e a vossa matéria é a minha matéria. Ora, tal como na maturidade manuseiam um automóvel de forma diferente de um rapaz a aprender a conduzir, assim nós aqui diferimos de vós no nosso manuseamento dos mesmos fundamentos manuseados por vós. Vou ter de eliminar detalhes porque tenho medo de vos confundir, mas vou tentar dizer-vos tão proximamente quanto puder como é o meu mundo.

"Em primeiro lugar, quando se vem para aqui, uma das coisas que mais vos espanta, como a Joan disse, é a falta de diferença. Uma e outra vez o Stephen disse ao Darby que um dos seus primeiros trabalhos aqui era ir ao encontro de rapazes que morriam subitamente na guerra, sem o pequeno intervalo entre as duas consciências, e explicar-lhes o que tinha acontecido e onde estavam."

Claro que a Betty já nos tinha dito, incidentalmente, uma boa quantidade de coisas respeitantes ao seu estado de ser. O leitor teve algum desse material na Parte I deste livro. E muito mais nos chegou logo ao início, em conversa não gravada, quando a Betty estava a dar garantia da sua atualidade. Por isso escrevi então uma pequena síntese, dirigida a ela, daquilo que, até à data, pensávamos que nos tinha sido dito, e das conclusões que tínhamos tirado. Aqui está a síntese:

[35] Veja-se o Capítulo X, Consciência, A Única Realidade.

3

"No teu corpo tens, através das suas perceções, as mesmas relações com o teu mundo que nós temos com o nosso.

“Mas o teu corpo não é multicelular, não é composto por numerosas entidades; é integral e expressa apenas a tua entidade individual.

“És capaz de ver e tocar o nosso mundo. Experimentas as mesmas reações, subjetivamente, como experimentarias através dos teus sentidos físicos. No entanto, acrescentas algo àquilo que percecionaste na carne; ‘vês também além disso’.

“Compreendes-nos quando falamos alto contigo. Percebo que uma mensagem não falada conscientemente dirigida a ti é do mesmo modo ouvida. Percebo que não lês pensamentos não dirigidos a ti; mas também que o poderias fazer se necessário ou desejável.

“A ‘densidade’ de que tanto se fala como estando entre o teu mundo e o nosso mundo é uma densidade que afeta a nossa função recetora. A sua penetração por ti é um trabalho. Mas a ideia de que ela te adormece, de que te estorva como uma droga poderia fazer, é incorreta.”

4

A diferença básica entre o mundo dela e o nosso era, aparentemente, de obstrução. O que, exatamente, queria ela dizer com isso? E quais eram as implicações?

“Apenas o que disse”, foi a atitude da Betty. “A matéria é uma obstrução para vocês; não é para mim.”

“Bem agora”, disse o Darby, “a secretária ali não é uma obstrução para ti. Suponho que podes caminhar através da secretária. Tens de ser então de matéria tão atenuada que não deixas na substância da secretária nenhum vestígio. Estava a perguntar-me—”

“Podes enviar um choque elétrico através da secretária, ou um raio X, e não deixar nenhuma marca”, interrompeu a Betty.

“A consciência da matéria é de um grau muito baixo, e está ao comando da consciência do homem”, disse a Anne. “Está ainda mais ao nosso comando no universo não obstruído. Contudo, há limitações aqui.

“Não devem esquecer que desfrutamos do vosso jardim terrestre. Há verdade na declaração de que Deus caminhou no jardim pelo fresco da tarde. Nós amamos a vossa terra e as suas belezas e grandezas. É-nos muito aprazível, e vemos mais dela do que vocês, e por isso amamo-la tanto mais. É um lugar maravilhoso, mesmo nos seus aspetos obstruídos; e não obstruído, é o céu para nós que desenvolvemos a nossa quantidade ali.”

“Tu vês efetivamente a secretária, tal como nós a vemos que estamos aqui nesta sala, nos nossos corpos físicos?”, chateámos nós a Betty.

“Deixem-me falar comigo mesma”, pediu ela. Após um momento começou a falar em voz baixa, com pausas entre cada frase, como se estivesse efetivamente a fazer coisas e a verificar sobre elas à medida que avançava.

“Entro nesta sala. Vivo em todo o universo. Contudo, vejo a secretária. Se a Joan fosse para a secretária, seria uma obstrução para ela. Para mim não é. Claro que não posso viver nessas limitações. Não posso refocar a minha frequência para recuperar a velha secretária. Mas podia usar essa secretária à minha maneira.”

“Explica um pouco”, instou o Darby. “O que é ‘a tua maneira’ com uma secretária mundana?”

“Bem”, a Betty tentou explicar, “o atributo de forma da secretária é o que é real para mim. Ora, o atributo de forma da secretária, naturalmente, para vocês tem um certo uso. Eu podia fazer todas essas coisas, se quisesse.”

“Então”, questionou o Darby, “o teu uso para a secretária corresponde ao nosso uso para a secretária, tal como o teu beta[36] corresponde ao beta da secretária. A secretária é um alfa em relação ao meu corpo alfa, tal como é um beta em relação ao teu corpo beta?”

“A nossa ‘intenção’ é exatamente a mesma, no que se relaciona com a secretária; mas o nosso ‘evento’ de uso é diferente”, disse a Betty. “A intenção é a feitura e o armazenamento de registos. Nós fazemos e armazenamos registos. E mesmo convosco há várias intenções para secretárias. O Stewt tem uma secretária para escrever um tipo de trabalho criativo; o Darby tem uma secretária para outro tipo de trabalho criativo.”

Abandonámos a secretária como a nossa ilustração. Há muito tempo que a Betty nos tinha avisado contra o que ela chamava “educarmo-nos além da compreensão”; que é uma boa frase para descrever uma falha humana muito comum. E também nos tinha avisado de que não devíamos esperar nenhum relato claro e detalhado do seu mundo. Na verdade, esse aviso tinha-nos sido dado muitas vezes pelos nossos Invisíveis quando a Betty estava a trabalhar deste lado.

Focar até à descrição exata era o que a Betty chamava “ficar à Oliver Lodge”, em referência às declarações sobre casas de tijolo, charutos e coisas do género em *Raymond*.[37] Uma tradução demasiado literal de um paralelo, dizia a Betty.

“O Sir Oliver é um físico muito grande e compreensivo”, disse ela. “Ele compreendeu em parte o que o Raymond estava a tentar dizer-lhe, mas não percebeu claramente.”

O melhor que podíamos esperar fazer seria obter os princípios da sua vida em vez dos detalhes concretos.

Tentei uma nova abordagem.

“Dizes que o teu corpo é ‘exatamente como eu costumava conhecê-lo’”, disse eu. “Isso, também, é difícil de compreender. Que uso possível poderias ter para tal corpo?”

“Eu sou como costumava ser — conhecer-me-ias como costumavas conhecer-me—” A voz da Betty era hesitante. “Não acredito que te consiga fazer compreender. É essa lei dos paralelos outra vez. O meu corpo funciona para mim — de acordo com as minhas necessidades—”

“O teu desenvolvimento é qualitativo”, sugeriu o Darby. “Não tens novas funções e faculdades para esse desenvolvimento?”

A Betty aprovou a pergunta, mas sentiu que estávamos a ficar à Oliver Lodge outra vez. Por isso nos desviámos disso.

“Agora”, a Betty voltou ao assunto original, “eu disse que a vossa matéria não é nenhuma obstrução para mim. Nem a minha matéria o é para mim. Mas nem a minha matéria o é para vocês. Agora remoam isso.”

O Darby teve um pensamento terrível.

“Grande Deus!”, exclamou ele. “Quando nos cruzarmos uns com os outros não sei quem deambula através de quem!”

A Betty riu-se.

“O facto é que nós não deambulamos através uns dos outros”, disse ela. “Entidades, entidades primárias, são indivisíveis. O vosso corpo, o ‘templo do corpo’ que vocês — o Eu, o Eu-Sou, o Ser — habitam por um período de tempo sideral, é divisível; pois é feito de inúmeras entidades de consciência de grau baixo.

“Não vos estou a dizer nada que não saibam. As nossas entidades indivisíveis primárias não poderiam passar através umas das outras. Estou a chamar a vossa atenção para tudo isto para a melhor apreensão da indivisibilidade da tua entidade consciente e da minha entidade consciente.”

[36] Veja-se o Glossário.

[37] Raymond or Life and Death, de Sir Oliver Lodge; George H. Doran Co., 1916.

5

A única diferença, lembrou-nos ela, é a diferença de frequência. Recordem a sua ilustração singela do volante de inércia a mover-se tão rápido — a mover-se com uma frequência tão elevada que os seus raios são invisíveis, de modo que vemos através deles. “Essa é a única

razão pela qual não me conseguem ver", tinha ela dito. "E há uma diferença corolária no mecanismo de tomada de consciência.

"Lembram-se do que disse sobre a 'densidade' que muitas pessoas supõem que temos de penetrar para chegar até vós? Há uma dúvida na mente da Joan sobre isso. Quando eu costumava visitar aqui" — ela estava a referir-se à sua penetração da consciência mais elevada quando ainda estava na terra —, "quando eu costumava visitar aqui, recordar-se-ão de que usei a palavra 'densidade' para descrever uma condição, uma dificuldade de compreensão, um grau de obstrução.

Ora, é isso que a densidade é. Não é uma obstrução no sentido em que a vossa matéria é uma obstrução, mas é uma frequência mais baixa do que aquela em que nós aqui operamos, e é uma condição do universo obstruído que por vezes torna difícil para nós comunicar convosco. Mas não é matéria, *per se*. É uma frequência mais baixa. Temos de a sintonizar para conseguir passar por ela para comunicar convosco."

"Então não é uma coisa que te estorve ao andares nos nossos arredores?", perguntei eu.

"Não. É psicológica, por assim dizer. Não é matéria. Tem a ver mais com — uma espécie de linha de fronteira entre o vosso subconsciente e a nossa atualidade. Se voltarem atrás nos nossos velhos registos verão, com esta nova compreensão da frequência, o que os Invisíveis queriam dizer há anos quando nos falavam sobre 'densidade'."

CAPÍTULO XXIV

O MUNDO DA BETTY: A SUA SOLIDEZ

"Sim", disse eu, a propósito da declaração da Joan relatada no capítulo anterior, de que para ela o universo não obstruído parecia um lugar onde não havia nenhuns sólidos, "esse é um bom ponto. Disseste que querias trazer — e quero dizer trazer, disseste tu — uma imagem a mostrar a unidade dos dois universos; e que eles são paralelos; e tudo isso. Bem, declaro categoricamente que o nosso universo é para

nós sólido. Já bati com a cabeça nele. E essa solidez deve-se ao facto de as coisas serem uma obstrução para mim. Mas tu vives num universo não obstruído. O que fazes? Apenas flutuas?"

Mas a Betty não queria nada com essa história de flutuar. Na verdade, acho que ela ficou um pouco indignada com isso. A acusação de que era sob qualquer aspeto um "espírito desencarnado", uma "sombra" ou um anjo a tocar harpa, despertava-a sempre. "Mas eu digo-vos, nós somos humanos!", protestava ela.

"Qual é a vossa ideia de onde eu estou agora, afinal?", desafiou ela um visitante, numa das raras ocasiões em que tínhamos acrescentado alguém ao nosso número.

"Ora—", gaguejou o visitante, "eu penso em si apenas como suspensa, de algum modo, no espaço."

"Estou mesmo aqui", foi ela extremamente enfática. "Há apenas um universo. Não há outro 'céu'. É apenas o facto de não me conseguirem ver. Os vossos olhos não estão sintonizados com a cor, os vossos ouvidos com o som. Estou numa fase não obstruída do único e exclusivo universo, isso é tudo. É apenas o facto de o meu Eu-Sou estar separado da obstrução que era o meu corpo. O meu mundo é o vosso mundo mais."

"O teu mundo vibra a uma frequência mais elevada do que o meu?", perguntou o visitante.

"Sim, vibra", admitiu a Betty. "Pensem apenas que é apenas o facto de não me conseguirem ver; não me conseguirem ouvir, a menos que o talento de alguém como a Joan me permita expressar-me através dele."

"Tenho pensado em ti como uma oitava mais elevada. Estás sempre perto de nós?"

"Onde mais estaria eu?" A Betty estava quase impaciente. "O espaço não é o que pensam que é. É apenas a vossa ideia. O espaço é condutividade. Sabem pela ciência que há uma série de coisas nesta sala que não conseguem ver. Uma câmara comum veria algumas delas. O meu mecanismo de tomada de consciência está sintonizado

mais alto do que o vosso. Isso é parte do meu estar no universo não obstruído."

E era sobre isso que queríamos saber. "A obstrução desta cadeira", apontou o Darby, "é o que me impede de cair para a cave."

"É tão simples", respondeu a Betty, "mas por vezes as coisas mais simples são as mais difíceis de explicar. Claro que é uma questão de frequência; isto é, a relação entre frequências — a frequência daquilo a que chamam matéria como um sólido, e as nossas próprias frequências individuais. A vossa relação em frequência com a frequência da vossa matéria é o que faz dela um sólido para vocês. — Acho que vou ter de obter uma explicação mais clara para vocês.

"Aqui está este mundo como o conhecem. Caminham sobre a terra: ela suporta-vos. Eu caminho sobre a vossa terra, e no entanto não preciso dela para me suportar. A vossa terra está lá porque é um nexo de certas frequências. Existe para ambos. Não podem caminhar sobre a vossa água. Eu posso. Mas isso é porque a relação da minha frequência com a frequência que é a água é diferente da vossa. O meu universo e o meu grau de consciência é o vosso, apenas o aspeto é diferente."

Aparentemente, então, a solidez *per se* é uma proporção entre frequências. No que nos diz respeito, de acordo com a Betty, quanto mais denso o sólido, mais baixa a frequência. E é a proporção que a nossa própria frequência mantém com a frequência da matéria com que estamos em contacto que determina o seu caráter como um sólido; ou não, conforme o caso. Há uma série de coisas no nosso próprio mundo material que são perfeitamente reais, mas não são sólidos para nós.

"Suponham que estão numa montanha", disse ela. "Veem as nuvens abaixo de vós. Elas são objetivas. Têm forma, cor, substância, e ocultam da vossa vista tudo o que está abaixo de vós. No entanto têm tomada de consciência de que há um mundo de ação abaixo das nuvens. Para o vós corporal, e para o vosso conhecimento efetivo, essas nuvens não são nenhuma obstrução. São uma obstrução para apenas um dos vossos cinco sentidos — a visão. Podem eliminar isso

projetando o vosso corpo através da suposta obstrução pelo ato de caminhar pelo caminho da montanha abaixo.

"Ou tomem uma rocha. Podem ver uma rocha, mas não a podem penetrar. O que a pode penetrar? Os sólidos não podem; os fluidos não podem; certos gases não podem. Mas certas frequências podem. Podem passar através dela e ser registadas do outro lado, sem perturbar o atributo de forma da rocha, na vossa consciência. Como a eletricidade ou o raio X, ou alguma força similar. A luz não a pode penetrar. E no entanto os vossos cientistas e matemáticos usam a luz como a sua vara de medir do movimento — frequência."

Mas, disse a Betty, ela não usa a luz como a sua vara de medir.

"A luz", definiu ela, "é meramente uma manifestação de grau no espaço. Sabem que tanto a qualidade da consciência como a quantidade da consciência ocorrem em graus; e sabem que têm manifestações de grau. A luz é uma delas. Ora, nós tomamos a consciência como no homem como a nossa vara de medir, e essa é uma frequência mais elevada. E eu, no meu estado atual, no *orthos*, como a frequência mais elevada, posso passar através da rocha. Sou não obstruída pela vossa matéria."

Tudo isto era interessante, mas não respondia à nossa pergunta quanto ao tipo de solidez dela — se houvesse algum.

"Ora, se a minha frequência é grande o suficiente para a matéria ser não obstrutível", prosseguiu a Betty serenamente, "por que não se segue que esta mesma frequência é grande o suficiente para não precisar de suporte? Posso caminhar sobre a vossa matéria, mas o aspeto dessa matéria muda para mim porque a vejo e lido com ela na sua essência, no *orthos*.

"Ora, eu disse-vos que o indivíduo no universo obstruído tem um corpo alfa e um beta. Podem tocar e sentir o vosso corpo alfa. Tem um atributo de forma, como toda a consciência tem. O beta tem um atributo de forma. Este beta está tão intimamente aliado ao alfa no universo obstruído que seria reconhecível para vocês, se o pudessem ver, e é meramente a extensão para o vosso universo obstruído daquele grau de frequência que é o indivíduo. Implorei-vos para não tentarem empurrar isto tão além da compreensão humana a ponto de

tornarem ridículas todas as vossas hipóteses. Todos os factos que conhecem no universo obstruído estão no universo não obstruído. Há apenas um conjunto de leis: apenas um universo.

"Tenho a minha paisagem. Se eu quiser sentar-me ao lado do meu curso de água no meu canteiro de flores posso, pelo meu manuseamento de frequências, produzir um aspeto da minha matéria que me dará um suporte perfeitamente bom."

"Um pouco como um homem na água?", sugiri eu. "Pode flutuar na água, tomando certas medidas; ou pode afundar-se através da água tomando certas outras medidas."

"Está tudo bem, até onde vai", concedeu a Betty. "A coisa que vos incomoda é que consideram a matéria como uma obstrução, e como um sólido. A matéria não é um sólido; nem sempre é sequer uma obstrução para vocês. A matéria pode ser sólidos, líquidos, gases. Vocês não os manuseiam da mesma forma, e eles não vos afetam da mesma forma. Estão razoavelmente satisfeitos?

"A coisa toda é uma questão de trilogia relativa", acrescentou ela. "Há instâncias, portanto, na vossa experiência quotidiana do mundo de uma aproximação às essências do movimento, espaço e tempo órticos. Como a Anne vos disse, tudo é prefigurado; é uma projeção. Ora, é fácil para vocês imaginarem a projeção de muitas das vossas leis mundanas para a minha tomada de consciência do universo. Não é tão fácil para vocês imaginarem a projeção para a vossa tomada de consciência de leis comuns e ordinárias nas quais eu opero, mas que vocês ou não descobriram ou estão apenas a começar a sentir. Como, por exemplo, a coisa a que chamam agora a onda de rádio; e a nova elevação das frequências da luz através da mecânica. Essas são coisas comuns connosco."

CAPÍTULO XXV

AS NECESSIDADES DO QUOTIDIANO

1

Esta explicação da solidez foi bastante clara para o propósito nessa altura. Tornou-se mais clara desde então, quanto mais pensámos nisso; e essa, presumo, será a experiência do leitor.

"Tudo bem", concordámos nós. "Mostraste-nos que vives num mundo que é sólido para ti — ou do qual podes fazer um aspeto sólido quando assim desejas por meio de, como expressaste, o teu manuseamento de frequências. E repetiste com ênfase a velha ideia dos paralelos — ou melhor, a ideia da identidade da lei nos dois universos, o teu e o nosso. Em vista desse paralelo deves ter as mesmas necessidades básicas que nós mesmos. Não queremos forçar-te a ficar à Oliver Lodge, e a entregar-te a descrições exatas, mas poderias discutir a tua forma de coisas tais como o sono, a comida, o teto, a comunicação entre vós? Em princípio, pelo menos."

"Bem", disse a Betty, "o que é o sono? O sono, para o corpo humano, é refazimento, reabastecimento de frequência. Não do corpo beta — que, por um tempo, habita um assim chamado corpo natural —, mas para reabastecimento do corpo material a fim de que este, sendo de um grau mais baixo, possa manter a proporção requerida de frequência para que o habitem. Toda a consciência tem a sua frequência. Ora, no contacto íntimo da frequência do corpo beta com as frequências do corpo natural, as frequências mais baixas drenam as mais elevadas. Têm de manter uma proporção definida."

"É o sono, então, uma elevação de frequência?", perguntou o Darby. "Se no sono estamos mais sensíveis à influência do universo não obstruído, é porque o sono eleva a nossa frequência? Ou estamos mais sensíveis nessa altura?"

"Não", respondeu a Betty. "A vossa frequência não é elevada, mas a vossa recetividade é, porque o contacto entre a frequência do vosso corpo material e do vosso eu espiritual é diminuído durante o sono. Isto é, o vosso corpo físico está a manter-se sem a vossa ajuda consciente.

"Vocês têm descanso", continuou ela; "nós também. A própria ideia de frequência implica vai-para, vai-para. Vocês têm dois tipos de descanso requeridos: o descanso psicológico, e o descanso do corpo físico que está dissociado do Eu-Sou. O nosso atributo de forma —

que tínhamos aí e agora reclamámos —, o corpo beta, tem de ser reabastecido, de descansar, tal como vocês descansam psicologicamente; mas não nos longos, estabelecidos, estáticos períodos que estabeleceram para o grau mais baixo que habitam."

"Nós estamos inconscientes enquanto tomamos esse tipo de descanso: dormimos", disse eu. "E vocês?"

"O nosso mecanismo de tomada de consciência nunca está dissociado da nossa forma. Uma das características da minha taxa de frequência é uma associação mais estreita entre o Eu-Sou e o atributo de forma. O meu atributo de forma é de tal modo uma parte de mim que veio comigo quando morri. Podiam cortar uma perna ou um braço ao atributo de forma que deixei para trás, e eu ainda o poderia ter habitado. Mas como a minha forma aqui é integral, não poderia haver uma divisão similar dela."

"Qual é a vossa forma de descanso, se não estão inconscientes?", perguntei eu.

A Betty estava hesitante. "Se eu dissesse suspensão da frequência, dar-vos-ia uma falsa impressão. Por que não uma suspensão de projetar frequências?", aventurou ela.

"Um afastamento de contactos", sugeriu o Darby.

"Eu faço realmente como vocês fazem, apenas numa forma mais elevada", decidiu a Betty. "Afasto-me para dentro da minha consciência íntima e paro a radiação. É uma espécie de estática limitada; um pequeno espaço de estática na frequência. Vocês têm-no no sono."

2

"Agora tomemos o sustento", propôs ela. "Vocês comem comida. Com isso quero dizer que absorvem matéria de uma frequência mais baixa do que a do vosso corpo natural. Ora, nós temos forma, e temos de manter a forma, o equilíbrio da frequência. Vocês fazem-no através do ar, da comida, da água, do sono. Nós reabastecemos a nossa frequência, mas não através de qualquer tipo de comida de que estejam a falar."

Ela não pareceu ser capaz — ou estar inclinada — a ir mais longe com isso.

"Afinal de contas", contribuiu o Darby, "não é a comida efetiva que procuramos. É antes o estímulo da nossa frequência corporal por meio da reação química. A fórmula química é uma fórmula de frequência, não uma fórmula de matéria inerte. Isso dá-nos uma pista. Eles fazem-no com uma fórmula de frequência comparável à conceção de reação química da comida."

"Completamente!", concordou a Betty.

3

"Tanto para a comida e o sono", disse eu. "E quanto ao teto? Ou não precisam dele? Quero dizer algo comparável aos nossos tetos mecânicos, tais como as casas."

"O nosso universo, como o vosso, contém graus mais baixos de frequência que queremos evitar. Temos as nossas isolações."

"Têm isolações de diferentes tipos para diferentes propósitos, como nós temos lares, igrejas, abrigos?", perguntou o Darby.

"Estamos tão mais próximos da essência da consciência que o nosso atributo de forma não precisa do mesmo teto que o vosso. O nosso é um tipo de isolação de graus mais baixos de consciência que incidiriam na nossa própria consciência de forma infeliz."

"Bem, tem esta isolação um atributo de forma, como uma casa?", persisti eu.

"Agora estás a tentar fazer-me ficar à Oliver Lodge outra vez!", protestou a Betty. "Tal como a matéria é um atributo de forma da consciência, assim a minha isolação é uma coisa perfeitamente real para mim. É uma coisa individual, que pertence a mim. É uma condição."

E afinal de contas, em princípio, é para isso que servem todos os nossos próprios edifícios; isolação contra graus mais baixos de frequência que queremos evitar, as frequências do frio, do vento, da chuva.

4

E finalmente esta questão da comunicação entre si, aventurámos nós. Há, dissemos nós, uma forte sugestão de que o façam mentalmente, por uma espécie de telepatia.

"Não, não", protestou a Betty. "Já vos falei disso antes. Nós temos uma voz. A vossa voz — na física comum — não é nada senão uma incidência na vossa atmosfera que estabelece vibrações — frequências — que produzem o que chamam som. Nós temos exatamente a mesma coisa numa frequência mais elevada. Tão elevada que, como as últimas vibrações no diapasão, não nos ouvem falar. Essa é a única razão no mundo pela qual não posso falar contigo diretamente."

"Usam frequências mais baixas para a comunicação entre si aí, como nós usamos frequências mais baixas aqui: ar, lápis ou o que quer que tenham?", perguntei eu. "Ou sintonizam-se na frequência um do outro; ou numa faixa de comunicação comum, por assim dizer?"

"Esta última", respondeu ela.

"Portanto empregam frequências menores do que a vossa própria para coisas tais como—", comecei eu.

"Estou aqui", interrompeu ela. "Tenho uma forma animada pela frequência, como a vossa. É uma frequência mais elevada. Os vossos obstáculos não são obstáculos para mim.

"Em vez de termos de criar vestuário mecanicamente, por exemplo, fazemo-lo por um desvio de frequência. Podemos criar diretamente por uma incidência da nossa frequência num grau mais baixo de frequência. Usamos graus. A cor é uma manifestação de um certo grau de frequência. Eu quero-a nas minhas roupas. Eu não faço a cor. Incido sobre essa frequência particular, e chamo-a à minha frequência."

"Ensinam-vos como fazer isto?", quis eu saber.

"Sim, têm de nos ensinar. Não te posso dizer que carrego numa tecla ou toco numa corda para o fazer. É um impulso seletivo. Começo um impulso com uma seletividade psicológica."

“Fixas a tua mente numa frequência que conheces, e dás-lhe um impulso?”

“O impulso está lá”, corrigiu a Betty. “Já está na frequência. O que eu faço é direcionar a frequência, e de facto impilo-a.

“Não acho que vos possa levar mais longe na minha forma de vida”, duvidou ela. “Vocês já vieram tão longe para dentro que particularizar é apenas confuso agora, para ambos. Veem que não haverá muito uso em tentar dar-vos mais nada nessa ligação, porque têm tanto que não digeriram. Seria como sobrecarregar o vosso estômago.”

Cedemos, como é evidente.

“Bem”, disse o Darby a propósito de nada, “nós temos uma coisa que vocês não têm, de qualquer forma.”

“O que é isso?”, exigiu a Betty.

“Colecionadores de antiguidades”, disse ele, a espicaçar.

“Nós temo-los: muitos deles.”

“Que antiguidades há aí para eles colecionarem?”, gozou o Darby.

“Conhecimento empírico ultrapassado”, retorquiu a Betty.

O Darby abandonou isso. “Como está o cosmos?”, perguntou ele preguiçosamente.

“Não ganha musgo”, disparou a Betty.

“Bem, deves ter saudades de alguma coisa aí”, continuou o Darby, que é um guloso por castigo. “O que é? Os dias da semana? Três refeições por dia?”

“Não.” A Betty ficou séria. “A única coisa de que tenho saudades é do uso dos cinco sentidos no universo obstruído para a expressão do meu amor por pessoas que ainda lá estão; e claro que, se tivesse isso, não estaria aqui. Tenho saudades de elas não me reconhecerem, não ouvirem a minha voz, não me sentirem e verem quando estou lá. E claro que estou lá. Tenho saudades da vossa resposta. E isso é tudo.”

CAPÍTULO XXVI

COMO A BETTY LIDA COM O ESPAÇO

1

Já tínhamos passado por um considerável treino sobre o assunto geral do espaço, como o leitor viu na Parte II. Mas certos aspetos de relação continuavam no ar. Por vezes, ao longo de um quarto da extensão da terra, a Betty parecia ter "ido descobrir" a resposta a alguma pergunta, e tinha regressado no espaço de minutos. Como o fazia ela? A sua discussão sobre o seu manuseamento do tempo deu-nos uma pista, claro; mas queríamos fixar o assunto. O que é o espaço dela? Onde? Como é que ela "lida" com ele?

"No sentido de extensão, o vosso espaço é o nosso espaço. O espaço é um mapa também. Novamente a nossa capacidade de 'colapsar' o espaço deve-se à frequência mais elevada."

Tínhamos achado prudente, nestas discussões, manter um dicionário à mão; e tínhamos descoberto cedo que nada menos do que o não abreviado serviria. O Darby estendeu a mão para ele.

"O dicionário diz", leu ele, "'extensão; um puxar ou esticar para fora. Distância, um estar à parte, separado'. A tua ideia de espaço não é uma da distância entre duas obstruções, não o estar à parte de duas obstruções, mas antes de uma elasticidade?"

"O espaço não é elástico", refutou a Betty. "A condutividade é. Estás a ver, é com a condutividade do espaço que lidamos, em vez de com as limitações do espaço sideral."

"A tua medida de espaço é a condutividade?", perguntei eu, esquecendo por um momento que ela nos tinha dito exatamente isso — "uma e outra vez".

A frequência de uma faísca elétrica é naturalmente elevada; e a condutividade, para ela, é também elevada. A frequência de um corpo

físico é comparativamente baixa, e a condutividade do espaço, para ele, é correspondentemente mais baixa. Tu e eu não podemos chegar lá tão rápido como a faísca elétrica chega, mas chegamos lá muito mais rápido do que costumávamos chegar. Porquê? Porque empregamos frequências para complementar a nossa própria. Em palavras simples, pela nossa faculdade inventiva em remover a obstrução. Ou em exemplo concreto, por meio do motor, do telégrafo, do avião, do rádio.

"Até há poucos anos o ar era uma obstrução para o homem", disse a Betty. "Ele não podia passar através dele exceto na superfície da terra. A terra era o seu único meio de atravessar o espaço. Agora vocês eliminaram essa obstrução. O que fez isso? O que é que mantém um avião que pesa tanto suspenso e a projetar-se através do ar? O ar nunca foi uma obstrução para um pássaro, ou a água para um peixe. Mas ambos eram uma obstrução para o homem, até que a sua engenhosidade construiu navios e, mais tarde, aviões. Ao remover as obstruções através dos seus próprios esforços, o homem faz do seu universo obstruído algo cada vez mais parecido com o meu universo não obstruído.

"Todo o ponto é que, gradualmente, através da vossa ciência, estão a controlar cada vez mais obstruções. Estão a tentar alcançar o meu universo. Por meio do alargamento da vossa compreensão e do uso da lei."

"A frequência implica um elemento de tempo bem como um elemento de espaço", disse ela noutra ocasião. "Naturalmente, tem de ter espaço para se mover; e se lhe chamas 'frequente' tem de estar a ocorrer uma e outra vez, e isso exige tempo. Ora, nós somos capazes de manipular a proporção entre estas coisas; e por meio dessa manipulação — que é uma manipulação da frequência — podemos dar ao nosso estado de ser os seus contornos espaciais.

"É uma questão de arbítrio, e de conceito, e de preenchimento. Nós queremos preenchê-lo. Tu concedeste que podes manusear o teu espaço até um certo ponto. Nós manuseamos o espaço psicologicamente em vez de materialmente.

“Agora supõe que te digo o que faço. Quero ir a casa e ver se as folhas estão varridas no meu jardim.” Seguiu-se uma pausa. “Tudo bem; estive em casa, e estou aqui outra vez. Tu tens parte do mecanismo que eu tenho no controlo do espaço — o desejo, o anseio, o arbítrio.”

“Mas nós temos de superar a obstrução efetiva, e tu não?”, objetei eu.

“Nós temos, de certa forma, de superar a mesma coisa que ela supera — o nosso próprio conceito de tempo e espaço; e a razão pela qual temos de ter meios mecânicos é porque temos de superar uma certa conceção de tempo e espaço”, interpôs o Darby.

“Vocês superaram a vossa conceção por meio de coisas como o rádio, por exemplo”, forneceu a Betty, “mas vocês também têm obstrução, e a obstrução, por causa da sua natureza material, tem de ser superada mecanicamente. O nosso é um universo não obstruído; e portanto não temos necessidade de mecânica.”

“Tu vives no *orthos*”, apontou o Darby. “No entanto dizes que o teu tempo e espaço são maleáveis, colapsáveis, mais ou menos. Se assim é, o teu tempo e espaço são variáveis.”

“Eles são-no na manipulação; não na essência”, modificou a Betty.

“Suponhamos”, sugeriu ela, “que reduzimos o problema ao espaço sideral. O espaço linear entre dois pontos é efetivo. No sentido matemático é uma ‘constante’. No sentido psicológico é uma variável. A essência desse espaço, matematicamente, não muda. Psicologicamente podes mudá-lo. Mecanicamente torna-se espaço-tempo, e é mutável. Tal como o espaço e o tempo operam para vós, assim operam para mim. Eu não sou suficientemente grande para mudar a essência do tempo, do espaço e do movimento; posso apenas reajustar-me a eles.”

“Eu assumo que tenho tempo, espaço e movimento para me poder orientar num universo pluralista”, disse o Darby. “Vejo o meu universo através do tempo, do espaço e do movimento nas suas relações. Tu deves fazer o mesmo.”

“Mas os meus conceitos estão mais intimamente aliados às essências trilógicas do órtico”, acrescentou a Betty.

“O fundamental comigo é a relação dos três, um para com o outro. Até que ponto a questão da relação entra no teu estado de ser?”, perguntou o Darby.

“Eu não posso mais afastar-me, em ser, da trilogia do que tu te podes afastar, em ser, da trilogia”, disse a Betty.

“Nunca”, avisou ela enfaticamente, “questionem a realidade do tempo, do espaço e do movimento. Eles são. Tal como o teu próprio conceito individual de tempo, espaço e movimento é maleável, assim é o meu. A realidade do tempo, do espaço e do movimento está em todo o universo. A essência deles no *orthos* — ou o universo qualitativo — é livre, ou não obstruída; e no universo quantitativo eles são obstruídos, para os propósitos da individualidade. Mas não são menos efetivos, e a essência não está menos presente.

Quando o corpo beta é libertado da obstrução do corpo físico, é verdade que o teu aspeto, ou a tua conceção, ou a tua compreensão, ou a tua visão ou uso do tempo, do espaço e do movimento se torna não obstruído. É além disso verdade que a maleabilidade do conceito de tempo, espaço e movimento do teu próprio mundo que tu operas se estende para mim no meu ser atual. Por outras palavras, o teu reconhecimento de um tempo psicológico, de um espaço psicológico e de um movimento psicológico estende-se para dentro da minha realidade.”

“Segue-se então”, perguntou o Darby daí a pouco, “que o teu tempo, espaço e movimento são apenas aproximações mais próximas do *orthos* do que os nossos?”

“Deixa-me ver — não te quero induzir em erro”, a Betty hesitou. “O universo não obstruído é na realidade o *orthos,* e nós habitamo-lo, no entanto nós também estamos em graus. O universo obstruído ocorre em graus exatamente como o universo não obstruído. É uma lei. Todas as leis operam connosco tal como operam convosco. Eu estou muitos graus além de vocês. Mas não me interpretem mal: eu sou não obstruída. Isso dá-me uma compreensão de, um contacto com, o *orthos* que vocês não têm.

"A coisa que têm de lembrar sempre", lembrou-nos ela, "é que toda a consciência, todo o mecanismo de tomada de consciência, individualizado, ocorre em graus. Não é que nós não tenhamos matéria: temos. Todos temos forma; e a matéria não é nada senão um atributo de forma de certos graus de consciência. E varia em forma de acordo com o grau. O nosso mecanismo de tomada de consciência apreende. Um certo grau manifesta-se ao vosso mecanismo de tomada de consciência como um sólido. Mas não ao meu, como vocês consideram um sólido, porque convosco um sólido é uma obstrução. Isto é por causa da qualidade órtica do tempo, do espaço e do movimento connosco."

2

"Há um pequeno ponto de perplexidade nessa coisa do grau enquanto manifestado numa frequência individual", interpôs o Darby. "Dizes que eu não posso ter tomada de consciência do teu mundo porque a minha frequência pessoal não pode ser elevada até esse ponto. Mas noutra altura disseste-nos que há certas frequências pessoais aqui na terra que são efetivamente mais elevadas do que as frequências pessoais mais baixas aí contigo. Há uma discrepância de ideia aí."

"Não na realidade", respondeu a Betty. "É uma questão de grau de consciência e não de frequência. O teu grau pode ser tão elevado como o meu, mas a tua frequência está detida, mantida estática — como está a tua qualidade — no universo obstruído. Está detida pela frequência do teu corpo terrestre. A frequência do Eu-Sou é muito mais elevada do que a frequência do corpo terrestre. No entanto, as duas estão combinadas no universo obstruído para o propósito da individualização.

"O obstáculo é simplesmente o obstáculo da combinação dos corpos alfa e beta."

"Sim, posso ver isso", concordou o Darby. "Ora, aqui está outra coisa que me ocorre. Quando toda a obstrução é removida, há muita coisa esvaziada. O meu dia típico, por exemplo, está ocupado a lidar com obstruções. Estou amplamente ocupado a superar resistências. Saio da cama, e desde aí até ir para a cama outra vez, plenamente

oitenta por cento do meu tempo está ocupado a mover matéria, de uma forma ou de outra. Tu não tens de fazer isso. Tens oitenta por cento mais tempo para preencher. Se eu tivesse oitenta por cento mais tempo, simplesmente não saberia o que fazer com ele. Vocês têm muito que preencher quando esvaziaram para ti o conteúdo dos teus sentidos humanos."

"Esvaziaram o conteúdo dos meus sentidos humanos!", a Betty repetiu a frase. "Isso simplesmente não é verdade! Nós trazemo-los connosco, apenas intensificados."

O Darby continuava a indicar que algo devia ser feito sobre esses oitenta por cento extra de lazer.

"Significaria alguma coisa", sugeriu a Betty, "se eu dissesse que preenchemos a lacuna causada pelo levantamento das obstruções por meio da nossa acuidade aumentada de perceção. A nossa amplitude de registo é muito mais vasta."

"Acho que estou a ver", aventurei eu. "Se fizeres uma caminhada de duas horas no campo com uma pessoa maçadora totalmente desinteressada na natureza, parece uma eternidade; mas com um naturalista, digamos, que sabe tudo sobre as aves e as flores bonitas e coisas do género, essas duas horas—"

Não precisei de terminar.

"É isso!", exclamou a Betty.

Uma palavra solta trouxe outra ponta solta de pensamento. Ela nasceu realmente de um aspeto da discussão sobre o espaço. No decurso dela, um de nós propôs a pergunta que alguém invariavelmente faz — sobre a vida noutros planetas, ou em qualquer outro lugar do cosmos físico.

"O que me disseram", respondeu a Betty, "é que há outros graus de consciência noutros planetas — nos outros planetas solares —, mas não bastante comparáveis ao homem. São lugares de nascimento como a terra para outros tipos de consciência, mas quais são os seus graus eu não sei."

Parecia-me que devia ser simples para ela ir apenas e descobrir. Não tinha ela o domínio do espaço? Mas aparentemente isso não funcionava.

"Tem a ver com a frequência. Sabes, nós vimos da terra; e embora a consciência seja apenas uma em todo o universo, sideral e solar, há taxas variáveis de frequência: e porque eu sou eu, eu também tenho as minhas limitações. Pareceria possível para mim visitar o sol, mas não estou pronta para o fazer porque o meu grau de frequência não é ainda adequado."

"Bem, e que tal atacar os planetas, então?", sugiri eu.

"Acho que isso tem a ver com a luz", disse a Betty hesitante, "sei que tem a ver com o frio, com essa frequência. Eu vou além da vossa frequência na vista, no som e na obstrução, mas continuo perto de vós, comparativamente. Deixem a Anne falar sobre isso. É confuso para mim."

A Anne acedeu.

"Isto é difícil para a vossa compreensão, e não acho que vá significar muito para vós; mas vou tentar", disse ela. "Detalhe em excesso confundiria o vosso julgamento. Há muito que eu mesma não sei.

"Isto é verdade: que em todo o universo há manifestações de graus de consciência. Muitas delas manifestam-se como aquilo a que chamam luz e calor. Estas constituem o vosso sistema solar. Nós dissemos-vos que todo o universo é constituído por obstrução e não obstrução; e que ambas são operadas pela mesma lei. Podem chamar-lhe lei paralela, ou extensão da lei. Em todos estes planetas há manifestação de graus de consciência. Em alguns deles, disseram-me, há manifestação igual ao homem: que existiram tais, iguais ao homem; que haverá outros iguais ao homem."

Percebemos que a Anne estava a falar de planetas siderais em geral, e não meramente daqueles no sistema solar.

"A atração da frequência da terra retém aqueles de nós que desenvolveram a sua quantidade na terra", continuou ela. "Na outra noite estavam a falar com um cientista, e ele disse-vos que se tivessem

duas correntes a ir para um leito de mercúrio, e pusessem um polo de frequência numa extremidade e o oposto na outra, eles aproximar-se-iam. É isso que acontece ao universo obstruído e não obstruído que está a cercar este pedaço particular — a terra.

"Toda a consciência ocorre em graus. Apreendo que o sol e os seus outros planetas são graus de consciência material de tal tipo que a beneficência do calor do sol desenvolve graus mais baixos de consciência, onde o calor da luz incide.

"Mas eu seria mal compreendida se tentasse dizer-vos seja o que for sobre isso. As frequências são tão diferentes que ainda estamos retidas à nossa. É por isso que estamos tão perto de vós. Chamamos a isto um universo não obstruído, mas é psicologicamente limitado. Há uma diferença."

"Limitações do vosso próprio desenvolvimento individual de consciência", supus eu. "Nós aqui, quando se vai ao fundo da questão, somos desenvolvidos pela nossa superação das obstruções que caracterizam o nosso universo obstruído. Dado que reconhecemos o paralelismo da lei, vocês têm de ter algo análogo, a fim de se desenvolverem. Fornecem as limitações do desenvolvimento individual essa resistência a vocês?"

"As nossas limitações aqui têm a ver connosco mesmas, e são principalmente psicológicas", disse a Anne. "Estão dentro de nós? — bem, sim e não. Há 'obstruções' de frequências e graus. Eu prosseguirei para um grau posterior de consciência, mas tenho de me graduar para ele. As nossas resistências servem para o desenvolvimento, tal como as vossas obstruções. Nós crescemos pela superação, tal como vocês. Vocês têm de superar obstruções definidas, física e materialmente. E também têm de superar a psicologia de massas. Têm de superar agora esta ideologia que está a crescer numa faixa da Europa. É uma obstrução mais definida do que uma cadeia de montanhas seria.

"Não gostaria que pensassem que neste modo de existência aqui há falta de compreensão das obstruções psicológicas causadas por planeamento deliberado. A obstrução aqui está no grau — a falta de desenvolvimento do grau; e o nosso trabalho é elevá-lo. Estamos

ainda tão perto de vós que tal obstrução convosco também nos retarda; e podemos colher aqui muita qualidade ao ajudar-vos a superá-la. Fazemos isto também individualmente. Ouvi a Betty dizer ontem à noite que vocês estavam a dar continuidade ao trabalho dela. Isso é verdade: mas também ela está a dar continuidade ao vosso, e por esse meio ela está a acumular para si força e graciosidade e compreensão e sabedoria. É uma boa palavra: sabedoria."

"Compreendo", disse o Darby, "que lidam com dois tipos de frequência — a vossa própria, e outras fora que empregam para propósitos específicos. Essas de fora poderiam ser comparadas de forma grosseira às nossas ondas elétricas ou de rádio. Não são nenhuma obstrução para vocês; mas não são elas mais análogas à nossa conceção do material do que aquelas frequências que são as vossas próprias?"

"Sim", concordou a Anne.

"Nós não estamos conscientes de fazer nada do género, mas vocês não desenvolvem, a partir da vossa própria frequência, o que poderia grosseiramente ser chamado forças, que vocês manipulam?", continuou o Darby.

"Sim. Que dizer de pensamentos, força de caráter, decisões? Vocês desenvolvem-nos. São frequências, e são mais potentes do que muitas outras frequências. Os pensamentos são coisas. A coisa mais difícil de apagar do vosso mundo é uma ideia."

CAPÍTULO XXVII

OS PENSAMENTOS SÃO COISAS

"Ainda bem que a Anne trouxe isso à baila", disse o Darby. "Suponho que a declaração nos chegou cinquenta vezes, não apenas

da Anne, mas de muitos outros. Quão literalmente é o pensamento 'real' — é ele literalmente uma 'coisa'?"

Discutimos essa matéria, a favor e contra, sem chegar muito a lado nenhum. Mas alguns dias mais tarde, a Anne começou abruptamente a noite.

"Estou aqui", anunciou ela. "Falar-vos-ia um bocadinho sobre a realidade do pensamento. Não tenho nada de novo para vos dizer. Muitas vezes vo-lo dissemos, mas tentaremos apontá-lo para um ápice de compreensão. Farei uma pergunta; e não é retórica. O que, acima de todas as outras coisas no universo obstruído, continua depois de o indivíduo que o promulgou ter sido dissociado das frequências materiais que eram o seu corpo, e ele mesmo ter passado para o universo não obstruído?"

"Oh, concederemos que é o pensamento", admitiu o Darby, um pouco cansado, "mas isso não responde; apenas reformula."

"O pensamento", disse a Anne, "é um atributo da consciência. Sendo um atributo da consciência, tem frequência. É recebido no tempo; e, de acordo com a sua potência criativa, permanece no tempo."

"Ele é", apontou o Darby, "recebido no tempo; mas não é recebido no espaço. Nesse aspeto difere das coisas materiais ordinárias. No entanto vocês estão continuamente a dizer-nos que os pensamentos são coisas."

"O pensamento é tão substância como a eletricidade e tais coisas com que lidam", afirmou a Anne. "Há uma declaração que vos farei, que não fiz. Tem de ser aparente para vós que vivem em dois aspetos do universo obstruído. Têm experiência sideral; têm experiência psicológica; e têm conhecimento empírico de ambas. Isto é o que vos diria: que a experiência psicológica é e permanece mais real, mais abrangente, do que a sideral. E podem compreender a vossa experiência psicológica de forma mais básica, minuciosa. Sentem mais a atualidade e a realidade dela do que da vossa experiência sideral. Porquê? Porque a experiência psicológica é aquela que está mais intimamente relacionada com o Eu-Sou, cujo atributo de forma é

o vosso corpo beta, e que prossegue para sempre; o Eu-Sou que é o âmago de vós, o propósito da consciência expressa no indivíduo."

O Darby aceitou isto.

"Seria correto, então, dizer que o pensamento é uma frequência, tal como a eletricidade é?", perguntou ele.

"Sim", concordou a Anne.

"Então o pensamento é uma força, e não uma coisa", argumentei eu, "e manifesta-se como uma coisa apenas através da sua ação. Como a eletricidade."

"Não podes usar a palavra 'força' como essa palavra é usada pelo mundo moderno", objeteu a Anne. "Nós queremos evitar essa palavra. Eu dei à Betty instruções muito estritas para não usar essa palavra. Há uma zona de fronteira, uma terra de ninguém, entre os aspetos obstruído e não obstruído onde está tudo aquilo a que o Stewart chama força. Isso vocês percebem e manipulam, mas o seu atributo de forma não conseguem ver."

"Então devo entender que a eletricidade, *per se*, tem um atributo de forma próprio?", quis eu ver esta declaração extraordinária clarificada.

"Sim", assegurou-me a Anne. "Vocês conhecem-na pela sua potência. Desviam a potência para diferentes trabalhos. É precisamente o mesmo com o pensamento; apenas, em vez de a frequência do pensamento vir da terra de ninguém, é o vosso agente criativo, e é ali que são semelhantes àquilo a que chamam Deus — ou o diabo!", acrescentou a Anne de forma pitoresca.

"Há forma", continuou ela. "Toda a consciência tem forma. Não é verdade que toda a consciência esteja associada com outra consciência, como o homem com o seu corpo. A vida: sim.

"Há uma diferenciação entre o que o homem controla e o que ele não pode controlar, ou recriar. Por exemplo, podem chamar a eletricidade do 'nada' e fazê-la passar para um fio, e depois dissociá-la do fio e fazê-la voltar para trás. Podem dissociar o Eu-Sou do atributo

de forma alfa, mas não o podem fazer voltar para trás. É assim com toda a vida, como lhe chamam."

"As tuas declarações são razoáveis", admitted o Darby, "mas a nossa pergunta continua sem estar completamente respondida. Tu dizes: 'os pensamentos são coisas'. Os berlindes são coisas, e toda a gente sabe o que isso significa; e eu posso pôr um no meu bolso. E pode perder-se ou rolar para um canto, e eu posso nunca mais o ver. Mas continua a ser um berlinde. Eu tenho um pensamento. Não é uma coisa no sentido em que o berlinde é uma coisa, e não dura. Pareces dizer que todos os nossos pensamentos continuam a ter registo em algum lugar. Eu tenho montes de pensamentos sem importância para registo."

"Os teus próprios pensamentos são de importância para ti", disse a Anne. "O fluxo de eletricidade e de pensamento são apenas comparáveis para o propósito de ilustração, e não são realmente bastante semelhantes para isso. Mas o pensamento individual não é dissimilar de uma faísca de eletricidade que reluz. Não pode faiscar fora da sua própria fonte ou substância."

"A eletricidade eventualmente e inevitavelmente faz massa de volta à sua fonte", seguiu o Darby a analogia. "Faz o meu pensamento individual massa de forma similar de volta à 'substância do pensamento', o pensamento-fonte?"

"Sim", disse a Anne.

"De modo que quando tu, falando moralmente, nos dizes continuamente que os pensamentos são coisas, queres literalmente dizer que o nosso pensamento é indestrutível?"

"Sim", disse a Anne.

"Têm os meus pensamentos não expressos objetividade?"

"Têm mais objetividade em ti do que têm no reservatório geral." A Anne modificou isto. "Quando o vosso suprimento elétrico reluz sem aplicação, vocês chamam a isso um desperdício de energia."

"Não há", interpus eu, "um paralelo na nossa ideia de qualidade-quantidade? O pensamento está em evolução: não há dúvida disso.

Não é o pensamento individual uma contribuição em quantidade, por assim dizer, para a qualidade, que é o pensamento-fonte, ou substância do pensamento, ou o que quer que lhe queiram chamar?"

"Sim", a Anne concordou com isto.

"Apenas para resumir" — era o Darby — "o pensamento é uma frequência análoga a uma frequência elétrica. Tal como uma faísca fortuita encontra o seu caminho para dentro do corpo de eletricidade, assim mesmo o pensamento não expresso encontra o seu caminho objetivamente de volta ao corpo do pensamento. E, como a faísca fortuita, pode não acrescentar muito."

"Ganho a sua dinâmica pela expressão, pela manifestação?", supus eu. A Anne assentiu. O Darby prosseguiu.

"Mas", disse ele, "o facto de o pensamento não ter sido expresso não quebraria o potencial da sua objetividade."

"Vocês dizem que 'uma certa atitude de mente está no ar'. Falam verdade", disse a Anne.

"Isso poderia ser explicado pelo processo que estás a descrever", concedeu o Darby, "mas por outro lado, os métodos modernos de comunicação são tão difundidos e rápidos—"

A Anne interrompeu.

"Concedo a comunicação, mas não concedo que ela precise de ser em palavras. Se um homem num público está descontente ele pode infetar todo um público, embora nunca abra a boca. O homem nunca percebeu a importância do pensamento. Dar-vos-ei uma chave. Até onde vai o vosso pensamento?"

"Sem limite; não, limitado apenas pelo meu grau", respondeu o Darby. A Anne continuou:

"Há uma frequência definida que sai das mentes dos homens da qual eles não tomaram total conhecimento, e essa é o pensamento. Como um homem pensa, assim ele é. Mas eu iria um passo mais além e diria: como um homem pensa, assim é a sua habitação circundante, assim é a sua influência sobre as outras frequências com que entra em

contacto. Especialmente frequências humanas. Especialmente aquelas de graus mais baixos do que o seu.

"Vais para o teu trabalho diário com um coração alegre e uma mente livre, feliz na tua consciência, e o dia começa com vivacidade, e tu afetas toda a gente. Por outro lado, não te sentes tão bem, e lá vai o dia inteiro para baixo; e aqueles em contacto contigo recebem o reflexo. Essa é uma aplicação definida da tua frequência, pois é uma coisa. Um homem pode ter estados de espírito privados seus, certamente — como o desgosto —, mas isto é verdade: que cada vez que superas, fortaleceste a tua frequência, e acumulaste para ti mesmo um pouco mais do material de fonte, e a coisa que és Tu. O pensamento é uma realidade. A sua potência no vosso mundo é muito grande — como vocês desta geração deveriam bem saber. Aquele que procura a sabedoria, quer como uma proteção para si mesmo quer como um serviço para os outros, tem de reconhecer antes de mais nada a validade objetiva do pensamento."

CAPÍTULO XXVIII

FAZ O TEU TRABALHO!

1

"Começaste por nos trazer uma imagem do teu estado de ser", disse eu. "Estou disposto a reconhecer que é uma imagem bastante boa. Mas não está completa; e essa incompletude é perigosa."

Como era isso?, a Betty quis saber.

"É demasiado atraente. Falaste tanto sobre a tua falta de obstrução, e a tua ampla e solta manipulação do espaço e do tempo, em contraste com o nosso estado de existência estorvado, que és capaz de desanimar o homem comum aqui de modo a que ele fique inclinado a não se ralar mais. Preferirá apenas sentar-se e esperar. Ou de qualquer forma, perderá o seu entusiasmo. Esse é um estado de espírito que eles tinham, mais ou menos, na Idade Média; e que

grandes massas de pessoas têm agora na Índia e no Oriente. E não funciona. Não acredito que esse seja o efeito que desejas."

Certamente não era. A Betty aplicou-se muito seriamente a livrar-se dessa possibilidade de conceção errónea. Para que serve a terra? Certamente não como mera sala de espera. E certamente, se deliberadamente a usarmos como tal, não nos tornaremos uma parte a funcionar fácil e aprazivelmente do seu universo não obstruído. Se queremos manter realmente atraente essa imagem que ela tinha desenhado — temos de merecer o privilégio. Nós temos responsabilidade.

"Ora", exclamou a Betty, "o facto de seres um pedaço de consciência individualizada é em si mesmo uma responsabilidade. O velho ditado de que uma corrente não é mais forte do que o seu elo mais fraco é verdadeiro até onde vai. A corrente pode de facto quebrar ali, mas pode ser consertada. O ponto é, ninguém deveria querer ser um elo mais fraco — a causa para uma necessidade de conserto. Todos sabemos que na vida ordinária, a retidão tem de facto uma certa recompensa, e que há penalidades para a quebra de qualquer lei. Na maior atualidade, a consciência, da qual cada um de nós é uma parte, isso é o mais verdadeiro de tudo.

A consciência está em evolução. Não há forma de um pedaço individual do Eu-Sou a parar. Cada pedaço tem de crescer em algum momento: tem de acompanhar a lei evolutiva. Consequentemente, quanta mais quantidade se atinge no universo obstruído, tanto mais belamente se será capaz de prosseguir no universo não obstruído. Na verdade, essa mesma acumulação de quantidade é a razão pela qual uma vida longa é desejável. É por isso que temos de olhar para o suicídio como cobardia. O suicida é o sujeito que não está disposto a acumular tanto quanto possível."

"Nas civilizações mais antigas, onde têm uma compreensão mais estreita da indivisibilidade do universo, a velhice é grandemente honrada e muito desejada. Como o Stephen nos disse há anos, há um germe de verdade em qualquer crença que tenha sobrevivido ao longo de grandes períodos. O culto dos antepassados dos chineses é um reconhecimento, de um determinado ponto de vista, da acumulação de

quantidade dada à totalidade da consciência ao entrar no universo não obstruído.

Não se pode colocar demasiada ênfase na responsabilidade do indivíduo, não apenas em ligação com o todo, mas especialmente em ligação com o seu próprio Eu-Sou."

"Muito verdadeiro", concordei eu, "e tu já expressaste a ideia antes. Mas é, para a mente comum, em demasia uma abstração. Obterá assentimento mental, mas o assentimento mental a uma abstração não tem de todo o efeito de um soco no nariz. Se puderdes dizer, concretamente, o que vai acontecer ao sujeito que se deita à sombra da bananeira no seu trabalho, estarias a chegar a algum lado. Há uma virtude considerável nesta ideia do inferno como uma influência."

"O livre-arbítrio cria o seu próprio inferno com o alargamento do arco de compreensão", disse a Betty. "Nenhuma pessoa com qualquer sensibilidade vive no universo obstruído sem ter adquirido, pela maturidade, alguns desgostos, quer ligeiros quer profundos, embora geralmente esses desgostos venham apenas momentaneamente, em relâmpagos. Contudo, eles deveriam tornar perfeitamente possível para qualquer pessoa compreender o ápice do desgosto que é o quinhão do indivíduo que chega a este lugar de perfeita compreensão tendo-se esgueirado ou passado ao lado das suas oportunidades na terra.

"Há uma realidade muito definida no 'inferno' e no 'purgatório', não precisamente como os teólogos o apresentam, talvez, mas uma realidade. Mas ninguém chega à perfeita compreensão sem a necessidade de um tempo de reajustamento, e a desejar ter feito diferente, e um cingir dos seus lombos para prosseguir no processo evolutivo do qual não pode escapar, e do qual não quer escapar, porque é a lei. Por isso é sempre bom rezar pelo cingir dos lombos mais fácil, pelo menos, daqueles que prosseguiram para a perfeita compreensão. Porquê? Porque o universo é um só. Vocês rezam por nós: nós rezamos por vocês. Vocês podem ser, num sentido, os nossos anjos da guarda, tal como nós somos os vossos.

"Aquele que vem para aqui sem a sua plena acumulação de quantidade não pode rapidamente assumir o controlo e a manipulação

da lei do universo não obstruído. É aqui exatamente como no mundo dos adultos. Uma criança que é bem treinada entra na idade adulta bem treinada, e pode deixar a infância para trás."

"Bem", disse o Darby, "toma um homem que faz todo o tipo de mal na terra. Como é que ele passa tão facilmente por isso aí? Como é que obtém tão cedo o controlo, e tão prontamente?"

"A resposta é: não obtém; não pode. Esse é o inferno dele."

"Então a infelicidade efetiva existe no vosso lado, em certos casos? Tem de existir", raciocinou o Darby.

"Estás a ver, a consciência é o seu próprio juiz. Portanto tem de haver infelicidade individual — até que essa consciência seja aplacada."

Isso, explicou ela mais detalhadamente, é uma das grandes diferenças entre o estado dela e o nosso. Um fundamental no estado dela — quer de santo quer de pecador — é um impulso tremendo para prosseguir. Alguns de nós aqui carecem disso; outros podem tê-lo, mas podem ignorá-lo ou sufocá-lo. Isso é impossível no mundo dela. É um instinto básico, ainda mais perentório e imperioso do que os nossos próprios instintos básicos, tais como o instinto de sobrevivência, o sexo, a fome, a sede.

"É o mesmo para todos", disse a Betty, "por isso a paz e o descanso e a folga não chegam a esses indivíduos tão facilmente. Eles têm de o adquirir, para compensar o que não fizeram aí. Além disso, em vez de irem para a frente rapidamente para um grau mais elevado com as suas perceções e prazeres mais elevados, têm de se demorar nesse grau baixo em que estavam. No entanto neles o impulso é forte. Eles sofrem — de um impulso frustrado. E quando chegam aqui, o desgosto não é um relâmpago momentâneo, para ser empurrado para baixo, como na terra."

O Darby voltou ao tema original.

"No universo obstruído há valores materiais que podem ser obtidos por astúcia e esperteza", propôs ele, "e se um homem se sai bem com isso, tem pelo menos a satisfação da posse efetiva. No universo não obstruído não há tais valores. A apreciação desse facto é

parte da iluminação rápida daqueles que vão para aí? Aqui está um sujeito que rouba outra pessoa, na terra. Ele vai para aí. É rapidamente iluminado. Ora, que restituição pode ele fazer ao homem que roubou, estando este ainda na terra?"

"Por vezes ele pode fazer restituição. Mas mais frequentemente não pode; não no universo obstruído. Conheço um homem assim, e ele passa toda a sua existência futilmente a tentar retificar, no universo obstruído, um erro que cometeu aí. Em consequência, ele não só foi retardado quando veio, como continua a retardar-se a si mesmo."

"Suponhamos que tanto o ofensor como o ofendido estão agora no universo não obstruído?", perguntou o Darby.

"Essa é uma circunstância mais feliz. É aí que a coisa do perdão de 'setenta vezes sete' se torna verdadeira. Ambos compreendem: ambos estão livres."

2

Eu tinha, aparentemente, trazido um bom ponto. Não há, disseram eles, estabilidade no "desenvolvimento espiritual" a menos que primeiro tenha sido estabelecido um alicerce para ele pela realização adequada das coisas ordinárias da vida em que nos encontramos. Podemos pensar que estamos a fazer progressos para a eternidade ao "afastarmo-nos da sordidez da vida". Podemos imaginar que estamos a chegar a algum lado ao cultivarmos assiduamente as nossas "naturezas mais elevadas", quer pelas nossas próprias meditações íntimas, quer por seguirmos as práticas de alguma religião ou seita.

E, na verdade, podemos ganhar com tal esforço consciente — mas apenas se tivermos feito primeiro completa e adequadamente o trabalho comum e ordinário de viver aquilo que nos é colocado debaixo do nariz. É para isso que estamos aqui. E não importa muito quão sinceras sejam as nossas intenções "mais elevadas". A Betty tinha pouca paciência até para aqueles que piedosa e conscientemente se dedicam ao "serviço", se por fazerem isso deixam os seus próprios quintais desarrumados.

“Quando fazem do serviço uma seita”, disse ela, “eliminaram o serviço, e não criaram nada senão satisfação egoísta. E a satisfação egoísta é uma estrada reta para a adulação de si mesmo, e isso leva à tentativa de ditadura.”

Revolvemos estas brasas de forma bastante completa. A caridade a construir interesses instalados; o altruísmo tão focado em corrigir uma corrupção ou negativo que mina positivos dificilmente adquiridos — ambos foram intransigentemente criticados.

“As simplicidades da verdade foram por demasiado tempo ensombradas pelo pensamento idealista”, disse a Betty. “Esse tipo de coisa estabelece interesses instalados para si mesmo, e depois racionaliza e faz propaganda em prol da proteção dos mesmos. Não estou a falar de nenhum sistema tão colossal como os que surgiram na Europa. Estou a falar apenas dos sistemas sociais comparativamente descomplexados da vossa própria forma particular de viver. Não estou a negar a democracia.

Nem a educação, nem a caridade. Estou a instá-las. É disso que trata toda esta divulgação, esta filosofia! Mas estou também a instar um reconhecimento das leis inevitáveis e inabaláveis da consciência: uma aceitação das mesmas, e uma responsabilidade perante e por elas.

“Afinal de contas, se a consciência ocorre em graus, é dessa maneira que ela tem de operar, e é dessa maneira que tem de evoluir. Vocês ‘não podem fazer uma bolsa de seda de uma orelha de porco’; mas uma orelha de porco é em si mesma uma coisa muito bela e macia. Como disse, o mundo desorientou-se com o pensamento idealista. É a mesma história daquela dos judeus a moldarem um bezerro em ouro, e depois a ficarem tão enamorados do realismo aparente da sua criação que o ergueram e o adoraram como Deus. O vosso pensamento idealista tem corrido ao longo da linha de tentar forçar o que consideram crescimento em todos os graus de consciência.

“Ora eu submeto, Darby, que aquele homem que esteve aqui logo à noite [um mecânico, que tinha sido chamado para fazer reparações domésticas] está a acumular mais quantidade para si mesmo ao seguir o seu próprio caminho de livre-arbítrio de acordo com o seu grau de

qualidade do que se tu lhe tivesses permitido forçar a leitura de livros que ele não conseguia compreender, a posse de coisas que não podia pagar, ou a frequência na ópera que o entreteria tanto quanto a música chinesa vos entreteria aos três. Tem havido demasiado paleio de mais-santo-do-que-tu, e não suficiente reconhecimento da genuína adequação do crescimento.

"Socialmente, a democracia é a coisa mais próxima da verdadeira evolução. E funcionou muito bem neste país enquanto operou no método dos graus. E de quem é a culpa de que pareça estar a falhar? É culpa dos graus mais elevados de qualidade, porque ficaram tão absorvidos com as suas próprias criações — o seu bezerro de ouro — que se esquivaram à sua responsabilidade.

"Vocês são 'guardiões dos vossos irmãos'; e isso vale para o alto, para o baixo e para o meio da mesma forma. Nenhum homem — nenhum homem", enfatizou ela, "seja nascido com grande ou pequena qualidade — a sua capacidade potencial individual —, pode escapar a este facto."

"Ora", voltou o Darby, "toma a pessoa que fomentou ou permitiu em si mesma um crescimento gradual ou acumulação de pequenos desgostos, invejas, zangas, julgamentos indelicados, intolerâncias para com os seus associados, perfazendo finalmente um complexo que faz efetivamente um caráter? Como é isso resolvido no universo não obstruído?"

"Esses são os negativos que têm de ser erradicados no 'purgatório', se lhe quiserem chamar assim. Tal pessoa tem de chegar a uma compreensão completa, a uma renúncia completa de si mesma, a um amor completo. E pelo seu próprio esforço. Exceto que pode ser tornado um pouco mais fácil, tal como nós aqui nos ajudamos uns aos outros.

"São apenas as coisas emocionais que realmente contam. Se as pessoas forem suficientemente grandes para viverem bem emocionalmente, as coisas concretas podem ser ultrapassadas. Porque — e quero que todos apanhem isto — porque nada do que acontece a um indivíduo é tão importante como o que esse indivíduo pensa sobre isso."

CAPÍTULO XXIX

A CONTINUIDADE DA EXISTÊNCIA

1

Ocasionalmente, após um período de bom e duro trabalho, a Betty estava disposta a dar algum alimento às nossas curiosidades. Mas apenas a título de sobremesa, por assim dizer. “O que querem saber?”, perguntava ela. Geralmente estas conversas começavam num tom mais ou menos frívolo, mas eram suscetíveis de levar a uma discussão séria.

“E quanto aos cães? Têm cães no vosso mundo?”, perguntei eu.

“Claro que tenho os meus cães; e amo-os”, respondeu ela.

“Então eles continuam individualmente como tu? Como cães, quero dizer.”

“O indivíduo é imortal. Ele ou isso traz de volta ao seu grau a sua acumulação de quantidade, elevando assim o nível do grau. Seria uma pena se, quando o nível do grau é elevado o suficiente para exigir uma nova forma, não houvesse mais cães a nascer!”

“Bem, alguns cães estiveram aí tanto tempo que deveriam mostrar os efeitos da mudança, se houver alguma. Que tal os cães do Moisés e do Aarão?”, perguntou o Darby.

A Betty deu uma risadinha. “Ora, eu nem sequer sei onde estão o Moisés e o Aarão!”, disse ela.

2

Esta foi uma das ocasiões em que as nossas trivialidades levaram a algo de mente mais séria. A confissão de ignorância da Betty deve tê-la incomodado, pois na sessão seguinte voltou ao assunto na primeira parte da noite.

“Não consegui encontrar o Moisés e o Aarão”, começou ela num tom faceto, “por isso fui numa caça ao homem à procura do Sadrac, Mesac e Abed-Nego. E disseram-me coisas. Algumas delas nem eu mesma compreendo muito bem. Estão a ver, fui à escola e tentei

aprender algumas das coisas que vocês querem discutir. Estávamos a falar sobre a continuidade e a persistência do indivíduo. É uma velha história que todas as religiões que sobrevivem têm relances da verdade fundamental, que ao longo dos anos se tornam distorcidos em dogma. Um desses relances é o purgatório. O purgatório convencional não existe. O que existe é a vida imediatamente além da morte no vosso plano. Durante esta vida particular — a minha vida atual —, há muito pouca diferença ou mudança.

"Ora, a melhor ilustração para a progressão da vida aqui é a vossa própria. A vossa vida ocorre em etapas — a primeira infância, a meninice, a juventude, a meia-idade, a velhice. São todas passos, e são todas diferentes. Cada uma está dependente da sua fase precedente e do que foi realizado por e durante essa fase. A minha fase atual de vida, tal como a vossa, não é a minha última fase. Eu prosseguirei de novo; evoluirei; e fá-lo-ei como um indivíduo.

"Vocês têm estado a pensar sobre a persistência do indivíduo através de toda a eternidade em todos os seus graus; e estavam a falar sobre personalidade, e a diferença entre os dois. Personalidade não é uma palavra suficientemente forte para o meu lado da parede. A mera personalidade pode demorar-se e permanecer potente no vosso universo obstruído mesmo depois de o indivíduo ter passado para o meu plano. As personalidades do Napoleão, do Henrique VIII, do Platão, do César, do Confúcio, do Lincoln — e de milhares de outros — eram tão vívidas e tão expressivas dos seus tempos que permaneceram no mundo e nas mentes dos homens.

"Ora, é verdade que toda a individualidade, ao ser separada do seu habitat de grau mais baixo no universo obstruído, volta para o grau qualitativo do qual nasceu para o mundo para a acumulação de quantidade. E é também verdade que nesta fase de vida muito próxima de vós em que me movo e sou, há muito pouca diferença. Mas mesmo no vosso plano toda a consciência ocorre em graus.

"Os graus mais baixos de consciência voltam ao nosso plano sem muita individualização. Uma corrente elétrica não é muito diferente aqui ou ali. A diferença entre a vossa matéria e a minha é a obstrução aí e não aqui. A coisa que persiste de facto individualmente neste

plano é aquele tipo de consciência que no vosso plano adquiriu raciocínio volitivo.

"Com isso não quero dizer apenas instinto; prossegue até ao fim, não sei por quanto tempo. Provavelmente até a um certo ponto de desenvolvimento, em vez de por qualquer extensão específica de tempo. Mas apenas a criatura de raciocínio volitivo volta ao seu grau como um indivíduo. Uma amiba não volta como um indivíduo. Não tem o poder de raciocínio volitivo, e é absorvida no seu grau. A amiba tem o seu grau aqui, e tem o seu propósito, mas não se manifesta bem da mesma forma aqui; não é individualmente imortal, da forma que eu sou. Para isso têm de se aproximar do grau-homem. Os cães — os meus cães estão aqui — têm de facto um desenvolvimento bastante elevado de raciocínio volitivo.

"Quanto a mim, quando prosseguirei para a minha próxima vida, não sei. Dizem-me que será algo comparável, mas não exatamente como o conheço aqui. Sei que há manifestações futuras de consciência, mas não sei as suas características. Sei que prosseguirei. Tive a experiência da transição. Vocês não. Quando me dizem que vou experimentar outras transições, mas que vou apenas experimentar algo familiar ao meu ser, acredito no que me dizem. Há um grau supremo ou derradeiro de consciência."

"Qual é o grau mais elevado de consciência do qual tens tomada de consciência?", perguntei eu. "Há algum do qual não tenhas tomada de consciência?"

"Sei que há graus dos quais sei apenas um pouco mais do que vocês sabem sobre mim. Não acho que haja nenhum do qual não tenha tomada de consciência", afirmou a Betty.

"Então percebo que há graus de consciência com os quais não entraste em contacto efetivo", disse o Darby. "Dizes que não há nenhum do qual não tenhas pelo menos tomada de consciência. Qual é o conteúdo dessa tomada de consciência? Viste-os?"

"Vi alguns deles. Outros não. Acredito no que me dizem deles, tal como vocês acreditam no que vos dizem do Polo Sul, embora nunca lá tenham estado.

“Não compreendo todo o processo, e não acredito que mesmo as perguntas o tornem claro, mas sei que por um período incompreensivelmente infinito o homem individual, criado à imagem da consciência que atingiu o estado do homem aqui, prosseguirá como um indivíduo. ‘Deus fez o homem à Sua própria imagem’”, citou a Betty. “A consciência humana, o cúmulo da consciência individualizada, revela-se numa forma que é uma cópia da atualidade que é a própria consciência.”

“Toda a consciência está limitada pelo seu grau até que evolua para o supremo”, disse a Anne.

“Quantos há — no supremo? Quantos atingiram o grau supremo?”, perguntou o Darby.

A Anne indicou que isso não dizia respeito, por enquanto, nem a ela; acrescentando a Betty que toda a questão era tão remota que não precisávamos de nos preocupar com ela também. “A cada dia basta a sua sabedoria”, citou ela de novo, “e, de qualquer forma, não sei o suficiente sobre isso para vos dizer.”

CAPÍTULO XXX

IMPLICAÇÕES

1

No que dizia respeito a um sistema de pensamento filosófico, a “divulgação”, indicou a Betty, estava completa. Respirámos fundo e relaxámos.

“Suponho”, refletiu o Darby, “que a Betty poderia resumir tudo — em efeito, quero dizer — dizendo: ‘Pronto! É assim que é. É assim que vocês vivem connosco, afastados apenas uma polegada de nós. Ou pelo menos é assim que poderiam viver.’”

“Bem, sim”, concedeu a Betty, “mas esse é o clímax emocional. O verdadeiro clímax é que aqui está uma explicação razoável de um Eu-Sou não obstruído, e do seu habitat. E a coisa espantosa é que não é meramente lógica; é como vocês, e os vossos poetas e dramaturgos, mais aceitavelmente a visualizaram. Além disso, aqui estou eu, uma mulher que é sabido ter feito este trabalho do vosso lado, e que agora — ainda a fazer o mesmo trabalho — voltou, e foi capaz de propor esta filosofia.”

“É uma explicação não tanto do facto da imortalidade, mas da presença imediata dela”, disse o Darby.

Ele tinha razão. A “presença imediata dela” é o que passou a parecer mais real. Isto é, para nós — que experimentámos estas quarenta sessões de comunicação com a Betty; sessões vívidas com a sua presença invisível, desde o tom de frase e modo de pensamento até ao seu próprio tipo especial de diversão e gargalhada. Mas para vocês que leem, o caráter sugestivo daquilo que nos foi dito, juntamente com as implicações nisso baseadas, deve constituir o valor maior. As implicações maiores foram expostas detalhadamente. Outras foram delineadas para nós apenas brevemente; apenas afloradas. Uma nova perspetiva sobre a sociologia foi sugerida; um código de ética revitalizado e mais praticável na operação; uma psicologia avançada a lidar com a memória, o génio e os sonhos. Esta última estávamos ávidos por seguir, mas a Betty pouco quis disso; e a sua reticência deixava adivinhar outros tópicos fascinantes, que, contudo, ela ainda não abordou.

“O assunto é uma antecipação”, disse ela. “Tem diretamente a ver com o Conteúdo da Consciência. Mas quero dizer ainda isto:

“Nós fazemos coisas criativas aqui. Não há muito génio original do vosso lado; por vezes há, mas mais frequentemente o que chamam génio é um mergulho naquilo que os indivíduos aqui realizam. Os grandes artistas têm destreza; e por regra são também grandes psíquicos. Por vezes obtêm o nosso pensamento sem serem capazes de o produzir, e isso é uma verdadeira tragédia. Os cientistas trabalham naquilo a que chamam descoberta científica, e estão sujeitos a soluções súbitas dos seus problemas. Como no sono.”

“Podes chegar até nós melhor no nosso sono?”, perguntou um de nós.

Por vezes, concordou a Betty.

“Tal como, nesta comunicação, uso o subconsciente libertado desta estação, e o seu armazém, para produzir a minha mensagem, assim no vosso sono — até certo ponto — o vosso subconsciente é libertado. E por vezes a incidência das nossas ideias é acionada da mesma forma — no sono — pela agitação de uma memória subconsciente. Frequentemente os sonhos, desnudados do seu conteúdo emocional, são um contacto direto com o universo não obstruído e com uma ideia a ser promulgada aqui. Com este conhecimento poderiam tornar-se mentalmente peritos no uso dos vossos sonhos, e a resolver os vossos problemas durante o sono.

“E não pensem nem por um momento que o alto, o baixo e o meio não batem, por vezes, na infinidade do nosso pensamento.”

2

“Estou a perguntar-me”, disse o Darby, “sobre a sabedoria de usar a palavra ‘oração’. Ela tem conotações tão várias nas mentes das pessoas.”

“Acho que a maioria das pessoas compreende, vagamente pelo menos, o que a oração realmente é”, disse a Betty, “e acho que para a maioria vem, nalgum momento, uma compreensão bastante viva. Não acho que o significado exato da palavra seja descartado.”

“Para a maioria significa que estás a tentar influenciar um poder além de ti em teu próprio benefício”, prosseguiu o Darby. “É dirigida a um deus com poder mágico para lhe responder. Essa não é a conceção que nós temos. Precisamos de alguma palavra devocional diferente para indicar o contacto com a consciência não obstruída, não precisamos?”

“A maioria das pessoas não pode aspirar a tal contacto”, apontou a Betty. “O seu grau não é ainda suficientemente elevado. A formulação de uma necessidade num pensamento, uma petição, com a submersão segura de si, que vem com a oração àquilo que é mais elevado e maior do que si mesmo, é uma operação benfazeja para o

indivíduo, e é uma projeção definida para dentro do universo não obstruído."

"É uma coisa muito boa ensinar as crianças a rezar", contribuiu a Anne. "A oração é uma atualidade e dá-lhes uma crença. O mundo tem-se dado muito bem com uma crença na oração, pois dar voz a um desejo ou a uma emoção torna-o concreto. Clarifica-o na tua própria mente, se mais nada fizer. E talvez quando o tiveres formulado, descubras que não o queres; ou se queres... Foi um dos vossos próprios grandes conterrâneos que disse: 'Deus ajuda quem se ajuda a si mesmo!'"

"Bem, agora", disse eu à Betty, "tu estiveste sempre além da ideia antropomórfica, no entanto gostavas sempre de repetir a Oração do Senhor. O que tinhas na tua mente? A quê ou a quem a dirigias?"

"À consciência", respondeu a Betty.

"Pensavas na consciência com personalidade, calor — tal calor como o que vem com a personalidade, quero dizer?"

"Como se estivesse a afogar-me num grande mar, e houvesse um navio cheio de pessoas, qualquer uma ou todas as quais me pudessem ajudar", respondeu a Betty prontamente.

3

Talvez ideias tão avançadas como quaisquer outras tenham sido fornecidas pelo Doutor. Recordar-se-ão de que logo na primeira noite em que a Betty falou através da Joan eu lhe perguntei se estava "a trabalhar no assunto da dor, a sua natureza e a técnica de a manusear" — uma mensagem que pretendia ter vindo da Betty para um amigo, e transmitida a mim — e que ela respondeu que sim, sob a tutoria do "Doutor".

Este Doutor, morto há muitos anos, e um grande amigo da Betty, falou connosco raramente, mas aqui está uma amostra do tipo de coisas que ele tinha para dizer:

"Toda a doença na vossa existência do universo obstruído não é nada senão um desajustamento de frequências. Toda a consciência em todo o universo tem uma frequência de grau. As consciências

individuais dos vários órgãos do corpo têm cada uma as suas frequências individuais, dado que toda a consciência tem a sua frequência de grau. Ora o meu ponto é este:

"No universo obstruído eu empregava certas drogas, que eram elas mesmas realmente graus mais baixos de consciência — cada uma com a sua própria frequência — para estimular ou retardar a frequência em graus mais elevados de consciência tal como manifestados no organismo humano.

Eu tinha, por exemplo, algo para um fígado torporoso, para um coração cansado — digitalis — e assim por diante, que deveriam continuar a ser empregados. Mas com o vosso conceito atual e compreensão da frequência e da sua relação com a consciência como a realidade da qual são uma parte, acho que poderiam, após algumas tentativas, abrir a vossa mente ao fluxo do todo órtico para restaurar as frequências empobrecidas do vosso corpo. Usem as vossas mentes! Essa é uma das verdades que fez a Ciência Cristã viver.

"A única dificuldade com esse sistema é que, tendo acrescentado o conceito de cura do universo não obstruído às próprias propriedades restauradoras da terra, eles de imediato eliminaram as frequências-grau das drogas. Ora, ambos deveriam ser usados. Se uma ferramenta nos foi colocada à mão, porquê desdenhá-la, se nos pode ajudar?

"Quando se compreende a doença e a dor a partir deste ângulo, pode ver-se por que razão o curador da Ciência Cristã, não através da imposição das mãos, mas através da abertura deliberada da mente, obtém de facto resultados, bem como o praticante de *materia medica*."

O Doutor nesta vida era um alopata ferrenho, e — embora para os seus tempos fosse invulgarmente contido na medicação — as suas doses, quando as dava, eram do mais amargo que há!

Mais do que uma vez falou connosco sobre o uso moderno do rádio, da eletricidade, de vários raios de luz e afins na medicina; tudo baseado na suposição de serem frequências-entidade a complementar as várias frequências-grau da função do organismo humano. Era interessante e provocador, mas inteiramente demasiado técnico para nós compreendermos. Trazia à memória, contudo, experiências bem-sucedidas recentes de forçar a vida vegetal por meio de luz artificial e

cargas elétricas e manter vivo um coração de galinha isolado através de estímulo químico.

Talvez se, como a Betty afirma, eles no universo não obstruído "fazem coisas criativas" nos seus laboratórios celestes, algum jovem médico obstruído esteja a "mergulhar" no grande reservatório de investigação que tanto a Betty como o seu Doutor insistem que "está tudo aqui à espera de ser contado" e descubra para a humanidade uma nova "frequência" na cura!

4

A Anne teve uma última palavra.

"Há muito tempo disse-vos", disse ela, "que a grandeza da comunicação não é o mero facto da comunicação, mas a criação de uma nova compreensão. Isso é o que é real para vós — uma nova compreensão bastante além das conceções atuais do universo obstruído. Um dos critérios da vossa própria existência é a potência de duração de novos pensamentos. De quem se lembram melhor no vosso próprio mundo? O mesmo é verdade connosco. S

e nós, por qualquer meio, pudermos criar, para todo o universo, em qualquer das fases, um avanço definido e concreto da experiência e do pensamento desse universo, partilhámos na verdadeira Criação. E se queriam uma prova de que eu, de que a Betty, ainda existimos, melhor do que toda a chamada evidência que poderíamos possivelmente dar, essa prova está na nossa construção do alicerce do vosso próprio conhecimento empírico num pensamento novo e avançado."

Também vale a pena citar o comentário do Stephen quando tínhamos terminado de receber tudo o que a Betty e os restantes tinham para dizer.

"Nós deste lado estamos quase tão espantados como satisfeitos com o que foi feito num tempo tão curto", disse ele. "Foi possível apenas porque, sem exceção, aqueles envolvidos conseguiram uma submersão inteira do egoísmo. E a estação tem sido notavelmente cooperante. A mente dela está muito interessada nisto, e o desejo natural seria o de se sentar na festa. Mas houve uma submersão tão

completa e definida de opinião, pessoal e teórica, como se poderia encontrar. Por isso tem havido pouca coloração. E ela aprendeu assim muito na manipulação de si mesma como estação. Muito disso deve-se à Sra. White.

"Tudo isto exigiu muito trabalho. Para nós, bem como para vós. A Sra. White não esteve sozinha nisto. Na verdade ela nunca afirmou estar, e declarou que não estava. Mas era decididamente a mais bem adaptada para dar isto, tanto por causa do seu trabalho aí como aqui. Tivemos realmente um grupo bastante grande. Alguns tinham o trabalho exclusivo de atender a estação. Tratavam-na fisicamente, para a saúde do corpo físico. Entretenham-na. Levaram-na para longe para instrução profunda de um tipo em que ela até aqui se tinha recusado, ou tinha sido incapaz de se perder. O seu sucesso nisso deveu-se à Sra. White e à afeição de uma pela outra.

"A própria Sra. White está agora a receber a sua recompensa por não 'encontrar um lugar no universo para se desleixar!', como ela expressou em *Across the Unknown*. Há muito poucos que sejam capazes de caminhar através da terra de ninguém com pés tão firmes como ela. Não era terreno novo para ela: era um caminho que ela conhecia. E agora ela volta através dele com invulgar facilidade, facilidade e precisão. Aqueles que dão grandemente, recebem grandemente. Ela aprendeu isto e praticou-o pelo seu próprio livre-arbítrio."

PARTE IV

CAPÍTULO XXXI

O QUE TUDO ISTO SIGNIFICOU PARA O DARBY

1

Olhei para o Darby, e o Darby olhou para mim.

“Ora essa!”, exclamámos em uníssono.

Sentámo-nos um pouco e fumámos. Concordámos que esta tinha sido uma atuação absolutamente espantosa.

“Partir de qualquer premissa — verdadeira ou falsa — e construir sobre ela uma estrutura filosófica tão inclusiva, tão estreitamente tecida, tão hermética logicamente: uma que prossegue através de uma gama tão vasta de assuntos e os entrelaça a todos tão perfeitamente que nem uma costura se vê; e, com tudo isso, a expressa tão simples e claramente—” O Darby estava sobrecarregado, esquecendo aparentemente que o Stephen tinha dado um espetáculo similar, há mais de vinte anos. “Um homem poderia fazer tal coisa pelos seus próprios processos e sem ajuda”, concedeu ele com dúvida. “Mas podes apostar tudo o que tens que não o faria em quarenta dias. Nem por quarenta anos o faria. Ora”, o Darby estava a aquecer, “ele apanharia o germe da ideia, e tatearia, e cortaria e tentaria, e voltaria atrás e modificaria à luz do seu pensamento maior, e apalparia de novo, e reformularia, e quando a tivesse realmente hermética — segundo ele —, teria barbas brancas e chamar-lhe-iam um Filósofo, com F maiúsculo.

“E esta coisa veio completa, tal como está!” O Darby refletiu um momento. “Vou dizer-te uma coisa que sei!”, disse ele com convicção. “A Joan está de fora — exceto como a estação recetora. Ela foi para a escola, e é uma rapariga esperta por si mesma, mas simplesmente não tem o equipamento. E eu sei que não o conseguiria fazer.”

“Isso vale a dobrar para mim também”, disse eu. “E a Joan fez um trabalho grandioso como estação recetora.” Um pensamento ocorreu-me. “Isso lembra-me, a Betty deu-nos um trabalho também — como estações concetoras. Ora ela e a Joan certamente cumpriram a palavra. E quanto a nós?”

“O que queres dizer?”, perguntou o Darby.

“Recorda-te apenas do que a Betty disse quando nos nomeou”, insisti eu. “Nós devíamos não apenas ajudar a desenvolver o seu pensamento — sujeitos”, acrescentei em penosa reminiscência, “à sua

correção e veto; mas devíamos ‘refletir de volta’ a nossa compreensão, para que ela pudesse julgar quanto do seu pensamento tinha conseguido fazer passar para nós.”

“Percebi”, disse o Darby.

“Eu também — acho eu”, concordei eu. “Por isso façamos um pouco de ‘refletir de volta’.”

“Como assim?” O Darby estava intrigado.

“Sentemo-nos e escrevamos, pelas nossas próprias palavras, o que cada um de nós entende como os conceitos básicos da Betty, ou comentemos sobre eles de outra forma.”

O Darby assentiu com a cabeça. “Boa ideia”, aprovou ele.

“Isso vai aguçar a nossa própria imagem mental, pelo menos”, continuei eu, “e tenho o pressentimento de que algo do nosso próprio ponto de vista obstruído pode ajudar todas as estações concetoras subsidiárias — que a sua tribo aumente!”

“Ahn?”, grunhiu o Darby.

“Os leitores do livro”, expliquei eu.

E depois, carateristicamente, revelou-se que a Betty tinha tido a intenção disto o tempo todo. Tinha deixado adivinhar uma Parte IV, para a qual não conseguíamos ver material. Dissemos-lhe que doravante abandonaríamos completamente a esperança de ter ideias originais. Ela não gostou disso, nem a brincar; mas nós tranquilizámo-la com a promessa de fazer um pouco de pensamento independente sem importância de tempos a tempos. Depois do que, o Darby estabeleceu-se seriamente a compilar o seu relatório.

2

Aqui fala a posição concetual D-A-R-B-Y.

Que há um tempo psicológico como distinto do tempo do relógio, ou sideral, parece bastante claro. Não importa o que o relógio diz, cinco minutos tornam-se sessenta quando estás à espera que uma panela ferva. Mas não acho que a Betty tivesse batido as mudanças neste facto bastante óbvio apenas pelo bem da sua própria exposição.

O que ela realmente tentou foi aliciar o S E W e a mim — e a ti também — para fora da nossa conceção habitualmente estática do tempo, para fora da aceitação de uma hora como uma extensão fixa, invariável independentemente das circunstâncias. Feito isso, procurou acomodar-nos numa apreciação do caráter maleável do tempo logo aqui na nossa experiência ordinária.

Sim, psicologicamente um dia pode ser curto ou longo. Podemos irrequietar-nos durante os quinze minutos em que esperamos por um comboio — aborrecidos, vazios e diabolicamente frustrados — e assim esticar um quarto de hora para três quartos. Ou podemos estar interessados nos nossos arredores, especular sobre para onde todas as pessoas estão tão intentas em ir e porquê, e — presto! — o comboio chega antes de o sabermos; de alguma forma quinze minutos foram contraídos para um.

De modo que isso é o tempo psicológico — não duro e fixo como o tempo sideral, mas esticável, contraível, colapsável, elástico, maleável. E tudo isto está na nossa experiência diária.

Não me lembro se o S E W citou a declaração, e não vou parar para procurar através do registo por ela, mas a minha recordação é de que a Betty chamou ao tempo, ao tempo psicológico, a estrada pela qual a nossa compreensão poderia com o menor suor e esforço penetrar na sua terra do não obstruído. Por uma certa distância é uma estrada que conhecemos. Mas talvez não tenha ocorrido a muitos de nós que, além da parte familiar, esta estrada continua como um trilho.

Aqui está um caminho pouco trilhado a levar além do tempo psicológico, tal como o tempo psicológico prossegue além do tempo sideral, para ainda outro tipo de tempo — aquilo a que a Betty ao início, por falta da palavra “órtico”, só podia chamar terceiro tempo.

Temos nós no nosso estado obstruído atual qualquer perceção, por mais elusiva que seja, deste terceiro tempo? O mais certo é termos de facto, se a parede entre o nosso universo obstruído e o não obstruído da Betty for tão fina e frágil como ela afirma. Isto mesmo podemos agora inferir: Que o terceiro tempo é maleável como o tempo psicológico é — apenas mais ainda; que tal como o tempo psicológico ele expande e contrai.

E isto tem de significar que os tempos verbais do tempo sideral não sobrevivem totalmente intactos no terceiro tempo; puramente eles esboroam-se na nossa experiência diária do tempo psicológico. Pareceria que, no terceiro tempo, presente, passado e futuro de alguma forma coalescem.

Suponhamos que entras nessa estação de comboios outra vez, desta vez absorto em pensamentos. Não será nenhuma experiência invulgar se passeares alheio a tudo, embarcando finalmente no teu comboio sem saberes quando. Nalgum canto perdido da tua mente terás notado a sua chegada, claro, e tu embarcas de facto. No entanto estavas sem tomada de consciência da passagem da espera de quinze minutos. O tempo do relógio fez o seu caminho para um passado que não deixou impressão em ti. E mais tiques estavam mesmo ao virar da esquina do futuro, mas eram imprevistos por ti. Apenas o presente registou. Tu estavas nesse presente. Ou deveria dizer que tu eras esse presente, que de uma forma ou de outra tu e o tempo, durante esse momento, éreis um só?

O terceiro tempo da Betty é assim. Ele estica e contrai; mas nem o esticar nem o contrair podem ser definidos em termos de um futuro ou passado siderais. Um tipo de tempo esquisito, reconhecidamente. Mas estranha é também a maleabilidade do nosso próprio sentido quotidiano do tempo psicológico. Olhemos para isto como quisermos, os relógios são uma coisa; o nosso relógio interno é outra coisa totalmente diferente.

Até aqui, tudo bem.

Mas acho que podemos fazer ainda melhor do que isso. Acho que podemos escavar para dentro da nossa consciência, não misticamente, mas de uma forma bastante ordinária, e encontrar ali um presente que tudo inclui — uma matriz, por assim dizer, que recebe e regista mas transcende os eventos. Tentemos.

Há em ti, como acho que há em mim, um ponto final abaixo do qual não há necessidade de alicerce. Esse ponto é a nossa fundação derradeira, a suportar pela sua própria força pura toda a vasta estrutura dos nossos sentidos, emoções e pensamentos — a multiplicidade das nossas perceções, instintos, gostos, os nossos amores e ódios, a nossa

própria resposta, e até obrigação, para com o mundo de coisas, forças e pessoas à nossa volta. Foi chamado pelo Jeová do antigo testamento, "Eu Sou". E após milhares de anos, a linguagem não consegue encontrar para isso melhor palavra. "Eu Sou" — não eu fui ou serei, mas apenas eu sou.

Ora, neste âmago profundo e derradeiro de ti encontras alguma coisa parecida com o passado e o futuro que os relógios registam? Acho que não. Encontras ali primariamente apenas um tornar-se, tal como poderia ser medido pelos padrões do tempo ordinário? Dificilmente. Acho que encontrarás ali, como a Betty encorajou o S E W e a mim a encontrar em nós mesmos, algo mais fundamental do que o tornar-se, básico como isso possa ser, algo que à sua maneira escapa à roda de gaiola do passado e do futuro: o Ser — ser que está enraizado num único tempo verbal, o presente.

Tu, o tu mais íntimo, és — coexistindo com a mudança e o tornar-se, e assim ainda no tempo, ainda uma matriz para receção, embora não olhando nem para a frente nem para trás.

Esse tipo de presente duradouro mas maleável encontrarás tu, acredito, no teu próprio sentimento de ser. Pelo menos, é prefigurado psicologicamente. É o terceiro tempo. É o tempo órtico do universo não obstruído da Betty.

3

Se o tempo tem três aspetos — sideral, psicológico e órtico —, assim também o espaço tem — ou assim disse a Betty.

Lembrar-me-ei sempre do meu primeiro automóvel. Os monocilíndricos tinham desaparecido algum tempo antes, mas a alta compressão estava ainda a muitos anos de distância. Os pneus levavam setenta libras de ar e eram cerca de tão inflexíveis como as estradas esburacadas e não pavimentadas, que, por mais inegavelmente que nos atraíssem, tinham de ser negociadas com uma fina perícia. Os diferenciais tinham uma forma de responder totalmente a cada outra irregularidade — simplesmente caíam para fora. Os eixos estavam sempre a partir-se e as molas para sempre a irem à vida.

Com a insistência requerida este meu automóvel conseguia fazer vinte milhas por hora. Mas, quando na estrada aberta essa velocidade era atingida, os agricultores a trabalhar nos seus campos viravam-se para ver de que era todo aquele estrondo e alvoroço.

Pois às vinte milhas a Peggy (feminino de Pégaso) tremia em todas as suas peças, tiritava e resfolegava, guizoava e tinia — do radiador à luz de presença. E eu, com a Joan a suster a respiração no assento ao meu lado, tinha um sentido de velocidade tremenda. Quanto mais acidentada a estrada, mais selvagem era a carreira da Peggy; e quanto mais ruidosa essa carreira, mais rápido a Joan e eu parecíamos ser impelidos.

"Ela com certeza come o espaço", costumávamos nós dizer afetuosamente da Peggy, enquanto a deitávamos para passar a noite após uma corrida de cinquenta milhas feita em quatro horas e treze minutos certinhos.

Portanto, logo na experiência, tu e eu sabemos que uma milha não é simplesmente uma distância geométrica fixa entre dois pontos. Sideralmente é tudo isso, mas psicologicamente varia. Longa se a caminharmos, com pés doridos e cansados; curta se andarmos sobre uma estrada de betão num carro motorizado moderno desenhado para fazer setenta, oitenta, cem milhas por hora.

Uma banalidade, claro — esta avaliação mental da distância em termos de experiência e não em pés e milhas geométricos. A Betty não teria trabalhado o ponto, tal como sem um propósito ulterior dificilmente teria martelado no tempo psicológico, se não tivesse esperado que através do espaço psicológico pudéssemos obter algum vislumbre de um terceiro espaço — o espaço órtico do seu universo não obstruído.

Como uma racionalização, a proposição pode agora ser enunciada. O espaço da Betty, como o seu tempo, é elástico, maleável — da mesma forma que sabemos que o nosso espaço psicológico é elástico e maleável. E novamente se deveria acrescentar, "apenas mais ainda".

Mas temos de parar numa mera racionalização?

Ao contrário do S E W, não me fiz aos ares. Um compartimento de carruagem-cama, habitualmente entrado à noite para poupar um dia, permanece o meu modo mais rápido de viagem. Invariavelmente, quando volto as costas às luzes e sons de uma estação de comboios movimentada, embarco no meu comboio e fecho a porta do compartimento, desfrutando depois os poucos minutos até o comboio arrancar, tenho esta experiência: Parece que o espaço no seu sentido ordinário desapareceu, que subitamente tudo o que há de espaço foi espremido para dentro das quatro paredes do compartimento. Um sentimento de intimidade com ele apodera-se de mim; o espaço e eu estamos sós finalmente, e o mundo com todos os seus lugares e tudo o que intervém foi-se.

O comboio move-se agora, ganha velocidade; e ainda assim todo o espaço está compactado dentro das minhas quatro paredes, mas com uma diferença. Ora este tudo de espaço íntimo tornou-se fluido. Maleável? Claro. Não foi tudo espremido para dentro de um pequeno compartimento de carruagem-cama! Mas está a fluir agora, e eu com ele. Nós dois parecemos estar em todo o lado, e contudo em lado nenhum. Já para mim o espaço não significa apenas a distância entre dois pontos. Antes, é um curso de água, sem margens ou paisagem — um curso de água que flui em todas as direções para fora de um centro que não é de todo um centro dimensional, mas apenas eu mesmo.

Talvez o relato desta experiência recorrente tenda a tropeçar e cair no oculto. No entanto nunca senti qualquer sentido de mistério a acompanhá-la. Pelo menos, não há nada nem ligeiramente misterioso sobre o facto ulterior de que após uma noite de sono eu, que apaguei a luz logo à saída de Elizabeth, acorde em Chicago, sem nenhum sentimento de espaço geométrico atravessado ou dos lugares que pontilham esse espaço. Ao valer-me da ajuda mecânica de uma linha férrea viajei quinhentas milhas em menos tempo do que um bom cavaleiro num bom cavalo teria corrido setenta, e com infinitamente menos dores.

Afinal de contas, então, não é o número de milhas geométricas que nos obstrui, mas a nossa falta de perícia em telescopá-las ou, se quiseres, em fluir através delas.

Na companhia de dois amigos apanhei um elevador no outro dia para o sexagésimo quinto andar de um certo arranha-céus. Numerosas paragens foram feitas no caminho para cima, e finalmente atingimos o nosso andar, e assim foi.

Mas, ao descer, fizemos a descida sem paragem, limpa desde o sexagésimo quinto até ao rés do chão. Não havia sentido de velocidade e pouco de movimento. Impreparados para o efeito mental da longa queda, saímos do elevador para o átrio.

E — puf! — foi como aquela recuperação explosiva do óxido nitroso com que colides de volta para a quotidianidade depois de o dentista ter extraído um molar infetado. "Onde estou?", exiges tu, confrontado apenas com o mundo simples e familiar, mas agora por um momento estranho e curiosamente duende. Assim os meus dois amigos e eu nos sentimos enquanto olhávamos ao redor no átrio do arranha-céus.

Por algum truque do pequeno recinto móvel chamado elevador tínhamos sido soltos, talvez, do espaço do bom e velho Euclides e depois, ao atingir o rés do chão, descerimoniosamente despejados de volta para ele.

"Onde estou?", quase perguntei eu ao chefe de receção no átrio. Mais sensato talvez tivesse sido perguntar: "Onde estava eu?"

Tudo somado, o terceiro espaço foi difícil para mim de apanhar o jeito. Para o terceiro tempo parecia ter um sentimento intuitivo. Mas não conseguia desenterrar em mim nenhum instinto espacial similar. E a introdução da Betty do conceito de tempo-espaço como uma ajuda à compreensão não ajudou muito, embora em retrospetiva se torne claro que todo o nosso controlo moderno do espaço se reduz ao controlo do tempo requerido para viajar o espaço. Comigo a ideia de tempo-espaço só começou a fazer clique na realidade depois de o movimento ter vindo para discussão.

Mas, quaisquer que tenham sido as minhas dificuldades, não precisam de ser as tuas. Pois alguma experiência ordinária tua pode ilustrar de tal modo a maleabilidade do espaço psicológico que será fácil para ti acrescentar o novo ingrediente da Betty, o fluxo. Faz isso, e acho que terás vislumbrado o espaço órtico.

E agora voltemos por um momento à consideração do espaço sideral desprovido de adornos. Há justificação nele, totalmente à parte de reações psicológicas, para o conceito de condutividade da Betty?

Olha para a matéria desta forma:

O teu corpo físico é ele mesmo uma obstrução, e como tal está em constante conflito com obstruções envolventes, sendo a mais dissuasora delas os sólidos. É destes sólidos — as portas das nossas casas, as suas paredes e fados e mobílias; os materiais do nosso artesanato e as suas ferramentas, desde tornos e brocas até lápis e papel e até livros — que recolhemos as nossas impressões espaciais mais óbvias. Tudo é tão longo e tão largo e tão alto; e isso, julgamos apressadamente, é tudo o que há no espaço. Mas mesmo sideralmente este é apenas um aspeto, e talvez não o mais fundamental. O outro aspeto diz-nos que o espaço é aquilo em que nos movemos.

O espaço em si não é um sólido. Pelo contrário, exceto quando encontramos obstruções, passamos mesmo através dele. Na verdade, é apenas porque os nossos corpos são materiais e têm de ser movidos de tal forma que evitem, ou utilizem, outras obstruções materiais que estamos particularmente conscientes do espaço de todo. Na medida em que os nossos corpos não são estorvados por outros objetos materiais, prestamos apenas pequena atenção ao comprimento, largura e altura das coisas. Mas estamos sempre conscientes de que nos movemos — através do espaço. Com certeza que reconhecemos a condutividade do espaço, mesmo neste mundo sideral.

Portanto, para usar a frase da Betty, desnuda o espaço. Desnuda as suas três dimensões, e continua a sobrar a condutividade. O espaço órtico é condutividade — uma fluidez de condução, nem para cima nem para baixo nem através, no entanto, por causa da sua própria fluidez, ainda definidamente espaço.

4

Ao apresentar o movimento órtico a Betty não seguiu o padrão que tinha estabelecido para a explicação do terceiro tempo e do terceiro espaço. Começando com o movimento do nosso universo obstruído, quer astronómico quer apenas pedestre, ela poderia ter passado com fluidez para pontos de vista psicológicos. Pois o

movimento — o balanço uniforme do pêndulo de um relógio, por exemplo — parece de facto acelerar ou afrouxar de acordo com o interesse do observador; numa cena de desastre o socorro chega com uma lentidão cruel, seja apressado por cavalo, camião ou avião.

E era assim que eu supunha que a Betty postularia o movimento órtico: maleável, tal como uma dada taxa de movimento ordinário parece variar com as condições sob as quais é experimentada.

As minhas perguntas levaram nessa direção. A Betty não quis nada disso. Uma vez, se a memória não me falha, esteve perto de negar a existência de qualquer coisa como movimento psicológico. Mais tarde retirou metade disso, com um bocejo e um sim-não. E no fim retirou-o com toda a força. O próprio pensamento, anunciou ela, é movimento psicológico! Tivesse esta sido uma declaração inicial, e o S E W e eu bem poderíamos estar ainda a tatear.

Em todo o caso, abandonado foi o padrão estabelecido, mesmo com o risco de o movimento parecer por um tempo ser o patinho feio da grande trilogia da Betty. Em vez disso, encontramo-nos mergulhados cada vez mais fundo naquele hífen do físico moderno — tempo-espaço.

Primeiro, deixa-me dizer que a Betty usou este conceito apenas como uma ajuda à instrução. Quando ele tinha feito o seu trabalho, ela prosseguiu prontamente para dar uma sapatada no hífen, tão solicitamente pondo o tempo e o espaço de volta nas suas diversas e individuais pernas.

Há várias décadas começou entre os físicos de inclinação matemática uma busca por uma quarta dimensão. O comprimento, largura e altura dos objetos no espaço, satisfatórios o suficiente no pensamento quotidiano, tinham-se tornado inadequados. Pois estava a ser demonstrado experimentalmente que o íntimo de todas as coisas físicas estava em fluxo — mesmo a matéria inerte. E como no mundo poderia alguém continuar a mapear uma física já não estática em termos de substância tridimensional?

Um certo número de livros tontos foram escritos. Mas poucos, se é que algum, tentaram nomear ou descrever a nova dimensão necessária. Isso não quer dizer que não existisse. Como um X

matemático, abriu campos de equações muito além da ambição de um Leibniz e do seu cálculo. E como uma conveniência para dar conta do desaparecimento de artigos perdidos era *par excellence*. Depois de um homem ter procurado dez minutos debaixo da cama e da cómoda pelo seu botão de colarinho caído, podia descartar a miserável coisa com boa consciência — de alguma forma tinha acabado de rolar para a quarta dimensão.

Finalmente prevaleceu algo semelhante ao bom senso. Por bom senso entende-se, presumo eu, a arte de raciocinar em direção ao que não se sabe a partir do que se sabe. Se não conseguimos encontrar uma pista para o desconhecido no conhecimento empírico, é melhor esperarmos. Caso contrário, arriscamo-nos a tornar-nos tecelões de teorias remotas e inaplicáveis ou, pior, místicos, ou, mais horrível ainda, seguidores de seitas. Seja como for, o bom senso encontrou uma quarta dimensão, verdadeiramente essencial para a nova física da radiação, dos eletrões, dos compridos de onda e afins, na experiência simples e ordinária — no próprio tempo.

Exploremos a ideia. Ali na estação espera o nosso comboio. Possui as três dimensões tradicionais; é tão comprido, tão largo e tão alto. Mas agora move-se, deixando a estação; e, à medida que se move nas três dimensões do espaço, colina acima, colina abaixo e em frente no plano, move-se igualmente numa quarta dimensão. Avança no tempo — no tempo como no espaço.

E os homens dizem, como sempre disseram de tais matérias, que o comboio se move a tantas milhas por hora, o que é afirmar que a sua taxa de movimento no espaço só pode ser declarada em termos de tempo.

Mas suponhamos que o comboio não se põe a caminho. Suponhamos que continua parado. Nem por isso deixa de se mover, porque é parte integrante de uma terra que ela mesma está em movimento.

Tão pertinente para qualquer análise do movimento é este conceito que bem se pode perguntar se tempo-espaço não é apenas outro nome para movimento. Talvez sim, e talvez não. Isto, pelo menos, o conceito torna claro:

Sem a dimensão do tempo não pode haver movimento sideral e, igualmente, não pode haver nenhum sem as dimensões do espaço. Por outras palavras, só pode haver movimento sideral no tempo mais o espaço.

Mas onde é que isto nos leva na compreensão do movimento órtico?

A Betty diz que o seu universo não obstruído é apenas uma extensão do nosso obstruído. Para usar a linguagem de há cerca de vinte e cinco anos do Stephen, os dois mundos funcionam sob paralelos de uma e da mesma lei. Sendo assim, segue-se que o movimento no universo não obstruído está tão inextricavelmente ligado a um tempo-espaço órtico como o movimento aqui está ligado ao tempo-espaço sideral. Se, então, aprendemos algo do tempo órtico e do espaço órtico, por pouco que seja, provavelmente aprendemos algo semelhante sobre o movimento órtico. Vejamos.

Sideralmente, qualquer trânsito verdadeiramente instantâneo é impossível. O comboio pode mover-se cada vez mais rápido como o maquinista desejar, mas apenas até um certo limite. Há uma taxa máxima final de velocidade além da qual não pode ir. A luz move-se mais rápido do que tudo, tão rápido que os astrónomos fixam a sua velocidade em termos de anos; mas mesmo no caso da luz há sempre apenas um determinado movimento num dado intervalo de tempo. Nunca no universo obstruído o movimento é transmitido instantaneamente.

Da mesma forma, o movimento sideral não pode escapar às distâncias fixas do espaço. Por mais rápido que seja o comboio, ele tem de percorrer a extensão exata de cada milha individual viajada.

Mas o tempo órtico, aprendemos nós, é maleável, colapsável; e o espaço órtico é um fluxo, um condutor completamente rarefeito, se quiserem. Num tal tempo e num tal espaço, a instantaneidade do movimento torna-se concebível ou, se não totalmente concebível, imaginável.

E isso — o trânsito instantâneo, com todos os travões do tempo-espaço sideral libertados — é metade, mais ou menos, da história da Betty sobre o movimento órtico, como contada através da Joan.

Compreenderão agora, penso eu, por que razão a Betty não confiou em considerações psicológicas para demonstrar o movimento do seu universo não obstruído. O movimento sideral, ao contrário do tempo e do espaço siderais, é patentemente maleável aqui no universo obstruído. Não apenas parece dessa forma para nós; é dessa forma. Podemos caminhar ou podemos correr. Pelo interesse e antecipação podemos acelerar a frequência do nosso próprio batimento cardíaco. O S E W e eu sabíamos isso desde o início, e a Betty sabia que nós o sabíamos. Mas e depois? Não nos ajudou nada a apreender a instantaneidade, isto é, o movimento não limitado por uma taxa máxima.

O nosso esforço para visualizar um volante de inércia infinitamente acelerado ajudou — um pouco — na altura. Mas isso foi amplamente um exercício intelectual. Quanto a mim, não tinha nenhum sentimento para esse tipo de volante de inércia, embora no ponto de infinito o seu movimento implicasse claramente a instantaneidade.

Não, outro recurso era exigido — e fornecido. O conceito de tempo-espaço, ao oferecer uma estrutura quotidiana para o movimento sideral e depois ao ser argumentado do obstruído para o órtico, resolveu o problema — para mim. Pelo menos, posso enunciar a proposição:

O movimento no universo obstruído está preso no torno do tempo-espaço sideral. Esse tempo-espaço é fixo, e qualquer movimento através dele é potencialmente limitado. O movimento paralelo do universo não obstruído é tão irrestrito como o tempo-espaço órtico em que funciona. E o tempo-espaço órtico não é limitado nem pelo tempo verbal, nem pela direção, nem por resistência estranha. No *orthos*, o movimento é instantâneo.

Podem dizer, como eu fui tentado a dizer, que isto aniquila o tempo, que um movimento verdadeiramente instantâneo não teria necessidade de tempo. Mas isso é pensar em termos de tempo sideral, com os seus três tempos verbais. Além disso, a Betty avisou-nos uma e outra vez para não confundirmos a taxa de movimento com o próprio movimento. Talvez tudo isto se possa tornar mais claro se

fizermos uma pausa para responder à pergunta feita uma ou duas páginas atrás: É tempo-espaço apenas outra palavra para movimento? A resposta é: não.

Entro numa sala, tropeço e ao recuperar o equilíbrio derrubo uma cadeira. Enquanto tomba para o chão ela está em movimento; move-se através do tempo-espaço. Mas o tempo-espaço estava lá antes de a minha descoordenação ter perturbado a cadeira, tal como estará depois de eu endireitar a cadeira. Dado o tempo-espaço e apenas ele, o mundo jaceria tão sereno como a noite de Natal, quando, como toda a gente sabe, nem uma criatura se mexia. Uma agitação, algo ativador tem de existir como condição precedente para qualquer movimento.

É essa agitação, órtica na análise final, que, ao colidir com o tempo e o espaço siderais no universo obstruído, estabelece o fenómeno que conhecemos aqui como a taxa temporal de movimento. A agitação em si não exige nenhuma taxa.

E agora para voltar à terra, embora brevemente. Raciocinemos a segunda metade da história da Betty sobre o movimento não obstruído. Esta exploração não precisa de pressionar além de fronteiras mundanas.

No movimento quotidiano lidamos primeiro com os nossos impactos corporais. Batemos nas coisas e elas movem-se. E por isso estamos inclinados a avaliar todo o movimento em termos de, digamos, uma mesa de bilhar. O taco bate numa bola. Imediatamente essa bola salta em movimento e bate noutra, que por sua vez corre a bater numa terceira. Finalmente todas as bolas estão de novo em descanso, e nós dizemos que o movimento estabelecido pelo impacto do taco se esgotou. O facto, claro, é que esse movimento não se esgotou, não cessou, mas foi meramente distribuído, dividindo-se o seu grande curso em inúmeros pequenos cursos já não aparentes para nós.

É apenas pela reflexão que notamos que o movimento nunca chega ao descanso. Pode ser transferido ou transformado até eludir os nossos sentidos; mas, pensando melhor, não somos enganados. Ele continua a oscilar, efetiva ou potencialmente, numa faixa de ondas, por assim dizer, ou noutra.

Claro, então, o movimento órtico é perpétuo, tão perpétuo como o movimento sideral é. E novamente é bom acrescentar, "apenas mais ainda". É por isso que a Betty falava com tolerância dos "inventores loucos" que, vislumbrando uma verdade, trabalharam honestamente, se bem que futilmente, para a aplicar. As suas máquinas de movimento perpétuo não funcionaram por uma variedade de razões. No entanto, o próprio movimento é perpétuo.

A perpetuidade, demonstrada no universo obstruído, é a outra metade da história da Betty sobre o movimento órtico.

Conhecemos agora duas características da agitação órtica, o impulso ativador sem o qual o tempo e o espaço seriam tão mortos como uma arenque seco — a instantaneidade e o estado de ser perpétuo. E conhecemos uma coisa que esta agitação não é — o pensamento. Pois o pensamento, diz a Betty, é movimento psicológico; e eu suponho que o movimento psicológico é tão remoto do movimento órtico quanto o sideral fica aquém do psicológico. No entanto, para usar a palavra das crianças a jogar ao esconde-esconde, o pensamento está "quente" — mais quente do que o balanço de um pêndulo ou até o curso dos planetas em redor do sol.

Desde o próprio início da divulgação da Betty, foi uma palavra sideral que ela usou para expressar a essência do movimento órtico — "frequência". Isto, penso eu, foi porque a física moderna ganhou ampla aceitação para a palavra e deu-lhe significados novos e flexíveis. Também a Betty pode ter sido influenciada pelo facto de os homens saberem muito sobre o íntimo profundo de si mesmos e poderem contar pouco, enquanto do mundo fora de si mesmos sabem pouco, no entanto sentem-se qualificados para contar muito. Perdoável, dado que a linguagem retrata o mundo exterior mais adequadamente do que retrata o interior.

5

Resta um maço ou dois de matagal para limpar, e depois, penso eu, estaremos prontos para experimentar aquilo a que a Betty, pedindo emprestado novamente ao grego, chamou "trilogia" — a sua estrutura tríplice da consciência.

Primeiro, não devemos ser tentados a considerar o tempo, o espaço e o movimento como meros atributos da consciência, como se poderia dizer que o azul é um atributo do mar. Sob condições de luz mutáveis, o mar pode ser azul ou pode ser verde ou apenas cinzento; continua a ser o mar, qualquer que seja a sua cor. O tempo, o espaço e o movimento, contudo, são do próprio tecido da consciência. Se é correto dizer que eles não existem em nenhum outro lugar senão na consciência, é dificilmente menos correto dizer que a consciência não existe em nenhum outro lugar senão neles.

A segunda conceção errónea contra a qual querermos prevenir-nos é ilustrada pela própria ênfase daquilo que acabo de escrever. Pareço sugerir que a soma do tempo, do espaço e do movimento é igual à consciência. Não é assim. Sempre a consciência trabalha através do tempo, do espaço e do movimento, mas o total deles não é a consciência, não mais do que folhas, ramos e raízes se somam para fazer uma árvore viva.

Mais uma coisa, de passagem: A palavra trilogia poderia ser aplicada, claro, ao complexo tempo-espaço-movimento em que funcionamos aqui no universo obstruído, bem como ao *orthos*. Não se paralela o obstruído e o não obstruído sob todos os aspetos, existindo sob uma só lei? Mas não era o universo obstruído que a Betty procurava primariamente clarificar. Ela estava a tentar racionalizar o não obstruído. Para os fins da linguagem ela reservou o termo trilogia para o complexo órtico, e tem parecido melhor ao S E W e a mim preservar esse uso.

E agora prossigamos.

A consciência tem três coexistências. Do ponto de vista obstruído esta não é uma declaração difícil. Tu estás constantemente no tempo; estás constantemente no espaço; e suspeito que estás constantemente em movimento, ou pelo menos estás sempre no meio do movimento. Não é de outra forma no universo não obstruído, concedendo que o tempo ali não é mensurável por relógios, o espaço por réguas de medir ou o movimento por velocímetros.

A trilogia da Betty, coexistente com a consciência que é ela, consiste no tempo órtico, cuja essência é a recetividade; no espaço

órtico, cuja essência é a condutividade; e no movimento órtico, cuja essência é a frequência.

Um dia ou dois depois de as essências nos terem sido apresentadas, sem as quais receio que a trilogia pudesse de facto ter-se provado apenas uma curiosidade verbal, a Joan, o S E W e eu tivemos ocasião de conduzir sessenta milhas através do país. Enquanto subíamos para o carro, tive uma grande ideia. Para o propósito desta única viagem, por que não esquecer todas as nossas noções ordinárias de tempo, espaço e movimento e, em vez disso, pensar apenas em termos de recetividade, condutividade e frequência? "Uma boa ideia se funcionar", concordou o S E W.

Bem, funcionou e não funcionou. Certamente o motor bem afinado disparava com um ritmo inconfundível, e regularmente esta frequência era transmitida às rodas do carro. Havia condutividade também, tal como os construtores de estradas modernos sabem fazer; pois estávamos a ser impelidos através de e não contra. E havia recetividade, talvez. O S E W disse que a recetividade era boa, querendo dizer, inferi eu, que, como a zona rural era nova para ele, a sua mente estava a registar muitas impressões frescas e interessantes. Para a Joan e para mim a recetividade era apenas razoável; tínhamos feito aquela viagem demasiadas vezes antes.

"Como definiremos a taxa desta frequência?", perguntei eu ao S E W.

"Tanta condutividade por tanta recetividade", respondeu ele com um piscar de olho.

"Conversa da treta!", voluntariou a Joan. "Por que não dizer uma milha por minuto e dar a coisa por terminada?"

Por que não, na verdade? Pois não estávamos nós exatamente onde começámos — no tempo, espaço e movimento siderais? O facto puro e simples era que nunca tínhamos saído deles. E isso, claro, era a razão pela qual a experiência tinha falhado em funcionar.

"Mas", disse eu, "ajuda. Imagina uma estrada de perfeito nivelamento, a correr através de uma atmosfera de nenhuma resistência. Essa estrada, esse espaço sugeriria apenas condutividade."

“Uma super pista para um motor de frequência ilimitada!”, contribuiu o S E W.

“Desde que”, disse a Joan, “não se tenha trazido o tipo errado de recetividade atrás. Insisto na marca órtica.”

Acho que a insistência da Joan foi bastante direta ao coração das coisas. O esforço da nossa era técnica tem sido o de controlar o movimento, de o acelerar e assim colapsar o tempo. Assim declarado, o tempo encurta como um efeito do movimento acelerado. Mas na realidade é ao contrário. É preciso mexer no tempo primeiro, procurando elevar a sua proporção com o espaço. O movimento acelerado é a evidência externa de quão bem se fez essa intervenção.

A Betty diz que controla o seu tempo órtico, cuja essência é a recetividade. Como? Manipulando a recetividade? Como? Eu estava em águas profundas.

Dizer que o espaço, órtica de vista, é essencialmente uma questão de condutividade estava a tornar-se bastante aceitável, porque na experiência ordinária o espaço é um condutor; nós passamos de facto através dele. Dizer que a essência do movimento órtico é a frequência pode exigir uma dose de explicação, mas faz soar uma campainha, porque mesmo no universo obstruído estamos tão habituados a analisar o movimento em vibrações, ciclos, ritmos — de facto, frequências. Mas para mim o tempo parecia possuído de outras características bastante tão essenciais como a recetividade.

Havia a duração, por exemplo. Se me tivessem perguntado antes de a Betty vir qual era a essência do tempo, estou confiante de que teria respondido: “Duração.” Certamente uma característica tão subjetiva como a recetividade não me teria ocorrido; tal é a inveterada devoção de alguém ao materialismo de trabalho do universo obstruído.

E eu não fiquei satisfeito mesmo depois de a Betty explicar detalhadamente como todas as coisas são recebidas no tempo, e apenas no tempo, e como um evento permanece influente após a sua ocorrência — como a influência de um homem pode continuar após a sua morte — precisamente por causa da recetividade que é a essência do tempo. Fiquei impressionado, mas não satisfeito.

Por isso tive de voltar atrás no caminho. Tive de me lembrar novamente do que a Betty estava realmente a tentar fazer. Era isto: Ela estava a procurar explicar-nos por que razão o seu mundo é não obstruído e o como disso; ela estava a tentar tornar o seu estado não obstruído razoável em termos da nossa obstrução.

Tudo bem, então, como é que nós aqui superamos a obstrução?

A viagem de automóvel de sessenta milhas através do país é uma resposta bastante boa. Dominámos o espaço porque um artefacto mecânico, o nosso motor a gás e os seus pertences, nos tinha colocado numa posição de tirar mais do que a vantagem habitual da condutividade. Mas não encurtámos realmente o espaço. Quanto ao tempo, esse encurtámo-lo, relativamente. Viajámos sessenta milhas no intervalo em que teríamos levado para caminhar cinco. E como fizemos nós isso? Manipulando a duração? Dificilmente. Pois a duração, eu estava a aprender, era realmente a coisa encurtada. Encurtámos o tempo porque tínhamos aumentado a sua recetividade — metido mais para dentro dele, por assim dizer —, graças ao nosso motor a zumbir.

O espaço órtico não é nenhuma obstrução de todo para a Betty, se ela estiver no controlo total da sua essência, a condutividade. Eu tinha cessado de argumentar sobre isso. E agora parece que pode haver tão pouca argumentação sobre a essência do tempo órtico, a recetividade. Pois é apenas nesta característica do tempo, como o conhecemos aqui no universo obstruído, que o controlo deve ser predicado.

Na medida em que a Betty pode aumentar a recetividade, isto é, preencher o tempo até ao seu extremo, na medida em que pode aumentar a condutividade, telescopando a mera distância, nessa medida ela pode elevar, como quiser, a essência do movimento, a frequência — tudo isto simplesmente com base numa alterada proporção de tempo-espaço. É nesta proporção órtica que o movimento se torna instantâneo; o tempo torna-se um agora que tudo inclui; e o espaço torna-se apenas um curso de água de não resistência.

Afirmar estas maravilhas da trilogia pareceria fantástico não fosse o facto de as encontrarmos enraizadas logo aqui na experiência comum do nosso universo obstruído. Afinal de contas, estas são as

próprias maravilhas que a Joan, o S E W e eu trabalhámos naquela viagem de carro de sessenta milhas — imperfeitamente. Encurtámos o tempo amontoando a sua essência, a recetividade. Superámos o espaço utilizando num grau invulgar a sua essência, a condutividade. E resultou num movimento além dos sonhos do cavalo de São Francisco. Como o Sr. Wordsworth poderia ter dito — a Trilogia jazia toda em redor de nós.

6

Falando no país das maravilhas, recordar-se-ão de que quando a Alice chegou ao outro lado do espelho ficou horrorizada com a persistência com que as pessoas que ali encontrou atribuíam significados estranhos e esdrúxulos a palavras confortáveis que a Alice tinha sempre suposto compreender bastante bem. Por isso teve de lhe ser explicado, e isto foi o que lhe disseram relativamente a um dos seus quebra-cabeças:

"Estás a ver, é como uma mala de viagem — há dois significados embalados numa só palavra."

O termo "frequência" da Betty, assumo eu, é uma palavra-mala. E nisso difere dos seus outros termos, recetividade e condutividade.

Como palavra, "recetividade" funciona bastante bem quer aplicada a processos materiais quer psicológicos. Por exemplo, o papel é recetivo à tinta, e da mesma forma a tua mente é recetiva a impressões sensoriais. Da mesma forma, a palavra "condutividade" cobre tanto as amplitudes objetivas como as subjetivas. Um troço de tubo é condutor de água; do ponto de vista verbal, pode dizer-se com a mesma razoabilidade que a tua mente está agora a servir como um condutor do pensamento expresso nesta frase.

Mas com a palavra "frequência" é diferente. Pode haver uma palavra tão descritiva da essência do movimento que funcione tanto material como psicologicamente. Mas eu não a conheço. Nem aparentemente a Betty. Seja como for, foi uma palavra-mala que ela deixou com o S E W e comigo — uma palavra de dois significados. Antes, receio bem, de três e talvez mais.

Frequência — o que é ela sideralmente? Na primeira consideração, apenas o número de vibrações numa unidade de tempo. Esse é o nosso ponto de partida; e nestes últimos dias saímos do chão bastante rápido, deixando tais velhos conhecidos como o pêndulo oscilante do relógio e a corda vibrante do piano muito abaixo. Pois agora o significado primário da palavra já não é tão simples. Com a descoberta e utilização da eletricidade, incluindo em anos recentes aquilo que passámos a conhecer como energias radiantes, as conotações do termo foram vastamente alargadas. Agora falamos com confiança de frequências de rádio. Nunca vimos ou sentimos nenhuma. Mas por causa do registo mecânico sabemos que elas existem.

É este território de novas energias — e de outras mais velhas mas igualmente desconcertantes tais como a luz — a que a Betty (ou terá sido a Anne?) chamou "terra de ninguém". Dificilmente são não materiais, nem contudo materiais na velha aceitação da palavra.

Algumas páginas atrás tentámos isolar duas características do movimento órtico — a perpetuidade e a instantaneidade. Como o movimento é perpétuo mesmo no universo sideral, novos comentários são desnecessários. Mas o movimento sideral não é instantâneo. O movimento órtico é-o, diz a Betty. Se assim é, talvez as frequências da terra de ninguém prefigurem a instantaneidade órtica. Certamente deveriam fazer um melhor trabalho de mostrar o caminho do que fazem as vibrações mais brutas dos diapasões e afins.

O locutor de rádio, a emitir a milhas de distância, diz: "Oito horas por Fugit, o relógio mais estimável do mundo." E nós, sentados ao nosso poiso, tiramos os nossos próprios relógios para ver se precisam de acerto. Tão perto de ser instantânea é a transmissão da frequência de rádio que ignoramos o atraso entre as palavras faladas do locutor e a nossa receção do impulso que reproduz essas palavras nas nossas próprias salas de estar. Esta discrepância nunca nos ocorre.

Ou carregamos num botão na parede e esperamos uma resposta instantânea no lustre, e para todos os propósitos práticos obtemo-la.

Portanto a nossa experiência dos dias de hoje abrange de facto frequências aproximadamente instantâneas. Suspeitem, portanto, da

existência de frequências verdadeiramente instantâneas, tão além do rádio, por exemplo, como o rádio está além de um pêndulo de relógio. Assim fomos o S E W e eu incumbidos pela Betty, através da Joan.

Na verdade, uma destas ultra frequências os homens conhecem desde que há homens, mais intimamente do que conhecem a terra e o mar e tudo o que neles há. Mas, porque não encontraram forma de medir esta frequência particular, continuam a jurar pelos deuses da terra, do ar e da água. Bons, fiáveis velhos deuses, com certeza! Mas a sua robusta objetividade só se tornou mensurável quando as varas de medir foram concebidas e aplicadas pelo pensamento.

É verdade que as energias da terra de ninguém elevam a nossa compreensão da frequência, a essência do movimento, além dos mecanismos mais simples. Mas com a frequência que tão intimamente conhecemos como o pensamento subimos muito acima da terra de ninguém, muito acima dos comprimentos de onda, e quanta e o que quiserem.

A Betty não nos pediu para concebermos o pensamento como movimento órtico. Para nós no universo obstruído permanece apenas como uma frequência psicológica, ainda aquém do *orthos*, mas potente, real e a apontar em linha reta para cima na rota celestial na direção da própria frequência órtica.

Testemos a proposição. Assumam que o pensamento é uma frequência, uma ultra frequência, a prefigurar a essência órtica do movimento. Nesse caso não esperariam encontrá-lo no espaço sideral. Encontram-no? Obviamente não. Nem esperariam que estivesse confinado no tempo sideral. Está? O ato de pensar pode estar no tempo sideral, mas o próprio pensamento salta todas as barreiras siderais. A verdade é que nem o espaço nem o tempo o obstruem. Podem pensar na China, não tão precisamente, mas tão facilmente como podem pensar na rua em que vivem. Podem pensar em 10 a.C. tão facilmente como podem em 1940 d.C.

Houve uma vez um grande filósofo que, desejando provar todas as coisas, começou por tentar provar a sua própria existência. E provou-a, na sua própria estimativa, dizendo: “Penso. Logo, existo.” Os críticos desde então têm estado a bradar que Descartes poderia ter

dito com igual sentido: “Caminho, ou falo, ou choro. Logo, existo.” Mas os críticos, submeto eu, têm estado apenas meio certos. Pois, embora possa ser fútil para qualquer homem, não importa quão grande filósofo, tentar provar a única coisa que ele realmente sabe, a sua própria consciência através da qual infere tudo o resto, no entanto muito antes de a consciência caminhar ou falar ou chorar ou até se regozijar, ela pensava, nem que fosse à maneira de uma amiba.

Outra coisa: a Betty diz que nós aqui confundimos sempre as manifestações obstruídas do mundo mecânico simples, e as da mais complexa terra de ninguém, com o movimento *per se*. Fomos feitos dessa forma, ao que parece — com uma exceção, contudo, no caso do pensamento. O pensamento é uma coisa que nunca confundimos com manifestação objetiva. Podemos pensar em caminhar, mas não chamamos ao caminhar pensar. E aí, também, o pensamento está do lado dos anjos.

Novamente, se o pensamento pré-visualiza a essência do movimento órtico, esperaríamos que estivesse perto de ser instantâneo. Não é assim? E esperaríamos que estivesse perto de ser perpétuo. Com certeza que é incessante nos nossos momentos acordados; e dizem-nos os psicólogos que subconscientemente continua mesmo no nosso sono mais profundo. A Betty é a prova viva — para mim — de que a sua atividade sobrevive à morte corporal.

Na mesma ordem de ideias, o pensamento não desaparece com o ato de pensar; os pensamentos de mil anos de ontens coloram o dia de hoje, para o melhor ou para o pior, e colorarão amanhãs inumeráveis.

Sim, acho que o pensamento oferece especificações sobre as quais construir quaisquer conceções coxas de frequência órtica de que nós, denizens do universo obstruído, sejamos capazes. É o facto mais livre, o menos obstruído na nossa experiência. E, mais, não é ele o grande criador? Não é ele a maior agitação do nosso mundo, a sua atividade mais poderosa, o seu impulso mais potente?

Faço estas observações sobre o pensamento não para o glorificar. Há pensamentos negativos bem como positivos. O meu propósito é apenas sugerir alguma base experiencial para a vossa e minha compreensão de que a essência a que a Betty chama frequência é o

impulso ativador, sem casca, concha ou invólucro — obstruído neste mundo, mas com o pensamento a oferecer um relance da sua não obstrução no *orthos*. Não há nada que eu possa acrescentar à frase "impulso ativador". Teremos apenas de dar a coisa por terminada aí, com, contudo, uma precaução ou duas.

Não pensem que por frequência se quer dizer a própria consciência. A frequência, a essência do movimento órtico, ativa a consciência, e é coexistente com ela, mas não mais do que o é a recetividade, a essência do tempo, ou a condutividade, a essência do espaço. Todas as três juntas constituem a trilogia da consciência. Elas estão inter-fundidas e são interdependentes.

Nem deveríamos vaidosamente imaginar que toda a frequência órtica é do mesmo grau. Como há muitas frequências siderais, cada uma a diferir da outra, assim há muitas frequências órticas. O mundo da Betty é tão pluralista no seu monismo como o nosso próprio.

Por exemplo, há no nosso mundo esta coisa a que chamamos eletricidade. Sabemos que não conhecemos a sua essência; tudo o que sabemos sobre ela é a maneira como se comporta na obstrução. No universo não obstruído a essência é conhecida e tratada. E isso ilustra por que razão, quando perguntámos à Betty se havia eletricidade e oxigénio e tijolos e paus e pedras no seu mundo, ela respondeu que sim — mesmo com o risco de estar a ficar à Sir Oliver. Mas acrescentava sempre que conhecia e tratava destas coisas, não no seu aspeto obstruído como nós fazemos, mas na sua essência.

Não temam mas o universo não obstruído da Betty tem toda a variedade infinita do nosso universo obstruído — "apenas mais ainda", o que com frequências a que nós aqui não fomos capazes de chegar acima, e ela ali, a estender o braço para nós, é incapaz de conceder.

Portanto o caráter de mala de viagem do termo "frequência" já não precisa de nos preocupar, porque é claro que as frequências têm de ocorrer em graus, tal como a própria consciência. Não há diferença de género entre a frequência essencial do movimento visível ordinário e um comprimento de onda de rádio; há apenas uma diferença de grau. Na essência, um comprimento de onda de rádio e o pensamento são

parecidos em género; eles, também, diferem apenas em grau. É da mesma forma com o pensamento e as frequências do *orthos*.

Mas a Betty não queria dizer que todas as frequências órticas são de um potencial igual ao do pensamento. Pelo contrário, o pensamento, mesmo como opera no universo obstruído, tem um potencial muito além do de muitas frequências do universo não obstruído. Ela queria dizer apenas que no universo não obstruído todo o movimento é apreendido na sua essência e que o nosso sentimento do movimento obstruído mais livre, o pensamento, nos dá uma pista para a essência órtica do movimento, chamada por ela para o propósito da sua divulgação, frequência.

7

Ainda outro dos termos da Betty parece justificar atenção especial — "detenção". Ela teve a sua ponta de diversão comigo aí, enquanto eu manobrava para este e para aquele lado para chegar ao seu significado. Mas eu perdoo-lhe. Certamente não tinha ganho nenhuma "multa" por excesso de velocidade. Eu era culpado apenas da ofensa comum e relativamente trivial de bloquear o trânsito. Em nome do universo não obstruído, não o somos todos!

Tu e eu — cada filho de sua mãe — estamos detidos, piadas à parte. E assim estão todas as outras frequências a manifestar-se na obstrução. Assim falou a Betty. Talvez um momento de introspeção nos ajude a compreender.

Todos tivemos a experiência de ser levados para fora de nós mesmos por grande música ou talvez apenas por um bom filme. Sob o encanto da arte, escapamos ao nosso cerco. Isto é, imaginamos que estamos a escapar-lhe. E depois quando a peça acaba, o que fazemos? Saímos e cristalizamos as aspirações vagas do faz-de-conta em facto? Por vezes — se aspirámos quantitativamente, como o Stephen diria. Mas se aspirámos qualitativamente, e muitas vezes fazemos isso, é de outra forma. Aqui somos deixados a acomodar-nos de volta tão confortavelmente quanto seja possível naquilo que realmente somos.

O ponto é que apenas uma pequena análise de si mesmo é requerida para cada um de nós reconhecer a detenção em si mesmo.

Conhecemos a nossa detenção inequivocamente o suficiente sempre que tentamos escapar-lhe.

Mas no campo da tomada de consciência de si, como noutros lugares, a detenção da frequência não implica limitação obstinada. Isso dificilmente pode ser, instados como somos pela nossa natureza mais profunda a romper através do que quer que seja que nos confina. E certamente a detenção não implica nenhuma paragem morta. Significa apenas uma suspensão da potencialidade. No entanto, a frequência tal como se manifesta no universo obstruído está detida; tem de facto o seu ponto de suspensão.

Tome-se o ventilador elétrico que a Joan estava a reparar uma manhã nos primeiros dias da divulgação da Betty. Digamos que era um ventilador de duas velocidades. À velocidade baixa rotularemos 50 e à velocidade alta 100. Pomos o ventilador a girar a 50. Ele continuará a girar a 50 indefinidamente, embora a sua frequência global seja 100. Por outras palavras, sem perturbar o potencial de 100, detivemos o movimento do ventilador a 50.

Agora, esquecendo o 100 ser um potencial, empurraremos a alavanca de controlo diretamente para o alto. Com o ventilador a ir duas vezes mais rápido do que antes, notamos um efeito curioso — tal como a Joan notou. Enquanto a 50 podíamos ver as pás claramente, agora não as vemos de todo. Olhamos mesmo através delas para a parede atrás.

É fácil para nós dizer que o ventilador está a girar demasiado rápido para os nossos olhos seguirem o seu movimento, e isso é verdade. Mas algo mais é também verdade, algo que é independente dos nossos olhos. Pode ser declarado desta forma: A 100 as pás do ventilador estão a viajar duas vezes mais longe do que faziam a 50 — na mesma unidade de tempo. Para dentro do mesmo intervalo de tempo embalámos o dobro do espaço.

E isto traz-nos à declaração da Betty de que a matéria como a conhecemos no universo obstruído é uma detenção da frequência resultante de uma certa incidência do movimento no tempo e no espaço. Esta não é de todo uma palavra dura se, para o propósito de ilustração, assumirem 100 como sendo a essência do movimento, a

frequência ela mesma no seu significado órtico. Para a nossa visão obstruída as pás do ventilador são invisíveis a 100 (essência); há apenas a parede atrás do lugar onde o ventilador estava. Mas agora puxamos o controlo de volta para a marca 50 da detenção. Eis o ventilador de novo, em segurança de volta ao universo obstruído! Tudo feito por uma simples mudança da proporção tempo-espaço.

Os físicos têm-nos estado a dizer há alguns anos a esta parte que não há substância material como compreendemos o termo no passado; que em vez disso há apenas agregados de energia. A matéria, parece, é o nome que nós popularmente aplicamos a esses nós de tensão particulares que são mensuráveis tridimensionalmente. Bem, é a detenção da frequência, se compreendo a Betty corretamente, que torna essa medição possível. É a detenção, na verdade, que nós medimos.

8

O universo, disse a Betty ao S E W e a mim, é um só e inteiro, apesar dos seus dois aspetos. Portanto este universo um só e inteiro está aqui agora, apesar da nossa obstrução.

Entrem numa sala escura. Mapeiam às cegas em redor e não veem nada. Esse é um aspeto. Agora encontrem o interruptor elétrico e inundem a sala com luz. Já não andam às cegas; agora veem mobílias e decorações, cores e formas. Esse é outro aspeto. No entanto ambos os aspetos são da mesma sala. E esta é a sala em que estiveram o tempo todo. Continuam nela e estarão nela. Percecionam a sala na obstrução. A Betty perceciona-a na essência.

Já viram dois lados de uma moeda de uma só vez? Só poderiam fazer isso com espelhos. No entanto, vendo um lado de uma moeda, não negam a existência do seu outro lado, ou que ambos os lados pertencem à mesma moeda.

Não tem sido o meu propósito, nesta contribuição para o relatório mais detalhado do S E W, atar a divulgação da Betty a fórmulas duras e rápidas. Isso não o poderia fazer, e não o faria se pudesse. Pois ela pretendia a sua divulgação apenas como uma ajuda ao pensamento, como sugestão em vez de declaração.

A verdade nunca varia. A compreensão que os homens têm dela sim, e variará por longas, longas eras vindouras. O novo conhecimento traz nova compreensão. Daí é que o dogma morre. Para mim parece que os frutos da divulgação da Betty são para aqueles de nós que ainda estão dispostos a perguntar: "Onde se achará a sabedoria, e onde é o lugar da compreensão?"

Aqui fala a posição coneitual D-A-R-B-Y. Devolvo-vos agora ao S E W.

CAPÍTULO XXXII

ELES SERÃO CONSOLADOS

1

"Agora", disse o Darby para mim depois de ter terminado o que precede, "é a tua vez."

"É", reconheci eu. "Apenas — o que escreveste expressa tão exatamente a minha própria compreensão que não me deixaste nada para fazer! E não estou a dizer isso para me esquivar ao trabalho, também."

"Espero que ajude", disse ele, "pois exige algum pensamento, descobri eu. Pergunto-me quantas pessoas vão 'apanhar isto'?"

"Mais do que pensas", assegurei-lhe eu. "Oferece como primeiros conceitos o que qualquer pessoa pode compreender, e o que toda a gente quer. E prossegue para mostrar que qualquer pessoa o pode ter. Um universo não obstruído", antecipei a pergunta que ele parecia prestes a fazer, "imortalidade; vida além da morte. Elas vão apanhar a nova terminologia da Betty, e a garantia que essa terminologia carrega consigo, quer apanhem todos os pontos mais finos do argumento quer não."

"Não sei", duvidou o Darby.

“Eu sei”, persisti eu. “Ora, uma criança de oito anos sabe que vive num universo obstruído. Sabe porque bate nele. Portanto até a criança de oito anos compreenderá isso mesmo se lhe for dito. E uma de doze anos, a mexer no seu rádio, tem um relance, através dele, da possibilidade da não obstrução. E assim por diante ao longo de toda a linha. Todo o homem sabe demasiado bem que vive num mundo obstruído. Toda a gente pelo menos imaginou um mundo sem obstrução como o cúmulo da desejabilidade. É uma esperança quase universal — mais ou menos vaga —, mas caraterística do homem desde tão atrás quanto a história vai; como as coisas serão quando ele ‘morrer e for para o céu’. De modo que agora se ele vir uma boa oportunidade de que vai obter algum alicerce aceitável para a sua esperança; que esta divulgação da Betty dá boas e aceitáveis razões, não baseadas em mera declaração, mas naquilo que ele próprio conhece e experimenta na sua vida quotidiana... bem, ele vai seguir esse argumento mesmo que seja um pouco difícil para ele. Mas”, acrescentei eu, “eu próprio não acho que seja difícil. Pedi à minha dactilógrafa para ser uma cobaia para mim e assinalar quaisquer pontos que lhe parecessem obscuros, mas ela achou-o bastante claro, e estava ocupada a dactilografar, lembra-te, e—”

“Espera lá”, o Darby parou-me, “não fales para mim. Escreve isso. Tentei dar a minha compreensão dos conceitos como os vejo. Supõe que dás a tua compreensão dos significados como os vês.”

“Vou tentar”, concordei eu. “É uma tarefa grande.”

2

A humanidade teve sempre a imagem de dois estados de ser inteiramente diferentes separados um do outro como que por uma parede — a ideia “na terra” e “no céu”. Essa divisão foi expressa, claro, em todo o tipo de terminologia. Mas o conceito é sempre o mesmo; em cada era, por cada raça, através de cada credo.

A Betty chamou-lhe os universos obstruído e não obstruído, mas negou a parede entre eles. Essa foi a sua missão na sua presente divulgação — derrubar a parede.

Para realizar isto ela apontou, primeiro, que não há realmente dois universos, mas apenas dois aspetos de um só. Nós aqui vivemos

no aspeto obstruído, uma proposição que nenhum de nós é provável que negue. Dado este facto, a dedução lógica seria que ela vive no outro, o aspeto não obstruído. Mas isso, espantosamente, afirma ela, não se segue. Pelo contrário, diz ela, vive em ambos os aspetos, em todo o universo; na fase obstruída — essa percentagem pequenina do todo que nós da terra habitamos — bem como na vasta e misteriosa parte não obstruída que ela nos assegura a ciência ter vislumbrado mas da qual até agora não sabemos quase nada. É um universo homogéneo para ela, simplesmente porque o que são obstruções para nós não são obstruções para ela.

Portanto somos forçados a modificar a nossa imagem terra-céu. Temos de nos ver como a viver num segmento minúsculo de um "único e exclusivo universo", mantidos dentro dos seus confins por obstruções que afetam apenas a nós. Essas obstruções não têm nada a ver com o estado de ser da Betty; são inerentes ao nosso, e até são, de certo modo, da nossa própria produção. Além disso elas são, numa extensão maior do que percebemos, removíveis por nós mesmos — se assim pensássemos, e soubéssemos como. Essa é uma das coisas que a Betty tentou mostrar-nos; em que extensão e como. E aqui tocamos o valor prático da sua divulgação para nós, logo agora, no tempo presente. Especialmente no tempo presente.

Pois ela insiste que não há parede! Os dois universos, ou antes os dois aspetos do mesmo e único universo, são já tão parecidos em textura que se inter-fundem. Na verdade, parece haver uma "terra de ninguém" na qual até nós do aspeto obstruído mal podemos dizer qual é qual! Mas a Betty define primeiro um, depois o outro, nos termos do nosso próprio pensamento, para mostrar que a única diferença entre os "dois mundos" é do nosso ponto de vista, e não é mais do que esse pequeno assunto da obstrução.

Do ponto de vista dela não há diferença básica. Cada remoção de obstrução traz estes pontos de vista — o dela e o nosso — mais para perto um do outro. E desde o início do tempo o homem tem estado ocupado a fazer exatamente isso; a remover obstruções e por esse meio a eliminar, no que lhe diz respeito, algumas das diferenças.

O esforço presente da Betty é convencer-nos deste facto, da eliminação gradual das obstruções; provar-nos que este princípio subjacente pode ser tornado — e por nós mesmos — ainda mais praticável para nós, de modo a podermos ficar menos perplexos, de modo a podermos prosseguir mais confiantes e compreensivamente e felizes em direção a condições de menos e menos obstrução. Pessoal e racialmente.

Como ela constrói até esse grande conceito através da análise dos princípios fundamentais de todo o universo nos seus aspetos obstruído e não obstruído — o nosso e o dela — é o corpo deste livro.

3

A Betty diz além disso que a raça humana chegou a um ponto na evolução onde, como ela expressa, "a consciência tem de ser lavrada". Eu acredito nela. Pode bastar nos nossos estágios mais iniciais e mais brutos moldar a vida no mero instinto de sobrevivência, com a ganância acompanhante, indiferença em relação ao outro companheiro, ódios, crueldades e traições necessários para levar a cabo esse esquema das coisas. Mas supõe-se que a civilização está a crescer para fora disso. Como indivíduos acho que estamos a fazer um progresso bastante bom em direção a crescer para fora disso. Mas as nossas políticas coletivas têm sido demasiado frequentemente baseadas nos mesmos barbarismos; e, numa cegueira singular para com a oportunidade, recorremos obstinadamente após cada lavoura menor a construir de novo as mesmas velhas estruturas sobre os mesmos velhos alicerces.

Pior, nós ultimamente mostrámos uma tendência a desviar-nos do caminho reto de tal progresso como o que fizemos. Fomos longe na nossa compreensão e controlo da matéria física e da força desde os dias em que vivíamos em cavernas e fazíamos o nosso controlo maioritariamente com os nossos dois punhos nus. Na verdade, tão longe fomos que perdemos de vista as duas verdades que são os alicerces de sustentação de todos os avanços na vida: o criador é mais importante do que a coisa criada: o fim e objetivo da evolução é a perfeição do todo através do funcionamento não retardado das suas partes individuais.

Talvez no curso ordinário uma oscilação em direção ao materialismo seja normal. Qualquer movimento para a frente ocupa uma faixa vasta de extremos. E é a banalidade das banalidades dizer que não alcançámos espiritualmente as nossas realizações científicas — assumindo confortavelmente que o vamos fazer no devido tempo. Mas infelizmente mostrámos poucas indicações de o fazer. Após cada lavoura da consciência — mesmo as dos anos mais recentes — erguemos novamente coisas-criadas como os fins da desejabilidade — como o nosso bezerro de ouro para adorar.

Ora por isso não quero dizer meramente os "produtos da civilização" materiais. Nós poderíamos, com um pouco mais de crescimento, ser capazes de lidar com eles. De os tomar no nosso passo, por assim dizer, e de os controlar. Quero incluir também a tendência de pensamento que mais e mais subordina o indivíduo à instituição e à coisa; uma tendência que atinge o seu fim lógico e predestinado no totalitarismo. O que significa apenas, "desnudado", que o estado, a nação — criados pelo homem — são tão maiores do que o indivíduo que este último tem de lhe ser sacrificado. Mas não me interpretem mal: o totalitarismo governamental é apenas o símbolo externo e visível.

A mesma tendência corre fundo através de toda a vida moderna, não apenas política e social, mas económica, industrial, artística e até formal-religiosa. E na sua busca, frequentemente sincera, os homens têm estado a esquecer cada vez mais a verdade básica — que pode haver apenas uma Realidade: que a Intenção dessa Realidade, que é Consciência, é Evolução; e que a única lei da evolução que nós da terra estabelecemos além de questão é que ela prossegue exclusivamente através do indivíduo. Somos partes de um Todo; não parecidos, nem sequer de graus iguais de capacidade e potencialidade; mas nenhuma parte é de menor importância do que outra parte, e nenhuma parte maior.

Uma e outra vez durante as quarenta sessões da sua "divulgação" a Betty insistiu no valor daquilo a que chamou "escadas de mão" como ajudas para alcançar acima até às suas ideias. Muitas dessas escadas de mão ela apontou de facto para nós — embora parecesse

encontrar mais valor em ensinar-nos como reconhecê-las por nós mesmos.

"Encontrem uma das vossas próprias escadas de mão", dizia ela quando falhávamos em compreender, "subam até ao topo dela, e alcancem a partir daí."

Aquelas que ela indicou trouxe-as para nós de todo o tipo de fontes; da ciência e das artes, da história, dos contos de fadas, da Bíblia. Esta última especialmente; porque, lembrava-nos ela, "como uma exposição das emoções humanas" é rica em escadas de mão. Que valor a própria Betty coloca nesse registo composto pelo Antigo e Novo Testamentos vou deixá-la dizer por si mesma mais tarde neste capítulo. Mas eu próprio encontrei uma escada de mão tão boa respeitante à nossa importância individual para o Todo de que cada um de nós é parte, que quero chamar a vossa atenção para ela logo agora.

É demasiado longa para citar. Podem lê-la por vós mesmos no décimo segundo capítulo da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios. Fiquei particularmente interessado nos versículos 12 a 26 inclusive. É, além de questão, a declaração mais simples, mais clara de democracia que alguma vez li. "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros... o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós..." Mas tomem tempo para ler o capítulo inteiro. Um grande metafísico e um homem sábio — Paulo.

4

Ora, como deixei adivinhar, uma certa quantidade de adoração do bezerro pode ser parte do método de progresso, desde que a equilibremos com proporcional expansão espiritual. Ninguém quer voltar ao tremeluzir da luz das velas, e não há razão, moral ou material, pela qual o devêssemos fazer. Na verdade, há todas as razões pelas quais não o deveríamos fazer. Mas pelo bem da luz mais firme, mais clara de uma lâmpada de tungsténio não somos chamados a

sacrificar o tesouro dificilmente ganho das realizações espirituais passadas.

As criações das mãos do homem são baratas — baratas em tempo e suor — como as criações das almas dos homens são caras numa luta ao longo de eras. Não através de uma, ou duas, ou mesmo dezenas de gerações brilhantes, mas através de uma luta ao longo de eras o homem atingiu as coisas simples do espírito, aquilo a que chamamos as virtudes singelas.

O caráter sagrado de uma promessa; o sentido de obrigação moral; a veracidade comum e ordinária; a integridade pessoal, a liberdade individual, a justiça elementar... para mencionar apenas algumas. E no fim — quando tudo o mais no mundo se desmorona sobre as nossas vidas — elas são as coisas para as quais nos voltamos; as coisas que contam. As virtudes "singelas". Valores espirituais.

5

Esta lavoura da consciência não é nenhum assunto de julgamento ou retribuição, mas de simples causa e efeito, tão natural como a reação do processo corporal quando, num certo estágio na hiperacidez, o corpo começa a produzir o seu próprio álcali corretor. A presente catástrofe na Europa não é nenhum produto de circunstância próxima, nem totalmente de qualquer raça ou molde de pensamento. É, antes, que as mentes dos homens se centraram cada vez mais no mundo material fora de si mesmos, menos e menos olharam para dentro, até que, finalmente, quase nada da sua atenção se volta para as buscas interiores que só por si mantêm a fé espiritual.

Ora, a única forma de um indivíduo, que prosperou tanto nos bens deste mundo a ponto de ficar totalmente absorvido com eles, poder ser levado a olhar para dentro é tirar-lhe essas coisas. Esse, suspeito eu, é o verdadeiro significado da história de Jó. Por vezes é necessário tirar a um homem tudo o que ele tem por caro antes de, em desespero, ele se sentar sozinho para encontrar aquilo que não lhe pode ser tirado; aquilo que, apesar de tudo, dura e vive dentro da sua própria consciência. Não é diferente com os povos.

Algo desse género, colho eu da Betty e dos seus amigos, está por trás do tumulto mundial presente. Quanto terá de ser tirado à

humanidade antes de ela se sentar para as suas buscas interiores, ela não pode, não quer, prever.

"Isso", diz ela, "está dependente do livre-arbítrio do homem. Os vossos arbítrios são livres. Essa é a vossa herança e a vossa glória. Nisso nós não podemos tocar."

Apenas quando o equilíbrio for restaurado a tempestade morrerá. Não porque alguém decida que sofremos o suficiente, mas porque a causa e o efeito trabalharam na restauração. Quando a Intenção da Consciência, que é a evolução, se tornar novamente um evento nos corações dos homens bem como nos seus laboratórios de investigação.

6

"Estava a crescer no mundo uma influência definidamente retardadora", disse-nos o Stephen. "A melhor forma de uma coisa poder ser destruída é ela destruir-se a si mesma. Que tantos, que são eles mesmos individualmente positivos, tenham de ser destruídos com este negativo, é o vosso lado da tragédia", continuou ele com comiseração, "mas têm de se lembrar de que é apenas um universo afinal de contas.

E nós sabemos, sem uma dúvida, que o vosso mundo, que se esqueceu da importância da imortalidade e da sabedoria de reconhecer a realidade da Unidade da Consciência, vai recuperar esse conhecimento. 'Onde estiver o vosso tesouro'... lembram-se? O mundo recuperará esse conhecimento porque tanto do seu tesouro — tantos dos seus entes queridos individuais — estará aqui, connosco, no universo não obstruído."

"O preço é alto", acrescentou a Betty, "mas aquilo pelo qual é pago é o maior bem do homem, e por isso nenhum preço é demasiado alto. Chegou o tempo para um passo distinto para a frente na evolução psicológica e moral do homem, e por vezes é preciso um grande choque e desgosto para o forçar a dar esse passo."

Qual é esse passo em frente?

A realização da verdade da qual a humanidade se estava a afastar.

Que verdade?

A fé na imortalidade do indivíduo, e a extensão de perspetiva que essa fé implica. Não a crença, mas a fé — como o homem tem fé na sua bússola quando está no alto-mar.

Que extensão da sua perspetiva?

O conhecimento de que ele próprio está em evolução, bem como de que é parte dessa evolução maior da totalidade da consciência que tem de prosseguir, que vai prosseguir. Que o seu próprio pequeno segmento, de um universo obstruído, e o que nele acontece, são apenas uma parte — embora uma parte vitalmente importante — do todo maior.

"A atualidade dessa relação é o que estou a tentar provar-vos", disse a Betty. "É o que quero tornar real ao mostrar-vos — nos vossos próprios termos que compreendem e dos quais podem intelectualmente aprovar — que o universo é um só, e que vocês e eu somos coexistentes nele. De modo a que", apontou ela de forma impressionante, "possam alargar os vossos pensamentos, e assim as vossas ações, até esse horizonte, e por esse tanto escapar para o não obstruído.

"Estou", continuou ela, "a declarar nada de novo. A consciência do homem conhece a verdade. Ele precisa apenas que lhe digam a verdade para a reconhecer — se quiser —, dado que a verdade está nele próprio. E a única razão pela qual ele se afastou de viver a verdade é porque ficou demasiado enamorado das suas próprias criações. Aquilo que cria, repito, é maior do que a coisa criada, não importa o que seja.

"Agora o homem tem de ser relembrado. Sempre nas crises mundiais ele foi relembrado; sempre foi precisa uma crise mundial para o fazer receber.

"Agora, talvez, ele precise desta escada de mão que ofereço — esta divulgação com a sua terminologia moderna — pela qual subir de volta. No colapso e queda dos ideais, no caos de um mundo novo para ele, tem de ter um farol em direção a uma perspetiva mais vasta. Tem de ter um significado para a vida, onde quer que esteja e o que quer que lhe possa acontecer. Tem de saber que, por mais adverso ou

retardado que seja o evento, a intenção da consciência, que é a evolução, é eterna; imutável e inalterada.

"Tantas escadas de mão pelas quais voltar", continuou ela. "Tantas escadas de mão a raça humana acumulou, se ao menos as pudesse reconhecer. Estão registadas em todas as línguas e em todo o tipo de formas; nos contos populares e nas escritas pictóricas das tribos selvagens; nas várias bíblias das várias raças; na poesia, na música, na escultura, na pintura. Na verdade, toda a humanidade tem estado a alcançar em direção ao não obstruído desde que a humanidade existe.

"Acima de tudo há a Bíblia Cristã. Todas as fés têm nelas a verdade. Na verdade, qualquer sistema de pensamento que viveu e continuou de geração em geração nas mentes e hábitos dos povos tem algum elemento de verdade nele. Caso contrário não poderia ter vivido. Pode não conter toda a verdade, e o seu elemento de verdade pode ter-se tornado demasiado decorado por aquilo a que o Stephen chamou 'hipóteses emocionais' — por outras palavras, as elaborações do dogma. E, novamente, o que pode ser verdade para uma era pode não ser verdade para uma era sucessiva. Mas enquanto um homem procura a verdade e mantém o seu caminho reto, a sua própria busca torna-o verdadeiro.

"De todas as fés que viveram, o Cristianismo fez o máximo pelo mundo; ao envisionar a liberdade individual e coletiva, na crença em si mesmo, na democracia, na educação, na verdadeira liberdade. Foi primeiro expresso em termos necessários para a compreensão na altura, tal como eu conto de novo a verdade agora nos termos dos vossos tempos. É a mesma verdade, quer lhe chamem a fraternidade do homem tornada Um numa paternidade de Deus, quer os graus individuais de consciência a operar na evolução em direção à perfeição da totalidade da Consciência, a Realidade.

"E quero chamar a vossa atenção para o alcance da Bíblia Cristã como um todo. É o registo histórico, não apenas de eventos e do erguer e cair de ordens sociais, mas de emoções humanas e — acima de tudo — de avaliações espirituais. No Antigo Testamento há uma felicidade, e referências à alegria e ao cantar que não encontram no

Novo. É verdade, têm Jó com os seus problemas e Jeremias com as suas lamentações, mas têm também David com os seus salmos e Salomão com os seus cantares. Ora, se lerem cuidadosamente podem encontrar, neste afastar gradual da felicidade, história após história do ignorar da Unidade da Consciência, da rejeição daquilo a que chamavam 'o temor do Senhor'. De modo que quando o judeu, Jesus, veio pregar a sua doutrina de fraternidade, uma das primeiras coisas que fez foi expulsar os cambistas do Templo. As coisas que ele tinha para dizer eram quase paradoxos para eles — tão cativados estavam pelas coisas que tinham criado. Mas estes paradoxos, ou parábolas, não precisam de ser tais para vós.

"A Bíblia Cristã está cheia de escadas de mão", repetiu ela. "Elas precisam meramente de reformulação, ou talvez de reinterpretação, em termos modernos. Por exemplo? Ora, por exemplo, a segunda das Bem-Aventuranças? 'Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.' O que poderia aplicar-se mais diretamente ao mundo de hoje?

"O que se queria dizer por estas palavras então? e o que se quer dizer por elas agora? Disse-vos mais do que uma vez que a coisa mais necessária para a raça humana é uma renovação de fé na sua própria imortalidade.

"Tudo o que se queria dizer há dois mil anos era que as pessoas que choram procuram a verdade da imortalidade pelo bem, primeiro, daqueles que choram, e, segundo, pelo seu próprio bem. E é isso que se quer dizer novamente, hoje. E a promessa é, lembrem-se, 'eles serão consolados'.

"Se a vossa vida na terra é tudo, para quê incomodarem-se com ela? Para quê trazer crianças ao mundo? Para quê planear com antecedência para as gerações vindouras? Fundamentalmente, sabem que o Eu-Sou do homem está em evolução, e tem de prosseguir. Mas o homem ficou tão absorvido nas maravilhas do seu próprio universo obstruído — permitiu-se ficar tão confuso e atemorizado por coisas fora de si mesmo — que se separou dessa fé simples e inicial. O mundo está a chorar agora. E vai chorar. Está a perder muito do que valorizou, emocional e materialmente. É apenas quando as pessoas

que se tornaram de cerviz dura e orgulhosas na sua própria autossuficiência são forçadas pelo desgosto a tirar tempo para procurar a verdade — quando elas próprias querem a verdade — que a verdade as pode ‘consolar’ ou torná-las novamente livres.

“Se procurarem, encontrarão muitas dessas escadas de mão para uma compreensão mais clara das coisas que me foi permitido dizer-vos.

“Dava-vos no outro dia”, concluiu a Betty, “o símbolo de uma roda, e o cubo da roda é a verdade, e os raios da roda são os vários caminhos a levar à verdade. Ora, nenhuns dois raios são idênticos, e nenhuns dois começam do mesmo lugar na jante, mas em que todos correm retos e unem a jante ao cubo eles são parecidos, completando um todo perfeito, cada raio fortalecendo o cubo. De modo que se um homem, a começar de um lugar, lê um significado nesta divulgação, e outro a começar de outro lugar lê nela um significado um pouco diferente, isso não pode importar.”

GLOSSÁRIO

CONSCIÊNCIA: A realidade única e que tudo inclui, em evolução. A tomada de consciência de si do homem é a expressão mais elevada desta realidade.

***ORTHOS*:** (Grego, *orthos*: verdadeiro.) A operação da consciência, através de essências coexistentes, no seu aspeto não obstruído.

ÓRTICO: Adjetivo. Relativo ao *orthos*.

UNIVERSO: O total de todas as manifestações da consciência.

UNIVERSO OBSTRUÍDO: Aquele aspeto de todo o universo que o homem conhece através dos seus sentidos, incluindo as suas extensões mecânicas.

UNIVERSO NÃO OBSTRUÍDO: Aquele aspeto de todo o universo ordinariamente considerado como estando além da limitação das perceções sensoriais do homem e das suas extensões.

TRILOGIA: O aspeto tríplice do *orthos*, consistindo na receptividade, na condutividade e na frequência.

ESSÊNCIA: (Latim, *esse*: ser.) A atualidade coexistente e coeficiente do *orthos*, a manifestar-se no universo obstruído como Tempo, Espaço e Movimento.

RECEPTIVIDADE: A Essência do Tempo.

CONDUTIVIDADE: A Essência do Espaço.

FREQUÊNCIA: A Essência do Movimento.

TEMPO: A manifestação obstruída da essência órtica, a receptividade.

ESPAÇO: A manifestação obstruída da essência órtica, a condutividade.

MOVIMENTO: A manifestação obstruída da essência órtica, a frequência.

DETENÇÃO: Uma incidência de frequência, condutividade e receptividade, a resultar na manifestação no universo obstruído.

GRAU: A consciência, estando em evolução, ocorre em graus. Cada grau representa uma manifestação específica.

QUALIDADE DA CONSCIÊNCIA: Aquele aspeto da consciência a resultar na manifestação da espécie, como eletricidade, ouro, árvore, antílope, homem, etc. No universo não obstruído a Qualidade está em evolução, e portanto em graus. No universo obstruído é de potencialidade fixa no seu dado grau.

QUANTIDADE DA CONSCIÊNCIA: Aquele aspeto da consciência, no universo obstruído, capaz de, e sujeito a desenvolvimento pelo indivíduo, na evolução e portanto em graus.

MATÉRIA: No universo obstruído a matéria é essa detenção da frequência que se manifesta numa extensão tridimensional; no universo não obstruído é o atributo de forma de qualquer aspeto da trilogia.

FORÇAS MATERIAIS: Esas detenções de frequência a expressarem-se através da matéria.

MECANISMO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA: Aquele equipamento de consciência com tomada de consciência de si pelo qual o indivíduo perceciona aquilo que é objetivo para ele.

LEI PARALELA: O termo conota a inter-extensão de princípios a operarem tanto no universo obstruído como no não obstruído.

CORPO BETA: O atributo de forma daquela frequência que é uma consciência individual, um Eu-Sou. É integral, atómico e não celular.

CORPO ALFA: O atributo de forma de uma combinação de frequências, a constituir o alojamento físico no universo obstruído de uma consciência individual. Tal como o corpo humano.

MONISMO PLURALISTA: Conota uma realidade a expressar-se na individualização, parecida em género mas diferente na manifestação.

JUXTAPOSIÇÃO: A maneira pela qual a frequência (movimento) variavelmente colide com a receptividade (tempo) e a condutividade (espaço) para resultar numa detenção, a produzir manifestação.

INTRAPOSIÇÃO: Assim como a justaposição é a maneira de detenção a resultar na manifestação, assim a interposição é o estatuto de relação que se obtém enquanto essa detenção se mantiver.

COEXISTENTE: Aquilo que está unido no Ser com algo mais para a produção de um efeito.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Reimpresso com permissão de ***WHO'S WHO IN AMERICA*** *Serviço de Referência, Janeiro de 1940*

WHITE, Stewart Edward. No seu primeiro esboço biográfico para inserção no *Who's Who in America* — publicado há quase 40 anos no volume 2 —, Stewart Edward White listou-se como solteiro e autor de dois livros, *The Westerner* e *The Claim-Jumper*. Quando o

volume 4 foi para o prelo ele tinha casado — com Elizabeth Grant, em 1904 — e havia sete livros na lista, incluindo *The Blazed Trail*.

Pela altura em que o volume 19 do *Who's Who in America* foi emitido, a lista de livros do Sr. White tinha crescido para quarenta — e todos os quarenta de um tipo tão relacionado um com o outro que até os títulos carregavam um fio comum de romance e aventura. Contudo, quando uma prova do seu esboço para o volume 20 — o atual *Who's Who in America* — foi para o Sr. White para revisão ele acrescentou um quadragésimo primeiro livro, cujo título à primeira vista dificilmente o conectava com este fio de desbravamento e novas fronteiras.

Pois o título deste quadragésimo primeiro livro era *The Betty Book*. Com certeza apenas aqueles que por uma circunstância ou outra foram levados além do título descobriram que nele o Sr. White na verdade ainda se mantinha no tipo, e registava efetivamente uma aventura espantosa na maior fronteira de todas. E provavelmente muito poucos daqueles afortunados o suficiente para irem além do título sabiam, se fora do próprio círculo do Sr. White, que "Betty" era a Sra. White, a Elizabeth Grant a aparecer primeiro no segundo esboço do Sr. White no *Who's Who in America*, publicado trinta anos antes no volume 4.

Os factos são que o Sr. e a Sra. White têm estado a explorar a mais desafiadora das fronteiras durante muitos anos. Várias milhares de páginas de registos dactilografados ao pormenor foram reunidas; o irmão do Sr. White, Harwood, estava a contribuir com muito do seu tempo em colaboração.

Quando o Sr. White recebeu a prova do seu esboço no *Who's Who in America* para revisar para o volume 21 — a emitir em 1940 — , a Betty tinha atravessado a fronteira que ela e "o seu rapaz" agora conheciam tão bem; desta vez não para voltar como tinha feito no curso de muitas aventuras prévias ao longo dela. Também um volume sucessor de *The Betty Book*, e um sob um título mais revelador, estava nas mãos do tipógrafo — *Across the Unknown*, agora disponível.

Os editores de investigação vieram à biografia do Sr. White no curso da verificação cuidadosa por que todos os esboços no *Who's*

Who in America passam, incluindo os comparativamente poucos que, como o do Sr. White, têm aparecido regularmente há décadas. Foi imediatamente notado que enquanto o Sr. White tinha acrescentado *Across the Unknown* (com Harwood White), 1939, como a quadragésima segunda entrada na lista dos seus livros, não tinha alterado a linha "c. Elizabeth Grant, de Newport, R. I., 28 de Abril de 1904". A notação habitual estava prestes a ser inserida no esboço, quando um dos editores se lembrou de que tinha apenas alguns dias antes recebido um exemplar de *Across the Unknown* como presente de um amigo. Passou os olhos por ele. O seu olho foi apanhado pelo capítulo final — "I Bear Witness".

Antes de ter terminado as quatro páginas do capítulo compreendeu por que razão o Sr. White não tinha ele próprio alterado a referência à Betty. E tinha chegado a uma decisão — sugeriria que a notação habitual não fosse feita.

A sua sugestão venceu — e o capítulo, "I Bear Witness", foi o fator decisivo. Não haverá mudança no esboço do Sr. White além do acréscimo do seu quadragésimo segundo livro: Elizabeth Grant e Stewart Edward White continuarão a ser listados no *Who's Who in America* exatamente como têm sido desde Abril de 1904.

Resulta um "primeiro" entre os 433 050 esboços publicados no *Who's Who in America* desde que o esboço do Sr. White apareceu primeiro há quase quatro décadas. Um abdicar da precisão para tornar possível um gesto a reconhecer o belo capítulo num livro invulgar. Sem dúvida justificado por esse prisma, mas terão os editores do *Who's Who in America* pela primeira vez abdicado efetivamente da precisão em qualquer extensão material? Talvez *The Betty Book* e *Across the Unknown* devam ser lidos antes de responder.

APÊNDICE II

OS SETE PROPÓSITOS

A série notável de comunicações psíquicas retransmitidas na primavera de 1918 através de Margaret Cameron por uma companhia do Não Obstruído sob a liderança da sua falecida amiga "Mary K.", e publicada como *The Seven Purposes* pela Harper & Brothers no outono seguinte, terminou com esta declaração:

"Apenas duas coisas nós nos esforçámos por alcançar através de ti: provar a um grupo de pessoas inteligentes que esta força [o poder motor empregado na comunicação] existe e pode ser praticamente aplicada entre o teu plano e o nosso, e avisar a humanidade da natureza e do significado eterno dos combates iminentes... Da escolha daqueles que ouvem esta verdade depende o progresso imediato do mundo. É um aviso para unir e preparar para o combate. Esta é a verdade. Atentem a ela." (13 de Junho de 1918).

Nas amplitudes mais curtas dos assuntos humanos, pareceria, muito do que é sábio vai para o lixo. O pão, lançado sobre as águas, regressa. Mas nem sempre é assim com a sabedoria. Enquanto *The Seven Purposes* foi amplamente circulado durante os anos após a sua publicação e tem exercido uma influência contínua desde então, a sua aceitação deu-se maioritariamente entre aqueles interessados em provas pessoais da sobrevivência individual após a morte. Que o livro era de igual significado deste lado da morte, económica e governamentalmente, parece ter sido negligenciado. Certamente a sua "verdade", que se pode agora ver ter oferecido o desenho para a vida social então requerido pelos eventos, não foi atentada.

"As forças da desintegração", disse a Mary K., no curso das doze breves "lições" que servem para focar a narrativa mais vasta do livro de 314 páginas, "fizeram amizade com os pobres e os necessitados, e alimentaram-nos com cascas de fraternidade. Fizeram amizade com os poderosos e ricos, e tentaram-nos com a terra e os seus reinos. Alimentaram o artista com falsidades, e o escritor com o medo do medo... Estas são as obras dos propósitos que combatemos, e assim se disfarçam eles. A menos que isto possa ser levado ao íntimo das almas dos homens, o combate será longo e amargo." (26 de Março de 1918.)

Se estas fossem palavras do escrever de hoje, seriam sem presságio. Pois já a profecia está cumprida. Demasiado aparente é a

presente corrupção dos necessitados por promessas especiosas de segurança e dos ricos por vazias reasseguraçães de lucro controlado. A força seguiu agora a propaganda. O "longo combate" está sobre nós. Mas não são palavras de 1940. Foram comunicadas através de Margaret Cameron em 1918 e foram imediatamente passadas por ela e pelos seus editores ao público.

Lembramo-nos de que os profetas, assim chamados, eram tão naturais na cena antiga como são estranhos na moderna. Então o pensamento popular aceitava um sacerdócio cuja função era conferenciar com oráculos divinos. Vagos eram os achados por vezes e vestidos de imagens mais metafóricas do que factuais. No entanto os videntes de antigamente aventuravam-se a profetizar; e as suas palavras ainda soam nos nossos ouvidos — verdadeiras no principal quanto à intenção, por mais ao lado da marca do evento.

Mas a compiladora de *The Seven Purposes* não tinha tido o pensamento de consultar oráculos. Uma autora dotada no seu próprio direito (ver *Who's Who*), ninguém ficou tão espantada como ela quando de um dia para o outro descobriu em si mesma um talento para aquilo a que a investigação psíquica chamou escrita automática. Ela não tinha batido a nenhuma porta; não tinha subido a nenhuma montanha; não tinha encontrado nenhuma sarça ardente. Sem pedir pelas comunicações mais tarde reunidas em *The Seven Purposes*, recebeu-as apenas porque vieram — livres de simbolismo obscurantista. No entanto as doze lições eram proféticas. Considerem o seguinte, também do material recebido a 26 de Março de 1918:

"Esta é a segunda lição.

"As forças da desintegração estão a reunir-se para um combate titânico, do qual a vossa Grande Guerra é apenas o início...

"A Alemanha... escolheu seguir as forças da destruição, e elas vão certamente destruí-la. Mas as forças que ela seguiu estão a unir-se para um combate mais feroz, mais subtil, mais mortal, mais furioso. Escondidas sob as vestes da paz e da boa vontade, aprontam-se para envenenar as mentes dos homens antes de destruírem as suas forças e retardarem os seus propósitos.

“Este é o combate para o qual vos chamamos a vós e a todos os que são pelo progresso. Esta é a mensagem que tendes de dar ao mundo, para os avisar do perigo à mão. Chegou o tempo em que os homens têm de escolher conscientemente combater a favor ou contra as forças da construção. Eles estão confusos pelo conflito dentro de si mesmos, a correr para aqui e para ali, a chamar por ajuda dos deuses que fizeram para si mesmos, mas a olhar apenas para o bem presente, a percecionar apenas o propósito presente, a temer apenas a derrota presente. Eles não encontrarão ajuda desses deuses, pois eles têm pés impotentes de barro...

“As forças da luz são positivas. Evitem a negação. As forças da liberdade são individuais. Evitem a dependência. As forças do progresso são destemidas. Evitem combinações temerosas. Trabalhem juntos como indivíduos, conscientemente a cooperar, não como ovelhas...

“As forças da desintegração são astutas, mas temerosas. Valentonas e cobardes. Mas quando estão unidas em números suficientemente fortes, destemidas e desprovidas de escrúpulos. Elas temem o redespertar das forças do progresso na vossa vida. Esta é a razão pela qual se reúnem agora, para golpear enquanto o mundo está cansado. Disfarçadas como propósitos de luz elas esperam pelas boas-vindas.”

Os salvadores dissuasores da humanidade, que não deixam nenhum homem, rico ou pobre, livre para criar a sua própria liberdade! Eles encontraram de facto boas-vindas. O nome dos iludidos que os aclamam é legião. Legião é também o nome daqueles que os aclamam através do medo. Nem a acolhida tem sido unicamente da Europa e da Ásia; e essa, neste ano de desgraça de 1940, é a lição amarga.

Talvez a América, pelo menos a América, escute agora:

“O desenvolvimento livre exige um propósito livre e força concentrada. Onde quer que dois ou três estejam reunidos para seguir o mesmo propósito em cooperação livre e consciente, aí a força é multiplicada. Onde quer que uma centena esteja reunida para ser

guiada como ovelhas pelo carneiro-guia, aí a força é corrompida e desintegrada.

"Porque os homens se amontoaram em medo, a destruição ameaça-os. Porque a liberdade de expressão foi corrompida para um propósito nefasto, os homens livres desconfiam dela. Homens, forças de desintegração, mas possuidores de línguas ágeis, têm feito de carneiro-guia para a multidão. Sacerdotes do propósito, cujo conselho era inspirado pelo Eterno, foram empurrados para o lado... Melhor seria para o homem imortal seguir o seu propósito até à morte e ao esquecimento mortal, do que perder a sua força para o carneiro-guia..." (1 de Abril de 1918).

Deseja-se uma descrição vívida dos grupos de pressão que têm atormentado a política americana nos últimos dez anos? Leiam isto, recebido por Margaret Cameron a 3 de Abril de 1918:

"A fraternidade, para uma classe, é uma organização defensiva, para proteção. A fraternidade, para outra classe, é uma organização ofensiva, para pilhagem. A fraternidade, para outra classe, é uma tentativa organizada de preservar os inaptos. A fraternidade, para outra classe, é um sonho de seguimento não organizado de teorias não testadas. Nenhuma destas sabe que todos os homens são irmãos."

Tal é a fraternidade da desintegração. E a fraternidade da construção — como é descrita pela Mary K.?

"Uma grande fraternidade só é possível quando as suas partes componentes são grandes. A força reside não nos números, mas no propósito. Os aptos não se podem deitar com os inaptos, e a sua descendência sobreviver. Os fortes não podem ceder o seu propósito aos fracos, e a sua força permanecer...

"A fraternidade é propósito de progresso, não propósito de lucro. A fraternidade é tornada bela pela unidade, não pelo cisma... Todos constroem juntos o lar comum de todos.

"Procurem aqueles do vosso próprio propósito. Unam juntos todos os que de bom grado construiriam. Mestre e servente, arquiteto e pedreiro, financeiro e trabalhador agrícola, todos trabalham para o mesmo fim, e isto é a Fraternidade.

“Trabalhar para o mesmo propósito, em qualquer capacidade que seja necessária, esta é a única Fraternidade.” (1 de Abril de 1918.)

Novamente:

“Hoje, a primeira essencial da fraternidade é a liberdade. Liberdade para pensar, liberdade para crer, liberdade para esforçar-se, liberdade para desenvolver, do mais alto ao mais baixo. E o empregador que recusa esta oportunidade aos homens que trabalham sob o seu comando não é mais verdadeiramente uma força de desintegração do que o trabalhador que se recusa a cooperar com o seu empregador e assim se prova indigno de um lugar na procissão do progresso...

“Não pode haver sociedade que resista à desintegração que não tenha trabalho, capital e mercado. Quando o capital oprime o trabalho, forças de desintegração são libertadas. Quando o trabalho domina o capital, forças de desintegração são libertadas. Quando o povo se esquece da justiça, forças de desintegração são libertadas. E a destruição de um é a destruição de todos. O homem rico que nega ao seu irmão a liberdade é um destruidor. O homem pobre que nega ao seu irmão a liberdade é um destruidor em não menor grau. Cada um é uma parte do outro, e cada um segue o propósito eterno para um só fim — a construção e o progresso...

“Há sete propósitos. Progresso, Luz, Verdade, Cura, Construção, Produção e Justiça. Igualmente grandes, salvo o Progresso, que os move a todos. A um destes cada homem tem de servir, se avança em direção ao Grande Propósito...

“Dê-se a cada um a sua oportunidade de crescer, e de construir para o progresso. A liberdade para esforçar-se é o único direito inerente à existência, o forte e o fraco seguindo cada um o seu próprio propósito, com toda a sua força, para o único grande fim. E aquele que liga e limita o propósito do seu irmão liga-se a si mesmo agora e daqui em diante. Mas aquele que estende a oportunidade do seu irmão constrói para a eternidade.” (3 de Abril de 1918.)

À parte a razoabilidade do argumento que faz para a sobrevivência pessoal, *The Seven Purposes* ergue-se como um dos livros verdadeiramente importantes do século vinte; porque (1)

predisse claramente, há vinte e dois anos, o aperto em que o mundo e a sua liberdade se encontram hoje, (2) previu os disfarces astutos da boa vontade, paz, prosperidade e segurança atrás dos quais os poderes da servidão tramariam a sua vitória, e (3) carregou a garantia de que no fim a Construção, não a Desintegração, venceria, apesar de tudo — se e quando os homens cessarem de se amontoar, cessarem de hesitar, e escolherem.

Tão importante como os dois primeiros, mais ainda, é o terceiro, formulado assim pela Mary K.:

"Todos os homens aspiram. Alguns com relutância e vacilação, mas todos sentem o propósito do progresso a trabalhar dentro de si. Podem errar a sua natureza e negar o seu poder, mas nenhum homem vive que não tenha sentido a sua incitação. Este é o propósito além de todos os outros, o Propósito Eterno da Construção Unida. Nenhum homem o pode frustrar, nenhum homem o pode eludir, nenhuma força o pode derrotar. Porquê, então, opor-se-lhe e adiá-lo?" (9 de Abril de 1918.)

Este Grande e Eterno Propósito é definido pelas lições de *The Seven Purposes* como unidade — construção unida. A Betty alargaria um pouco esta definição, como o Stephen fez. Unidade de quê? A resposta dela: Unidade da Consciência, a única e exclusiva realidade. Na unidade da totalidade da consciência todos os homens têm necessariamente de ser da mesma carne, do mesmo sangue e da mesma alma — não figurativamente, mas efetivamente.

O Grande Propósito é servido primeiro e melhor pelo propósito do Progresso, disse a Mary K. A Betty daria ao progresso uma conotação inclusiva. Ela chamar-lhe-ia evolução. Mas na verdade os dois nomes têm apenas um significado.

Há propósitos desintegradores bem como construtivos, insistiu a Mary K.; e todos os homens sabem que assim é, embora a Betty, imagina-se, preferisse a palavra "dissuasor". Ela, também, era por vezes usada pela Mary K.

A apoiar essa preferência estão declarações tais como esta, tirada, não das lições mas do corpo de comunicações relatado noutros lugares em *The Seven Purposes*:

"O indivíduo cujos propósitos são fundamentalmente destrutivos não está condenado nem perdido. Está apenas atrasado. Cedo ou tarde ele tem de fazer o seu caminho para cima, e depende inteiramente dele se o faz cedo ou tarde — depois de atingir esta vida, especialmente. Na vossa vida, ele é por vezes confuso e desencaminhado. Ele paga por isso, também — não paga, mas repara isso, ao trabalhar aqui para o desenvolvimento para o qual não teve juízo suficiente para tomar ali."

Deve ser lembrado, contudo, que um objetivo principal de *The Seven Purposes* era despertar, para a realização de perigos novos e mais perigosos, um mundo que acreditava que a derrota da Alemanha em 1918 traria uma paz final a todos os povos. Caraterizar com precisão as mãos e as mentes das quais uma violência renovada e maior — material, intelectual e moral — haveria de vir, exigia palavras fortes, particularmente porque as ferramentas dessa violência seriam a força bruta em último lugar, mas primeiro a inveja disfarçada de justiça, a dúvida disfarçada de tolerância, a cupidez disfarçada de construção, a destruição e o niilismo disfarçados de progresso.

Certamente a seguinte predição, feita pela Mary K. em Março de 1918, e agora cumprida, pedia palavras intransigentes:

"As forças da desintegração estão a reunir-se para um combate tremendo. A Grande Guerra é uma das crises da civilização, mas a batalha vindoura é ainda uma das crises da eternidade."

E agora quanto à própria palavra "propósito" — o que queria afinal dizer a Mary K. com ela? Do ponto de vista positivo, construtivo, simplesmente essas grandes correntes inexoráveis que têm controlado o desenvolvimento da humanidade desde a caverna até à cultura. São estas tendências, inerentes à própria consciência, que mantêm o ideal do destino do homem para sempre no seu coração — um todo de fraternidade aperfeiçoado através do serviço livre dos indivíduos.

Estes são os propósitos da consciência que, como cães de caça do céu, não se calarão. A Betty chamou-lhes intenções. Mas o alcance do Propósito Construtivo como exposto através de Margaret Cameron

precisa de pequeno reforço além das páginas do próprio *The Seven Purposes*.

— D.